

Um romance de
FERNANDA REGINA
doce
LOUCURA *do* PRIMEIRO
amor

A loucura e o amor
sempre estarão ligados
por doces lembranças





Doce Loucura do Primeiro Amor

autora

Fernanda Regina, tem 22 anos, e é formada em Letras. Apaixonada por histórias desde que se entende por gente, acredita que o mundo é muito grande para ser uma pessoa só, por isso dá vida a seus vários personagens através das palavras - que ama desde que aprendeu a falar, como boa geminiana. É dona da página Ressaca de Palavras e **Doce Loucura do Primeiro Amor** é seu primeiro romance.

— “*Aos quinze anos, tudo é infinito.*”
Machado de Assis, Dom Casmurro

Você pode ler esta história, escutando a playlist oficial dela, acessando o link <https://open.spotify.com/user/12150937473/playlist/5bzxzvTQfSvn8xtMvo3Zxv> ou procurando o nome "Doce loucura do primeiro amor" no Spotify.

Capítulo 1

“Tivemos duas grandes lutas. A primeira foi sua, em me fazer dar uma chance para o seu amor. Mas a segunda, a segunda foi completamente minha, em provar que eu merecia toda a sua luta. Acabamos colidindo...”

Acho que eu poderia fazer uma lista das piores coisas em terminar um relacionamento, e aqui vai a primeira delas: datas especiais! O dia começa normalmente. Você acorda, se espreguiça e então faz a burrada de olhar o celular. Seis de Maio. Seria um dia normal, se não fosse o aniversário dele. E, você sabe, não dá para evitar. As lembranças chegam sem ser convidadas e não ficam satisfeitas em só tomar um cafezinho com você, às vezes, elas passam o dia inteiro, e nem dez cabos de vassoura atrás da porta são capazes de expulsá-las.

Todos os Seis de Maio que passamos juntos eu fiz a mesma coisa: comprei um cupcake, uma velinha azul e, exatamente à meia-noite, invadi nosso quarto cantando *Parabéns* da maneira mais afinada que eu conseguia.



— *Parabéns pra você...* — Cantarolei andando de joelhos sobre a cama com o bolinho na mão.

Ele sorriu, um sorriso lindo que fazia seus olhos castanhos ficarem ainda mais puxadinhos.

— Eu já disse que essa é a melhor forma de começar mais um ano de vida? — Passou a mão em volta da minha cintura e me deu um selinho demorado.

— Já, sim. — Ri encarando seu olhar, eu amava aqueles olhos. — No ano passado você disse exatamente a mesma coisa.

Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, como se tivesse tocando uma coisa muito preciosa.

— Viu? Era porque não era mentira, amor. E todo ano eu quero dizer a mesma coisa. — Disse me encarando profundamente. Eu sempre ficava sem jeito quando ele me olhava daquela forma. Logo eu, que nunca ficava sem jeito com nada, era reduzida a mais boba das criaturas quando ele estava por perto.

— Anda, faz um pedido! — Eu disse animada olhando para a velinha.

— De novo? — Perguntou fazendo uma careta.

Revirei os olhos.

— É, de novo! Todo ano um novo pedido. Você é muito chato! — Reclamei. — Por Deus, essa é *a melhor parte* de fazer aniversário! — Expliquei fazendo biquinho.

Ele balançou a cabeça rindo e fechou os olhos, rendido... Então fez um pedido... Provavelmente. Fechei os meus também, e secretamente desejei baixinho que ele pedisse por nós dois.



Era o primeiro Seis de Maio depois dele, e tive a péssima ideia de tentar escrever um texto de felicitações. É claro que não deu certo e entrou para a *Lista das cartas que escrevo e nunca envio*, embora o conteúdo daquela carta específica fizesse parte de nós dois. Aliás, *tudo* naquela carta era sobre nós dois. Será que eu ainda significava para ele o mesmo que ele significava para mim? Com certeza essa é a dúvida que mais perturba os casais da humanidade.

“Esse não é um texto saudoso, ou melhor, não era para ser. Não era para dizer que ainda estou construindo um quadro cheio de lembranças nossas. Não era para dizer que ainda estou encontrando pedacinhos de nós dois por toda parte. Não era para ser, e eu juro que tentei! Mas você me conhece, sabe que nem sempre o que eu tento dá certo; receitas, textos felizes, nós dois... Esse era para ser um texto de Feliz Aniversário, onde eu pretendia dizer ‘felicidades, tudo de bom, hoje, amanhã e sempre’, mas quando se trata de nós dois, sempre tem algo a mais.

Parabéns!

Com amor,

A garota da vela azul.”

Aquele Seis de Maio, que parecia eterno, era só mais um dia dos muitos em que estávamos longe um do outro. Até o dia anterior, se alguém me perguntasse, eu poderia responder que estava tudo ótimo, porque seria verdade. No dia anterior, a saudade não sufocava. No dia anterior, não doía ouvir seu nome, poderiam repetir um milhão de vezes que eu apenas pensaria “*É só um nome!*” e daria de ombros. No dia anterior, nada fazia referência a ele, nem a sua banda favorita, nem o seu estúpido livro predileto. Eu poderia até mesmo assistir a todos os filmes do Harry Potter sem sequer me lembrar dele. Mas, naquele dia, naquele dia não dava.

Naquele dia, até o porteiro estava usando uma camisa no tom que ele adorava. Naquele dia, alguém passou na rua com o seu perfume. Naquele dia, tocou aquela música que cantamos juntos

enquanto ele dirigia. Naquele dia, até o ar que respirei me fez lembrar dele. Mas eu botei na minha cabeça-dura que era só mais um dia. Tanto fazia. Aquele dia não seria pior do que outros foram. Passaria, sempre passava.

O tempo parecia não correr e eu já tinha perdido horas olhando para o teto e pensando no nosso *quase* felizes-para-sempre da nossa louca e bagunçada história de amor. Adicionei mentalmente mais um item na lista das piores coisas de terminar um relacionamento: *pensar que, por um quase, não demos certo*.

Eu não queria tornar aquele Seis de Maio mais do que ele era, afinal, era só mais um dia no calendário. Não queria que aquele dia anulasse todos os bons dias que eu passava longe dele. Porque eu estava bem, eu sempre estava bem. Ou, pelo menos, era o que eu sempre procurava pensar.



“Quer que eu vá aí hoje?”, recebi uma mensagem de Danilo.

“Não”, respondi. Depois achei que fui muito seca e acrescentei: “Estou com dor de cabeça”.

Essa era a pior e mais falsa desculpa que eu poderia ter dado, mas Danilo foi compreensivo, o que me fez gostar ainda mais dele.

“Ok. Melhoras, linda. Qualquer coisa grita, você sabe que estou aqui.”

Fiz uma careta ao ler o “linda”. Linda! Justo linda? Era como Eduardo me chamava. Eu não havia chorado até aquele momento, então as lágrimas vieram. Eu não estava chorando por causa dele, não só por ele, mas sim, por comparar Danilo a ele. Eu estava sendo ridícula. Eu sabia. Mas era Seis de Maio. Um dia que já fora um dos meus favoritos em todo o ano, só porque era o dia do amor da minha vida, até então.

Já passava das onze quando decidi sair de casa, não aguentava mais chorar, e meu próprio quarto já estava me deixando sufocada. Eu odiava chorar, sempre odiei. Detestava qualquer coisa que demonstrasse fraqueza, então pensei que uma volta me faria bem. Eu não me importava de estar de moletom e tênis velho, coloquei uma touca e caminhei até a ponte principal da cidade, tinha uma bela vista e ar puro, tudo o que eu precisava para me distrair um pouco da tristeza que eu sentia naquele dia.

“Será que ele está acordado?”

“Como está comemorando seu aniversário?”

“Será que está ao lado da nova namorada?”

“Será que criarão um ritual de aniversário para eles também?”

Queria insanamente saber as respostas de todas essas perguntas, que só tinha coragem de pensar baixinho, como se fosse um segredo. Eu tinha certeza de que não ficaria feliz com as respostas, mas, naquele momento era tudo o que eu conseguia pensar.

“...O que eu tentei te fazer entender, é que paixão não dá espaço para razão. E eu era completamente apaixonada por você, pelo seu olhar. Eu era apaixonada pelo jeito de como nossas risadas soavam juntas, pelo jeito como você me enfeitiçava, destruindo todas as lógicas certas do meu coração. Eu me apaixonei pelo jeito como você entrou na minha vida, mesmo quando eu pensava que todas as portas estavam fechadas. Você bateu e eu abri. Eu me abri. Eu te deixei entrar. Ou melhor, eu sequer tive escolha...”

Voltei para casa antes que ficasse tarde – uma coisa que odeio na sociedade, o fato de uma mulher não poder andar sozinha na rua à noite – e só consegui dormir quando o relógio já gritava quatro da manhã. Para ser mais exata, quatro e vinte e três.

Acordei com muito mais sono do que quando fui dormir. Percebi que estava atrasada ao ouvir Danilo buzinando em frente à minha casa.

— Desculpa. — Pedi irritada com meu atraso. — Estou atrasada. Se você quiser, pode ir, eu pego o ônibus.

Ele me olhou como se eu fosse louca.

— Claro que não, eu te espero. Não precisamos chegar à redação *tão* na hora assim. Já tomou café? — Perguntou preocupado.

— Ainda não. Entra. — Chamei e em seguida liguei a cafeteira para ter um café quando eu estivesse pronta.

Assim que ele entrou em minha sala, o segurei pela gola da camisa e dei um beijo demorado em seus lábios. Um beijo culpado. Droga! Eu não queria dar um beijo de culpa em Danilo. Não era pedir muito buscar um pouco de normalidade depois do fatídico aniversário de Eduardo.

Suas mãos grandes e firmes envolveram minha cintura e seus lábios estenderam o beijo da minha boca para o meu pescoço. A vontade de ir para o trabalho, que já beirava a inexistência, se tornou praticamente nula com a ajuda de Danilo.

— Se continuarmos assim, chegaremos muito atrasados. *Muito* atrasados... — Murmurou com a voz rouca em meu ouvido.

— Não precisamos chegar à redação *tão* na hora assim. — Repeti sua frase com uma voz

debochada enquanto o provocava passando a mão em seu abdômen por baixo de sua camisa.

— Vai se arrumar logo, mulher! — Ele se afastou com um pouco de esforço, pude perceber, rindo das minhas provocações e dando um tapa em minha bunda, me incentivando a ir me arrumar. — Você está melhor? — Perguntou.

Gelei por um breve segundo ao ouvir a pergunta, mas depois me lembrei da “dor de cabeça”.

— Estou. — Respondi. — Eu só precisava dormir um pouco.

— Insônia de novo?

— Uhum. — Confirmei.

Pensei não ter sido convincente o suficiente, já que desviei os olhos ao responder, mas o silêncio de Danilo me mostrou que eu estava enganada, ele tinha acreditado. Ufa! E mais uma vez Eduardo veio em minha mente, pois ele, sim, sempre sabia quando eu estava mentindo.

Terminei de me arrumar rapidamente. Escolhi um vestido, por ser uma peça prática, e um *oxford* azul que eu havia comprado com cinquenta por cento de desconto, o que me deixava sempre muito feliz quando eu o usava. Nunca fazia nada de mirabolante em meu cabelo, se ele estava em um bom dia, eu o deixava solto, já se estava em um dia ruim, eu apenas fazia um coque. E, naquele dia, ele estava ridículo. Dia de coque.

— Você está linda! — Danilo elogiou, e pelo seu olhar, eu tinha certeza que era um elogio sincero.

Se um cara te elogia sem maquiagem, com cara de noite mal dormida e um coque feito às pressas, é porque ele te ama! E eu também amava Danilo. Ele deu luz aos meus dias sombrios, eu era feliz por tê-lo.

— Tenho certeza que estou. — Ri ironicamente, balançando a cabeça. — Vamos?

Gostava da nossa rotina no trabalho. Gostava de quando entardecia e ele trazia o meu café favorito do Starbucks da esquina sempre no mesmo horário, me deixando ansiosa e arrancando suspiros das outras mulheres assim que estendia o copo em minha direção e beijava os meus cabelos, cheio de carinho e devoção. *Frapuccino* sabor mocha era o meu favorito, e foi preciso dizer apenas uma vez para que ele nunca se esquecesse. Danilo sempre pedia para a atendente fazer um coração no copo com meu nome, e eu sempre ria, mesmo que todos os dias ele fizesse a mesma coisa. Então ele sorria também, e isso nos rendia longos selinhos carinhosos. Sei que para os outros nós parecíamos um casal irritante de namorados, mas eu não me importava de ser irritante com ele.

— Você tinha que fazer uma matéria com o título: “10 passos para deixar um homem louco”. — Magali sugeriu olhando para Danilo pelo vidro da minha sala.

Ela era *apaixonadinha* por ele e vivia implicando com a nossa relação. Às vezes a minha vontade era de pular no pescoço dela, mas eu tinha que me controlar.

— Não é? — Decidi provocar, concordando com a sua implicância.

— Mas fica entre nós, Mel. — Ela bancou a íntima. Eu odiava quando pessoas que eu odiava me chamavam por apelidos. — E seu ex-marido? Ele também era uma graça! Como foi quando ele descobriu sobre vocês? — Perguntou com aquela maldade na língua.

Não queria que ela percebesse que sua crueldade me afetava, então me controlei e coloquei um sorriso tranquilo no rosto. Eu não era uma atriz tão ruim, mesmo que a acusação na voz daquela mulher tivesse me destruído por dentro, eu não daria a ela o gostinho de sair vitoriosa.

— O meu ex-marido não teve nada para descobrir. — Disse simplesmente. — Mas sabe o que *eu* descobri e que pode te ajudar? — Perguntei sem dar espaço para que ela respondesse. — Um cabeleireiro! — Abri a gaveta do mezanino, peguei um cartão qualquer de cabeleireiro que sempre me entregavam em frente à redação e deposei na mão dela. — Dizem que é ótimo! E, sem querer ser rude, longe de mim, o seu cabelo está precisando. — Sorri falsamente. — Era só isso? — Indaguei enquanto ela me olhava com raiva e sem jeito. Ponto para mim.

Magali passou as mãos no cabelo, provavelmente tentando dar um jeito naquilo. Era fácil perceber que aquele era seu ponto fraco, qualquer um que olhasse para aquele cabelo veria que era uma fraqueza. Eu odiava aquela mulher. Odiava aquele cabelo castanho embaraçado, armado e sem vida. Odiava as roupas bregas e a maquiagem cafona que usava. Mas, odiava ainda mais o modo como sempre sabia como me tirar do sério. Só que eu era uma jogadora muito melhor do que ela, e modéstia à parte, com um cabelo bem mais bonito.

— Ah, obrigada. — Deu de ombros, me ofereceu um sorriso zombeteiro, como se não se importasse, e finalmente saiu da minha sala.

Mandeí uma mensagem para Rachel, minha melhor amiga. Eu precisava conversar e ela sempre sabia o que me dizer, era a melhor conselheira do mundo. Quando queria.

“*Encontre-me no bar de sempre depois do expediente*”, ela respondeu.

Terminei de tomar meu *frappuccino*, olhei para o coraçãozinho no copo, sorri e me senti amada. Era tão bom ter alguém ao meu lado, me apoiando em todas as minhas decisões. Era bom sentir que ele havia pensado em mim até em um pequeno detalhe como aquele. Sempre acreditei que o amor se encontra nos pequenos detalhes.

Acabei o meu trabalho, cobrei todas as matérias atrasadas, terminei a crônica para a minha coluna e ajudei Danilo a marcar as fotos dos editoriais. Conectei meu pen drive e passei para o meu computador na redação todos os textos que eu havia escrito em casa para editar depois. Danilo e eu saímos juntos e lhe dei um beijo demorado na porta do prédio comercial. Magali nos encarou com seus olhos invejosos, o que me fez ter ainda mais vontade de beijá-lo. O que eu fiz, é claro.

— Boa noite, Magali. — Simpático, Danilo acenou para ela enquanto segurava em minha

cintura.

— Tchau, Má. — Eu disse ironicamente e dei um beijinho no pescoço de Danilo. — Até amanhã!

— Até amanhã, Casal 20! — Ela sorriu falsamente, o que o Danilo não percebeu, óbvio! Homens têm um péssimo radar para VDD (Vadias Desesperadas e Deprimidas).

— Ela é legal, não é? — Perguntou me encarando antes de dar uma mordida no meu nariz.

Fiz uma careta.

— Não gosto dela. — Respondi com sinceridade.

— Você é muito implicante, Mel! — Ele disse. Soava tão diferente ouvir Mel de seus lábios...

— Não sou, mas deixa isso pra lá. — Revirei os olhos. — Eu vou encontrar a Rachel em um barzinho hoje. — Avisei, e pela cara que ele fez, percebi que não gostou muito.

— Eu estou com saudades. — Murmurou em meu ouvido, me arrepiando dos pés à cabeça. Rachel quase perdeu sua companhia aquela noite.

— Eu também. Mas já marquei.

Já estava combinado e Rachel odiava levar bolos. Se alguém desmarcasse com ela, ela se vingava fazendo a pessoa em questão sofrer dez vezes mais. Ela não era escorpiana, mas era vingativa como uma.

— Eu te levo, então. — Ele se rendeu, mesmo a contragosto.

— Ok.

Danilo me deixou no barzinho, se despediu me dando um beijo na testa e pediu para que eu tivesse juízo.

— Que demora! — Raka sequer me cumprimentou e reclamou do meu atraso, no caso, de dez minutos. Com isso eu sabia que, ou ela estava de TPM, ou estava com raiva de alguém. Eu apostava mais na segunda opção.

— Estava me despedindo do Danilo. — Ri e me sentei com ela em uma mesinha no canto do bar.

— Sei bem como é esse tipo de despedida. — Debochou maliciosamente. Semicerrei os olhos rindo, reprovando seu comentário. — Por que estamos nessa mesa isolada? — Perguntei realmente curiosa, pois costumávamos ficar no balcão ou na mesa próxima ao bar, sempre.

— O Klebber. — Ela sussurrou, mesmo eu tendo certeza de que lá do bar ele não nos escutaria. — Estou evitando contato. — Completou de forma natural. — Mas esse bar é o meu

favorito, não vou mudar só porque ele trabalha aqui. Não vou mudar nada na minha vida por causa dele! — Acrescentou.

Senti que ela não estava falando sobre o bar e revirei os olhos. Aquilo era tão típico daqueles dois. As mesmas brigas, pelos mesmos motivos... Não sei como não se cansavam, já que na maioria das vezes, só invertiam os papéis.

— Rachel! — Eu a repreendi. — Vocês estavam tão bem. E além do mais, tenho certeza que o bar em que ele trabalha não é o melhor lugar para evitá-lo.

— Sim, eu o estou evitando, mas quero que ele saiba que não é para ficar com outra pessoa. — Ela me olhou como se seu plano fosse óbvio.

— Qual foi a briga dessa vez? — Perguntei a encarando enquanto tomava o drink que tinha pedido ao garçom.

— Ele é muito ciumento. — Declarou ela. Era engraçado ver a Rachel, justo a Rachel, dizendo que alguém era muito ciumento, já que ela era a personificação do ciúme.

— Estávamos bem juntos, e então o Léo chegou e me cumprimentou. Eu juro, Melina, bastou para ele fechar a cara. Eu me irritei e o deixei sozinho no clube. Não satisfeito, ele ainda me mandou uma mensagem: “*Quem era aquele cara?*”. — Ela fez a voz do que eu achava ser um psicopata ao imitar Klebber.

Eu ri.

— Ele é bem ciumento mesmo. Quando começou a brigar com Danilo, fiquei incrédula. — Dei risada ao lembrar a briga que Danilo e Klebber tiveram há algum tempo. — Mas ele gosta de você. — Pedi mais um drink ao garçom, com frutinha na borda e bem docinho, do jeito que eu adorava, mas também me deixava com dor de cabeça. Não se pode ter tudo.

— Não é suficiente, ele tem que parar com esses shows, está me sufocando. Você acha que ele gostar de mim é suficiente? — Perguntou me encarando.

— Você gosta dele. — Afirmei acrescentando.

Ela ficou sem reação por alguns segundos.

— Ainda não é suficiente! — Acrescentou um tempo depois.

— Eu acho... — Comecei e ela tentou me interromper, mas não deixei. — Que vocês estão juntos há tanto tempo que ele está querendo tornar as coisas mais sérias. E você está com medo. — Eu sabia que ela ficaria irritada com essa afirmação, mas disse assim mesmo, pois era a verdade. Desde o relacionamento relâmpago e avassalador com Will, Rachel se protegia de gostar demais de alguém.

— Quem é você para falar? — Ela desviou o foco. Típico dela.

— Qual o meu problema? Eu estou com o Danilo. — Respondi e bebi o drink, sabendo que não estava pronta para ter aquela conversa.

— Vocês estão namorando? Você é a namorada do Danilo? — Indagou sem desviar os olhos de mim.

Não respondi.

— Viu? — Acrescentou diante da minha objeção. — Você tem medo de pertencer a alguém, morre de medo de não ser a mulher do Eduardo.

— O assunto aqui não sou eu, Rachel. — Bebi o drink de uma só vez. — Nós estamos juntos, mas não estamos namorando ainda. Eu acabei de me separar.

— Errado! Você não acabou de se separar, isso faz mais de um ano. Mas vocês já não estavam juntos de verdade desde... Vixe, nem lembro mais.

— Rachel, tudo isso para não falar do Klebber?

— Não, eu queria te dizer isso faz tempo. O Danilo te ama, se você acha que não pode retribuir esse amor da mesma forma, então sai fora, ele não merece.

— Você está me julgando! Sabe que eu o amo, mas é difícil, Rachel.

— Você ainda ama o Eduardo? — Perguntou, mas dessa vez sem o tom de acusação.

Abaixei a cabeça e pensei na pergunta. Eu não poderia responder aquela pergunta. Eu tentava o tempo todo não pensar naquilo. Tentava o tempo todo ser feliz com o rumo que a vida tinha dado para nós dois. Mas eu sabia que se dissesse que não conseguia responder, Rachel acharia que eu não amava Danilo. Eu sabia que se eu admitisse em voz alta “*eu não sei*”, aquilo poderia se tornar mais concreto.

— Não. — Menti. — Não, não daquele jeito.

— Você tem que superar, ele já está em outra. E você também. Mas acho que o fato de vocês não terem conversado direito, feito tudo a distância, com a cabeça quente, complica.

— Não pretendo conversar com ele mais.

— Você tem medo?

— Não. Eu estou decidida. Eu estou decidida faz tempo!

— Eu sei que você é apaixonada pelo Danilo. Não deixa esse fantasma atrapalhar vocês dois.

Sorri fracamente e desviei o assunto, não queria mais pensar naquilo.

— Ele está bonito hoje. — Implicando com ela, aponte para Klebber.

— Ridículo! — Disse ela, mas soou muito mais como um ridículo apaixonado, e não no real sentido da palavra.

— Você está ferrada. — Eu me referi a ela estar apaixonada e a cutuquei para importuná-la.

— Você também. — Ela segurou meus braços e me cutucou de volta. — E tem data!

— Hum? — Perguntei curiosa. — Fala. — Insisti a encarando.

— Nada. — Ela disse rindo e mudou de assunto.

Eu queria implorar para que ela me falasse, porque eu tenho um grande defeito, sou extremamente curiosa. Mas eu sabia que Rachel não falaria nem por um decreto, ela era assim, adorava instigar a curiosidade alheia, mas nunca a satisfazer plenamente.

Conversamos sobre amenidades. Eu reclamei de Magali, do meu trabalho, falei bem de Danilo, contei as coisas fofas que ele fazia e o modo como eu me sentia tão especial por elas. Ela contou os detalhes da briga com o Klebber e outros detalhes mais sórdidos da relação deles. Rachel sempre me divertia, nós poderíamos conversar por horas sobre qualquer assunto e eu nunca ficaria entediada.

“...Gostava de ouvir quando você dizia que nada na sua vida fazia sentido sem mim. E de todos os seus exageros de amor. Eu queria ser suficientemente grande para retribuir tudo o que você me dava, e amor não faltava. Eu sempre te amei. Eu só precisava que você acreditasse...”

Já estávamos bem altas quando decidimos ir para casa. Rachel insistiu a noite inteira que não falaria com Klebber, mas, no fim, eles acabaram conversando por horas a fio e ele nos deixou em nossas casas. Klebber era muito protetor com ela, eu achava que eles faziam um casal lindo quando não estavam brigando. Eram muito parecidos em diversos aspectos, e quando estavam em paz, exalavam sincronia.

Quando deitei em minha cama eu estava exausta. Meu celular tocou e por algum motivo que eu desconhecia, esperei que fosse ele. Eduardo. Meu coração parou por alguns segundos e minha respiração se tornou pesada. Quando finalmente tomei coragem de olhar o visor do celular, não era ele. Era Jesse. Admito, fiquei decepcionada, mas agradei por poder colocar a culpa na bebida, ao menos naquela noite. Eu deveria me sentir aliviada, só que não foi bem assim.

— Alô? — Atendi tentando disfarçar minha decepção. — O que você quer, Jesse? — Jesse não tinha nenhum pudor em me ligar de madrugada para pedir favores. Eu podia apostar a minha alma, antes mesmo que ele abrisse a boca, que queria alguma coisa.

Jesse era irmão de Rachel, e também meu melhor amigo. Nós três éramos praticamente irmãos, embora não poderíamos ser, pois eu havia namorado Jesse na adolescência, o que era bem estranho pensar, já que parecia ter acontecido em outra vida. Mas esse fato não fazia a

menor diferença para nenhum de nós dois.

— Preciso comprar um presente para a Amanda, ela está puta comigo! O que você acha que ela vai gostar? — Revirei os olhos. Eu *sabia* que ele queria alguma coisa.

— Uma bolsa, óbvio! Ela é viciada em bolsas.

Era mais do que notável que Amanda era viciada em bolsas. Jesse não saber um gosto específico da pessoa com que vivia era um tanto quanto indignante. Mas ele era homem, e homens nunca reparam em nada mesmo. Então, era aceitável.

— É? — Perguntou espantado. — Ela te disse? Eu não sabia.

— Não, mas você percebe que uma mulher é viciada em bolsas quando ela aparece com uma diferente a cada dia. Imagina o trabalho que deve dar tirar tudo de uma e passar para a outra todo santo dia?

Tenho certeza que Jesse dava de ombros para a minha observação.

— Ok. Valeu. Vou comprar uma bolsa para ela, mas você poderia me ajudar nisso também, né?

— Eu sempre ajudo, né? — Disse fingindo má vontade. — Amanhã eu vejo alguns modelos e te mando. — Prometi.

— Beleza.

Ele ficou quieto por alguns segundos, e então tentou dizer alguma coisa, mas desistiu no meio da sentença. Estranhei.

— O que foi, Jesse? Você está tentando me falar alguma coisa? — Perguntei para encorajá-lo. Jesse era muito diferente de Rachel, se você quisesse tirar qualquer coisa dele, era só insistir mais um pouquinho que ele acabava contando.

— Melina, você gosta do Danilo, né? — Ele finalmente tomou coragem para perguntar.

— Gosto... Por quê? — Perguntei desconfiada.

— Nada.

— Fala! — Ordenei.

— Eu não deveria te contar, mas ele vai fazer uma surpresa para você.

Engoli em seco. Então era isso a que Rachel estava se referindo no bar? Uma surpresa?

— E você está estragando a surpresa dele? — Eu ri tentando parecer descontraída. Falhei, admito.

— Estou apenas especulando para não fazer meu amigo passar vergonha.

— Vocês são ridículos! — Xinguei Jesse com raiva. Eu amava Danilo. Era ridícula a desconfiança de todos.

Jesse e Danilo dividiam um *Ap* desde a separação do Jesse, então acabaram se tornando muito amigos. Ele andava meio sem dinheiro, já que havia investido toda a sua grana em uma casa grande para morar com a ex-mulher, e por causa dos gêmeos a casa acabou ficando com ela. Danilo não se importava de receber os filhos do Jesse nos finais de semana, pelo contrário, gostava bastante, era maluco por crianças, o que facilitou muito as coisas para Jesse. Nem todo mundo tinha paciência para aguentar três crianças pequenas juntas, pois além dos gêmeos, Jesse tinha um filho maiorzinho, de um relacionamento que tivera ainda muito jovem, antes de se casar.

— É que todo mundo via como você era louca pelo Eduardo. Eu sei que está tentando seguir em frente, mas eu queria saber se você estava preparada, porque eu posso convencê-lo a esperar.

— Sim, eu era. Eu era desesperadamente louca pelo Eduardo, vocês sabem disso. E ficarem relembrando isso o tempo todo não ajuda. — Confessei sentindo um nó na garganta. — E, sim, eu estou preparada. — Afirmei.

— Você está preparada para o Danilo? — Perguntou novamente, acho que tentando deixar a pergunta mais clara.

— Sim! — Respondi com convicção. Era verdade, eu estava.

— Então se prepara para a surpresa. — Ele riu.

— Será muito surpreendente mesmo, graças aos meus amigos maravilhosos. — Ironizei rindo.

— Nós somos seus amigos, mas também somos amigos dele. Não podemos deixar um irmão pisar em um campo minado, então vamos lá e pisamos primeiro.

— Você, usando metáfora? Você está bêbado?

— Não. — Ele riu. — Eu estou feliz.

— E essa felicidade tem nome? — Perguntei curiosa.

— Amanda Becsi. — Respondeu com certo orgulho ao dizer o nome da atual namorada.

— Hum... Que lindinho! — Zombei. — Apaixonado. *Gamadão*. Caidinho. — Continuei provocando-o. Ele riu.

— Se tem uma pessoa que pode debochar de alguém no quesito paixão, esse alguém é você. Nossa, realmente... — Ele retrucou implicando.

Era bom ver meu amigo feliz e em outra.

Jesse havia passado por uma fase muito obscura em seu divórcio, mas agora finalmente estava feliz. Nós, Rachel, Helena, Jesse, Danilo, Klebber e eu, éramos um grupo onde três tinham sérios problemas com ex: Rachel encabeçava o time; em seguida, eu, depois, Jesse. Helena, Klebber e Danilo faziam parte do outro lado da coisa. Era bom ver Jesse saindo do nosso time e indo para o lado certo. Sobravam Rachel e eu. Eu estava tentando resolver esse problema, afinal, estava mais do que na hora de me sentir pronta para seguir em frente. Eu não queria ser um campo minado para Danilo.

“... Eu gritei amor por você tantas vezes. Gritei amor quando fiquei do seu lado quando você brigou com meu melhor amigo. Gritei amor todas as vezes que tomei suas dores como se fossem minhas. Gritei amor quando mandei mensagem no meio da madrugada dizendo sem vergonha alguma que não conseguia dormir, porque estava pensando em você. Gritei amor todas as vezes que disse que você era um bobo, porque, você sabia, era o meu ‘eu te amo’. Era só acreditar...”

No final de semana, Danilo me convidou para sair. Eu esperava que aquele fim de semana fosse maravilhoso e decisivo na minha vida. Estava bem animada, como não me sentia em tempos. Viajar com alguém faz com que você conheça ainda mais a pessoa, e também tinha a minha surpresa, que eu esperava que fosse acontecer a qualquer momento. Era agonizante a expectativa, mas era boa, e era gostosa a sensação de finalmente querer começar algo novo.

Pegamos a estrada e rimos o tempo todo durante o percurso. Como trabalhávamos juntos, tínhamos uma imensidão de piadas internas e acontecimentos para ficar relembrando. Enquanto não passávamos pela serra, dava para escutar rádio, e brincamos de cada um cantar um trecho de uma música, e então passar para o outro, mas tínhamos que cantar alto, como se estivéssemos no chuveiro. Ele era bem *desafinadinho*, o que me fazia rir, e eu adorava. Nós tínhamos decidido viajar sem destino, apenas procurando lugares incríveis que não fazíamos a menor ideia que poderíamos estar um dia. E foi o que fizemos. Ao encontrarmos uma cachoeira no meio do caminho, pedi para que ele parasse.

— Melina... Você sabe o que dizem dessas cachoeiras de estrada? Que são o local favorito de maníacos assassinos, e um ótimo lugar para morrer sem que ninguém saiba.

Fiz uma careta.

— Ninguém diz isso. — Retruquei. Ele bufou enquanto tentava pensar em algo para me fazer desistir. O que seria em vão, é claro! — Ok, não vou desconfiar de você. Quem diz isso? — Perguntei o encarando incisivamente.

Ele demorou a responder.

— As pessoas. — Finalmente chegou a uma conclusão, da qual não achei nem um pouco confiável.

— Você está com medinho? — Perguntei rindo.

— Não é que eu esteja com medo. Mas também não estou seguro de que essa cachoeira seja o melhor lugar.

— Não foi isso o que viemos fazer nessa viagem? Procurar... lugares novos? — Questionei com desdém. — E agora você está com medinho? Poderíamos ter ido para Paris, então. Todo mundo vai para Paris! Poderíamos ser mais um cas... — engasguei — poderíamos estar em Paris, e fazer o que todo mundo faz em Paris. Visitar a Torre e comprar uma lembrancinha da Torre para sempre nos lembrarmos de quando estivemos na Torre...

— Eu não tenho nada contra Paris! Absolutamente nada.

O encarei.

— É sério, vaaamos? — Pedi com jeitinho.

— Se nós morrermos, eu não vou te perdoar. Seja no céu ou no inferno. Serei seu carma e você terá que me aturar em todas as suas próximas vidas.

— Ok. Não me parece tão ruim. — Eu me declarei e saí do carro. Animada, o puxei pela mão para que ele saísse também.

Descemos por um caminho de pedras e avistamos a cachoeira. Era simples, mas bonita. Eu queria dizer que era o lugar mais incrível do mundo, mas era apenas uma cachoeira. Pequena e meio escura.

— Não é isso tudo. — Disse Danilo.

— É. — Eu fui obrigada a concordar. — Mas podemos fazê-la o cenário do nosso tudo.

— E como você preten...

Comecei a tirar a roupa, sem deixar de olhá-lo nos olhos, sorrindo em convite.

— Você está zoando... — Ele levou a mão à cabeça. — Ok, você não está zoando. — Arrancou a camisa e me seguiu até a cachoeira.

Mergulhei algumas vezes para tentar espantar o frio, mas não adiantou muito, a água era congelante.

— Você é tão maluca! — Danilo disse olhando nos meus olhos e nadando até mim. Seus olhos azuis ficavam ainda mais lindos à meia-luz, mas não era a cor o mais bonito ali, e sim, o que havia dentro deles. E naquele momento, eu o amava muito.

— Não sou, não. — Retruquei fazendo beicinho. — Eu estou com frio. Devia ter ouvido você! — Constatei batendo os dentes, tremendo de frio.

— Agora que já estamos aqui, deixa eu te esquentar.

Danilo me pegou pela cintura e realmente me esquentou. De todas as maneiras. Aquele

momento ilustrava tudo o que eu sentia por ele. Danilo esquentava a minha alma fria, e me fazia um bem danado.

Quando saímos da cachoeira, congelados de frio, estávamos rindo.

— Satisfeita? — Perguntou balançando a cabeça com um tom divertido na voz enquanto me olhava.

— Sim. Muito satisfeita. — Respondi e o puxei para perto de mim para beijá-lo. E me aquecer.

Gostava da maneira como Danilo me fitava, ele tinha um brilho e um encanto no olhar quando o fazia, sempre parecia se distrair prestando atenção nos meus olhos enquanto eu falava. Eu pensei que, naquele momento, embaixo das estrelas nos iluminando, após uma noite incrível juntos, ele me pediria em namoro, e que essa fosse a surpresa. Mas ele não pediu. Não pediu naquele momento.

Nem depois.

“...Nas linhas tortas e mal traçadas do nosso amor, a insegurança fez moradia. Acabou em agonia o que foi tão bonito começar. Eu te amava, você me amava. Simples. Era só ficar. Era só não deixar ir. Mas foi. E, de repente, tudo é passado. Ou melhor, era.”

- Publicado por Melina Matarazzo.

Capítulo 2

Oito anos atrás

“Nosso primeiro beijo foi roubado. E, sim, por mim, é claro! Se não fosse assim, não seria eu, não seria você. E se não fosse nós dois, não teria graça alguma. Nós parecíamos programados para acontecer. Foi irresistível, nem se quiséssemos teríamos nos evitado. Seus castanhos expressivos não conseguiriam evitar meus azuis-oceano. Roubei nosso primeiro beijo, você roubou todos os meus pensamentos. Para mim, era uma troca mais do que justa...”

Assistir ao ensaio da banda de Jesse toda sexta-feira no porão de sua casa já fazia parte da minha rotina. Eu sabia todas as músicas e acordes que eles tocavam no show da escola de cor, mas continuava indo porque tínhamos adotado o dia como um ritual.

Fiquei observando Joel tocar o baixo, e ele estava incrivelmente bonito naquele dia em sua camisa vermelha, que destacava seus cabelos castanhos escuros. Ele balançava seu corpo para frente e para trás de uma maneira estranhamente sexy e alguns fios de cabelo caíam sobre sua testa um pouco suada, enquanto olhava para baixo, parecendo bastante focado no instrumento que tocava. Até a forma como seus dedos deslizavam pelo baixo me chamavam atenção.

Notei que ele retribuiu os meus olhares algumas vezes e até piscou para mim em algum momento da música. O baixista era o que mais me chamava atenção ali. O problema é que eu namorava o vocalista, Jesse. No começo foi legal. Era um romance inocente e a primeira vez que eu namorava sério, mas depois de um tempo Jesse não conseguiu mais prender minha atenção.

Jesse era o sonho de consumo de qualquer garota do colégio. Popular. Engraçado. Espontâneo. Todo mundo queria ser amigo do Jesse. As meninas coravam quando ele trocava qualquer palavra com elas. Eu o conhecia desde pequeno, e sempre foi assim.

Lembro perfeitamente de quando vi Jesse com outros olhos pela primeira vez. Foi quando uma amiga chegou em mim e me disse que o sonho dela era ficar com ele. Lembro-me de ter feito uma careta, pois Jesse era praticamente um irmão para mim. Rachel, ele e eu fomos criados juntos e vivíamos na casa um do outro. Mas somente quando essa minha amiga falou, foi que decidi vê-lo de outra forma. Quando ele apareceu na porta da minha casa me chamando para brincar com ele e Rachel, pensei que seria muito fácil ficar com ele. Era como se fosse um desafio. E foi um desafio bem simples de cumprir.

Nós nos beijamos pela primeira vez na garagem da casa dele, assim que eu dei uma investida bem clara e ele correspondeu. E depois fomos ficando sempre, até ele me pedir em namoro. Eu gostava da sensação de conseguir tão facilmente o que todas queriam. Não me orgulho dos meus desafios mentais de conquistar pessoas e conseguir coisas, mas eu era exatamente assim. Queria, mirava e conseguia.

O problema era que, quando eu conseguia, eu logo me desinteressava e começava a querer outras coisas. Como o baixista com seu olhar de matar, que passou a chamar muito mais minha atenção.

— O Joel está bonito hoje, né? — Comentei com Clara enquanto tomava meu suco de frutas vermelhas.

— Normal. — Ela me olhou com uma expressão de desdém e deu de ombros. — É o Joel. — Justificou.

— Eu sei, mas acho que esse vermelho o favoreceu. — Disse e dei de ombros também.

Ela desconfiou do meu comentário e me encarou.

— Cansou do Jesse? — Perguntou rindo e balançando a cabeça. — O pior é que sempre pensam que eu sou a parte ruim da dupla.

Clara era uma das minhas melhores amigas na época. Como tínhamos a mesma idade e o mesmo grupo de amigos, era mais fácil me abrir com ela do que com Rachel, por exemplo, que apesar de ser minha amiga desde a infância, era dois anos mais nova do que eu, nossos assuntos não estavam mais batendo tanto naquele momento.

— Não. — Revirei os olhos rindo. — Não cansei, só estou expandindo os horizontes. — Debochei.

— Você não presta! — Declarou.

— Não? — Eu a olhei com um falso sorriso inocente. — Pena que só você acha isso. — Dei risada.

Ela riu também.

— Não vou poder ir ao shopping com você hoje. — Clara me notificou, o que achei bem estranho, já que ela sempre podia sair comigo, e assim como eu, fazia de tudo para evitar ficar em casa.

— Tudo bem. Mas posso saber por quê? — Perguntei curiosa, encarando-a com o cenho franzido.

— Tenho que ajudar minha mãe em um jantar que ela está organizando. — Explicou sem olhar para mim, enquanto checava o estado de seu grosso e exagerado delineado preto em um espelho de mão. Eu tinha absoluta certeza de que era mentira. Clara não ajudaria sua mãe em um jantar nem que esse fosse a ceia de Natal.

— Ah... Ok! — Fingi acreditar e encerrei o assunto quando Joel caminhou em minha direção, me deixando um pouco distraída. Porém, Jesse veio junto.

— Gostou do show de hoje? — Jesse perguntou animado e parecendo bem ansioso pela

resposta.

— Amei! — Respondi com sinceridade. Eles tocavam bem, apesar de eu já ter enjoado um pouco àquela altura. — Vocês arrasaram! — Disse correspondendo sua animação e o abracei pela cintura, deitando a cabeça em seu peito.

— Que bom! — Ele me encarou com um sorriso de lado. O sorriso típico dele. Jesse adorava receber elogios sobre sua atuação como cantor. — A sua opinião é a mais importante de todas. — Declarou e beijou o topo da minha cabeça.

— Você é uma graça! — Eu o elogiei e o beijei. Quando o beijo acabou, pude notar Clara fazendo uma careta.

— Por favor, gente! Não nos tornem velas do amor de vocês. — Reclamou.

— Enzo! — Gritei. — A Clara está carente hoje. — Disse a ele e Clara me lançou um olhar significativo. Eu imaginava que ela e Enzo ainda estavam juntos, mas pelo seu olhar, não queria mais nada com ele. Estranho!

Enzo se aproximou de Clara e eles ficaram grudados durante todo o tempo que passamos naquele porão aquele dia. Os outros membros da banda haviam ido embora cedo, então éramos apenas nós quatro, sentados no sofá velho e rasgado, conversando e bebendo uma garrafa de vodca que Jesse havia conseguido. Eu reparei que Clara estava incomodada com Enzo, ele a beijava e ela correspondia, mas eu podia sentir que ela não estava realmente ali. Devia ter surgido outro carinho na parada, mas não fazia sentido ela esconder isso de mim.

— Pessoal, preciso ir. — Ela avisou. — Tenho que ajudar minha mãe. —Explicou novamente, se despediu de todos com um beijinho no rosto e foi embora.

Fiquei mais algum tempo com Jesse ali, mas depois decidimos ir embora, pois ele tinha que pegar Rachel na aula de piano. Eu poderia ter ido com ele, mas havia recebido uma mensagem de Joel e tinha um compromisso. Joel me convidou para tomar um sorvete e eu aceitei, mesmo sabendo que não era bem isso o que ele queria.

Na minha visão, o meu relacionamento com Jesse era um fracasso, mas eu gostava dele, antes de tudo ele era meu amigo e estávamos acostumados um com outro. Eu sentia que Jesse não sabia muito sobre mim, e que ele sempre estava muito mais preocupado com os problemas dele do que com os meus. Não sentia que ele me amava, por mais que ele dissesse. Todas as vezes em que passei por algum momento ruim e tentei pedir ajuda, por mais que eu fosse péssima nisso, ele nem percebeu. Para todos do colégio, éramos o casal perfeito e popular. Para mim, apenas estávamos juntos.

Eu nunca tinha pensado no tipo de namorada que eu era para Jesse, mas ele não parecia infeliz comigo, pelo contrário, parecia bastante orgulhoso quando me apresentava para os seus amigos. O fato de eu ser a namorada de Jesse chamava atenção na escola, e todos pareciam conhecer nossa história.

Caminhei até a sorveteria completamente distraída e sem nenhum sinal de culpa corroendo

meu peito. Quando cheguei, Joel já estava lá.

— Achei que você não viesse. — Ele disse parecendo realmente surpreso por me ver.

— Eu vim, não gosto de ficar muito tempo em casa. — Justifiquei e me sentei com ele.

Naquele momento, eu me senti mal. Já fazia alguns dias que eu andava flertando com Joel, e nós nos entendíamos tão bem! O assunto fluía, ele era engraçado e fofo ao mesmo tempo. Mesmo assim, me sentar naquela mesa com ele fez com que eu me sentisse uma vadia, no entanto, foi um ato necessário para eu constatar três coisas: eu nunca amei Jesse; eu não queria mais estar com ele; eu não conseguia gostar de alguém além da conquista.

Eu havia passado semanas achando que, com Joel, seria diferente, que com ele eu sentiria meu coração disparar e todas essas coisas que as meninas descreviam sobre o amor. Mas não foi assim.

O dia foi bem legal, e não ultrapassamos nenhum limite que traísse o meu relacionamento. Ele me deixou em casa no final da tarde, e foi apenas isso. Depois daquele encontro, constatei que tanto fazia se era Joel ou Jesse, eu nunca conseguiria me apaixonar daquele jeito que eu via nos filmes, nas minhas amigas e até nos meus amigos. Eu era diferente.

Entrei em casa e encontrei minha mãe sentada no sofá, distraída com uma revista. Mal notou minha presença e sequer perguntou o porquê eu havia demorado. Resolvi ignorá-la também e subi para o meu quarto. As vezes minha mãe ser tão ausente me causava certo alívio.

Encarei minha parede preta repleta de pôsteres de bandas que eu nem gostava mais e o incomodo foi tão profundo que arranquei todos com raiva. As marcas de fita que seguravam as imagens ficaram na parede, e eu resolvi pichar com spray a frase “Kill me”, para esconder os rastros e estampar minha novíssima decoração. Podia parecer radical e rebelde, mas para mim era só mais uma frase boba qualquer que expressava a raiva contida em mim, a qual eu não conseguia explicar o motivo.

A noite foi intensa, e como em todas as vezes que eu refletia sobre a minha vida, ligava os fones de ouvido no último volume com as minhas músicas favoritas. Adormeci em algum momento da madrugada, mesmo com a música alta em meus ouvidos, e quando o despertador tocou, parecia que o peso do mundo me arrastava de volta para a cama. Mas fui resistente, eu não podia mais ter falta nas matérias daquele dia, já estávamos no final do segundo semestre e eu não podia vacilar, então me levantei. Respirei fundo fitando o espelho. Minhas olheiras estavam profundas e minhas sobrancelhas exageradamente grossas só deixavam tudo pior. Lavei o rosto com água gelada, na tentativa de me animar. Não funcionou.

Cheguei ao colégio pontualmente. Alguns minutos depois, Jesse chegou também.

— Bom dia, amor! — Sorriu e me deu um selinho demorado. Ele me olhava fixamente com aquele olhar semicerrado que uma vez já me atraía, mas a única coisa que eu conseguia reparar, era em como seu cabelo estava ridículo. Grande demais e com uma franja que o fazia parecer algum tipo de príncipe fajuto.

— Espero que seja. — Disse meio mal-humorada, mas depois sorri.

— Com esse sorriso, não tem como não ser. — Ele tomou meus lábios e sorriu entre o beijo.

Eu me senti culpada pelo encontro com Joel. Embora eu não tivesse feito nada, havia pensado em fazer, e Jesse não merecia o meu descaso. Pelo contrário, ele parecia estar levando o nosso relacionamento a sério.

— Você trouxe o presente do amigo secreto? — Ele me olhou debochando, sabia que eu havia esquecido.

— Esqueci. Mas tirei uma menina, vou dar minha carteira, é nova. — Dei de ombros rindo. — Por Deus! É mais do que uma honra ganhar uma carteira minha. — Eu disse convencida, fazendo Jesse rir.

— Eu trouxe um presente. Acha essa pulseira bonita? — Perguntou me mostrando o presente.

— Sim. — Respondi, era uma pulseira muito bonita e delicada. — É para quem? — Questionei curiosa.

— Eu tirei a Maya. — Sorriu me olhando com expectativa, esperando que eu dissesse alguma coisa. Não esbocei nenhuma reação. — Foi a minha irmã que escolheu... — Ele justificou, como se eu precisasse daquela explicação.

Olhei para a pulseira novamente e tive a certeza de que Rachel não a tinha escolhido. Rachel odiava verde, e a pulseira estava cheia de pedrinhas verdes.

— É muito bonita, a Rachel tem bom gosto. — Eu disse simplesmente.

Eu sabia que Jesse queria impressionar Maya, ela era uma das meninas mais bonitas da escola, e eu realmente não me importava se essa era realmente a sua intenção.

— Acho que vai combinar com os olhos dela. — Acrescentou, mas dessa vez eu sabia que ele estava me provocando, esperando que eu ficasse com ciúmes. Dei o que ele queria, mas somente porque sabia que era assim que as namoradas deveriam agir.

— Você ficou reparando nos olhos dela? — Eu o interroguei com um tom de acusação. Por um breve momento, vi que sentiu certo prazer por eu demonstrar ciúmes, mas tentou aplacar a situação.

— Os seus são muito mais bonitos. Adoro suas sobrancelhas, te deixam com um olhar selvagem. — Ele sorriu e me beijou com paixão.

Não gostava muito das minhas sobrancelhas, mas gostei daquele comentário.

Fomos interrompidos por Megan, que falava um tanto quanto alto.

— Casalzinho, vamos tirar uma foto para colocar no vídeo do baile desse ano? — Ela pediu

com uma câmera na mão.

Era tradição, sempre exibiam um vídeo com fotos dos alunos no baile do final do ano, junto à música de sucesso do momento, e Megan estava encarregada do vídeo desta vez. Jesse e eu posamos para a câmera, ele passou o braço por cima dos meus ombros e apoiei a cabeça em seu braço, fazendo uma careta. Eu não precisava nem olhar para o lado para saber que Jesse sorria, ele ficava lindo sorrindo nas fotos.

— O segundo baile que aparecemos juntos! — Ele recordou vitorioso.

— Que bonitinho! Você repara nessas coisas. — Comentei apertando sua bochecha.

— Você deveria reparar também, mas é muito fria. — Implicou carinhosamente, me dando vários selinhos.

— Coitadinho, está até congelado de tanto que sou fria. — Debochei e Jesse bagunçou meu cabelo.

— Chata!

— Chato!

— Não sou chato, sou o cara mais legal desse colégio. E você tem muita sorte, muitas querem estar no seu lugar.

Minha boca se abriu em choque pela forma como Jesse se vangloriava. Apesar do tom brincalhão, eu sabia que, no fundo, ele acreditava mesmo naquilo.

— Me sinto tão honrada! Como devo te agradecer de maneira correta por essa chance espetacular de ser sua namorada? — Perguntei dramatizando com a mão no peito.

— Hum... — Ele fingiu pensar. — É fácil, você só tem que ser minha.

Não era fácil. Aquele pedido era o mais impossível que ele poderia ter desejado. Eu nunca seria dele. Eu não sabia o que era o amor, mas tinha alguma ideia. Eu sentia que era algo maior do que uma paixão adolescente. Jesse foi meu primeiro em tudo, ou melhor, em quase tudo, ele só não foi o meu primeiro amor.

Sempre tive minha própria metáfora, misturava meu nome com elogios começados com a letra M. Meus amigos brincavam com isso, e justamente naquele dia estava escrito na lousa: *Melina Magnífica Matarazzo*. Sorri ao olhar para o quadro. Jesse revirou os olhos de ciúmes.

— Só eu tenho o direito de elogiar a Mel, seja lá quem escreveu isso. — Disse ele em alto e bom som, para que todos ouvissem.

— Foi o PJ. — Dedurou Enzo.

PJ era o garoto mais excluído da turma. Uma vez eu estava lendo um livro em um canto afastado da biblioteca fora do período de aula, pois minha casa estava um caos, e ele também

estava lá, estudando. Eu via que ele me olhava de rabo de olho, e quando comecei a olhá-lo de volta, ele corou. Então pisquei para ele sorrindo e saí da biblioteca com meu livro. Naquele dia, criamos um tipo de conexão. Toda vez que eu via garotos debochando dele, eu lhe oferecia um olhar encorajador, para que PJ os enfrentasse e se defendesse. Ele sorria sempre que me via, e acho que eu era uma das poucas pessoas que tratava PJ com gentileza. Ele tinha sérios problemas de socialização, e quando era obrigado a apresentar um seminário para a classe, se tremia todo. Tudo isso porque havia sofrido um acidente com uma panela de óleo fervente quando era muito pequeno, o que acabou deixando sérias cicatrizes de queimadura em seu rosto. Isso detonou a sua autoestima, mas ninguém parecia respeitar seu problema. Eu nunca fui santa, mas PJ era um menino ingênuo e eu ficava feliz em oferecer um pouco de gentileza a ele.

— PJ, continua tentando que um dia você rouba ela de mim, hein? — Debochou Jesse, mas não por mal, ele estava brincando, eu sabia, mesmo assim, balancei negativamente a cabeça para sua atitude e mandei um beijinho no ar para PJ em agradecimento.

Não sabia que aquele dia, devido ao amigo secreto de final de ano, minha vida mudaria para sempre. Eu estava bastante entediada com os discursos e as trocas de presentes; as falsas lágrimas das pessoas que passaram o ano todo atacando umas às outras e agora se declaravam, mas meu tédio passou assim que Marina começou seu discurso. Parei de lixar minhas unhas e ouvi atentamente suas palavras. De alguma forma, eu sabia que eram para mim.

— A pessoa que eu tirei é a pessoa mais exagerada e forçada que eu conheço. Tudo nela, desde as unhas vermelhas até os cabelos quase brancos de tão loiros, soa exagero. — Concluiu seu discurso com um leve sorrisinho no rosto, enquanto enrubescia.

Eu a encarei por alguns instantes, e quando ela pronunciou meu nome, levantei para pegar meu presente, uma caixinha de música.

— Marina, muito obrigada pelo seu elogio! — Eu disse com o presente nas mãos, em seguida ofereci o meu melhor sorriso sarcástico e, modéstia à parte, eu era muito boa nisso. — Adorei o presente. Eu não sabia que você falava, sabia? — Uma chuva de risadas invadiu a sala. — Fiquei surpresa que usou as suas primeiras palavras para me elogiar. Prefiro ser muito a não ser nada. — Sorri para ela e me sentei no meu lugar, ligando a caixinha de música. Era uma caixinha adorável, bem diferente da remetente.

Sabia que ela choraria, as pessoas adoram se fazer de vítima. E Marina era assim, me odiava por algum motivo desconhecido e se sentia no direito de se considerar vítima da história. O erro dela foi pensar que poderia me atingir. Podia até me atingir por dentro, mas, por fora, aprendi a permanecer intocável. Era o que todos acreditavam, e o que me diferenciava de todos. Eu sabia disfarçar muito bem os meus sentimentos.

“...Você era o pensamento que surgia em minha cabeça toda vez que eu escutava uma canção melosa de amor, e também era você no suspiro que eu dava depois. Você era perfeito em todas as suas imperfeições, eu te achava lindo até quando estava bravo comigo, algo em como sua testa franzida ainda dizia que me amava. Você dizia que me amava em todos os detalhes...”

A primeira vez que Eduardo se dirigiu a mim, foi de uma maneira memorável e, digamos, nada agradável. Ele era aluno de outra sala, e quando entrou na minha e viu sua amiguinha chorando, me lançou olhares raivosos, os quais eu ignorei com maestria enquanto continuava a lixar minhas unhas, embora os observasse de canto de olho, pois sabia que falavam de mim. Estava tudo bem. Ele a consolava, ela continuava chorando e dramatizando. Até o momento em que ele deu um beijo no topo de sua cabeça e se levantou de supetão. Seguiu até a lousa e passou um risco forte de giz colorido na palavra *Magnífica*, trocando-a por *Megeira*, completando *Melina Megeira Matarazzo*. Marina riu, e pude ouvir risadas de outras pessoas também. Ele ofereceu um olhar orgulhoso para ela e, ao me ver sem reação, me lançou um olhar de fúria e saiu da sala com Marina.

— Quer que eu estoure a cara dele? — Perguntou Jesse cerrando os dentes.

— Não precisa, ele vai se arrepender disso. — Eu disse calmamente.

— Tem certeza? — Certificou-se irritado.

— Absoluta!

Eu fervia de ódio por dentro, mas algo naquele olhar, mesmo furioso, era diferente. Eu não imaginava que aquele fosse o olhar do meu primeiro amor. Eu não imaginava que passaria a adorar aqueles olhos puxados. Eu não imaginava que aquele garoto, que me atacara para defender sua amiga, me amaria tanto. Nunca se sabe quando será a última vez que você será inteiramente você. E esse foi um dos meus últimos dias inteira. Em seguida, parte de mim seria dele. E o pior, para sempre.

Ao voltar para casa, eu só conseguia pensar que precisava apenas de uma chance para provar que eu era diferente do que as pessoas pensavam. Eu nunca quis provar nada para ninguém, mas por algum motivo ainda desconhecido, eu queria provar isso para Eduardo. A primeira coisa que fiz ao entrar em meu quarto foi jogar a palavra “*megeira*” no Google. Eu sabia que significava algo ruim, mas queria detalhes do que ele pensava de mim. Encontrei dois resultados: “*Na mitologia grega, Megeira personifica o rancor, a inveja, a cobiça e o ciúme.*”; “*Megeras são representadas normalmente como mulheres aladas de aspecto terrível.*”. Passei a noite inteira pensando naquilo e, no dia seguinte, eu estava decidida a fazer algo para me defender daquela acusação horrível.

Passei mais tempo do que o normal debaixo do chuveiro, eu estava ansiosa para colocar meu plano em ação, ficar no banho quente me ajudava a pensar e a ficar mais calma.

Tive vontade de me arrumar mais do que o costume, e me peguei passando hidratante de péssego no corpo, coisa que eu não fazia há muito tempo. Também enrolei os cabelos, que estavam sempre lambidos. Fiz uma maquiagem leve, pois eu não queria que notassem que eu estava excepcionalmente arrumada naquele dia. Nem eu sabia o porquê de tanto empenho, ou até sabia, mas não queria admitir.

Avistei Eduardo no corredor, ele estava de costas guardando seus livros no armário, mas me viu quando virou. Pareceu meio surpreso ao notar que eu caminhava até ele.

— Você sabe o que você fez comigo? — Perguntei o encarando firmemente.

— Eu? — Ele me fitou de volta com um sorrisinho irritante nos lábios.

— Você me expôs ao ridículo, me deixando totalmente constrangida. — Coloquei a mão no peito para garantir um efeito dramático. — Isso se chama *bullying*, e é motivo de suspensão! Aliás, eu tenho diversas testemunhas. — Acrescentei e o lancei um sorriso dissimulado, tão falso como a cara de desentendido que estampava em seu rosto.

— Você não parece muito magoada. — Retrucou sem desviar os olhos dos meus nem por um segundo, depois fechou a porta do armário com certa força. Pela primeira vez eu me senti desconcertada com o olhar de alguém sobre mim. — Você não parece o tipo de pessoa que se magoa com qualquer coisa, já que magoa as pessoas com facilidade. — Acrescentou em sua defesa.

— Bom... — Desviei o olhar. Eu estava espantosamente sem jeito e perdi o jogo de quem baixava os olhos primeiro. — Quero te propor um trato: você pode ir até a minha casa hoje... ou retratarei o caso à direção. E sou uma excelente atriz quando quero. — Arqueei uma sobrancelha, recuperando a confiança e voltando ao jogo.

Ele semicerrou os olhos.

— Por que isso? — Questionou confuso e um pouco irritado.

Não estava acostumada a receber aquele tipo de olhar, mas podia ler o que ele significava. Eduardo provavelmente pensava que, além de uma megera, eu também era uma garota fútil, insensível e burra. Sinceramente, eu não ligava que as pessoas pensassem essas coisas de mim, mas havia bolado um plano especial para ele.

— Porque estou te dando a chance de tirar suas próprias conclusões. Acho meu trato mais do que justo.

— E como vou saber que não é uma emboscada? — Indagou desconfiado.

— Será na minha casa. Por Deus, como eu armaria uma emboscada na minha própria casa? Com meus pais lá? — Perguntei ofendida. — Se você não... — Eu estava pronta para acrescentar meus outros argumentos.

— Ok. — Respondeu simplesmente, depois de poucos segundos refletindo.

— O quê? — Perguntei ainda sem acreditar. Ele havia aceitado. Fácil. Eu me senti uma vencedora.

— Ok. — Deu de ombros. — Tanto faz. Aceito seu trato idiota.

— Ok. — Repeti satisfeita e surpresa. — Me espera na saída, então!

Ele era mal-humorado e irritante, e não fazia nenhum pinga de questão de parecer uma

pessoa agradável. Mas eu sorri para ele, e percebi que mesmo não querendo, ele sorriu de volta. O deixei parado ali e caminhei satisfeita em direção à minha sala.

Estava ansiosa para que as aulas acabassem logo, mas como em toda vez que eu esperava muito por algum momento, o tempo passou arrastado. Quando finalmente o sinal da última aula tocou, eu quase não acreditei.

— Você quer ir lá em casa hoje? — Perguntou Jesse me encostando à parede do corredor.

— Hoje não dá! — Recusei e dei um beijo em sua bochecha, me despedindo. — Tenho um compromisso, mas... — Dei um beijo em seu nariz. — Combinamos outra hora. — Outro em sua bochecha. — Ok? — Fiz um carinho em seu rosto e ele me fitou com seus olhos azuis.

— Vai fazer o quê? — Perguntou curioso.

— Executar um plano. — Respondi misteriosamente.

— Você é maluca, sabia? — Ele riu do suspense em torno do compromisso.

— Sim. — Concordei. — Ainda bem que você sabe. — Dei risada e um último selinho nele antes de sair. Aquela foi a última vez que beijei Jesse.

Saí apressada pensando que Eduardo já havia ido embora, mas quando passei pelo portão principal, ele estava lá.

— Pensei que não fosse me esperar. — Cheguei por trás e ele pareceu um pouco assustado.

— Eu combinei, não costumo faltar com a minha palavra. — Ajeitou os óculos quadrados no rosto ao me encarar. Ele tinha olhos muito bonitos por baixo dos óculos de *nerd*. Eram castanhos e muito expressivos, gritavam o tempo todo em seu rosto, chamando minha atenção. Não dava para ignorá-los.

— Ou, você não via a hora de passar um tempo comigo. Fala a verdade, quando eu te disse que era esse o trato, você achou que estava sonhando, não foi? — Impliquei brincando com ele.

— Ah, claro! Mal consegui assistir às aulas hoje. Sem brincadeira, Melina, seu convite foi a melhor coisa que aconteceu em toda a minha vida. — Debochou sem animação alguma.

— Eu sei. — Gargalhei de seu tom. — Vamos? — Estendi o braço para ele.

— Não vou pegar no seu braço. — Ele recusou ofendido. — Se quiser, você pega no meu! — E ofereceu seu braço para mim.

Nossos olhares ficaram presos um no outro por alguns segundos, até que eu finalmente consegui quebrar o transe e dar um sorriso de lado.

— Você rejeitou meu braço, não te darei essa honra. — Dei um tapa em seu antebraço, o fazendo recolher o braço.

— Que vingativa! — Ele riu pela primeira vez de uma brincadeira minha. Era estranho como eu me sentia incrível por conseguir tal feito. — E seu namorado, não vai se importar?

— Ele já foi embora. De qualquer forma, ele não tem nada para se importar. — Afirmei rindo e caminhando ao seu lado até minha casa.

Eu morava perto da escola, eram só vinte minutos de caminhada, mas decidi fazer um caminho diferente aquele dia, porque não queria encontrar ninguém, então o percurso se tornou um pouco maior.

— Eu sei que não tem. — Ele disse, e se não me engano, senti um pouco de orgulho ferido em sua voz. — Mas se você fosse minha namorada, eu acharia meio chato te ver andando com outro cara. — Seu tom de voz foi abaixando no final da frase, como se ele tivesse se arrependido de tê-la começado. Estava com vergonha, e ficava lindo corado, não pude deixar de reparar.

— Não precisa corar. — Adverti rindo e pude ouvi-lo bufar. — Não se preocupe com ele.

— Se você não está se preocupando, quem sou para me preocupar? — Ele andava concentrado nas pedras do chão, as olhava com tanta atenção que, se eu não soubesse que era para não me encarar, acharia que estava procurando pedras de ouro pelo caminho.

— Devo me preocupar em ficar sozinha com você? Não está planejando me atacar, não né? — Eu não resistia, implicar com Eduardo e deixá-lo sem graça era algo que me deixava radiante.

— Quem deve ter algum tipo de plano é você, afinal, devo lembrar que é *você* quem está me levando para a *sua* emboscada. — Ele conseguiu virar para o lado e me encarar rapidamente.

— Sim! Está com medo?

— Não. Curioso seria a palavra certa.

— Hum. Já estamos chegando para matar a sua curiosidade. — Eu ri.

Alguns minutos depois, chegávamos em frente à minha casa. Era uma casa muito bonita, apesar de pequena em relação às casas de todos os meus amigos. Deixei o chaveiro cair antes de tentar abrir o portão e Eduardo o pegou.

— Obrigada. — Agradei educadamente e o apanhei para abrir o portão.

— Que chaveiro mais gay! — Ele riu.

Mostrei a língua para a sua implicância. Meu chaveiro era um coração rosa brilhante de pelúcia, pois se não fosse grande o suficiente, eu sempre perdia a chave. Era um pouco exagerado, admito, mas ele não tinha o direito de reparar.

— A minha mãe está em casa, caso você desconfie que eu vá te matar. — Informei rindo.

— Ela pode ser sua cúmplice, isso não me deixa mais calmo. — Brincou rindo fraquinho.

Assim que entramos na sala, minha mãe nos encarou. A cumprimentamos rapidamente, eu não gostava que nenhum dos meus amigos ficassem muito tempo perto dela, sempre tivemos uma relação difícil, então apenas disse o básico sobre Eduardo. Mas isso não a fez deixar de perguntar seu sobrenome. Argh! Ela era assim, só se importava com dinheiro, família e status. Às vezes eu tinha vontade de vomitar com suas obsessões com riqueza. Eduardo não ficou constrangido com a pergunta, pois ele tinha um ótimo sobrenome e todos sabiam que sua família era uma das mais ricas da região. Fiquei aliviada quando finalmente chegamos ao meu quarto.

— Desculpa pela minha mãe. — Pedi meio constrangida. — Ela faz essas perguntas estranhas para todo mundo. — Revirei os olhos enquanto me sentava na beira da cama.

— Tudo bem. — Ele respondeu e mudou de assunto. Respirei aliviada. — Então, o que viemos fazer aqui?

— Assistir a um filme. — Finalmente matei sua curiosidade. — E é realmente assistir a um filme, ok? Não tem nada de sacanagem, não. — Ri e fui até a televisão colocar o dvd.

— Claro, porque eu realmente esperava que você me convidasse para uma... Para isso. — Ele travou no meio da frase, me fazendo rir.

— Sinto muito decepcioná-lo. — Entreguei a ele um pacote de Ruffles. — Estou com preguiça de fazer pipoca.

Ele pareceu bastante perdido, mas se sentou para assistir ao filme e até aceitou o pacote de batatas fritas.

— Tenho direito a mais perguntas?

— Se forem pertinentes... — Brinquei. — Pode, sim. Eu deixo, vai. — Disse olhando-o.

— E como você acha que isso vai me fazer mudar de opinião sobre você? — Ele cravou os olhos em mim com expectativa.

— Eu não sei se vai. Mas vamos assistir. É meu filme favorito.

— E qual é? — Perguntou curioso.

O encarei antes de responder e reparei em sua camisa azul-marinho. Eu podia dizer naquele momento que azul-marinho era a minha cor favorita, de tão bonito que ele ficava nela. Logo eu, que nunca gostei de azul, sempre preferi vermelho.

— O meu filme favorito. — Disse como se ele soubesse qual era.

— Não sou um de seus fãs, não sei qual é. — Ele debochou. — Aliás, estou aqui justamente por ser o contrário disso. — Ele implicou, mas eu sabia que era brincadeira pelo tom da sua voz.

— Você pode chutar. — Ri quando ele revirou os olhos.

— *Meninas Malvadas*? Se for, eu vou embora agora! — Ele disse rindo. Parecia estar

abaixando a guarda.

— Não. — Revirei os olhos fingindo indignação. — É *Titanic*. Mas como você sabe que eu amo *Meninas Malvadas*? Acho que você é um dos meus fãs, sim. Só está escondendo o jogo. — Provoquei.

— Que previsível! — Ele debochou. — Porque minha irmã gosta. Eu nunca vi *Titanic*. — Afirmou fazendo uma careta.

Levei a mão ao peito, ofendida.

— Não faça essa cara para o meu filme favorito. E não acredito que você nunca viu *Titanic*, qualquer mortal já assistiu a esse filme! — Exclamei indignada.

— Sei que todo mundo já viu, mas sempre achei longo demais.

— Ok. Então sua primeira vez será comigo. — Brinquei.

Ele olhou para o chão, ficando um pouco sem graça, mas logo começou a rir, tentando disfarçar. Eu não sabia a força que aquelas palavras tinham no momento, mas a primeira vez dele realmente foi comigo.

— Se você diz... E se essa é a sua forma de provar que você não é uma megera... — Deu de ombros e se ajeitou no pufe que eu havia separado para nós.

— As pessoas têm mania de ter primeiras impressões completamente deturpadas. Você quer ir além ou quer continuar só na superfície a vida toda? — Perguntei. — Se quiser realmente ir embora, eu te deixo ir e desisto da chantagem inicial. — Disse apontando a porta.

Ele me encarou fixamente.

— Quanta profundidade! — Achou graça. — Quero sair da superfície. — E respondeu com um sorriso de lado. — Vou além. Eu quero ficar. — Disse olhando para a tevê. — E também porque a minha opinião e a minha presença são muito importantes para você, é claro. — Foi a vez dele de debochar, conseguindo levar um tapa.

— Estou quase me arrependendo, mas foi uma sábia decisão para você. Prepare-se para um oceano de emoções. — Brinquei rindo.

— Seu quarto é meio sombrio. — Ele constatou observando a decoração.

— Como o meu pobre coração. — Dramatizei em tom brincalhão e ele riu.

Enquanto o filme passava, ficamos conversando sem parar. No começo, ele parecia relutante, mas eu sempre falei demais, então acho que ele percebeu que não teria alternativa a não ser interagir comigo. Ele foi se soltando, até parecermos amigos de infância. Eu falei sobre meus sonhos, contei que queria me formar em Jornalismo e ser uma escritora importante um dia. Ele me contou que gostaria muito de cursar História, mas sua família queria que ele fizesse

administração ou economia. Ainda me contou que tocava violão e até se arriscava no canto, mas tinha vergonha de fazer isso na frente de outras pessoas. Eu mostrei a ele que meu dedo mindinho era torto graças a um tombo que levei na infância. Ele me mostrou uma cicatriz na perna que adquiriu quando andava de bicicleta e se jogou para desviar de um gato, então aproveitei para lhe contar que eu era apaixonada por gatos, mostrei fotos dos oito gatos que passaram pela minha vida e contei a história de cada um deles. Ele escutou tudo atentamente.

— O filme está quase acabando e não assistimos nada. — Ele ratificou rindo.

— “*Rose, ganhar a passagem foi a melhor coisa que me aconteceu, porque me trouxe até você. E fico grato por isso, Rose, fico grato. Você precisa me dar esta honra, precisa prometer que vai sobreviver, que não vai desistir, não importa o que aconteça, por mais desesperador. Prometa isso agora, Rose, e nunca desista de cumprir essa promessa.*” — Repeti a fala junto com o personagem, e Eduardo me olhou encantado.

— Se você já sabe as falas de cor, por que escolheu esse filme? — Perguntou me encarando com um sorriso no rosto. Seu sorriso era contagiante, só isso explicava a maneira como eu sorria de volta.

— Porque é o mais longo que eu conheço. — Expliquei. — E é um filme romântico. Que tipo de megera gostaria de *Titanic*?

Ele revirou os olhos.

— Talvez você não seja tão megera assim. Mas só talvez. — E então me olhou diferente de todas as outras vezes, bem de pertinho.

Meu coração acelerou, e eu não entendia nada daquilo. Meu coração nunca tinha disparado com o olhar ou a presença de alguém. Eu não conseguia tirar os olhos dele. Nossas testas se encostaram e minha respiração ficou ofegante. A sua também, eu a sentia queimar junto à minha. Ficamos apreciando o momento quietinhos, qualquer movimento brusco poderia destruir o que havia sido criado ali. Eu queria muito que nossos lábios se tocassem. Naquele instante, era tudo o que eu queria.

— Profundidade, filmes românticos, paixão por bichos, muitos sonhos... O que mais eu não sei sobre você, hein? — Ele me encarou daquele jeito que só ele sabia. Então entendi aquele sentimento que todos viviam falando. Entendi a metáfora das borboletas no estômago, pois eu tinha a certeza de que havia um *borboletário* dentro de mim. Eu simplesmente entendi. E pareceu tão simples.

— Quase nada. — Murmurei e sorri.

— Acho que fiquei curioso. — Nossos lábios quase se tocaram. Mas minha mãe bateu na porta para oferecer lanchinho. Eu quis gritar: “*pelo amor de Deus, mãe, como a senhora interrompe o beijo dos mocinhos por causa de um lanche?*”, mas fiquei quieta. Comemos o lanche e ele foi embora em seguida.

Naquela noite, eu refleti que nunca seria o tipo certo de mocinha. Nunca seria boazinha

demais, nunca seria perfeita em nada e nunca seria prudente, pois sempre preferi fazer tudo errado. Mas olhando dentro de seus olhos, eu senti que estava no lugar certo. Ele me fazia ter vontade de ser a pessoa certa para ele.

“...A teoria sobre almas gêmeas poderia ser facilmente comprovada por qualquer pessoa que olhasse para nós dois naquele tempo. Nos completávamos em todos aspectos. Nos beijos. Nos abraços. Nos amassos. Mas, principalmente, no coração. O meu pertencia totalmente a você, e eu sentia que o seu também era meu. Aliás, parecíamos bater na mesma frequência, como se fôssemos um só...”

Acho que a pior coisa em estar apaixonado, ou quase apaixonado – não sei se isso é possível –, é que as pessoas percebem que você está apaixonado. O amor não sabe ser discreto, rouba seus pensamentos e te dá um tanto a mais de distração. Você também ganha um pouco a mais de suspiros e uma necessidade quase absurda de ver a pessoa amada.

Desde aquele filme, não deixamos de nos falar um só dia, e já havia duas semanas. Talvez eu tivesse esquecido que tinha um namorado. Tudo bem, era certeza, eu havia esquecido, há duas semanas eu não falava com Jesse. As aulas tinham acabado, só ficaram na escola os alunos que estavam em recuperação, e ele era um desses. Jesse sempre fora péssimo na escola, se tinha algumas boas notas aquele ano, era porque eu o ajudava, mas ele já havia repetido duas vezes no colegial. Quando aparecia na minha casa para ver se eu estava bem, eu pedia para minha mãe dizer que eu não estava. Era horrível, mas eu não tinha vontade nenhuma de falar com ele.

Mandeí uma mensagem para Eduardo.

“Você vai ao baile?”

O baile aconteceria no dia seguinte, era uma festa muito importante para todo mundo. Bom, quase todo mundo. Tinha gente que não dava a mínima, mas todos os meus amigos gostavam, e eu também. Era legal me despedir de cada ano com uma grande festa, onde víamos os alunos que encontrávamos todos os dias com sua melhor roupa e seu melhor penteado, uns ficavam realmente surpreendentes. Tinha algo de mágico naquelas festas, e eu sempre participava, mesmo quando todos me achavam apenas uma pirralha.

“Acho que não. E nem preciso perguntar se você vai...”

“Queria que você fosse!”

“Sem chances!”

“Nem se eu pedir com jeitinho? Poxa...”

“Sem chances, Melina!”

“Nossa, retiro todas as mensagens que troquei com você durante essas duas semanas!”

“Retira nada. Você não consegue mais ficar sem falar comigo.”

“Até parece... hahahahaha. Eu ou você?”

“Você. Quem manda todo dia ‘bom diaaaaaaaaaaaaaa’ assim que acorda? Nem tenho tempo de pensar e já tem mensagem sua no meu celular.”

“Ah, é? E quem mandou ontem ‘Tô com sono, mas não quero dormir agora porque você está me distraindo’? Acho que foi você.”

“Não foi bem assim. O que estava me distraindo era o barulho do celular, não você. Você entendeu errado. Desculpa.”

“Uma hora você admite... E sua amiguinha, o que está achando da nossa amizade?”

“Nada. Não cheguei nela e disse ‘Marina, sou amigo da Melina agora’, não faria sentido.”

“Ela gosta de você.”

“Nós somos amigos!”

“Hm... Que bom!”

“Hm! Que bom o quê?”

“Sei lá. Não gosto dela.”

“Tá com ciúmes?”

“Talvez... Gosto de ser a amiga favorita.”

“Hmmm. Que possessiva!”

“Vamos ao baile??? Por favor, por favor, por favor?????????”

“Por que quer tanto que eu vá? Você já vai com seu namorado.”

“Eu vou viajar depois do baile, e aí só poderemos nos encontrar quando as aulas voltarem. Queria que você fosse para nos vermos... Mas só se você quiser, claro!”

“Eu quero. Tá! Tá! Eu vou. Vou chamar a Marina para entrar comigo.”

Era uma tradição do baile de final de ano todos entrarem em pares. Os que não tinham um par também entravam, mas era raro que aparecessem.

Quis dar um tiro nele quando li aquela mensagem, mas apenas respirei fundo e tentei ser cordial.

“Chame quem você quiser.”

Ou talvez o mais cordial possível.

“Hm... Você vai com o Jesse, né?”

Estávamos naquela fase de fingir sermos apenas amigos, mesmo sabendo que estávamos totalmente um na do outro. Bom, pelo menos eu sabia. Eduardo era mais tímido, talvez, tivesse dúvida. Eu não conseguia mais disfarçar. No jogo de quem escondia melhor o sentimento, ele vencia, mas por muito pouco, pois por mais que ele quisesse não dar tanto na cara, eu sabia que ele estava louco por mim.

“Não sei.”

“Vocês estão juntos?”

“Não sei.”

“Acho que entendi...”

Era verdade, eu não sabia. Eu podia estar evitando Jesse desde a tarde do filme, mas tinha uma pessoa que eu não podia evitar: Rachel. Fiquei surpresa e sem graça quando ela entrou no meu quarto sem ser anunciada e interrompeu a minha troca de mensagens com Eduardo, me fazendo deixar o notebook de lado.

— O que está acontecendo? — Perguntou me olhando com curiosidade, mas dava para ver mágoa ali também. Rachel e Jesse eram muito próximos, se eu magoava um, com certeza magoava o outro também. Eu odiava o fato de não encontrar um jeito de terminar aquilo sem magoar ninguém.

— Nada. Só estive doente esses dias. — Fingi fungar o nariz.

— Você parece bem... — Ela me encarou sem desviar o olhar por um segundo sequer.

— Estou melhorando agora. — Respondi e fechei meu computador rapidamente para falar com ela.

— Tudo bem. — Ela pareceu meio sem jeito e menos irritada. — Melina, se eu te perguntar uma coisa, você responde com sinceridade?

— Sim. — Minha respiração começou a ficar pesada. Eu estava morrendo de medo de sua pergunta, pois não tinha coragem de mentir tão deslavadamente se Rachel fosse direta.

— Você acha que o Will gosta de mim? — Perguntou com aqueles grandes olhos azuis me encarando cheios de expectativa.

— Sim! — Respondi com sinceridade, e aliviada por não ser a pergunta que eu estava esperando.

Ele havia me dito que gostava bastante de Rachel, mas o problema era que ele gostava de todas. Decidi não comentar a segunda parte com Rachel.

— Vou te contar uma coisa, mas não comenta com o Jesse... — Ela pareceu bem envergonhada e respirou fundo para tomar coragem antes de dizer. — Nós passamos do ponto juntos. — Disse e escondeu o rosto entre as mãos.

— Uau! — Abri a boca em surpresa. Era estranho ser criada com uma garota como se ela fosse sua irmã mais nova e ouvi-la dizer que tinha tido sua primeira vez.

— Eu não sei o que rola entre nós, mas estávamos lá, então ele investiu e eu cedi. — Ela riu. — Aff! É muito constrangedor falar disso com você, não foi tão difícil com a Megan!

— Nossa! Obrigada pela parte que me toca! Fico feliz por você, espero que tenha se cuidado. — Eu não conseguia deixar de parecer uma velha chata com esse papo de camisinha, mas era importante. Eu estava surpresa e com medo por Rachel. Sabia que para ela ter feito isso, ela estava gostando muito do Will, e isso era preocupante.

— Credo, Melina! Você parece espantada, até parece que eu não sei que você e meu irmão fazem isso há muito tempo.

Gargalhei e balancei a cabeça.

— Eu sei que sabe, mas é que você é minha irmãzinha, cara. Não estou acreditando que ele fez isso. Vou dar uma bronca nele. — Debochei e ela me encheu de tapas enquanto ria.

— Se você fizer isso, eu te mato. Não quero que ele pense que sou uma pirralha!

— Mas você é o quê? — Ri implicando com ela.

— Eu já tenho quase quinze anos, ok?

— Nossa! Muito vivida! Meu Deus! Muito sábia... — Fiz cócegas nela e ela caiu se contorcendo em minha cama.

— Para! — Gritou desesperada. — Sério, para! — Implorou e eu, por misericórdia, parei. Mas ainda rindo.

— Fraquinha demais! — Zombei e me joguei na cama também.

— Mel, você não gosta mais do Jesse, não é? — Perguntou sem me encarar.

Pensei bem na resposta que daria, eu não queria magoar ninguém, mas sabia que eu tinha que ser sincera com a Rachel, não podia mentir, isso não faria bem nem para mim nem para Jesse.

— Não. — Respondi. — Não daquele jeito.

— Ele está mal. — Sua voz soava triste, e me deixou triste também.

— Eu vou falar com ele depois.

— Promete? — Pediu me olhando nos olhos dessa vez.

— Prometo!

— Então, tudo bem. Não vou mais te encher com esse assunto. Vocês logo se acertam.

Não quis dizer que nós não nos acertaríamos, que realmente tinha acabado, eu não quis dizer nada. Apenas a fiquei ouvindo o resto da tarde. Rachel costumava ser uma garota direta e bastante forte, não costumávamos vê-la reclamar de nada sem que ela fizesse algo para mudar, eu não a via triste nunca, ela sempre levava alegria para qualquer lugar. Era bem prática em questão de sentimentos, mas realmente estava diferente falando de Will.

— Ele tem algo diferente. — Suspirou enquanto falava.

— Fale mais sobre isso. — Pedi rindo fraquinho.

— Quando estou com ele, o mundo parece que para, mas em contrapartida, o tempo parece passar rápido demais. — Disse tentando organizar a confusão de suas ideias. — Mas que só existe nós dois, sabe? — Acrescentou.

— Acho que sim. — Respondi com um sorriso de lado.

As últimas semanas vieram à minha mente. Mesmo que eu não tivesse visto Eduardo nos últimos dias, quando eu conversava com ele, o tempo passava rápido e, mesmo que conversássemos até ficarmos morrendo de sono, eu ainda dormia ansiosa para que amanhecesse logo e eu pudesse continuar conversando com ele no dia seguinte. Era um sentimento tão bobo e ao mesmo tempo tão gostoso de sentir.

— Eu não sei o que aconteceu, mas espero que vocês voltem logo. — Desejou Rachel com sinceridade. Ela pensou que eu estava falando do irmão dela, qualquer um pensaria, éramos o casal perfeito. Mas talvez seja verdade aquela frase que diz que os opostos se atraem.

— Você vai ao baile amanhã, né? — Perguntou parecendo preocupada. — Eu, a Megan e a Ayla ensaiamos para a abertura do baile, a dança ficou incrível, você tem que ver.

— Vou, sim. — Respondi. — Mal posso esperar para ver a dança das minhas patricinhas favoritas. — Ri e deitei no colo de Rachel, para que ela fizesse cafuné em meu cabelo.

— Mal posso acreditar que ano que vem é seu último ano no colégio, eu vou sentir tanto a sua falta.

— Eu também vou. — Eu disse nostálgica.

Era estranho pensar que minha vida no colégio estava acabando e que eu iria para a faculdade logo em seguida.

— Deixa eu ver o seu vestido? — Pediu curiosa ao vê-lo coberto em cima da cômoda.

Mostrei meu vestido para Rachel e também lhe mostrei o penteado que eu pretendia fazer, ela aprovou e opinou sobre a maquiagem. Rachel era ótima em tudo relacionado à visual, sempre

estava impecável. Ela chamava atenção por onde andava e adorava esse fato, pois como queria ser atriz, amava que todos estivessem olhando para ela. Quando foi embora, a primeira coisa que fiz foi abrir meu computador para ver se tinha alguma mensagem de Eduardo. Não tinha. E nossa última conversa havia terminado um pouco estranha...

Sabia que precisava resolver minha situação com Jesse. Independentemente do que eu sentia por Eduardo, eu já sabia que nós havíamos acabado há tempos, mas temos a mania de nos perdurar em relacionamentos fracassados com medo do depois. Eu não queria mais ser assim.

“Oi”, o chamei.

“Hey! Tudo bem? Você está estranha.”

“Desculpa... Jesse, eu conversaria com você pessoalmente, mas não quero estragar seu baile. Não estamos mais dando certo, não acha?”

E foi assim que terminei com Jesse, ele nem insistiu nem nada, apenas disse que eu deveria ter dito antes, ao invés de ignorá-lo como vinha fazendo. Perguntou se havia outro cara, e eu disse que não. Eu menti. Mas não era como se Eduardo realmente estivesse na parada. Gostávamos de falar um com o outro, mas e se quando nos beijássemos tudo ficasse diferente? Eu não sabia ainda, então não me senti tão culpada.

“Jesse e eu terminamos. Mas não quero falar sobre isso. Você vai ao baile amanhã? Se sim, já convidou alguém? ”, enviei para Eduardo. Eu sabia que já estava tarde, mas também sabia que ele estava acordado, eu havia decorado toda a sua rotina. Eu sabia quando ele estava dormindo ou acordando, quando estava estudando, comendo ou tomando banho, porque nesses momentos eu sempre estava o esperando para que pudéssemos voltar a conversar, implicar um com outro, falar sobre nossos medos ou filmes favoritos, não importava o assunto, sempre tínhamos muito a dizer um para o outro.

“Sinto muito, se isso for triste para você. Não sei, e ainda não convidei ninguém.”

“Eu queria que você fosse comigo amanhã. Tipo... Nós dois, juntos.”

“Aff... Você tem essa mania chata!”

“Que mania?”

“De querer tomar meu papel.”

Eu sorria como uma boba com o celular na mão, sentia um frio na barriga toda vez que esperava uma resposta.

“Desculpa, não é minha intenção, mas pode assumir seu papel, seja lá qual for. Hahahaha!”, respondi.

“É... Eu que tenho que convidar. MM, você gostaria de ir ao baile comigo?”

Se existisse um milhão de maneiras de dizer sim para ele, eu teria dito.

A tarefa de me arrumar para o baile foi a mais difícil que eu já tivera. De repente, o vestido que eu havia escolhido não era bonito o suficiente, meu cabelo não estava bom o bastante e a escolha das cores da maquiagem tinham sido péssimas. Mas depois de tentar mudar algumas vezes, percebi que eu só estava nervosa. Era estranho me sentir assim.

Quando o carro que nos levaria para o baile parou em frente à minha casa, olhei pela janela e pude sentir minha mão suar um pouquinho. Meu Deus, era louco como aquilo podia acontecer comigo. Eu não acreditaria se alguém tivesse me dito que aquilo era possível um mês antes. Mas eu, que pensei que nunca fosse me apaixonar, me peguei ali parada, olhando embasbacada para ele, todo certinho em suas roupas formais.

Antes de sair pela porta, conferi mais uma vez se estava tudo certo na frente do espelho. Eu usava um vestido rendado vermelho, se não fosse vermelho, não seria eu. Nos cabelos, um coque elaborado, embora os grampos estivessem incomodando muito. Nos pés, um salto quinze delicado que eu havia ganhado de presente de quinze anos no ano anterior.

Ao abrir a porta, percebi que Eduardo automaticamente ajeitou a postura e me olhou, encantado.

— Nossa, você está linda! — Elogiou antes de beijar minha mão.

— Eu sei. — Fingi convencimento e dei uma voltinha para ele. — Você também não está nada mal. — Disse batendo em seu ombro.

Mas era mentira, ele estava lindo. Com certeza era o homem mais bonito que eu já tinha visto. Tudo parecia combinar perfeitamente em Eduardo, desde o terno escuro até o castanho de seus olhos.

Ele deu um sorriso de lado e meu coração se contorceu dentro do peito.

— Você é a garota mais convencida que eu conheço.

Algo em ouvir o tom grave de sua voz mexia comigo. Era diferente de trocar mensagens, vê-lo pessoalmente fazia tudo ficar ainda mais intenso. Então Eduardo colocou os braços ao redor da minha cintura e me guiou até o carro, e não tive dúvidas, ele me arrepiava dos pés à cabeça.

— Quando ele disse que você iria com ele, achei que você estava zoando com a cara dele. — Comentou uma garota bem parecida com Eduardo que avistei sentada na parte traseira do carro.

— Oi. — Sorri para ela e entrei. — Foi difícil ele aceitar vir comigo, mas estou feliz por tê-lo convencido. — Ri e tentei me ajeitar de uma maneira que não amassasse meu vestido.

— Ele nunca foi ao baile com ninguém. — Ela disse rindo de Eduardo. — E sempre disse odiar bailes, por que será que ele está indo dessa vez? — Perguntou em um tom debochado.

— Carol, você pode calar a boca? A mamãe pediu para eu te levar, mas posso mudar de ideia

e mandar você de volta para casa. — Ele parecia realmente incomodado com as provocações da irmã.

Eu não conseguia conter o riso, era bonitinho ela insinuar que ele só estava indo porque gostava de mim. Eu gostava de saber que ele gostava de mim. Era mais do que simplesmente gostar, eu precisava que ele gostasse *de mim*.

— Você quer jujubas? — Ele ofereceu um pacotinho de jujubas coloridas.

— Não, obrigada. — Agradei sorridente. — Não vai me apresentar? — Perguntei a Eduardo. Ele estava sentado ao meu lado e parecia um pouco acanhado com a minha proximidade.

— Deixa que eu mesma me apresento, ele é tímido. — Explicou. — Eu sou a irmã mais nova do Eduardo, ano que vem entrarei no primeiro ano. Mas sabia que até a minha turma conhece você? — Ela me olhou atentamente com os olhos brilhando de animação, ansiosa pela resposta.

— Sério? Espero que a minha fama não seja péssima. — Ri. — O que eles dizem? — Perguntei realmente curiosa.

— Não é tão ruim assim... — Ela riu fraquinho e comeu uma jujuba.

— Carol, para de amolar a Melina. — Pediu Eduardo, lançando-a um olhar significativo.

— Tudo bem. — Coloquei a mão em cima da de Eduardo para mostrar que eu não me importava. Ficamos nos encarando por alguns segundos, sorri ao ver que ele estava envergonhado.

— Então tudo bem. — Ele cobriu a minha mão com a dele e ficou a acariciando com o polegar. Quando olhei para Carol, ela nos fitava sorrindo, pisquei para ela e ela balançou a cabeça antes de olhar para a janela.

As luzes do baile estavam ótimas e a decoração impecável, o que significava que alguma caloura rica queria que a sua festa de formatura fosse perfeita, então fez de tudo para arrecadar fundos. Em comparação com o baile do ano anterior, parecia até uma festa de outra instituição. A pista de dança estava brilhante e globos de luz giravam acima dela; as mesas tinham uma linda decoração com arranjos azuis e o palco estava adornado com faixas e cartazes incrivelmente bem feitos.

Entrar com Eduardo realmente chamou atenção de todos que estavam ali, o que era péssimo para ele, já que odiava ser o centro das atenções.

— Só sorria. — Sugeri enquanto segurava seu braço.

— Parece que ganhei a honra de pegar no seu braço. — Ele debochou lembrando o nosso primeiro encontro, tentando descontrair um pouco enquanto descíamos as escadas do salão.

— Como você se sente com tamanha honraria? — Ri sentindo minha barriga tremer por

baixo do vestido. Eu estava feliz e não conseguia parar de achar graça em tudo.

— Eu me sinto extremamente honrado. — Respondeu com um falso tom de desdém e parou ao meu lado, cruzando os braços para que os fotógrafos tirassem uma foto nossa. Olhei para a cara dele, rindo.

— Você vai sair na foto com os braços cruzados? — Perguntei para ver se ele se tocava de que deveria tirar uma foto comigo, e não ao meu lado.

— Desculpa. — Ele pareceu meio sem jeito, e então pediu licença para pegar em minha cintura.

— Licença concedida. — Debochei apoiando minha mão em seu ombro e sorrimos para a câmera.

— Eu nunca fui a um baile antes. — Ele fez uma careta justificando.

— Vou ter que te ensinar tudo! — Revirei os olhos fingindo que seria um sacrifício. — Você é virgem de baile, então irei com cuidado com você.

Nem preciso dizer que ele corou dos pés à cabeça.

— Você é muito insuportável! — Semicerrou os olhos me encarando.

— Agora... — Eu disse baixinho em seu ouvido, como se fosse um segredo. — Você tem que me convidar para dançar. — Olhei para a sua nuca e fiquei satisfeita ao ver que os pelinhos dele estavam arrepiados.

Eduardo pegou firme em minha cintura e em minha mão, nos posicionando para a dança.

— Não preciso convidar, porque já sei a resposta. — Ele finalmente superou um pouco da timidez, me deixando arrepiada também.

— Você é muito esperto! — Eu o elogiei e apoiei a cabeça em seu ombro, enquanto ele me conduzia em uma dança lenta.

Tenho certeza de que o baile todo nos encarava e cochichava, mas, para mim naquele momento, só existia nós dois. Dançávamos devagar deslizando por todo o salão. Para um virgem de baile, Eduardo dançava muito bem. E com aquele terno, parecia um príncipe. Admito, eu não conseguia parar de olhá-lo.

— Você é um pouco alta demais. — Ele disse em meu ouvido. — Talvez devesse usar um salto um pouco mais baixo. — Ele reclamou e percebi que, com salto, eu realmente ficava bem mais alta que ele. Eu ri da sua queixa.

— Talvez você devesse ser um pouco mais alto. — Contra-ataquei e ele revirou os olhos rindo.

— Eu sou mais alto que você, mas com esse salto enorme não parece. Você está me

desmoralizando. — Brincou fingindo estar bravo.

— Desculpa. Mas para você ver que não sou tão megera assim, vou te ajudar. — Desci dos meus saltos, os peguei na mão e olhei para ele. O puxei pela mão e o guiei até um canto mais isolado. — É aqui que vou deixar meus sapatos. — Avisei e os joguei no canto mais escondido do salão.

— Não! — Ele os pegou de volta. — Coloca isso, você vai machucar seus pés. Eu estava brincando. — Ele disse rindo.

— Não, você tinha razão, e eu me sinto bem melhor descalça. — Fui até ele e o agarrei pela cintura, roubando meus sapatos de suas mãos e os atirando longe novamente. — E agora eu estou mais baixa que você, um pouquinho. — Enfatizei o pouquinho com o polegar e o indicador. — Mas já é alguma coisa.

— *Bem* mais baixa. — Ele me corrigiu rindo. — Coloca esse sapato!

— Não! — Retruquei olhando para ele. — Só se você me obrigar.

— Então terei que tirar alguma coisa também. — Tentou argumentar. Em vão, pois eu adoraria que ele tirasse alguma peça de roupa, eu estava curiosíssima para saber como ele era por baixo daquela roupa toda.

— Você está tentando me convencer a colocar os sapatos, ou a tirar mais alguma peça para te incentivar? — Ri me encostando à parede, brincando com uma mechinha do meu cabelo sem deixar de encará-lo.

Ele riu ficando um pouco corado.

— Ou talvez eu tenha que te carregar no colo. — Sugeriu.

— Hum... Está começando a ficar interessante.

Estávamos completamente sozinhos naquela parte do salão, e eu pensei que seria a oportunidade perfeita para que nos beijássemos. Por Deus, eu queria aquilo mais do que qualquer coisa naquele momento.

— Melina? — Megan me chamou receosa.

— Oi. — Respondi meio sem graça. — Eu estava com dor nos pés e vim até aqui para tirar um pouco os sapatos. — Era uma desculpa esfarrapada, eu sabia, mas Megan era amiga de Rachel, e aquela cena poderia tomar uma proporção muito maior por outros pontos de vista, coisa que eu não queria.

— Entendi. Estou te procurando há um tempão, você tem que descer, a cerimônia já vai começar.

— Não estou muito a fim, cerimônias são meio chatas. Estou enjoada. — Disse com

sinceridade. Eu não suportava mais o mesmo discurso todo ano, nunca mudava nada.

— Você tem que ir! Não é um pedido! Por favor! — Ela veio até mim, me fez calçar os sapatos e praticamente me arrastou para a cerimônia.

— Você vem? — Perguntou para Eduardo com um pouco de desdém na voz.

— Sim. Ele vem. — Peguei no braço de Eduardo e descemos juntos.

O cerimonialista subiu ao palco e iniciou seu discurso. Falou sobre a jornada até ali e sobre como a vida seria diferente para todos os formandos, o mesmo discurso de sempre, e então colocou o vídeo para rodar. As fotos dos outros alunos passaram rapidamente, mas quando a minha foto com o Jesse apareceu no vídeo, pareceu durar uma eternidade. Meu olhar encontrou com o dele no meio da multidão, fazendo meu estômago revirar ao notar quanto ele estava magoado comigo. Eduardo ficou sem graça com a situação e abaixou a cabeça. O local estava girando e eu só queria sair dali, o mais rápido possível.

— Eu preciso ir embora. — Disse baixinho para Eduardo.

— Entendo. — Ele simplesmente compreendeu, ou eu pelo menos achava que tinha compreendido.

Caminhamos entre as pessoas pedindo licença para chegarmos até a porta, mas fui interrompida quando ouvi meu nome e uma grande luz caiu sobre mim. Apoiei a mão no ombro de Eduardo e olhei para ele sem entender, já que eu estava desnorteada.

— Você é a rainha da noite... — Ele me explicou.

— O quê? — Perguntei espantada. Eu realmente estava surpresa, sabia que poderia receber votos, mas não o suficiente para ganhar das veteranas, não o suficiente para ser coroada.

— Ao lado do seu namorado. — Ele me incentivou a subir no palco.

— Ele não é meu... — Tentei dizer, mas Eduardo me interrompeu.

— Sobe lá, já passou tempo demais com os plebeus. — Ele sorriu fraco e sem humor algum. Fui arrastada para longe dele.

— Você pode me evitar em outros lugares, mas eu sou o rei, consequentemente, você é minha rainha. — Jesse debochou em meu ouvido quando subi ao palco.

Fui coroada com toda a pompa que uma rainha do baile da escola poderia receber, com entrega de faixa e direito a discurso. Apenas agradei por terem votado em mim, disse estar honrada e dediquei a todas as veteranas que se formavam aquele ano. Em outro momento, eu teria me achado o máximo, com M de Melina. Faria um discurso debochado a todas as veteranas que haviam perdido para mim, mas eu não estava no clima. Fizeram-me tirar diversas fotos com Jesse, até que a situação foi ficando desconfortável. Ele estava realmente me irritando.

— É por causa *dele* que você me deu um fora? — Perguntou com um sorriso irônico de lado.

— Eu te dei um fora porque não estávamos mais dando certo. — Respondi olhando em seus olhos.

— Você vai se arrepender, vou pegar todas as garotas desse colégio. — Prometeu, o sorriso debochado saindo de seu rosto e ele voltando a parecer magoado.

— Jess, isso é indiferente para mim. Eu quero que você seja feliz, não fique tentando me atingir, apenas viva.

— Eu vou viver. — Ele deu de ombros. — Mas é por causa dele?

— Não. — Menti e tentei tocar em seu rosto, mas ele afastou minha mão.

— Você é ridícula! As coisas não precisavam ter acabado assim. — Jesse me deu as costas e afastou-se de mim, indo dançar com Maya, sem sequer me ouvir.

Não posso dizer que aquelas palavras não me magoaram, era horrível ouvir aquilo da boca de alguém que eu sabia que gostava de mim. Eu também sabia que poderia ter feito diferente, mas no calor das circunstâncias acabei optando pela covardia. Porém, eu não me arrependia de nada que tinha feito para chegar até ali.

Procurei Eduardo por todo o salão, mas não o encontrei. Encontrei Christopher, que tinha entrado no baile com a Carol, irmã de Eduardo, e perguntei a ele se sabia de alguma coisa.

— Ele e a irmã foram embora tem um tempinho já, Mel. — Respondeu educadamente.

— Ah... — Não consegui disfarçar meu desapontamento. — Obrigada, Chris!

Saí o mais depressa que eu conseguia para ver se o encontrava do lado de fora. Não o encontrei, apenas a melhor amiga chata dele, Marina.

— Você não merecia o título de rainha do baile.

— Marina, me erra! — Pedi enquanto procurava mais um pouco.

— Eu te vi lá com o Jesse. Por que você está fazendo isso com o Ed?

Eu a ignorei e tirei os grampos do meu cabelo enquanto pensava em algum plano para melhorar aquela noite.

— Não vou deixar você fazer um dos seus joguinhos ridículos com ele!

Cansei de escutar aquela vozinha, não me lembro direito o percurso, mas em alguns segundos, eu estava a segurando pelos cabelos com uma mão só. Fazia tempo que Marina me irritava, então puxá-la pelos cabelos estava sendo mais do que prazeroso.

— Cala a sua boca! Estou cansada de você! Eu não tenho culpa se você é apaixonada por ele,

mas espero que esse baile te dê uma lição de vida. Eu. Sempre. Ganho! — Eu a empurrei e ela me empurrou de volta.

— Você é uma falsa! — Marina berrou.

— Vai pro inferno! — Gritei e não fui nem um pouco educada quando mostrei o dedo do meio para ela.

Segui até o ponto de táxi, mas no caminho avistei algo que não queria: Will e Clara, quase fundidos um no outro. Aquela noite estava péssima e só piorava. Eu não acreditava que Will estava fazendo aquilo com a Rachel, e que era *ele* que Clara andava escondendo de mim. Eu não queria tomar nenhuma decisão sobre o que eu estava vendo, mas tomei a pior de todas. Fiquei em silêncio, e meu silêncio custou muito.

Quando cheguei em casa, mandei uma mensagem para Eduardo, mas ele não respondeu. Eu não sabia o que ele estava pensando, mas com certeza não era coisa boa, e com a ajuda de Marina, tenho certeza que as coisas não estavam fáceis para o meu lado. A noite havia sido um completo desastre, e o pior era que eu nem poderia ficar na cidade para tentar arrumar as coisas, minhas malas já estavam prontas para as férias de verão.

As férias passaram lentamente, e por mais que eu estivesse em Nova York, uma das minhas cidades favoritas no mundo, com o meu pai, nada parecia me animar. Não tive muito contato com o pessoal da escola, eu queria ficar na minha e o silêncio de Eduardo estava me matando. Mas quando as férias acabaram, eu não queria voltar, não queria ter que encarar ninguém. Clara, por ter mentido; Will, por ser um safado; Rachel, por conta do meu segredo; Jesse, pelo nosso passado; e nem Eduardo, por ter me dado as costas do nada. Ok, eu sabia que a última era mentira. Eu queria sim, encará-lo, queria esclarecer toda aquela confusão, e no colégio ele não poderia me ignorar.

Entrei no colégio e conferi minha sala, fiquei feliz ao ver seu nome na lista da minha turma. Olhei para o lado e ele estava lá, conferindo a lista também.

— Acho que na mesma sala você não vai poder me ignorar por muito mais tempo.

— Não estava te ignorando, só acho que não temos nada para conversar. Não ia ser o seu brinquedo para fazer ciúmes para o seu namorado.

— Você é tão idiota! — Bufe revirando os olhos.

— A Marina me con...

— Nem começa falando dessa garota! — Eu o interrompi. — Pensei que você tivesse aprendido a acreditar em mim e não ver as coisas pelos olhos dos outros. Mas quer saber, fique com a sua opinião. — Dei de ombros e fui para a sala.

Quando o sinal bateu anunciando o intervalo, me sentei sozinha, afastada de todos. Eu não

queria que ninguém me perguntasse da minha ausência ou sobre os meus motivos para estar isolada, eu não queria ficar com todo mundo, fingindo estar tudo bem. Precisava de um tempo para mim. Percebi o momento em que Eduardo me encarou e fingi não o ver enquanto ele caminhava até mim.

— Desculpa. — Pediu. — É que eu fui covarde. — Disse olhando em meus olhos. — Acho que me assustei um pouco com a rapidez com que comecei a gostar de você, então achei que era mais fácil acreditar em qualquer outra coisa. — Deu de ombros e sua respiração pareceu pesar no aguardo da minha resposta.

— Eu também. — Confessei. — É estranho. — Ri nervosa e baixei a cabeça.

— Nunca te vi envergonhada. — Ele riu e então limpou a garganta. — Eu fui um idiota. Vi o jeito que você ficou abalada por causa dele, e mesmo que não tivéssemos nada, fiquei com ciúme. Agi como um babaca. Não costumo ser assim. — Ele mordeu o lábio. — Bom... não sempre.

— Eu fiquei abalada, sim. É que sou meio idiota, sabe? Não sei fazer as coisas direito e acabo magoando as pessoas. — Eu me abri com ele. — Nunca acerto em nada. — Afirmei. Era verdade, eu sempre acabava magoando as pessoas que eu mais amava, e não gostava de ser assim. Para falar a verdade, sempre tive diversos problemas com o meu jeito, e isso me atormentava.

— Toda vez que você fala comigo, seus amigos fazem cara de total reprovação. — Ele mudou de assunto ao perceber que eu estava chateada, uma tentativa de tentar me animar. — E os caras ficam olhando e pensando “*por que ela não está falando comigo?*” — Ele fez uma voz debochada imitando os caras e eu ri. Ele sabia me animar.

— Eu não ligo. Você se importa? — Perguntei sorrindo, achando bonitinho aquele comentário.

— Nem um pouco. Mas às vezes fico meio curioso para saber por que a senhorita *M Magnífica Magnânima*, e todas essas coisas, fica aqui ouvindo meu discorrer sobre a vida. — Ele pegou uma mexa do meu cabelo e colocou cuidadosamente atrás da orelha, parecendo bem ansioso pela resposta enquanto me fitava.

— Ah! É fácil. — Debochei. — É porque, como eu pretendo ser jornalista um dia, aprendo palavras novas, como “discorrer”, e vejo a aplicação dela em frases. É fascinante! — Ri e ele balançou a cabeça em negativa.

— Boba. — Riu também. — É, eu acho que meio que sei o porquê você fica aqui. — Disse olhando profundamente em meus olhos, daquele jeito que era impossível me concentrar em qualquer outra coisa. — Além disso que você acabou de citar, é claro, um pouco de cultura nunca é demais, né? — Zombou de volta, mas voltou a me encarar. E eu fiquei com medo dele falar o porquê. Mas era tão óbvio. Desde que olhei Eduardo nos olhos pela primeira vez, eu sabia que tínhamos algo que nos ligava. Não era como se fosse amor à primeira vista, mas era como se eu sentisse que ele era minha alma gêmea, mesmo sendo totalmente cética do assunto.

— E por que seria? — Perguntei um tanto hesitante.

— Porque eu sou irresistível! — Ele riu e corou um pouco depois da brincadeira. E embora ele não acreditasse no que estava falando, era verdade. Ele era absolutamente e irrefutavelmente irresistível!

O sinal havia batido e eu não queria voltar para a sala de aula, não quando meu papo com Eduardo estava tão bom. Adiamos o máximo que pudemos, até sobrar só nós dois no corredor.

— Temos que ir. — Ele disse fazendo careta.

— É. — Revirei os olhos, fazendo careta também.

— Pois é!

Só então eu percebi que estávamos de mãos dadas. Não pensei muito antes de encostá-lo à parede e lhe roubar um beijo. Não um beijo, exatamente. Um selinho demorado. Ele me olhou ficando *vesguinho* por alguns segundos antes de fechar os olhos e segurar firme em minha cintura, de um jeito que fez uma onda absurda de calor subir por todo o meu corpo. Puxei seu lábio inferior ao final daquele curtíssimo momento, que se tornou um dos melhores da minha vida. Encostar meus lábios nos dele só provou o que eu já desconfiava, tínhamos uma química maravilhosa. Era sempre como uma presença física entre nós. Mas ele era tão estupidamente tímido às vezes.

— Você é mesmo irresistível! — Pisquei e saí, o deixando ali, parado, sem olhar para trás.

Quando a aula terminou, saímos discretamente, um separado do outro, mas tínhamos marcado de nos encontrar atrás da escola por meio de um bilhetezinho. Eu me sentia no ensino fundamental, mas ao mesmo tempo estava gostando da sensação. Tínhamos que ser discretos por causa de Jesse e por causa de Marina. Tenho que dizer que nosso plano não estava funcionando muito bem, mas tentávamos, eu juro.

Cheguei alguns minutos depois de Eduardo, e ele me ofereceu um sorriso lindo quando me viu, fazendo meu coração bater tão forte no peito que parecia que sairia pela boca. Eu estava apaixonada. E foi tudo tão rápido que parecia surreal, mas era verdadeiro. Eu sentia no peito, na pele e também na alma.

— Acho que estou te devendo um beijo decente. — Ele tomou meu rosto com uma mão e cobriu meus lábios com os dele. E não foi nada tímido quando me puxou para mais perto enquanto me beijava. Nem quando segurou em meu cabelo com precisão. Muito menos quando me encostou ao muro e deslizou a mão bobamente pelo meu corpo, me fazendo arfar.

— Beijo decente pago. — Brinquei com a respiração ofegante depois do momento.

— Eu estava morrendo de vontade de fazer isso. — Ele sorriu de lado.

— Eu também. E acho que não precisamos perder mais tempo. — Sussurrei em seu ouvido. — Quer ir para a minha casa? Minha mãe vai para o clube hoje e estou sozinha — Convidei. E

nem precisava esperar pela resposta, dava para sentir que ele queria.

Estávamos loucos um pelo outro. E isso era nítido, desde o meu desespero para abrir o portão e a forma como me xinguei por sempre derrubar a chave, até o modo como fomos nos agarrando até o meu quarto sem nos desgrudarmos por um único segundo, caindo juntos em minha cama.

Eu olhava profundamente em seus olhos, estava presa entre seus braços, um de cada lado da minha cabeça. Achava um charme como seus cabelos caíam sobre os olhos, mas o que me deixava realmente louca, era o desejo que eles traziam em meio à respiração ofegante. Toquei seu rosto e ele beijou minha mão. Deslizei as mãos sobre seu abdômen e, para minha surpresa, descobri ser bem *definidinho*. Ele se arrepiou e então me beijou, me beijou com urgência, me beijou como se precisasse de mim para sobreviver. Meu coração disparou e eu suspirei. Se ele precisava de mim, por Deus, eu precisava muito mais dele. Eu precisava que ele me amasse intensamente. Precisava de suas mãos, de seu toque, de seu beijo, mas, principalmente, e exclusivamente, do seu amor.

Subi lentamente uma perna sobre seu quadril e suas mãos apertaram firmes a minha cintura, ganhando vida. Desceram pelas minhas pernas e passaram pelas minhas coxas com devoção, acariciando cada milímetro da minha pele e me fazendo sentir a mulher mais especial do mundo. Eu precisava sentir sua pele na minha, então segurei a barra da sua camisa e a deslizei por sua cabeça. Tenho que admitir, me surpreendi quando ele não foi nada delicado e rasgou minha blusa, fazendo um gemido escapar por meus lábios. Eu gostei tanto daquilo que mordi os lábios e sorri, me liberei do resto da roupa e o agradei. O agradei do meu jeito, é claro, beijando seu pescoço lentamente, explorando cada pedacinho dele. O agarrei pela cintura com as pernas, tentando diminuir ainda mais a distância entre nós e sentindo o calor que ele emanava.

— Eu te amo! — Ele sussurrou olhando em meus olhos antes de segurar meus braços acima da cabeça e começar a beijar meu colo, depois minha barriga e cada *partezinha* do meu corpo, lentamente. Perdi o fôlego. Era impressionante o que ele fazia comigo. Eu estava louca por ele, tudo em mim implorava por ele. E ele percebeu isso. Engraçado, eu sabia que era sua primeira vez, mas ele não parecia nervoso, eu só via a sua preocupação comigo e o seu desejo. Ele estava lindo, confiante e seguro. Eu nunca havia me sentido tão feliz e tão completa. Também nunca havia sentido tanto prazer antes. Quando nossos corpos se misturaram, eu não tive nenhuma dúvida, eu o amava. Eu o amava louca e profundamente. Eu fechava os olhos e o mundo todo sumia. Naquele momento, só existia ele, eu e o nosso amor. Meu corpo explodiu em um forte orgasmo, inédito para mim até então. Nossos corpos pareciam feitos para se encaixar e se completar.

— Você está cansado? — Perguntei sorrindo e acariciando seu rosto suado, e pude ouvir sua risada sair fraquinha de seus lábios.

— Eu estou realizado! — Respondeu sorrindo.

Eu achei suas palavras engraçadinhas e cobri seus lábios com os meus. No final do beijo, ele mordeu meu lábio inferior.

— Você é tão linda. — Ele sussurrou. Eu quis dizer que eram seus olhos, mas me sentia mesmo linda, me sentia a mulher mais linda do mundo, e então, em vez da modéstia, escolhi a

verdade.

— Eduardo, eu te amo. Você é o homem da minha vida. — Eu não tive medo da resposta não ser a mesma, porque naquele dia eu sabia, ele me amava. Cada pedaço dele me mostrava amor. A sua resposta foi um beijo, foi a sua língua explorando minha boca, foi a força exata e precisa de sua mão em minha nuca.

— Você tem alguma dúvida de que você é a mulher da minha vida? — E a resposta ele já sabia, eu não tinha nenhuma dúvida. Eu era dele, de corpo, alma e coração. Não importava o tempo, tínhamos absoluta certeza. Dava para sentir que o que tínhamos era único.

Esse dia também foi a primeira vez que ele cantou para mim, e juro, eu quis casar com ele naquele momento. Quis casar com ele quando sua voz grave cantava a canção “*Your Body Is a Wonderland*”, do John Mayer, me fazendo rir e o olhar feito uma boba.

— “*Damn, baby. You frustrate me. I know you're mine, all mine, all mine. But you look so good it hurts sometimes. Your body is a wonderland. Your body is a wonder. Your body is a wonderland. Your body is a wonderland.*” — Ele cantou essa parte em especial olhando em meus olhos profundamente, com um sorrisinho no rosto que me fazia rir também.

— Você é um bobo! — Eu queria dizer que o amava, mas soaria repetitivo, então apenas mostrei a língua enquanto ele afagava meus cabelos. Era também uma forma de dizer “eu te amo”.

— Linda! — Retrucou e me deu um beijo. — Você é maravilhosa, com M de Melina. — Ele riu fazendo referência ao dia que escreveu *Megera* na lousa.

— Viu? Nunca julgue uma pessoa antes de conhecê-la! — Debochei convencida.

— Eu fui tão inocente! Quando você disse “*prepare-se para um oceano de emoções*” no nosso primeiro encontro, eu juro que pensei que você se referia ao filme.

E naquele momento, eu quis casar com ele novamente.

Em pouco tempo, éramos *Eduarlina*. Inseparáveis. E desesperadamente apaixonados. No começo hesitamos um pouco em ficar juntos no colégio, não queríamos magoar ninguém. Só que não dava para disfarçar os olhares, o carinho e até o ciúme bobo que tínhamos um pelo outro. Qualquer um percebia, era nítido. Como eu já disse, o amor não é discreto.

“*...Fez da minha vida poesia. Fez o seu abraço moradia. Fez dos seus beijos a melhor parte do meu dia. Ensinou-me a amar, até a rimar. Eu, que sempre odiei rimas, fazia algumas baratas para você. Achava que sua vida rimava com a minha. Que o seu amor rimava com o meu. E tudo em mim era seu.*”

-Publicado por Melina Matarazzo.

Capítulo 3

Sete anos atrás

“E se eu sair por aquela porta amanhã, ou quem sabe depois, você sentirá a minha falta? Nesse momento eu me encontro sentada, encolhida, para falar a verdade, abraçada em minhas pernas, em uma tentativa de não me perder de mim. Tento não pensar em você ou no dia em que sairei da sua vida, mas é totalmente inevitável. Já passei horas olhando pela janela e imaginando as mesmas cenas. Eu nunca fui tão pessimista, mas morro de medo de te perder...”

Como aquele era o ano do vestibular, Eduardo e eu decidimos estudar juntos. Criamos uma rotina de três horas de estudo por dia e combinamos que um ajudaria o outro nas matérias que tivesse mais facilidade. Eduardo não tinha dificuldade em nenhuma matéria, e ele aprendia consideravelmente mais rápido do que eu, mas eu achava bonitinho quando ele me deixava explicar alguma coisa para ele. Ele sempre explicava tudo o que eu não entendia com a maior paciência do mundo, e no final, ficava sempre tudo mais claro. Às vezes eu não conseguia entender uma parte difícil de uma matéria específica, mas fingia entender para não me sentir tão burra ao seu lado. Eduardo percebia e explicava de novo, sem que eu pedisse.

Era gostoso estudar com ele, nós passávamos muito tempo juntos, e só me dei conta disso quando as pessoas começaram a comentar “*vocês estão grudados demais!*”, mas ainda parecia pouco para mim. A matéria favorita de Eduardo era História, e a minha, Inglês. Eu realmente conseguia ensinar algumas coisas da minha matéria predileta para ele, e ficava orgulhosa por isso. E ele me mostrava tantas coisas interessantes que aprendia estudando sozinho... Era fofo quando me contava histórias sobre grandes personalidades femininas, porque ele sabia que me chamavam atenção. Ouvi Eduardo contar histórias de Cleópatra, Maria Antonieta, Ana Bolena e tantas outras com tanto detalhe, que eu me apaixonava ainda mais por ele. Eu me encantava toda vez que ele se lembrava de mim enquanto estudava, era engraçado quando dizia “*nesse ponto, ela parecia um pouco com você*”, e então continuava contando, todo concentrado, e mesmo que as personalidades não fossem completamente boas, eu gostava de me parecer com elas em alguns pontos.

— Dá para acreditar que vamos nos formar esse ano? Parece que passou tão rápido. — Eu disse enquanto ele fazia cafuné em meu cabelo no banco do pátio, durante o intervalo.

— A vida adulta finalmente vai começar e eu não estou ansioso, não. — Ele mordeu o lábio fazendo uma careta e em seguida me roubou um selinho demorado. — Você está linda hoje!

Eu me levantei de seu colo rindo.

— Você me ama demais, sabia? — Eu ri e o abracei, agradecida pelo elogio em um dia péssimo; cabelo oleoso, preguiça de me maquiar e uniforme completamente amassado. — Amor, ficarei com saudades quando você for para a faculdade. — Murmurei ainda dentro do seu abraço, ele me apertou mais forte.

— Não vai, não. Nós nunca vamos nos separar. — Prometeu me olhando com um sorriso e fez um carinho em meu rosto.

O sinal bateu e fomos para a sala de mãos dadas. Sentávamos um ao lado do outro e fazíamos todos os trabalhos juntos, todos estavam acostumados com o nosso grude, mas sempre tinha alguém para implicar.

— Bom dia, pessoal! — Desejou Carlos, o professor de História. Sempre que um professor dizia “*bom dia, pessoal!*” depois de uma prova, parecia meio irônico. — Eu corrigi as provas de vocês durante todo o final de semana, e olha... Vi cada coisa que me fez questionar se sou um bom professor! — Ele disse em tom bem-humorado. — Mas alguns alunos se destacaram, é claro. — Apertei a mão de Eduardo, pois sabia que era dele que nosso professor falava. Todos sabiam e olharam para ele, o deixando sem graça e me fazendo rir. — A melhor nota foi a do Eduardo, mas a sua dama também não ficou para trás. — O professor entregou nossas provas. Eduardo tirou um perfeito 10, já eu, 9,8.

Sempre fui uma aluna mediana, não tirava péssimas notas, mas sempre estava no limite do aceitável. Depois que comecei a namorar Eduardo, minhas notas começaram a se igualar as dele, e isso me deixava extremamente feliz, mas incomodava outras pessoas.

— A Melina tirou a melhor nota da sala? — Jesse riu debochadamente.

— Não. — Respondeu Marina. — A melhor nota foi a do Eduardo. Mas por que será que a dela foi tão alta? — Questionou ironicamente e Jesse sorriu para ela, formando um complô para insinuarem que eu havia colado. O que não era verdade, eu sabia a matéria, nós tínhamos estudado juntos.

Estava pronta para soltar todos os meus cachorros em cima deles quando Eduardo saiu em minha defesa. Eu me desconcentrei e só consegui sorrir para ele.

— Porque ela é extremamente inteligente! — Declarou Eduardo e me deu um selinho demorado. Ele havia se irritado com os comentários, por isso fiquei ainda mais encantada quando ele me defendeu. Ainda mais de Marina, que era uma dessas *amiga de família*, coisa de muito tempo, e inclusive vivia enchendo o saco na casa dele com a desculpa de que estava ali pela Carol, mas eu sabia que, no fundo, Marina ainda tinha alguma esperança louca de ficar com Eduardo, o que me deixava extremamente irritada.

— Awn! — Zombou Jesse, levando o dedo à garganta. — Vou vomitar.

— Parabéns, Melina! — O professor Carlos me cumprimentou e pediu silêncio para que pudesse entregar o restante das provas. — Jesse, se eu fosse você, parava de me preocupar com

as notas da Melina e já começaria a estudar para a próxima prova, porque você foi mal, hein, rapaz?! — Carlos fez uma careta ao olhar a nota de Jesse e entregou a prova para ele.

As provas e atividades finais estavam acabando, o que me fazia respirar aliviada, já que o ritmo era sempre puxado em finais de bimestre.

Eu caminhava com Eduardo em direção à minha casa, conversando sobre as matérias que ainda faltavam estudar, quando Rachel nos interrompeu.

— Posso roubar a Melina um pouco? — Pediu ainda um pouco indiferente a ele, levantando o nariz. Rachel não gostava de Eduardo, e quando ela não gostava de alguém, não adiantava lutar contra essa antipatia.

— Claro. — Disse Eduardo dando de ombros.

Nós nos afastamos do meu namorado e ela perguntou:

— Melina, sinceramente, você acha isso saudável? — Rachel foi direta, estava bem diferente da menina que era no ano anterior, algum tempo depois de eu me silenciar na noite em que vi Will e Clara juntos. Ela descobriu com os próprios olhos, e imagino quanto isso deve ter sido horrível para uma garota apaixonada, mas ela não conversou sobre isso com ninguém, também nunca pareceu triste na frente de qualquer pessoa, mas eu a conhecia, eu sabia como aquilo tinha matado um pouquinho dela, principalmente por ter sido enganada por tanto tempo.

Nós já não estávamos tão próximas, o fato de ela não gostar de Eduardo dificultava bastante nossos encontros, mas não era só dela que eu me havia me distanciado, eu sabia que estava sendo uma péssima amiga para todo mundo. Eu não sabia mais coisas bobas de Rachel, como o que ela pretendia fazer quando se formasse ou se estava gostando de alguém. Sabia que ela parecia fechada e mais ácida, e também que ela estava saindo muito com os novos amigos festeiros. Mas eu sentia saudades, isso era um fato.

Suspirei e respirei fundo, tentando pensar em uma justificativa para o nosso afastamento, mas simplesmente não havia. Exceto o fato de eu ser uma péssima amiga, que só vivia grudada no namorado, mas essa não era aceitável. Porém, quem consegue colocar na cabeça de uma garota de dezessete anos que o mundo não gira em torno do amor?

— Rachel, sei que tenho sido uma péssima amiga, mas eu acho que podemos mudar isso, eu sinto tanto a sua falta. — Eu disse mexendo no cabelo, eu sempre mexia no cabelo quando ficava nervosa.

— Eu realmente acho ridículo você abandonar todos os seus amigos por causa de um cara, mas cada um faz o que quer. — Ela deu de ombros.

— As coisas não são assim, Rachel. Eu tento falar com você, mas você se afasta. — Eu me defendi ofendida. Era verdade, eu vinha tentando falar com ela nos últimos tempos, mas ela não parecia muito interessada, não mais.

— Não, você não tenta. Para você eu virei só uma extensão do meu irmão, que aparece aqui

para te lembrar de que aquele carinho que sempre te adorou e com quem você não teve um pingô de consideração ao desfilar por aí com outro, ainda existe. Mas não vim falar sobre isso, Jesse não está mais nem aí pra você. — Ela defendeu o irmão. — Eu vim dizer algo que acho necessário depois dos nossos anos de amizade... — Rachel limpou a garganta. — Eu não vou ficar implorando pela sua amizade, não, mas quando as coisas derem errado pra você, não pense que a minha casa estará aberta.

— Rachel, você está sendo tão injusta comigo! Eu nunca pensei em você assim. — Afirmei categoricamente. — É você que nem tenta mais falar comigo...

— Porque não dá! — Ela me interrompeu e sorriu debochadamente. — Só tome cuidado, você não pode passar como um caminhão por cima das pessoas, pensando apenas em você. — Rachel sequer me deixou responder e me deu as costas, mas depois se virou novamente. — Ah, e não precisa mais tentar, estou colocando um ponto final na nossa amizade. — E foi embora.

Eu não estava sendo o melhor tipo de amiga, e de pessoa. Eu admitia. Mas a única coisa que não era verdade nas palavras de Rachel, era que sua casa não estaria aberta se eu precisasse, porque eu precisei, e ela me acolheu de braços abertos. Grandes amizades são assim, resistem a qualquer coisa.

— O que foi? — Eduardo perguntou preocupado ao me ver chateada.

— A Rachel... — Expliquei. — Ela acha que não ligo para ninguém além de você.

— Ela só está com ciúmes. — Eduardo passou a mão em volta da minha cintura e me abraçou por trás. — Não fica assim, não, linda.

Encarei Eduardo e tentei levar em conta o pensamento de Rachel, mas não consegui. Os olhos castanhos de Ed me desconcertavam, e fui obrigada a, por alguns segundos, dar créditos às palavras da minha melhor amiga. Talvez eu estivesse mesmo envolvida demais... Mas, de qualquer forma, eu não me importava. Eu o amava tanto, nada para mim soava mais certo que nós dois.

Fomos para casa e fiquei pensando naquilo o dia todo. Olhei para Eduardo estudando sentado no chão do meu quarto e refleti sobre o fato de não conseguir imaginar a minha vida sem ele, e como isso era completamente assustador. Ele era o fator principal dos meus dias, e sim, era a melhor coisa da minha vida também. As brigas constantes com a minha mãe me deixavam mentalmente exausta, ela sofria de depressão e tinha um péssimo relacionamento com meu pai, então descontava todas as suas frustrações em mim. Eu não entendia os motivos por ela agir dessa forma, mas já estava acostumada. Eduardo era o meu suporte, a única pessoa com quem eu conseguia conversar sobre aquilo sem me sentir frágil demais. Ele me fazia me sentir confortável, mais do que isso, ele era um remédio para a minha alma.

Nunca havia acreditado no amor, afinal, minha família nunca foi um bom exemplo disso. Mas Eduardo me fez ter a total certeza de que o amor existia, de que podíamos sim, viver ao lado de alguém que melhoraria os nossos dias e que nos faria sentir especial. E que dentro disso tudo não sobrava espaço para mentiras, como no relacionamento dos meus pais. Ou, ainda, que não era nada parecido com o relacionamento raso que eu tinha com Jesse. Era simplesmente um

sentimento único, e eu sabia que era raro, por isso aproveitava ao máximo.

— Terminou, amor? — Perguntei quando o vi deixando os livros de lado e parando com as anotações.

— Por hoje, sim. Já estou cansado. — Eduardo coçou os olhos e se deitou em meu tapete.

— Deita aqui. — Pedi batendo a mão em minha cama. Ele obedeceu prontamente.

Passávamos todas as tardes no meu quarto, estudando, namorando ou conversando. O importante era estarmos juntos. As paredes antes pretas, agora eram vermelhas e o local onde eu havia pichado “*Kill me*” deu lugar para um mural cheio de fotos minhas e de Eduardo. Minha mãe nunca se incomodou com o fato de ficarmos o dia todo em meu quarto, pelo contrário, fazia de tudo para agradar a Eduardo. Ela era completamente louca por ele, muito diferente do sentimento que minha sogra tinha por mim. Eu sentia que a mãe do Eduardo não gostava muito da minha presença na vida dele e, por isso, a minha casa era o nosso ponto de encontro. Claro que eu nunca disse isso a ele, não sabia o porquê de sua mãe ter certa aversão a mim, mas acreditava que ela tivesse um pouco de ciúmes, eu sabia que recebia mais atenção de Eduardo do que qualquer outra pessoa. Mães costumam ser muito ciumentas com filhos meninos.

— Você está ansioso para a viagem de formatura? — Perguntei animada. Eu realmente estava empolgada, Clara e eu sempre planejávamos todas as loucuras que faríamos nessa viagem, era algo que eu aguardava há tempos.

— Não muito. — Ele riu ao me ver olhar para ele com cara feia. — Você passa muito vexame quando bebe. — Implicou em tom brincalhão, mas eu sabia que ele estava falando sério, já que ele odiava quando eu ficava bêbada. Sei que eu era uma bêbada chata, feliz, mas chata, o que não o poupou de levar um tapa.

— Mentira! — Eu disse rindo. — Tá, tudo bem, posso ser um pouco chata, mas você não fica muito atrás.

— Eu só bebi uma vez! — Ele riu e balançou a cabeça como se quisesse esquecer o tal dia.

— Sim. E bastou uma vez para ser inesquecível. — Gargalhei e Eduardo bagunçou meu cabelo. — Lembra? — Perguntei ainda rindo. Eduardo bufou e notei como ele estava começando a ficar irritado, o que me dava mais prazer ainda, claro.

— Não quero me lembrar disso. — Fechou os olhos e não conseguiu conter o riso. — Foi sua culpa!

— Vou relembrar! — Ele colocou a mão na minha boca, tentando me calar.

— Para! — Pediu também rindo, enquanto eu me debatia para me livrar de suas mãos.

— Vou morder sua mão! — Declarei e ele duvidou. Quando tapou minha boca novamente, mordi sem pena.

— Filha da mãe! — Ele xingou. — Vou ter que devolver a mordida. — Deu risada e se aproximou de mim, dando uma mordida forte no meu lábio inferior.

— Doeu! — Eu disse fazendo um biquinho. — Mas foi gostoso. — Sorri com malícia. — Vou ter que revidar... — Mordi seu lábio também e fiquei satisfeita quando senti um pouquinho do sangue dele nos meus lábios.

— Como você é sádica! — Ele debochou e tomou meus lábios novamente, em um beijo que podia incendiar aquele quarto.

Arranquei sua camisa e joguei longe, e isso despertou algum tipo de urgência nele, pois avançou sobre mim de um modo que eu sentia suas mãos por todo o meu corpo. Nós éramos completamente íntimos na cama, conhecíamos as preferências e cada *partezinha* do corpo um do outro. Nosso sexo ficava cada dia melhor.

Estávamos completamente fatigados quando acabamos. Vestimos nossas roupas, para não correremos o risco de minha mãe nos pegar de um jeito constrangedor, e ficamos abraçados na cama.

— É sério, você deveria se animar para a formatura, será nossa primeira viagem juntos. — Eu disse animada. — Imagina como vai ser legal... Vamos poder dormir juntos pela primeira vez também. — Tentei convencê-lo de que a viagem seria especial. — E eu prometo não beber. — Acrescentei, mas sem muita certeza.

— Linda, não é esse o problema. — Ele me beijou. — Eu amo você, mesmo quando você é uma chatinha bêbada, é que não faz muito o meu estilo, sabe? Mas estou ansioso para poder dormir com você pela primeira vez, isso realmente é legal!

Ele fez carinho em meus cabelos, eu sabia que ele estava falando aquilo para me deixar feliz, mas seu abraço era tão acolhedor e seu carinho tão confortante que eu realmente não ligaria se não fôssemos para a viagem e ficássemos em casa, contanto que estivéssemos juntos.

— Vai ser assim quando nos casarmos, digo... — Olhei-o meio nervosa.

Eu nunca tinha feito planos de longo prazo com ninguém, e saiu tão naturalmente da minha boca que não consegui controlar. Ele me deixou à vontade para falar do assunto ao sorrir assim que eu disse a palavra “casamento”.

— Dormiremos juntos todos os dias. — Acrescentei ainda meio receosa. — E teremos no mínimo dois gatos. — Comecei a devanear. — Nossa casa será pequena, mas terá um quintal bonito. — Sorri ao imaginar.

— E os gatos terão os nomes estranhos que você gosta. — Ele entrou na minha imaginação sobre o nosso futuro, e eu me senti tão feliz por isso... Por ter alguém para fazer planos comigo. — E, sinceramente, não vejo a hora de isso acontecer. — Confessou, colando seus lábios em meu pescoço.

— Eu também não. — Sorri completamente satisfeita com sua resposta. Eu sabia que

Eduardo me amava, mas ele ainda me dava frio na barriga, me deixava ansiosa por suas respostas e sempre me surpreendia.

Ficamos na cama divagando por algum tempo, até que o silêncio começou a me incomodar e decidi perturbar meu namorado, como eu sempre fazia quando tinha oportunidade.

— “*Melina, vamos dançar?*” — Comecei a imitar sua voz como no fatídico dia em que ele bebeu.

— Você ainda não esqueceu isso, mesmo com todo o meu esforço? — Ele riu e deu de ombros, me deixando continuar debochando dele.

— Eu falei para você: “*Amor, para, estamos passando vergonha!*”, e você: “*Não tem vergonha em amar*”. Muito constrangida, eu tive que te ignorar, mas você não ficou satisfeito e continuou lá, dançando sozinho daquele jeito bem vergonhoso. — Gargalhei ao recordar. — Como boa mulher que sou, não quis te deixar passando vergonha, então fui dançar vergonhosamente com você.

— Você conta essa história como se não a tivesse repetido um milhão de vezes. — Ele mordeu meu nariz.

— Mas ela nunca perde a graça. — Constatei rindo e fiz carinho em Tusho, meu gato, que sempre era nosso companheiro na cama.

“...*Sabe o que é? Demorei tanto para te encontrar, demorei uma vida inteira, e só quando você chegou, só quando me beijou, eu senti algo. Algo que nem me arrisco a dizer, só sei que foi diferente de tudo o que já senti antes...*”

Nunca sabemos quando algo ruim está para acontecer, acontecem sem nenhum aviso prévio e nos atingem de maneira avassaladora. Eu sabia que havia algo estranho quando Eduardo disse que não ia para o colégio no dia seguinte. Insisti em saber o porquê, já que tínhamos uma atividade que valia nota e, em circunstâncias normais, ele nunca perderia, mas Eduardo apenas me disse que estava muito indisposto.

Ir para o colégio sem Eduardo era bem esquisito, sempre que um de nós precisava faltar, o outro faltava também, e essa seria a minha primeira vez sem ele desde que começamos a namorar. Sim, éramos completamente grudados um no outro. Ouvi repetidas vezes “*cadê o Eduardo?*”, e achava engraçado como as pessoas nos tratavam como se fôssemos um só.

No intervalo, me sentei ao lado de Will. Nós éramos bem amigos, apesar da cachorrada que fizera com a Rachel, mas eu gostava de conversar com ele e realmente nos dávamos bem. Will sempre me pedia ajuda com suas conquistas, por isso eu sentia que ele me via como uma irmã.

— Eu não te entendo, Will! Está sempre pulando de galho em galho. — Balancei a cabeça

em negativa enquanto comia meu lanche.

— Eu sou bicho solto, Melina. Mas não queria ter magoado a Rachel, fiz merda com ela. Ela não merecia, provavelmente era uma das minas mais firmeza que já conheci.

— Sim, você fez. E agora, está com a Amanda? — Perguntei curiosa, já que os dois andavam desfilando juntos pelo colégio.

— Sim. — Ele respondeu com um sorriso, um sorriso diferente de todos os que eu já o vira dar.

— Hum... — Debochei e o cutuquei. — Não acredito que o bicho solto está querendo se amarrar.

— Sai fora! Eu ainda quero curtir muito, mas ela mexe comigo, não vou mentir. — Ele tentou segurar o sorriso quando eu o encarei para ver se aquilo era mesmo real. Will estava apaixonado.

— Para de ser otário, Will. Se você gosta dela, fica com ela. Não tem nada melhor do que curtir com quem se ama.

— Deus me livre ficar igual a você e o Eduardo! Mas relaxa, não pretendo me afastar dela, não. Só não estou pensando em namoro nem nada disso.

Baguncei os cabelos castanhos de Will e ele segurou meus braços.

— Milagre você longe do *nerdzinho*! — Gargalhou ainda segurando meus braços e me encarando com seus olhos castanhos, que faziam perfeito contraste com sua pele bronzeada.

— Eu não sei o que aconteceu. — Eu disse chateada e Will me soltou para ouvir. — Ele não veio hoje, falou que estava doente, mas sei que estava mentindo. Talvez tenha acontecido algo e ele não quis me contar.

— Ou ele pode estar dando uns pegas em outra loirinha, ou quem sabe em uma moreninha. — Brincou, mas quando viu minha cara feia, ele riu. — Relaxa, Melina, deixa o cara respirar um pouco.

— Ele não é um idiota como você. Ele me ama e não vai deixar isso de lado para curtir o mundo e só depois voltar para quem ele já tem certeza que é a sua felicidade. — Dei uma indireta em Will e ri convencida. — Will, já passou pela sua cabeça que quando decidir parar, talvez ela não esteja mais na sua?

— Não. Você já viu alguma garota que peguei não ficar na minha?

— A Clara, ela não está nem aí pra você. — Afirmei. Mas eu não tinha tanta certeza, Clara tinha o jeito dela, e nunca demonstrou estar chateada por Will pegar outras garotas, mas, às vezes, eu sentia que ela escondia um pouco seus sentimentos. Não a culpo, qualquer pessoa com cérebro esconderia seus sentimentos quando o assunto fosse o Will. Ele era um canalha.

Infelizmente, para todas elas, um canalha apaixonante.

— Ela é louca por mim. — Ele estalou a língua e riu. — Gosto dela também, ela é louca, e me deixa louco também.

— Você não vale nada. Não sei por que faz essas confissões para mim.

— Porque você é um caso perdido, não vale a pena tentar te pegar.

— Ainda bem que você sabe! — Revirei os olhos, terminando de comer meu lanche.

O dia passou bem devagar e eu só tive que responder umas quinhentas vezes o que tinha acontecido com Eduardo, mas tudo bem, era o preço do amor, eu aceitava. Passei pelo portão principal e me espantei quando vi Eduardo lá, me esperando.

— Oi, minha linda! — Ele sorriu e me deu um beijo na testa. — Eu preciso que você confie em mim e venha comigo sem fazer nenhuma pergunta.

— Tudo bem. — Respondi rapidamente.

Ele era a pessoa que eu mais confiava no mundo, e se estava dizendo que eu tinha que ir com ele, com aquela expressão séria no rosto, eu sabia que tinha que ir.

Pegamos um táxi e fomos para um lugar bem afastado do colégio. Fui deitada em seu ombro o caminho todo, mas ele não me olhava. Meu coração estava ficando apertado. Eu não quis fazer nenhuma pergunta, mesmo que minhas mãos estivessem suando de nervoso. O carro parou em um lugar bem bonito, mas ainda não dava para ter ideia de onde estávamos. Eduardo abriu a porta para mim, me abraçando quando desci.

— Estou ficando assustada.

— Calma. — Pediu e me guiou por um lindo caminho de pedras. Fiquei encantada ao perceber que estávamos em um campo repleto de margaridas.

— O que está acontecendo? — Perguntei. Dessa vez, realmente nervosa.

— Amor... — Eduardo abaixou a cabeça. — Aconteceu uma coisa triste ontem, e achei que seria melhor te dar a notícia em um lugar bonito e cercado pelas suas flores favoritas.

— O que aconteceu? — Minha voz saiu trêmula.

Eduardo apenas me abraçou forte e então se afastou, mas só um pouquinho, para poder me contar.

— Ontem, quando eu estava saindo da sua casa, vi um gatinho atropelado na rua. Eu me aproximei e... era o Tusho. Não havia mais o que fazer, ele já não respirava quando o encontrei. — Contou devagar, tentando encontrar as palavras certas.

Tusho tinha cinco anos, e eu tinha verdadeira adoração por ele. Ele sempre estava comigo em

meu quarto e ultimamente virara um bom amigo de Eduardo também. Estava sempre deitado ao nosso lado, ronronando quando fazíamos carinho entre suas orelhas.

Não consegui falar nada, apenas explodi em lágrimas. Eduardo nunca tinha me visto daquele jeito, era sempre uma dor horrível quando eu perdia um bichinho. Os animais nos amam de uma maneira tão pura e verdadeira que, quando se vão, parece que levam um pedaço de nós com eles. Eu me agarrei a Eduardo como se ele fosse uma boia e eu estivesse me afogando. Ele me segurou firme, me envolvendo em um abraço protegido, como faria um super-herói.

— Foi por isso que você faltou hoje? — Murmurei em meio a soluços.

Eduardo beijou minhas lágrimas e me olhou com carinho.

— Queria preparar algo bonito para você, porque mesmo que aconteçam coisas ruins na vida, sempre há algo bonito para se olhar. — Ele arrancou uma margarida e a colocou no meu cabelo antes de me dar um beijo na testa.

— E onde ele está? — Perguntei meio receosa.

— Eu o enterrei aqui. — Eduardo me guiou segurando a minha mão até o local onde havia enterrado Tusho. Quando avistei a plaquinha com o nome do meu gatinho escrito “*Um grande amigo*” e as flores em volta, amei Eduardo ainda mais, mesmo achando que fosse impossível. Eu o amei tanto que meu coração chegou a doer. Chorei com o carinho daquele gesto e o abracei com força.

— Meu Deus, Eduardo, eu te amo muito! — Eu declarei me pendurando em seu pescoço.

— Eu também te amo! Não queria que você ficasse muito triste.

— Eu estou muito triste, mas ao mesmo tempo, muito feliz. — Sorri em meio às lágrimas. — Por saber que tenho tanta sorte em ter você. — Sequei algumas lágrimas, ficando um pouco envergonhada por estar tão frágil.

— Eu é que tenho sorte. Muita sorte! Eu te amo, de verdade!

— Eu sei. — Distribui beijos por seu rosto. — Obrigada, posso me despedir dele? — Pedi olhando para o túmulo do meu gatinho.

— Claro! — Eduardo me deu licença.

Eu me sentei perto de Tusho e comecei a me lembrar de todos os momentos bons que passamos juntos. Eu não conseguia ficar triste sem me torturar com boas lembranças, por isso evitava ao máximo esse sentimento. Lembro-me de como ele era pequenininho e cabia em minha mão quando eu o adotei. De como ele corria atrás do próprio rabo e brincava por horas com um barbante que eu arrastava para ele. De como ele gostava de carinho na nuca e na cabeça, ficava todo molinho quando alguém o acariciava. Do modo como ele sempre gostava de atrapalhar as empregadas de casa grudando em suas vassouras. Ou do jeito que ele se aninhava ao meu lado toda vez que eu ficava triste, me olhando como se dissesse: “*Hey, estou aqui!*”. Ele era o melhor

gato do mundo e eu não estava pronta para dizer adeus, mas nós nunca estamos quando chega a hora.

Olhei ao redor e realmente me senti uma garota de sorte. Mesmo quando a vida me colocava no chão, eu sabia que tinha um lar. Eduardo era incrível, dava um enorme valor para suas notas e ter faltado em um dia de trabalho importante só para me confortar era um gesto que exalava amor, paixão e carinho. Eu o chamei de volta e ficamos abraçados. Ele me ouviu lembrar todos os momentos marcantes de Tusso sem me repreender por ser nostálgica, e ainda me ajudou a recordar dos que ele participou.

Ao chegar em casa, eu me sentia extremamente triste, mas o amor de Eduardo confortava o meu coração.

— O Eduardo te contou? — Perguntou minha mãe.

— Sim. — Respondi secando uma lágrima que escapava e fui em direção ao meu quarto.

— Melina... Eu sinto muito. — Disse minha mãe, e eu percebi sinceridade em suas palavras. Apesar do nosso péssimo relacionamento, eu sabia que minha mãe me amava. Do seu jeito, mas amava.

— Eu também, mãe. Obrigada. — Sorri para ela e fechei a porta do quarto, para que eu pudesse chorar em paz.

“Dorme bem, minha linda.”, li a mensagem de Eduardo com um pequeno sorriso no rosto.

“Dorme bem também, meu amor. Obrigada por tudo, mas, especialmente por existir.”

“...De onde estou, consigo imaginar o dia em que tudo acabaria. Começaria por este quarto, você cabisbaixo me dizendo que iria embora. Eu seguraria todas as minhas lágrimas, afinal, eu não seria eu se não fingisse não ligar. Você me diria coisas bonitas, me elogiaria, diria que eu encontraria alguém – eu te amaldiçoaria mentalmente quando você dissesse isso –, e eu te ofereceria um dos meus melhores sorrisos. Eu te agradeceria por tudo o que tivemos e te diria que poderíamos ser amigos, você concordaria. E então se despediria, e eu me forçaria a não olhar nos teus olhos, mas acabaria olhando, para guardar a última vez em que nos encaramos como ‘nós’. Você sairia. A cada passo se afastando mais de nós dois. As lágrimas venceriam meu esforço para ser forte, e ali, sozinha, eu choraria. Finalmente sem minha fantasia. Somente eu. Literalmente sozinha. No meu maior medo...”

Finalmente eu estava me formando, era incrível como tinha passado rápido. Sempre que eu pensava em me formar no ensino médio, parecia algo tão distante. Mas ali estava eu, vestida de Cleópatra na festa à fantasia de formatura, assistindo o meu namorado ser o orador da turma. Ele era um lindo marinheiro, e eu tentava não sorrir tanto ao olhar para ele, mas era engraçado ouvir um discurso sério de um cara vestido de marinheiro. Rachel se sentou ao meu lado e apoiou a

cabeça em meu ombro.

— Eu vou sentir muito a sua falta. — Confessou ela. Não nos falávamos desde o dia em que ela disse que não éramos mais amigas. E tê-la ali, ao meu lado, era algo que fazia o momento ainda melhor.

— Eu também, Raka. Muito mesmo!

— Eu sei. Desculpa por aquele dia, sei que também não tenho sido a amiga mais legal do mundo. E eu queria que você soubesse que fico muito feliz por você e pelo... — Ela fez uma careta rindo. — Eduardo. Vocês são aquele tipo de casal que todo mundo quer ser. Menos eu, é claro, eu só quero curtir.

Ri e balancei a cabeça.

— É, eu estou sabendo de todas as festas que você tem frequentado sem me convidar.

— É que você não gostaria de ir. Você e seu vovô têm que ficar fazendo coisas de velhinhos juntos e tal. Eu entendo. — Ela implicou.

— Pare de implicância! — Revirei os olhos para ela.

Rachel me encarou por alguns segundos, como se estivesse me analisando.

— Você mudou tanto, Mel! Mas para melhor, de verdade, anda mais radiante. E é bom te ver feliz, sem aquela angústia que você tinha antes. — Diagnosticou.

— Eu me sinto melhor mesmo. Sinto como se tivesse esperado por ele a vida toda. — Eu me abri com a Rachel e olhei para as minhas mãos. — Eu sei que pode parecer ridículo, mas me sinto tão bem com ele.

— Entendo... — Disse ela pensativa. — Na verdade, eu não entendo, mas acho que eu espero entender um dia, ao mesmo tempo em que acho que isso não é a minha praia. — Ela riu. — Ele está até bonito hoje, com esse visual de marinheiro.

Percebi a mudança repentina no assunto. Rachel não queria que eu pensasse que ela amava Will, tinha vergonha de ter se entregado tanto a ele.

— Ele é lindo! Você é que é implicante.

— Na escala Rachel de gente esquisita, Eduardo é o líder disparado, então se contente com o meu “até bonito”.

— Eu o acho lindo! — Sorri ao olhar para Eduardo no palco.

— Blerg! — Rachel fez uma careta.

— Tenho tanta coisa para te contar. Temos que passar horas colocando as fofocas em dia.

— Eu também. Nossa, tenho muita coisa para te contar.

O baile estava bombando, era a última festa que curtiríamos todos juntos, então todo mundo estava aproveitando ao máximo. Eu estava dançando como se não houvesse amanhã com Caroline, minha cunhada. Todos estavam mais alegres que o normal, graças ao ponche batizado de todos os anos.

— Como você se sente se formando? — Carol perguntou enquanto fazia uns movimentos espontâneos em sua dança.

— Eu me sinto um pouco velha. — Ri e tirei a peruca da minha fantasia, pois estava esquentando muito a minha cabeça.

— Acho que eu também vou me sentir assim quando me formar. — Ela riu e rodopiou.

— Eu quero te ver dominando essa escola quando eu sair! — Eu a abracei forte.

— Até parece! — Ela deu de ombros. — Nem ligo pra isso, só quero me formar logo.

— É fácil, é questão de objetivo. Diz aí um garoto que você gostaria de pegar. — Pedi a olhando.

— Sério?

Eu a olhei seriamente, mostrando que estava falando sério.

— Joel. — Ela disse dando de ombros.

— Presta atenção, você tem que pensar assim: “*Eu quero. Eu posso. Eu consigo*”. É a lei dos três “Eu”. Veja como é fácil. — Dei as costas para ela e fui até o Joel, o puxando pela gola da camisa.

— Joel... — Eu disse olhando para ele. — Tenho uma proposta irrecusável pra você.

— Fala. — Ele disse me olhando com um sorriso malicioso. — Cadê o seu namorado, Mel?

Revirei os olhos e o encarei.

— O amor da minha vida está ali. — Apontei para Eduardo, que me olhava como se quisesse me matar sentado no balcão do bar. — Mas a proposta não tem nada a ver comigo, é para a minha cunhada, ela te acha um gato. — Olhei nos olhos dele. — Fica com ela?

— Opa! — Ele mediu a Carol dos pés à cabeça e foi até ela. Ela ficou um pouco tímida no começo, mas dei um sorriso convencido quando vi os dois se agarrando. Acho que Eduardo não ficou tão satisfeito quanto eu.

— Não acredito que você pediu pra aquele cara pegar a minha irmã! — Eduardo me olhou aborrecido. — Por isso odeio quando você bebe.

Dei de ombros.

— Ela só quer se divertir. A Carol já tem quinze anos, e é linda, está na hora de ela enxergar quanto é maravilhosa.

A Carol era completamente maravilhosa, mas fora criada de modo superprotegido pelos pais, e isso fazia com que ela tivesse medo de testar novas experiências e fosse sensível demais em relação às coisas da vida, qualquer coisa a deixava extremamente magoada, pois seu coração era muito puro. Eu gostava de ajudá-la, me fazia bem. E eu sentia que esse era o meu papel, já que, para Eduardo, quanto mais a irmã afundasse a cara nos livros, melhor. Homens... Ciúmes... Blerg!

— Ela sabe que é maravilhosa. — Retrucou irritado. — Não gosto daquele cara e do jeito que ele pega na minha irmã. — Ele olhou para os dois se agarrando como se estivesse olhando para a coisa mais nojenta do mundo.

— Ué! Nós dois fazemos coisas muito piores do que aquilo.

— Mas ela é minha irmã! — Respondeu como se a resposta bastasse.

— Ela não é uma santa. Deixa a garota se divertir! A Carol precisa disso, só a vejo grudada nos livros ou chorando por causa de algum babaca. Quanto mais cedo ela descobrir que é capaz de fazer os garotos chorarem por ela, melhor.

Minha relação com a Carol era ótima. Apesar de não nos falarmos o tempo todo, sempre que ela precisava de alguma coisa, eu estava lá. Eu me sentia como um técnico treinando um jogador, ensinava para ela tudo o que eu sabia, e rezava para que ela se saísse bem. Mas Carol tinha um coração tão inocente que não acreditava nas maldades do mundo. Se alguém dizia para ela que era seu amigo, ou que a amava, ela simplesmente acreditava. Era péssimo ver suas pequenas decepções, mas eu fazia de tudo para evitar que fossem maiores, e por isso tentava alertá-la sobre tudo, e sempre era muito sincera com tudo o que ela me perguntava. Éramos como irmãs, e eu nunca tive esse tipo de relação com a minha irmã mais velha, Robin. Ela não morava comigo, pois era filha do primeiro casamento do meu pai, então não nos víamos, apesar de trocarmos inúmeras mensagens, cartas e e-mails, e não era a mesma coisa do que seria se eu pudesse tê-la presente. Carol era a irmã que eu nunca tive. Minha intenção ao ajudá-la ficar com Joel foi mostrar que ela podia tudo o que quisesse. Eduardo não entendeu meu lado. Nem um pouco. Eu nunca o tinha visto tão bravo quanto naquele dia. Ele me deu as costas e ficou cuidando da irmã de longe. Decidi deixá-lo de lado, já que a sua ignorância estava me irritando. Ele estava sendo tão machista e tão bobo. Eu não entendia sua reação exagerada e seu ciúme ridículo com a irmã, então fui falar com Clara, mas ela já estava muito ocupada procurando uma briga. Era o jeito dela, Clara não resistia uma provocação.

— Adorei o seu cabelo! — Ouvi Clara dizer debochadamente para Amanda assim que me aproximei.

— Não considero opinião de vadia! — Amanda virou no mesmo minuto e respondeu o falso elogio de Clara.

Todo mundo da escola sabia quão barraqueira Amanda era. Aquela conversa tinha tudo para dar errado. As duas juntas era uma péssima combinação. Olhei para Will e percebi que saía de fininho, fugindo da cena. Segurei no braço de Clara e pedi baixinho em seu ouvido para que ela viesse comigo, ela ignorou. Nunca tinha visto Clara daquele jeito, completamente transtornada, com um sorriso psicótico no rosto. Era de dar medo o prazer que ela tinha em tirar as pessoas do sério. Não era à toa que éramos amigas, eu costumava ser assim também. Havíamos feito amizade nos xingando em uma briga épica, onde no final, acabamos percebendo que éramos muito parecidas. Mas eu estava melhorando, já ela, parecia não mudar nunca.

— Você me chamou de quê? — Perguntou sem tirar o sorrisinho irônico do rosto.

— Va-di-a! — Repetiu Amanda dando ênfase a cada sílaba.

— Posso até ser vadia, mas não sou iludida. Você acha que ele te ama? — Clara riu malignamente.

— Você acha que ele te ama? — Retrucou Amanda.

— Eu sei que ele não me ama, mas não deu pra sentir muito a diferença ontem enquanto eu unhava as costas dele.

Tentei afastar Clara, mas Amanda avançou em cima dela, e como em toda briga de mulher, as duas grudaram uma no cabelo da outra. Todo mundo, sem exceção, ficou olhando, sem fazer nada para afastá-las. Fiquei indignada com o nível que elas podiam chegar por causa de um homem. Não que eu não fosse capaz de brigar por Eduardo, eu era, e toda vez que respirava fundo para não matar alguma menina, eu sabia do que era capaz. Mas Will era um cachorro, não merecia aquela briga. Tentei afastá-las, mas acabei levando um tapa no rosto no meio da confusão. Rachel me viu no meio da briga e puxou meu braço.

— Deixa, você vai acabar se machucando!

— Elas vão se matar! — Eu disse assustada. Não sei se era por conta da adrenalina da briga ou do ponche que eu havia bebido, mas meu coração estava disparado diante daquela confusão.

— Não vão, não. Uma hora elas percebem que não vale a pena. — Rachel riu sem humor. — E ele está ali, fingindo que não é com ele. — Balançou a cabeça indignada. — Ele é ridículo!

Rachel parecia mesmo muito decepcionada, não com a atitude de Will, mas sim, com ela mesma. Enquanto não superasse o sentimento de que foi enganada, de que foi uma boba, não conseguiria seguir em frente. Ela não aceitava o fato de ter caído na lãbia de Will, e isso acabava com Rachel todos os dias. Dava para ver em seu olhar, mesmo que de longe.

Não pensei duas vezes e fui até Will, pronta para dizer algumas verdades para ele.

— Qual o seu problema? — Perguntei assim que o vi escondido.

— Problema algum, só sei a hora em que não devo entrar em cena.

— Will, elas estão se matando por sua causa! — Apontei para a briga.

— Não. Não estão, não. Elas estão se matando por causa delas mesmas. Não tenho nada a ver com isso.

— Você é ridículo! — Olhei para ele indignada.

— Aprende uma coisa: tem lutas em que não vale a pena entrar no meio. — Ele disse me olhando nos olhos.

— Will, você magoa as pessoas como se elas não fossem nada. — As palavras simplesmente saíram da minha boca, e então percebi que eu também havia magoado Jesse sem ligar para os sentimentos dele. Eu não tinha o direito de julgar ninguém, e quando constatei isso, respirei fundo e me sentei ao lado de Will.

— Desculpa! Eu sei que você é sincero com elas, mas elas estão apaixonadas, mulheres apaixonadas fazem loucuras.

— Tudo bem. Eu não queria que as coisas chegassem a esse nível, eu sei que deveria fazer alguma coisa. — Não conseguindo se conter, ele riu. — Mas eu amo a minha vida.

Dei um tapa em seu ombro e ele aproveitou o momento para me fazer cócegas. Senti uma pontada muito forte no braço, que logo começou a arder.

— Aaaaaai! — Gritei.

Will me olhou assustado no mesmo instante, e então me viu passando a mão no braço.

— Tinha que ser bobeira! — Ele disse fazendo pouco caso da minha dor.

— Está doendo, seu cavalo insensível! — Eu não sei por que, mas algumas lágrimas começaram a invadir meu rosto. Eu parecia uma *bebezona*, e odiava me sentir assim. Talvez fosse um pouco do efeito da bebida, mas eu realmente estava com dor.

— Foi só um marimbondo. — Ele disse com naturalidade.

— Mas está doendo, seu jumento imbecil! — Reclamei. — Tira! — Apontei para o ferrão, e acho que foi uma péssima ideia, pois levou Will a colocar aqueles lábios carnudos no meu braço. Eu não tinha pensado em como a cena poderia ser levada a mal se vista por alguém. E foi vista, e não por um alguém qualquer, mas por Eduardo. Quando o vi, me deu as costas. Empurrei a cabeça de Will do meu braço.

— Idiota! O Eduardo! — Exclamei assustada.

— Vixe! — Ele provavelmente falou mais uma besteira depois disso, mas eu já tinha saído em disparada atrás do Eduardo, com ou sem ferrão no braço. Não deu para perceber, porque a dor não diminuiu. O pior era o aperto no peito, a expressão de Eduardo, o jeito como me deu as costas. Isso doeu mais do que qualquer ferroada de marimbondo.

— Eduardo? — Chamei quando finalmente o alcancei. Ele não se virou, o que me fez puxá-lo pelo ombro.

— Tira a mão de mim. — Ele disse baixinho, como se estivesse contendo a raiva. Ele já estava bastante irritado comigo por causa de Joel, a cena com Will foi apenas a gota d'água. Eduardo nunca tinha tido um ataque de ciúmes desde que começamos a namorar.

— Eduardo, foi um marimbondo! — Apontei para o meu braço inchado pela picada. Ele olhou, mas não pareceu mais calmo.

— Eu não gosto daquele cara! — Disse entredentes.

— Ele só estava me ajudando. — Tentei acalmá-lo.

Era um pouco chocante vê-lo daquele jeito, ele sempre era tão tranquilo. Eu não sabia que era capaz de ficar tão furioso. Talvez fosse até um pouco engraçado, mas só um pouco.

— Eu ouvi as risadinhas de vocês. Parece que se divertem bastante juntos. — Ironizou com todo desdém que podia colocar na voz.

— Eduardo, pelo amor de Deus, deixa de ser burro! — Revirei os olhos. — Nós só estávamos conversando, eu estava falando com ele sobre as minhas amigas, pelo amor de Deus, ele é ex da Rachel e da Clara. — Expliquei.

Era absurdo que Eduardo tivesse ciúme justo de Will, uma pessoa que eu nunca ficaria por diversos motivos, mas era mais absurdo ainda que ele desconfiasse do meu amor por ele daquela forma.

— Desculpa! — Ele respirou fundo quando finalmente pareceu entender. — É que eu fiquei observando vocês... — Limpou a garganta. — E tive medo. Medo de te perder. — Terminou com certa dificuldade.

Não consegui resistir e tive que achar bonitinho. O Eduardo ficava lindo com ciúmes. Ciúmes de mim. Era engraçado, porque geralmente era eu quem morria de ciúmes calada. Eu morria um pouco toda vez que ele era solícito com uma garota, ou toda vez que era atencioso com Marina, mas eu nunca falava nada, pois não queria parecer ciumenta. E agora era ele ali, cheio de ciúmes.

Segurei seu rosto com o polegar e o indicador e olhei profundamente em seus olhos.

— Você não vai me perder, se você não quiser. — Peguei sua mão e a coloquei em meu coração. — Olha... como ele bate por você. — Ele sorriu e me puxou pela cintura. Beijou meu pescoço devagar, até chegar em minha boca, me deixando sem ar com seu beijo cheio de paixão.

— Desculpa! — Ele sussurrou com a testa colada na minha. — Pela briga por causa da minha irmã e por isso. — Ele riu, tentando se recuperar.

Tinha me esquecido da ferroada até ele passar a mão em meu braço, me fazendo gemer

baixinho.

— Está doendo muito, meu amor? — Perguntou carinhosamente ajeitando meu cabelo atrás da orelha.

— Acho que seu beijo é anestésico. — Ri baixinho, sentindo nossas respirações quentes em nossos rostos.

— Eu vou cuidar de você. — Ele me olhou preocupado. — E só eu vou fazer isso! — Finalizou. E nem preciso dizer que sorri de orelha a orelha.

Até que não tinha sido tão ruim assim a minha primeira briga com Eduardo.

— Eu estou meio bêbada. — Eu disse olhando para ele. — E com dor no braço. Vamos para casa?

— Pensei que você quisesse curtir hoje.

— Eu queria, mas depois dessa confusão, perdi o clima.

— Não. — Ele disse parecendo sentir-se meio culpado e me ajudou a retirar o ferrão do braço. — Agora você está sem ferrão, e apesar da falta do cabelo, reconheço minha Cleópatra. Você não pode deixar um marinho ir embora sem dançar com a Cleópatra. — Ele tentou me convencer, mas acabei rindo de seus argumentos fracos.

Acontece que Eduardo sempre me convencia, não importava quão fraco seus argumentos fossem, bastava uma palavra e eu faria o que ele quisesse.

Ficamos mais algum tempo para aproveitar nossa festa, meu braço doía um pouco, mas com a ajuda da bebida, eu não estava sentindo tanto. Carol se aproximou de nós e contou quanto tinha se divertido com o Joel, e quanto ele era gentil. Eduardo fechou a cara, mas quando eu o repreendi com o olhar, ele melhorou sua expressão.

— Gostou?

— Sim! — Ela riu um pouco envergonhada. — Foi legal!

— É bom curtir o momento, não é? Seu irmão ficou bravo comigo.

— Não é fácil ver vocês dois se agarrando toda hora também, viu Eduardo?

Eduardo deu de ombros.

— Não é fácil? — Perguntei debochando e segurei o rosto de Eduardo, dando uma lambida nele. — Por quê? Somos tão discretos!

Carol fez uma careta e me afastou de Eduardo.

— É meio chato ver o meu irmão dando uns amassos.

— É totalmente chato ver a minha irmã se agarrando com um cara. — Ele retrucou.

— Mas eu não achei chato, não. Nem um pouco. — Ela provocou e depois empurrou o ombro dele com a mão. — Ele é só meu amigo agora. — Sua voz saiu embargada, ela estava claramente alterada por conta do álcool.

Carol estava feliz e despreocupada como eu não via há tempos, e aproveitou o momento para me abraçar forte, equilibrando o copo de ponche em sua mão.

— Eu fico feliz que você vai se formar, mas vou continuar te vendo, para sempre.

— Eu também. — Sorri satisfeita com a perspectiva.

— Vocês vão se casar! — Ela puxou Eduardo e demos um abraço triplo.

— Eu sei. — Eu disse rindo do jeito que as palavras saíam dos lábios dela, provavelmente era uma das primeiras vezes que ela bebia.

— Marinheiro Eduardo e Cleópatra Melina, vocês prometem para mim que vão se casar? Vocês são perfeitos juntos! — Ela murmurou fungando, parecia quase chorando.

A bebida às vezes me deixava emotiva também, então eu entendia o lado dela. Ofereci meu ombro para que ela se apoiasse.

— Isso é com o marinheiro. Cuidado... — A segurei mais firme em meu ombro. — Está tudo bem? — Perguntei preocupada.

— Sim. — Ela respondeu sorrindo e em seguida apoiou a cabeça em meu ombro. — Eduardo, é com você.

— Comigo o quê? — Ele riu. Apesar de estar preocupado e um pouco bravo porque a irmã tinha bebido, não tinha como não rir da cena.

— Você vai se casar com ela?

— Vou! — Respondeu me olhando com um sorriso. — Agora você já está dando vexame, é hora de irmos embora.

— Não! — Ela gritou, em vão.

Não foi fácil. Por Deus, aquela menina sabia ser resistente! Depois de mexer com alguns estranhos na rua e de implorar chorando que não queria ir embora, finalmente conseguimos enfiá-la dentro de um carro. Quando o táxi começou a andar, ela dormiu no colo do irmão.

— Até que somos uma boa dupla para cuidar de pirralhinhas bêbadas. — Ri e fiz um carinho na cabeça de Carol. Ela parecia um anjinho dormindo com um sorriso no rosto. Eu sabia que, apesar da vergonha que ela sentiria no dia seguinte, tinha valido a pena.

Senti meu braço latejar por causa do marimbondo e meu pé estava doendo, pois eu havia

tropeçado tentando colocar a Carol no carro.

— Ela nunca tinha bebido, por isso o vexame. — Disse Eduardo.

— É de família. — Debochei e ele bufou, mas depois riu.

— Esquece isso, Melina!

— Por hoje eu vou esquecer. — Ri e ele afagou meus cabelos.

— Nem conseguimos dançar juntos direito.

— Sim, eu ia fazer uma surpresa pra você. Mas as festas que ficam na nossa memória são as que têm mais confusão mesmo.

— Surpresa? — Perguntou curioso.

— Nosso primeiro baile juntos foi um desastre, então eu queria que o segundo fosse perfeito. Eu queria ter dedicado uma música pra você e ter dito quanto eu sou feliz por você ser meu namorado.

Ele deu um largo sorriso e fez um carinho em meu rosto.

— Não precisa disso, linda, eu sei o que você sente por mim. Hoje eu fui um babaca, me perdoa. Eu te amo, realmente.

Eu me aproximei com cuidado, para não acordar a Carol, e dei um selinho demorado nele.

— Eu também te amo! E confesso que achei bonitinho você com ciúmes. Não sabia que você também tinha isso. — Eu estava sussurrando, embora não soubesse bem o motivo. Talvez, porque sentisse vergonha de achar bonitinho o ciúme dele por mim e de confessar que eu era uma ciumenta também. Eu sempre odiei ciúmes.

Qualquer um que me conhecesse e que me visse com Eduardo, diria que eu era até outra pessoa. Eu não costumava ser tão melosa e carinhosa, mas com ele esse lado simplesmente florescia, não dava para controlar.

— Eu tenho bastante, mas eu me controlo. — Ele confessou dando de ombros.

— Sério? — Eu ri e o beijei carinhosamente. — Você não tem absolutamente nenhum motivo para isso. Ninguém no mundo pode competir com você no meu coração! — Eu me declarei sinceramente. Não havia verdade maior no mundo do que aquela. Eduardo era único. Eu sabia, mais do que isso, eu sentia.

— Péssimo momento para ter uma irmã bêbada no colo. — Ele riu e se contorceu para me beijar sem acordá-la, me fazendo rir entre o beijo.

— Temos tempo para compensar esse empecilho. — Sorri para ele e encostamos nossas testas.

— A vida toda! — Prometeu antes de beijar minha testa. — Seu braço está melhor?

— Ainda está queimando, mas vai melhorar.

— Queria dormir com você hoje! — Sussurrou em meu ouvido e riu quando eu fiquei arrepiada. — Para cuidar do seu braço, é claro! — Ele acrescentou rindo.

Revirei os olhos, como eu sempre fazia, e sorri para ele.

— Eu queria dormir com você para sempre, mas vamos poder realizar esse desejo pela primeira vez na viagem.

— Prometo que não vou ficar bravo com você lá!

— Espero! — Balancei a cabeça rindo e o beijei novamente.

Naquela noite havia acontecido a minha primeira briga com Eduardo desde que estávamos juntos. Portanto, mais um item para a minha lista de primeiras vezes com ele. Mas foi também a nossa primeira reconciliação, e o sentimento que isso gerava era maravilhoso, como se o nosso amor ficasse ainda mais poderoso, e quando me deitei para dormir, tudo parecia tão bom. O único problema que eu tinha era uma picada de marimbondo no braço. Era tão diferente sentir que as coisas estavam certas, que eu me sentia ansiosa, como se fosse acabar rápido, como se eu tivesse que aproveitar ao máximo. E tinha, de fato. Era o meu primeiro amor. Olhei para a foto de Tussho e agradei por tudo de bom que eu estava sentindo. Desde a sua morte, eu sentia que ele estava no céu sendo um tipo de intermediário das forças Divinas para mim. Eu sabia que era estúpido, mas ninguém precisava saber, e isso me acalmava.

“...Eu estava tão concentrada me torturando imaginando o nosso fim, cheio de dramas, como eu, que nem havia reparado que alguém batia na porta. E olha só... Era você! Você estava sorrindo e empolgado. Você estava ali. Você estava ali comigo, e não entendeu nada quando eu fiquei te olhando por quase um minuto inteiro, agradecendo por você ainda estar ali, olhando para mim. E agradecendo por tudo ter sido fruto da minha mente tortuosa e ansiosa, que insistia em me perturbar com coisas ruins...”

Antes da viagem de formatura, prestamos vestibular. Tanto Eduardo quanto eu, tínhamos estudado bastante. Claro que ele estudou muito mais do que eu, mas eu não me sentia despreparada para a prova.

A prova foi difícil, como sempre era, mas tive certeza nas minhas respostas em grande parte das questões que preenchi. E depois dos dois dias de prova, finalmente estávamos comemorando o fim dessa etapa. Gostávamos de comemorar as coisas boas comendo morangos com sorvete na minha cama.

Coloquei um morango na boca de Eduardo.

— Eu tenho certeza que você passou. Como se sente tendo seu futuro em suas mãos?

— Feliz. Não via a hora de acabar a pressão. Você também foi muito bem, linda.

— Graças a você. — Eu o abracei e ele me aninhou com carinho.

— Graças a você! — Ele me corrigiu.

— Verdade. Eu sou mesmo Maravilhosa, Magnífica e... — Pensei por um tempo. — Magnânima! — Sorri convencida e ele riu.

— Tem certeza que não é Megera, Malvada e Maligna?

Mostrei a língua para ele.

— Sou tudo isso também. — Concordei e mordi seu lábio. — Quero que saiam os resultados logo, para podermos comemorar. Eu estou muito feliz.

— Eu também. — Ele me deitou em seu colo e fez carinho em meus cabelos.

Nós estávamos felizes com a quantidade de questões que havíamos acertado, sabíamos que seríamos aprovados, pois era bem maior do que a média dos participantes em geral. Nós também estávamos felizes por termos essa nova perspectiva em nossas vidas, e por termos algo novo para nos concentrar. Passar no vestibular é uma das grandes alegrias da adolescência, e nós achávamos que seria fácil enfrentarmos o futuro juntos. Nós éramos completamente desesperados um pelo outro, e isso, na teoria, parecia bastar.

A nossa viagem de formatura foi deliciosa. Fomos para o Caribe e nenhum professor ou responsável se importou de que Eduardo e eu dormíssemos juntos. Todos nos tratavam como se fôssemos casados, todos sentiam a nossa conexão.

Foi engraçado, fingimos sermos marido e mulher dizendo “*Boa noite, querido!*” enquanto dormíamos em uma conchinha perfeita. Bom, pelo menos era perfeita para mim, já que ele reclamou que seu braço acordou amortecido. Para compensar, no outro dia fiz a parte de trás da concha, mas fiquei o irritando fazendo cócegas, então decidimos que brincaríamos de casal brigado e dormiríamos de costas um para o outro. Mas quando acordei, ele estava agarrado a mim, e eu só consegui sorrir. No jantar, fomos recebidos como senhor e senhora Schneider. E fomos além na nossa brincadeira quando compramos no resort o kit para casais recém-casados. Rimos bastante quando conseguimos enganar facilmente os funcionários do hotel. Ninguém entendia nossas bobagens, mas nós achávamos aquilo divertido.

Foi com gosto de saudade que encerramos aquela etapa de nossas vidas. A partir dali, seríamos tecnicamente adultos e teríamos que deixar nossa adolescência para trás. Eu não tinha medo quando estava com ele. Não tinha medo de não ter mais nenhum item para adicionar à *lista de primeiras vezes com Eduardo*, eu estava louca para chegar à repetição contínua. Eu queria uma rotina com ele, não me importava. Eu queria saber cada detalhe da vida dele de cor, e que ele também soubesse da minha. Que nós fôssemos o tipo de casal que conta uma história deixando a deixa para que o outro conte a sua parte. E também ser aquele casal que repete a

mesma história várias vezes, pois já contaram cada detalhe da vida um para o outro, mas, mesmo assim, ainda queriam se ouvir. E pensando bem, nós já éramos assim, só queríamos manter isso pela eternidade. E um pouco mais.

“...Você também não entendeu nada quando eu te beijei com todo o meu coração e meus olhos marejaram, mas eu só estava guardando aquele momento para a minha eternidade. Mesmo sem entender nada, você me abraçou e me fez sentir feliz novamente. É que você não sabe, mas imaginar o meu mundo sem nós foi uma das piores coisas que já fiz.”

- Publicado por Melina Matarazzo.

Capítulo 4

Seis anos atrás

“Eu sentia uma eletricidade quando estava com você. Seus olhos me diziam que nos conhecíamos há muito tempo, seu toque era tão profundo que eu podia sentir na alma. Era só te ver de longe, chegando, que eu sentia meu coração disparar. Nossos abraços eram explosões de fogos de artifício, típicos de noites de Ano Novo...”

A faculdade exigia muito de mim, mas eu aproveitava bastante também, para compensar. Só naquele mês eu tinha ido a quatro festas da faculdade. Eduardo não quis me acompanhar em nenhuma delas, ele não gostava de festas. Eu respeitava, mas eu gostava e queria ir, então eu simplesmente ia, e isso não era um problema entre nós.

Eu dividia um apartamento com Helena, uma garota que eu havia conhecido e que também estava procurando alguém para rachar as despesas, já que ela precisava de um lugar perto da *facul*, pois morava muito longe. E eu precisava sair de casa, então era a combinação perfeita.

Eduardo e eu nos víamos sempre que possível, ou eu ia para a casa dele ou ele ia para o meu apartamento. Mesmo estando muito ocupados com nossas respectivas faculdades, ele cursando História e eu Jornalismo, exatamente como havíamos planejado, nós nunca deixávamos que nada nos separasse por muito tempo.

— Que legal vocês serem namorados de infância. — Exagerou Helena me olhando enquanto lixava as unhas deitada no sofá.

Não sei por que Helena se dava ao trabalho de lixar as unhas, ela sempre as roía, até ficarem em carne viva. Ela não era muito vaidosa, mas por ser incrivelmente bonita, isso nem fazia diferença. Tinha os cabelos incrivelmente negros, olhos azuis claros e uma boca carnuda. Andava sem maquiagem e com roupas largas na maior parte do tempo.

— Também acho. Nós parecemos feitos um para o outro, por mais diferente que ele seja de mim. — Comentei enquanto tentava dar um jeito na casa, que estava um nojo, eu não queria que Eduardo a visse naquele estado.

Dei risada me lembrando de quando minha vó dizia que eu tinha que aprender a arrumar a bagunça do meu quarto, pois quando eu tivesse um namorado, teria vergonha de recebê-lo no meio de toda a minha confusão. Eu dava de ombros e dizia que não estaria nem aí para opinião

do meu futuro namorado, mas ali estava eu, tentando caprichar na arrumação.

— Quanto tempo de namoro mesmo? — Perguntou curiosa.

— Quase três anos. — Respondi e percebi certo orgulho em minha voz.

— Nossa! Eu nunca consegui passar de seis meses. Você não enjoa? — Ela riu escondendo o rosto, envergonhada da sua pergunta. — Sei que essa pergunta é horrível, mas é que eu sempre enjo... ou vice-versa.

— Tudo bem. — Eu a tranquilizei, rindo. — Não. Toda vez que estamos juntos eu ainda me sinto aquela menina que se apaixonou por ele há três anos. Nunca diminuiu o sentimento, só aumentou. Ele é o homem com quem quero dividir minha vida.

— Entendi. — Ela disse pensativa e depois deu um enorme sorriso. — Isso é tão lindo! Vocês são o primeiro casal realmente apaixonado que eu conheço.

A campainha tocou e eu não consegui evitar um sorriso. Helena balançou a cabeça rindo do modo como eu ficava toda vez que Eduardo chegava. Assim que abri a porta, meu coração reagiu imediatamente ao sorriso que ele deu para mim, me fazendo sorrir ainda mais. Ele estava lindo, vestia uma camisa azul-marinho – ele adorava azul –, uma calça jeans, e os cabelos, como sempre, certinhos. Ah! Ele com certeza era o homem mais lindo do mundo, ainda mais quando sorria formando aquelas covinhas perfeitas.

Eduardo passou as mãos em volta da minha cintura e me puxou para um abraço.

— Estava com saudades, linda!

— Eu também. — Respondi. — Muitas! Muitas mesmo! *Muitonas!* — Eu o puxei para perto de mim, o beijando demoradamente e tentando matar um pouco da saudade que eu estava sentido.

— Estou vendo. — Ele riu e pousou a cabeça em meu pescoço, para enchê-lo de beijos. Dei risada, nos separando.

— Helena, o Eduardo chegou. — Avisei rindo, um pouco sem jeito, o que era bem raro para mim.

— É... Eu vi! — Ela riu também. — Não se preocupem comigo. — E levantou-se, pronta para se retirar.

— Tudo bem, Helena, pode ficar. Eu vou levar a Melina para jantar lá em casa.

Os pais de Eduardo haviam dado uma viagem de presente de aniversário para a Carol, e, claro, foram junto. Eduardo estava com a casa livre, então decidiu me convidar para jantar. Seria o primeiro jantar que ele prepararia para mim, e eu estava bem animada, isso tornava tudo tão adulto. Nós, aos pouquinhos, estávamos deixando de ser o casal que tomava *milk-shake* em *fast foods*, ou comia *petit gâteau* em alguma chocolataria, para nos tornarmos o casal que cozinhava

um para o outro. Era uma coisa pequena para estar tão animada, mas eu realmente estava.

— Entendi! Você vai jantar a Melina na sua casa. — Brincou Helena e eu aproveitei para atacar uma almofada nela.

— Também. — Ele respondeu com um sorrisinho safado.

— Ih... — Olhei para ele espantada. — Onde você está aprendendo isso? Era pra você corar!

— Quanto ciúme, Melina! — Ele riu.

— Relaxa, Mel, ele só está com saudades. — Disse Helena rindo também.

— Não é. Esse aqui era a pessoa mais tímida do mundo antes de me conhecer, agora nem cora mais. Vou me separar, não sei onde ele está aprendendo isso. — Impliquei com Eduardo e ele me abraçou por trás.

— Você não consegue se separar de mim. Sinto muito, linda!

— Aff! — Revirei os olhos.

— Quando ela diz “Aff”, é porque não pode contestar uma verdade absoluta, por mais que queira. — Ele deu um beijo em minha nuca. — Estamos indo, Helena, foi um prazer te ver. — Ele me soltou e foi até ela, cumprimentando-a como um cavalheiro ao dar um beijo em sua mão.

Eduardo tinha uns costumes estranhos, que eu achava lindo, mas também me deixavam bastante enciumada. Claro que eu nunca falava isso para ele.

— Tenha um bom jantar, casal! — Helena desejou rindo e fechou a porta.

“...Ninguém poderia dizer que nos perderíamos um do outro. Quem olhasse para nós, diria que isso era impossível, porque era, amor. Ninguém me diria que eu veria as luzes dos fogos anunciando um novo começo, sem que esse começo significasse ter você. Nós tínhamos aquele encanto que não dava para explicar, só para sentir...”

Caminhamos até o ponto de táxi, já que Eduardo não estava confiante o suficiente para dirigir sozinho por longas distâncias, e logo que chegamos, para nossa sorte, um táxi parou.

— O que você está preparando para mim? — Perguntei curiosa.

— Um jantar, vou cozinhar para você hoje. — Respondeu fazendo carinho na minha perna.

— Ah! Vai ter aquele charme todo de te ver de avental tomando vinho enquanto cozinha? — Ri imaginando a cena. — Na minha mente ficou bem sexy, vamos ver se confere na vida real. — Impliquei.

— Eu sempre sou sexy. — Fez graça. — Mas na minha mente você fica melhor ainda. — Ele me deu um selinho demorado e mordeu meu lábio.

— Eu sou ainda melhor pessoalmente. — Sussurrei em seu ouvido e ele ficou todo arrepiado. Eu adorava provocar aquela sensação nele.

Eduardo apertou minha perna mais forte, e eu dei um sorriso. Quando estava ficando excitante, o motorista começou a puxar assunto, quebrando totalmente o clima. Eduardo o respondeu cordialmente e eu apenas fiquei escutando, desejando chegarmos logo. Depois de algumas voltas e mais papo tedioso do taxista, chegamos à casa de Eduardo.

— Espero que você goste de comida italiana.

— Para sua sorte, eu amo. E vai ser uma tortura te esperar cozinhar, porque estou morrendo de fome. — Reclamei.

— Não vai ser uma tortura, eu fico sexy demais com aquele avental e todo sujo. — Ele fingiu estar convencido e abriu a porta da entrada.

— Ah, é mesmo. — Eu disse em tom debochado. — Vou me distrair tanto com a sua beleza que até me esquecerei de que estou com fome. Seu bobo! — Eu o abracei pelo pescoço. — Você fica lindo de avental, e mais lindo ainda sem. — Provoquei e o puxei para um beijo intenso.

Ele segurou em minha nuca, aprofundando ainda mais o beijo.

— Mas se continuar me beijando desse jeito, pode ser que fiquemos sem jantar. — Murmurou rouco, e eu tinha certeza de que era de tesão.

— Ah, não! Eu quero meu jantar! — Fiz biquinho e puxei a gola de sua camisa. — Só estamos nos distraindo um pouco.

Depois de um tempinho no sofá matando as saudades, de, no caso, uma semana, eu o deixei ir preparar o ravióli.

— Amor, você não pode me deixar aqui enquanto cozinha, tem que alternar entre panelas e beijos, senão eu fico triste. — Eu estava sendo manhosa, mas era impossível não ficar manhosa quando as saudades eram muitas. E eram!

— Que denço! — Eduardo foi até mim e me deu um beijo demorado, do jeito que só ele sabia. Era um beijo encaixado, prazeroso e de certa forma muito afetuoso. Era um beijo que fazia eu me sentir nos céus por alguns segundos.

Não resisti e comecei a beijar seu pescoço, pois sabia que era um de seus pontos fracos, e então acabamos nos distraindo demais. Quando Eduardo já estava sem camisa e eu sem vestido, sentimos um forte cheiro de queimado. Ele fez uma careta e soltou um palavrão. Estalei os olhos e coloquei meu vestido novamente, enquanto ele disparava até a cozinha.

— Queimou tudo! — Eduardo levou a mão até a cabeça, em seguida pegou a panela e a

jogou na pia.

Tentei experimentar para ver se estava realmente ruim, mas estava péssimo.

— Calma! — Pedi. — E não joga as coisas assim, vai sujar tudo.

— Eu falei para não me distrair! — Ele reclamou. Parecia verdadeiramente irritado, eu não conseguia entender.

— Tudo bem, podemos fazer um macarrão instantâneo. — Sugeri tentando acalmá-lo, mas Eduardo me olhou com um olhar tão azedo que eu até me arrependi da sugestão.

— Eu não vou deixar você comer macarrão instantâneo! — Disse procurando na geladeira mais alguma coisa que pudesse cozinhar, e ficou frustrado quando não encontrou nada.

Abri o armário e peguei um pacote de biscoito e um copo de leite.

— Eu fico bem com biscoitos. — Coloquei um pedaço em sua boca, mas ele continuou emburrado. — Qual é o problema? — Perguntei.

— Nenhum. Eu só não gosto de fazer as coisas errado.

Eduardo era irritantemente certinho e, mais irritantemente ainda, estressado. Quando algo não saía do jeito que ele queria, agia pior do que uma criança. Por exemplo, se estava em um lugar em que não se sentia bem, não fazia questão de disfarçar e ficava o tempo todo com a cara fechada. Qualquer pessoa que não o conhecesse, o descreveria como mal-humorado se o visse em um desses momentos. Meus amigos da faculdade não foram com a cara dele, mas ele também não fez nenhum pingo de questão de ser simpático, e isso me irritava muito. Acho que esse era o defeito de Eduardo que mais me irritava.

— Acontece! Todo mundo erra, Eduardo, você não é perfeito. — Revirei os olhos. Não precisava daquele show todo por causa de um molho queimado. — Você tem que parar de ser assim, isso é chato.

— Você faz um monte de coisas que me irritam e eu não fico falando que você tem que mudar. — Ele me deu as costas e foi para o quarto.

Senti um nó preencher minha garganta. Eu sempre ficava triste quando brigávamos, e essas briguinhas idiotas se tornaram frequentes quando começamos a passar mais tempo longe um do outro, coisa que não acontecia antes.

— Você nunca me falou nada que eu fizesse e que te irritasse. — Comentei.

— Ninguém é perfeito! — Usou a minha frase contra mim, deu de ombros e se jogou na cama.

— Eu não estou entendendo o porquê desse estresse todo.

— Eu preparei tudo e estou frustrado porque não deu certo. Não sou igual a você, eu me

frustro e reajo, não fico fingindo que está tudo bem.

— Eduardo, você bebeu?

— Eu não, mas você tem bebido bastante! — Eu odiava que me jogassem indiretas, e quando ele disse aquilo, fiquei irritada, mais do que isso, fiquei possessa!

— Vou embora. — Dei as costas para ele e me afastei o mais depressa que pude, mas ainda não foi suficiente para que ele não me alcançasse. — Me solta! — Pedi bufando. Eu estava irritada com Eduardo, queria socar a cara dele, e não duvidava muito que, se ficasse mais um pouco ali, eu não socaria.

— Não vou te soltar. Você não vai sair a essa hora.

— Eu saio a hora que eu quiser. — Eu me esforcei para me livrar do seu braço, mas ele me segurava firme.

— Melina...

— Nem adianta pedir desculpas!

— Se acalma!

Outra coisa que eu detestava era quando ele me mandava ficar calma. Ele me irritava e me pedia para ficar calma? Parecia irônico!

— Desculpa! — Pediu.

Olhei para ele, sentindo meu corpo ceder ao simples pedido de desculpas.

— Aff! — Exclamei irritada, mas um pouco mais calma. — Eu odeio quando você faz isso!

— Eu exagerei.

— Exagerou! — Concordei.

— Eu sei.

Eu o encarei. Via alguma coisa em seus olhos, não era possível que toda aquela irritação fosse só por causa de um molho queimado. — Eduardo, preciso que seja sincero comigo, está acontecendo alguma coisa?

— Não. — Mentiu. Era fácil saber quando ele mentia para mim.

— Fala! — Insisti.

— Não é nada. — Fitei-o mostrando que eu não tinha acreditado em suas palavras. — Bom... Fiquei sabendo de uma coisa sobre você que não gostei muito. — Confessou.

— O quê? — Perguntei extremamente curiosa e preocupada. Eu não fazia a mínima ideia do que poderia ser. Ou melhor, até fazia, mas esperava que não fosse aquilo.

— Soube que você e aqueles seus amigos estavam se drogando em uma festa do campus. — Quando as palavras saíram de sua boca, pareciam um desabafo. Eu apenas engoli em seco, pois era verdade. Não que usássemos algo pesado, e não que aquele termo careta, “*se drogando*”, que Eduardo usou se encaixasse, mas eu não podia fumar nada, pois tomava remédio para ansiedade, e Eduardo sabia.

— É mentira. — Do mesmo jeito que eu, ele também sabia quando eu estava mentindo. — Tá! Ok! — Confessei. — Mas não é bem *se drogar*, estávamos fumando. Todo mundo faz isso, é para aliviar. — Quanto mais eu tentava explicar, mais ele parecia irritado.

Eu sabia que ele queria cuidar de mim, e achava isso bonitinho, mas também não gostava muito da intromissão.

— Melina, está tudo bem?

Estava! Eu estava feliz e nosso namoro, pelo menos a meu ver, era perfeito. Eu me sentia completa, e era triste que ele achasse que eu estava fumando por causa de algum problema. Eu podia, sim, ter alguns problemas que já eram meus, como a ansiedade, com que fui diagnosticada desde pequena, mas eu só estava fumando para me divertir. Era só isso.

— Ed, está tudo ótimo! — Eu o abracei e fiz carinho em seus cabelos. — Estou tão feliz na minha faculdade, estou amando o curso. Eu tenho certeza que é isso o que eu quero para toda a minha vida, e eu estou ao lado do homem que eu mais amo no mundo. Eu estou muito feliz.

Ele afundou a cabeça no meu pescoço.

— Eu não quero te sufocar, minha linda, mas me preocupo com você. Eu me preocupo *muito* com você! Em parte, porque você é o meu amor, e em outra, porque eu não suportaria se acontecesse algo com você.

— Olha... — Levantei seus olhos para sustentarem os meus. — Não vai acontecer nada comigo, eu prometo. E também prometo que não vou usar mais nada e nem ir a tantas festas. Eu só estava meio deslumbrada com o mundo universitário, já passou. O que nós temos é muito mais importante do que qualquer coisa para mim.

— Não quero que deixe de ir às festas, eu confio plenamente em você. Eu só não quero ficar sabendo dessas coisas, sabe? Que você estava jogada, completamente inconsciente, e que sua amiga teve que te ajudar. E pior ainda, que você não me contou nada disso.

Aquele comentário me atingiu em cheio, me deixando bastante desapontada comigo mesma. Eu não deveria mentir para ele, nós não éramos assim.

— Eu só não queria que você ficasse bravo.

— Então vamos prometer, aqui e agora, que a partir de hoje não haverá mais segredos entre

nós. Eu confio em você e você em mim, não temos motivos para mentir um para o outro.

Não gostava de mentir para ele, e quase nunca o fazia, não gostava da ideia. A única coisa grave que me aconteceu e não contei para Eduardo foi justamente esse dia, eu estava envergonhada. Era muito vergonhoso ter bebido e fumado a ponto de não me lembrar de nada, e só ter conseguido voltar para casa porque Clara cuidou de mim. Clara não cuidava nem dela, mas me protegeu aquele dia. Ela me levou para casa e ficou comigo até o amanhecer. Clara era minha parceira de festas e faculdade, cursava moda no mesmo campus que eu, e juntas não tínhamos um pinga de juízo.

Era legal frequentar as festas, eu gostava, mas qualquer outro programa que eu fazia com Eduardo vencia em disparada. O problema era que ele estava levando a faculdade a sério demais, então nossos programas juntos tinham diminuído consideravelmente, e eu estava tentando preencher o vazio com as festas ao lado de Clara. Mas eu sabia que estava passando dos limites, e que por mais que não fizéssemos nenhum tipo de limitação um ao outro no relacionamento, se Eduardo estava incomodado, eu tinha que respeitar, assim como eu gostaria que ele fizesse em relação a algo que eu estivesse incomodada. No amor precisamos ceder em certos momentos.

— Ok! — Assenti e o beijei para selarmos o nosso acordo.

É claro que precisamos de muito mais que um beijo para selarmos o acordo, e isso envolveu a bancada da cozinha, calda de chocolate e bastante suor da nossa parte.

Acordei primeiro que ele, e quando tirei o blecaute da janela, vi que o dia já estava bem claro. Eduardo fez uma careta quando o sol invadiu o quarto.

— Acorda, rabugento! — Ri e me aproximei dele para fazer carinho.

— Cadê meu café? — Ele perguntou ainda meio sonolento, escondendo o rosto na coberta e rindo.

— Não sei. Alguém vai fazer café pra você? — Perguntei rindo debochadamente.

— Nossa! Você não vai nem fingir que é uma namorada *prendadinha* no começo?

— Que começo? — Eu ri. — Três anos de namoro, não preciso fingir mais nada. Você já me ama, não vive sem mim, não preciso te conquistar.

— Convencida que dói... — Ele riu e me aninhou em seu peito.

— Depois do jantar de ontem, você não está merecendo café, supondo que eu faria o café em alguma circunstância.

— Mas você está desconsiderando a sobremesa. — Eduardo me olhou com um sorriso malicioso. — Não valeu a pena?

— É, pensando por esse lado, eu poderia até fazer um café preto pra você.

Ele mordeu meu nariz e me deu um beijo demorado.

— Você pode ficar aqui essa semana, eu te levo pra *facul* de carro.

Arregalei os olhos impressionada e anotei mais uma coisa para a minha *lista de primeiras coisas com Eduardo*: sentar no banco do carona com ele de motorista. Eu me lembrei da vez em que tentou dirigir comigo pela primeira vez.



— Calma, Melina! — Disse trocando a marcha do carro enquanto eu reclamava que ele deveria ir mais rápido.

— Com essa velocidade, é favorável andarmos a pé! — Revirei os olhos e acabei rindo do modo certinho de Eduardo dirigir.

— Melina, eu ainda estou pegando o jeito da coisa. Vai, me dá uma chance! — Disse todo concentrado no que fazia.

— Eu, que não tirei carta nenhuma, já dirigi uma vez, e não andei nessa velocidade de tartaruga. — Eu me agoniava ao ver aquele carro quase parado.

O que Eduardo considerava uma velocidade segura, eu não considerava sequer velocidade.

— Você é louca, não conta! Qualquer coisa que você disser que fez para me incentivar, só me fará fazer o contrário. — Disse parecendo um pouco irritado.

— Pare esse carro! — Pedi. — Ou melhor, encosta esse carro, porque parado ele já está. — Debochei rindo.

Eduardo riu. Eu adorava quando ele ria das minhas implicâncias, mesmo quando já estava de saco cheio delas. Ele não ia parar, até que eu apertei sua coxa e deslizei a mão por baixo de sua camisa. Encostamos o carro e fizemos amor no banco de trás. O sempre certinho Eduardo, não apresentou nenhuma objeção.



— Mas você já está dirigindo direito? — Perguntei segurando o riso, porque eu sabia que minha implicância com o modo dele dirigir o deixava irritado. Mas como ele me conhecia, logo fez uma careta.

— Sim. — Respondeu e deu de ombros.

— Então eu aceito, quero só ver. — Eu o cutuquei e ele riu.

— Você consegue ser a garota mais insuportável do mundo, sabia?

— Mas... — Levantei o dedo. — Sou a única que suporta o seu jeito igualmente, quero dizer... — Eu me corriji fingindo estar ofendida. — Muito mais insuportável que o meu.

Assim que Eduardo abriu a boca para rebater minha acusação, meu telefone tocou. Olhei no visor e vi que era Jesse. Estranhei aquela ligação, ele nunca mais havia me ligado desde o nosso término, então só podia ser algo sério. Temi ser alguma coisa com Rachel, meu coração foi à boca. Atendi rapidamente.

— Jess?

— Oi, Melina. — Ele respondeu com voz de choro. — Pode falar?

— Posso. O que aconteceu? — Perguntei preocupada me levantando da cama.

— Eu queria tanto falar com você. É uma coisa meio pessoal, você pode vir até a minha casa?

— Claro! — Respondi imediatamente. Jesse era meu amigo de infância, e mesmo que tivéssemos terminado, se ele estava precisando de mim, eu estaria lá para ele. Terminar o nosso namoro nunca significou que eu não o amava como amigo.

— Ed, eu tenho que ir à casa do... — Demorei alguns segundos decidindo se falava, mas tinha prometido não mentir, então optei pela verdade. — Jesse. Ele disse que precisa falar comigo, e estava abalado, eu preciso ir.

Eduardo ficou quieto por alguns segundos, depois me encarou.

— Aham. — Respondeu simplesmente.

Eduardo não gostava de demonstrar ciúme, mesmo sendo um taurino completamente ciumento, mas igualmente orgulhoso, então tentava disfarçar. E disfarçava mal. Bem mal.

— Amor... — Enchi seu rosto de beijos. — Sei que parece meio sem noção, mas ele é meu amigo, preciso ver o que ele tem. Eu te amo, não fica com ciúmes, não.

— Tudo bem, pode ir. — Ele disse fingindo estar ok. Revirei os olhos. — Vai lá! — Reforçou.

— Eu volto logo! — Eu me despedi com um beijo, peguei minha bolsa e fui o mais rápido que pude para a casa de Jesse.

“...Nada pode preencher o vazio que um amor deixa quando se vai, porque o amor não vai por inteiro, ele deixa alguns fantasmas para assombrar o buraco. Nenhum tipo de sucesso profissional, ou riquezas, podem preencher o maldito espaço oco que o amor deixa. Porque ninguém me faria sentir aquele encanto de novo. A mágica que fazíamos juntos era única...”

Quando cheguei à casa de Jesse, pude perceber que ele estava desesperado. Era estranho vê-lo daquele jeito. Meu primeiro impulso foi abraçá-lo, mas como isso não é muito bem aceito entre ex-namorados, apenas me aproximei e perguntei se tinha acontecido alguma coisa.

— Eu preciso que você venha comigo. — Ele pediu e me guiou até a casa da árvore onde costumávamos namorar. Achei estranho, mas fui, afinal, eu confiava em Jesse.

— Você está me deixando nervosa! — Eu disse a ele quando me sentei no chão de madeira.

— Não sei por que te chamei, você é uma vadia! — Ele me xingou, mas senti que estava apenas implicando comigo, não havia mais ressentimento em sua voz. — Mas você foi a única pessoa que pensei nesse momento.

Toquei em seu ombro, tentando acalmá-lo.

— Talvez eu não seja tão vadia assim, já que você me chamou nesse momento que parece ser tão importante pra você. — Impliquei de volta. — Que merda você fez, Jess? — Perguntei como costumava perguntar antes, quando tentava resolver todas as merdas em que ele se metia. Ele não respondeu e levou as duas mãos à cabeça. De todas as merdas que Jesse já tinha feito, desde se esquecer de buscar a irmã no colégio, a dar um soco na boca do estômago de um garoto, quase o matando, essa foi a vez em que o vi mais nervoso.

Depois de algum tempo em silêncio, ele, finalmente, conseguiu falar.

— Eu vou ser pai.

Silêncio mortal. Não me culpo por pensar que Jesse seria um péssimo pai, com o seu jeito inconsequente e infantil, eu tinha certeza de que ele não estava preparado para isso. Eu não tinha entendido por que Jesse tinha me chamado para aquele momento, eu não sabia o que fazer, e muito menos o que dizer.

— Pobre criança! — Eu disse debochadamente e ele me empurrou com o ombro, deixando escapar uma risada em meio à tensão.

— Estou falando sério! — Ele me encarou.

— Eu também! — Brinquei e respirei fundo. — Como isso aconteceu?

Ele riu debochadamente.

— Eu tenho certeza que você sabe disso muito bem.

Revirei os olhos e lhe dei um tapa.

— Vai se ferrar!

— Ela me disse que tomava remédio, então não me preocupe. É a Maya. — Explicou. — Eu não gosto dela. — Confessou. — Quero dizer, gostar eu gosto, só não amo. Sabe, amor de verdade? Eu sei que você sabe. Eu não amo.

— Eu sinto muito por isso. — Mordi o lábio tentando pensar em algo melhor para dizer.

— Eu não gosto dela como gostava de você, por exemplo, mas entre nós dois também não era amor. Quando você me largou para ficar com aquele idiota, eu não entendi nada. Mas depois de um tempo olhando vocês, eu entendi. É o amor! Qualquer um que olhe para vocês percebe a energia que vocês têm juntos. Eu não tinha como competir com isso.

— Eu fico feliz que você tenha entendido, sabe? Eu nunca deixei de gostar de você... — Ele me interrompeu.

— Não estou pedindo explicações, eu já superei. — Deu de ombros. — Só estou dizendo que agora eu entendo, porque estou apaixonado, Melina. Perdidamente apaixonado, sabe? De um jeito que nunca fui por você, nem por ninguém.

— E quem é a garota?

— Não importa mais, vou ficar com a Maya. Eu não quero abandoná-la.

Fiz carinho em seu ombro, o consolando. Naquele momento, eu entendi o motivo dele ter me chamado, eu era a única pessoa que ele conhecia que entenderia quanto ele estava deixando para trás, quanto ele estava se esforçando para ser responsável. Eu era a única pessoa que ele conhecia que sabia o que era amor de verdade, e a única que entenderia o que significaria perder a pessoa amada. Eu não suportava a ideia de perder o Eduardo, no meu coração, aquela hipótese parecia impossível e dolorosa demais para ser pensada.

Fiquei algum tempo conversando com Jesse, falamos sobre as coisas que aconteceram enquanto estivemos afastados. Conteí sobre a faculdade e sobre como estava a minha relação, ele contou mais sobre a garota por quem estava apaixonado e seus olhos brilharam ao falar dela. Descobri também que ela não era nenhuma das meninas que eu pensei que ele provavelmente se apaixonaria, e sim, a garota da biblioteca. É claro que eu não perdi a oportunidade de debochar dele por isso, já que ele vivia me criticando pela minha paixão por Eduardo.

Quando senti que ele estava melhor, mais leve e que aquele dia tinha restaurado pelo menos um pouco da nossa amizade, eu voltei para a casa do meu namorado, antes que ficasse tarde demais.

— Oi, amor. — Eu o abracei por trás enquanto ele preparava um lanche. — Tenho uma coisa para te contar... Sabe por que o Jesse me chamou?

— Hum? — Perguntou dando de ombros.

Ciúmes. Eu sabia que ele estava bravo, mas tínhamos um tipo de tratado que consistia em não proibir o outro de fazer nada, e confiar plenamente também. E fazíamos isso muito bem. Eu confiava nele e ele confiava em mim, por isso não brigávamos tanto por ciúmes. Ou pelo menos tentávamos, na maior parte do tempo.

— Ele vai ser pai. — Conteí o segredo de Jesse para Eduardo.

Uma coisa que todo mundo sabia sobre mim naquela época, era que eu contava tudo para o Eduardo. Absolutamente tudo! Então eu presumia convenientemente para a minha consciência, que se alguém contasse algo para mim, era porque não se importava que o Eduardo soubesse. Ok, isso era péssimo, e eu deveria ser capaz de guardar segredos, mas eu não conseguia.

Conversávamos desde o que comíamos no café da manhã até os segredos e fofocas de todos os que nos rodeavam. Eu conhecia todo mundo da faculdade de Eduardo, sem nunca ter trocado uma palavra com ninguém. Sabia, por exemplo, que tinha uma garota que se chamava Kelly que sempre desperdiçava o tempo da aula tentando aparecer para algum professor com seus conhecimentos, então quando ele falava: *“Eu estava prestando atenção na aula de História Medieval, e adivinha quem interrompeu para encher a porra do saco?”*, eu respondia revirando os olhos: *“Kelly, aquela insuportável!”*, e ele assentia com a cabeça e continuava me contando sua história. Eduardo sabia das maiores confusões que Clara havia se metido, conhecia o fato de que ela tinha saído com um professor, ou do que ela estava tão bêbada que jogou os sapatos em um terreno baldio e disse que voltaria descalça para casa. Nós sabíamos tudo do mundo um do outro.

— Sério? Complicado... — Ele fez uma careta, e eu sabia que estava tentando ocultar um comentário maldoso.

— Eu sei, ele vai ser um péssimo pai. — Eu sabia que era isso o que ele estava pensando, porque era o que eu pensava também. — Mas ele está tentando fazer tudo certo, deu dó. Ele estava tão perdido. Imagina ser pai nessa idade? Com todos os amigos dele curtindo loucamente e ele tendo que tomar responsabilidades tão grandes! — Comentei e me deitei no sofá, esperando que ele terminasse de preparar o lanche.

— Eu não me importaria. — Disse Eduardo. — Não seria planejado, mas se tivéssemos um bebê agora, eu não ficaria triste.

Me apoiei no encosto do sofá para poder olhar para ele. Eu estava com um sorriso no rosto, não esperava aquela declaração. E tudo que vinha dele eu achava tão bonitinho. Eu era muito apaixonada por ele.

— Sério? — Perguntei surpresa. — Mas, nossa! Você tem tantos planos de estudo, e tantas coisas, seria muito louco se tivéssemos um bebê.

— Sim. Nós temos muitos planos de estudo e coisas que queremos fazer. Mas ficar triste com um bebê, fruto do nosso amor? Jamais! Nós adaptaríamos nossos planos ao nosso filho.

Eduardo era o meu maior incentivador, ele gostava quando eu fazia planos profissionais, mesmo que o único plano que eu realmente dava atenção era o de estar ao lado dele.

Não resisti e levantei para abraçá-lo.

— Você é tão lindo, sabia? — Perguntei o olhando e sabia que meus olhos brilhavam. E também sabia que já havia dito um milhão de vezes que ele era lindo, mas eu nunca resistia.

— Eu sei. — Ele mordeu meu nariz e me deu um beijo carinhoso.

Passamos a tarde toda conversando sobre a situação complicada de Jesse e fazendo comparações com a nossa vida. Quando anoiteceu, continuamos o plano de Eduardo de que eu deveria assistir a todos os seus filmes favoritos de super-heróis com ele, e então ele assistiria os meus comigo. Confesso que, durante o nosso namoro, eu aprendi a gostar dos filmes de super-herói, e já tinha o meu favorito: Batman! Ele não aprendeu a gostar das minhas comédias românticas, mas assisti-las já era um grande avanço.

Eu gostava de implicar com ele dizendo que estava velho demais para gostar de heróis, ou quando eu comprava um boneco para dar de presente a ele (caro, por sinal; um bonequinho daquele nunca custava menos que três dígitos), dizia que havia comentado com o vendedor que era para o meu sobrinho pequeno. Eduardo sempre se irritava com os meus comentários, mas descontava o meu deboche implicando com a minha fascinação por pôneis de pelúcia, se eu encontrava um em uma loja, pirava. E ele ria dizendo estar envergonhado com a minha atitude infantil, e então comprava um de cada cor para mim.

A semana que passei na casa de Eduardo foi maravilhosa, me fez ter um pequeno vislumbre do que seria quando nos casássemos. E se casamento era aquilo, eu não via nenhum motivo para reclamar como via todos os casados fazendo. Eu acreditava que nunca seríamos um casal que engrossa o coro de risadas das piadinhas baratas sobre casamento e sua monotonia nos *stand ups*.

Era maravilhoso dormir em seus braços e acordar olhando para aqueles profundos olhos castanhos que eu tanto adorava. Era incrível cozinhar um para o outro, eu gostava de fazer algo que ele gostasse e olhá-lo comer com gosto. Eu, que nunca quis agradar ninguém, ficava mais feliz quando o agradava do que com qualquer coisa que ele fizesse para mim.

Adorava quando ele me levava para a faculdade e me dava um beijo na testa, imaginava ele fazendo a mesma coisa com a nossa filha em um futuro próximo, e que ele seria um pai maravilhoso. Gostava mais do que tudo das nossas noites de amor, de como nunca cansávamos um do outro e da nossa intimidade fantástica.

Poderia facilmente passar a minha vida toda ao lado dele, ser completamente feliz e nunca enjoar. No ápice da minha paixão, eu tinha certeza que poderia.

No último dia em que a casa seria só nossa, ficamos de buscar seus pais e sua irmã no aeroporto. Decidimos aproveitar as últimas horas assistindo série no sofá.

— Você já percebeu que se tirar o ‘L’ do seu nome e colocar um ‘N’, fica Menina? — Perguntou beijando meu rosto com carinho enquanto acariciava minha nuca e enrolava uma mecha do meu cabelo em seu polegar.

— Que grande observação! Você passou muito tempo pensando nisso, Eduardo? — Debochei olhando em seus olhos, que sempre foram a minha perdição. Eu era completamente louca, obcecada e apaixonada por aqueles malditos olhos castanhos.

— É sério, não ri! — Assim que pediu para eu não rir, quem acabou rindo foi ele. — Sério... Agora me deixa falar... — Ele parecia um pouco nervoso.

— Hum? — Perguntei segurando o riso.

— É isso o que você é. Para os outros, você tenta ser a senhorita nada-me-abala, mas aqui... — Ele me puxou para mais perto e disse baixinho, sem deixar de me fitar. — Nos meus braços, você é a minha menina.

— Edu... — Ele colocou o dedo em minha boca, me pedindo para ficar quieta. Eu não entendi o motivo, mas meu coração disparou. Eu nunca me acostumava com a presença de Eduardo, ele sempre foi minha coisa boa dentro de uma total bagunça. E me fazia me sentir forte. Nós dois juntos éramos invencíveis.

— Você é a minha menina, mas eu quero tanto, eu quero *tanto*, Melina, que você seja a minha mulher. Nesses últimos dias eu só pude ter ainda mais certeza disso. Sei que somos jovens, mas não tenho nenhuma dúvida. — Senti meu coração quase explodir dentro do peito, eu estava perplexa. Ele se ajoelhou no chão e abriu uma caixinha. — Melina Matarazzo, você aceita ser minha mulher? Eu sei que estragar seu nome só de ‘Ms’ será uma dor profunda, mas eu prometo estar ao seu lado para te ajudar a superar isso. — Eu ri nervosa e incrédula, levando as duas mãos à boca. Minhas mãos tremiam descontroladamente, e eu também já não tinha nenhum controle das lágrimas que escapavam dos meus olhos. — Aliás, eu prometo estar ao seu lado para superar tudo. Para sempre!

Ele fez o pedido me olhando daquele jeito, com aquela explosão de castanho, e eu não tive como recusar. Eu não queria recusar. É claro que eu disse sim. E acreditei em cada palavra. Foda-se se éramos jovens demais, nós tínhamos algo que muita gente procurava a vida toda e não encontrava. Nós éramos tudo um para o outro. E na loucura da nossa juventude e da nossa paixão, nós achávamos que seríamos eternos. Naquele momento, o para sempre ainda parecia pouco para nós.

Estava mais do que feliz, eu estava radiante. Foi o que eu disse para Eduardo quando ele perguntou se eu tinha gostado do pedido, e ele disse que gostava de como eu usava palavras diferentes para expressar minhas emoções.

— Gosto como você diz que uma coisa é *horrrível*. — Mistura de horroroso com horrível, usado em casos de extrema indignação. — Ou quando diz que está irritadiça com algo. É engraçado. — Comentou me olhando sorrindo, como ele sempre fazia quando observava alguma coisa sobre mim.

— Você repara em cada coisa idiota!

— Eu gosto de reparar. — Ele riu e seguimos juntos até o carro para buscar sua família.

Tinha certeza que minha sogra detestaria a notícia, ela ainda não havia superado o fato de eu ser a namorada de Eduardo. Uma coisa que aprendi, é que se nossa sogra não gosta de nós, ela fará de tudo para causar irritação, como, por exemplo, convidar sempre a garota que você odeia, no meu caso, Marina, que tinha um precipício por Eduardo, para tomar um cafezinho. Meu sogro não expressaria nenhuma opinião, nem feliz e nem triste, já que ele ignorava tudo o que vinha de Eduardo desde que ele decidira não fazer administração e, conseqüentemente, não seria o herdeiro dos negócios da família. Somente Carol ficaria radiante, ela era nossa fã número um.

Quando contamos a notícia, as reações foram exatamente como imaginei. Nada de novo, mas

Eduardo e eu estávamos tão felizes que só conseguíamos reparar em coisas boas.

— Eu não acredito que vocês vão se casar! — Carol disse empolgada, arrastando sua mala rosa de viagem.

— Vamos! Você vai ter que me suportar para sempre, cunhadinha. — Mostrei a língua para ela.

— Nossa! Será um sacrifício imenso! Mas o que não fazemos pelos irmãos? — Ela riu brincando. — Cara, meu irmão vai casar. Que legal! Tipo, todo mundo já sabia que vocês se casariam, é óbvio. Mas estou tão feliz!

— Eu sei. — Sorri para ela e a abracei. — Obrigada pelo seu apoio.

— Não precisa agradecer, não tem como não apoiar. Vocês se amam! Agora me deixem falar sobre a viagem... — Disse empolgada. — Foi incrível, eu conheci um cara tão legal lá.

Carol e seus amores. Era fofa a forma como ela sempre dava um jeito de se apaixonar perdidamente por alguém. Ela era uma das garotas mais românticas que eu conhecia, e mesmo que nenhum de seus relacionamentos fosse para frente, ela sempre encontrava algo bom para amar em cada garoto com quem ela se relacionava. Não precisava ser nada sério, ela gostava mesmo era de se apaixonar por detalhes.

— Relacionamentos à distância nunca dão certo, aliás, acho que é muito cedo para você começar a namorar. — Eduardo opinou depois de Carol contar que eles ainda estavam se falando e da ligação que eles tiveram.

— Ninguém está falando de namoro, e quem é você para dizer que é muito cedo? — Ela gargalhou e continuou me contando os detalhes.

O nome dele era Nick. Ele era gentil, educado e engraçado. E segundo ela, tinha grandes chances de ser o amor da sua vida.

Não quis ser chata como Eduardo, então apenas ouvi e fiz comentários empolgantes. Acredito que temos que saber a hora de dar conselhos e a hora de apenas curtir os momentos de felicidade dos nossos amigos junto com eles. Às vezes, eles não querem um sermão, mesmo que tudo indique que não se darão bem; só querem alguém para curtir o momento feliz, assim como ela curtia o meu.

A mãe de Eduardo preparou um jantar em comemoração ao nosso noivado, e eu achei muito tocante de sua parte. Foi um jantar em família, e mesmo que eu odiasse toda vez que minha mãe ia para a casa de Eduardo, pois ela não tinha noção dos pedidos de empréstimos e investimentos que fazia, aquele dia eu não me importei. Deixei toda a preocupação de lado e apenas curti o momento ao lado do meu noivo. Toda vez que a palavra “noivo” saía dos meus lábios, eu me sentia extremamente orgulhosa. Eduardo era meu noivo.

Fiquei imaginando o pessoal da faculdade ao saber da notícia, eles logo pensariam que eu estava grávida, porque era o que sempre pensavam em relação a casamentos entre jovens. Amor

nunca poderia ser suficiente, não é? Amor? O que é isso? Bem mais fácil pensar em gravidez. Ou citariam a suposta curtição que nós perderíamos, mas eu não estava nem aí, não ligava para o fato de não ir mais para nenhuma festa se isso significava me casar com Eduardo. Eu não ligava para as supostas experiências que eu estaria perdendo, pois não imaginava experiência alguma que pudesse ser maior que o amor.

Eu disse sim, e diria mais um milhão de vezes se fosse necessário.

“...Você deixou ir. Você deixou ir. Você deixou ir. É só o que as vozes dizem na minha cabeça, mas a essa altura, não sinto mais como se a culpa fosse minha. O amor escapou por nossas mãos. Escapou pelo vão dos meus dedos e você também não conseguiu segurar. Ignorei as vozes dos fantasmas amargurados do nosso amor, e as luzes dos fogos acabaram, porque tudo que reluz demais, também apaga.”

-Publicado por Melina Matarazzo.

Capítulo 5

Cinco anos atrás

“Eu senti toda a energia quando a vi pela primeira vez. A verdade é que ela é o pensamento que rodeia minha cabeça antes de dormir. Não importa que ela já tenha dito ‘tchau’ umas duzentas vezes, e era só tchau, não vinha seguido de mais nada, nem do clichê ‘beijos e boa noite’, nem isso ela desejava. Talvez ela soubesse internamente que não seria uma boa noite enquanto ela não estivesse ali, ao meu lado, quem sabe fatigada, me implorando por mais amor. Sonhar é esquecer a realidade, não me culpo por isso...”

Confesso que entenderia facilmente minha antiga objeção por casamento quando comecei a organizar o meu. Eram tantas coisas a serem resolvidas que eu quase pirei. Eduardo não era tão participativo quanto eu, mas ele me ajudava quando eu pedia alguma opinião. O que era um pouco irritante, já que eu queria que ele se entregasse plenamente, como eu estava me entregando, e também porque o casamento era tão dele quanto meu. Mas desisti da participação de Eduardo ao longo do processo, visto que percebi que eu entendia muito mais do assunto do que ele, e que eu não gostava muito de suas preferências.

Ter que escolher vestido, buffet, buquê, local, cabelo, maquiagem, madrinhas, damas, bolo, valsa e até a roupa do noivo, ocupava parte do meu tempo, e a outra parte eu me dedicava à faculdade, já que não queria pegar nenhuma DP e tinha que tirar boas notas.

Eu gostava de ter tantas coisas para pensar, mas também me senti aliviada quando a data do casamento finalmente começou a se aproximar. Eu teria mais tempo para o meu noivo, para os meus estudos e até poderia procurar um estágio com mais calma.

— Você precisa conhecer o cara que está fazendo a cobertura da formatura do colégio. — Disse Rachel enquanto tomávamos café no Starbucks do centro da cidade e descansávamos das nossas buscas para as festas: a minha festa de casamento e a festa de dezoito anos da Rachel, que ela prometia ser a festa do século, e pelo seu empenho, seria mesmo.

— Você comentou. Ele trabalha onde mesmo?

— Na *TotalTeen*. Ele é incrível! Escreve textos maravilhosos e o blog dele é um dos mais acessados do país.

Fazia semanas que a Rachel citava esse cara. Ela o havia conhecido no colégio, pois a revista adolescente em que ele trabalhava estava fazendo a cobertura da sua festa de formatura para uma

web série adolescente, e Rachel, como era a veterana mais espontânea e tinha um talento nato para câmeras, foi escolhida para apresentar.

— Danilo, não é? — Perguntei. — Vou ver o blog dele quando chegar em casa. Eu prometo!

— Você tem que fazer contatos, Mel! Quem sabe não consegue um estágio na revista?

Engraçado como Rachel era bem mais visionária em relação a emprego e oportunidades do que eu. Às vezes ela parecia ser mais velha do que realmente era, e eu adorava ouvir seus conselhos e admirava o modo como ela era independente e não deixava nada atrapalhar seus sonhos. Aos dezoito anos, Rachel protagonizava sua segunda peça de teatro e se matava de estudar para conseguir entrar na faculdade de Direito. Isso mesmo, Direito! Rachel se dividia entre o sonho de ser atriz e agradar seus pais.

— Eu sei, Raka. Estou tão sem tempo ultimamente...

— Hum... — Ela deu de ombros e bebeu um gole do seu cappuccino. — De qualquer forma, vou arranjar um tempo para vocês se conhecerem.

— Ok. — Sorri concordando e percebi que soei um pouco desinteressada.

Não era como se eu não ligasse, mas eu só queria pensar no meu casamento naquele momento, e somando o fato de termos nos inscrito para uma bolsa de estudos em Londres, Eduardo e eu, já que era seu sonho estudar lá, eu não conseguia pensar em mais nada.

Rachel me ouviu falar sobre a organização da festa por bastante tempo, até perder a paciência e mudar de assunto. Eu nem ficava chateada, pois sabia que ultimamente estava muito repetitiva.

Ser noiva não é fácil! Eu ouvia tantos questionamentos sobre a necessidade da festa que até fiz uma lista:

1 - Por que fazer uma festa? É só vocês morarem juntos!

2 - Você nem sabe se vai dar certo!

3 - Você é tão nova para casar, por que não curte mais a vida antes?

4 - Você vai gastar muito dinheiro e, ainda assim, as pessoas vão sair falando mal!

Fazia questão de revirar os olhos diante de tais comentários, para deixar claro que a pessoa estava sendo inconveniente. Mas sabia que eu também alugava o ouvido de todos com questões sobre a festa, que, no fundo, só importavam para mim, então tentava não me estressar tanto com isso.

— Vou passar na casa do Jesse, ajudar com o Bento. Ele anda muito estressado, a Maya

também não dá um tempo... — Rachel revirou os olhos enquanto esperávamos um táxi.

Eu imaginava quanto Maya deveria estar sofrendo com a chegada do bebê, e as imensas brigas com Jesse deveriam deixá-la arrasada, mas Rachel sempre defendia o irmão, não importava se ele estava certo ou não.

— Deve ser difícil para ela também! — Comentei. Mas fui completamente ignorada.

Não insisti mais no assunto, porque Jesse também era meu amigo e eu não tinha motivos para defender Maya, nunca gostei dela. Não que ela já tivesse me feito alguma coisa, mas o santo simplesmente não batia.

Conversamos durante todo o percurso até a casa de Eduardo, e quando o táxi parou no meu destino, me senti na obrigação de me abrir com Rachel.

— Quando eu for para Londres, sentirei muito sua falta!

— Espera! Você vai para Londres? — Ela perguntou espantada.

Eu ainda não havia comentado com ninguém, mas tudo estava praticamente certo, então não achava justo continuar escondendo o fato das pessoas que eu amava.

— É o sonho do Eduardo estudar lá... — Expliquei.

— Eu sei que é o sonho dele. Mas, e os *seus* sonhos? — Questionou olhando nos meus olhos.

— Raka... Nós vamos nos casar! E, de qualquer forma, eu não vou abandonar nada, serei aprovada, assim como ele. Estudaremos lá juntos!

Rachel me ofereceu um olhar que eu podia jurar ser de pena, ou de algo parecido. Senti um calafrio assim que vi em seus olhos a chance do meu plano não dar certo. Até o momento, eu não tinha pensado naquilo. Não tinha reparado quanto minha vida era ligada somente ao Eduardo e de como eu não tinha os meus próprios planos.

— Espero que dê tudo certo, então! — Desejou com um sorriso no rosto. — E eu também vou sentir sua falta! — Ela me abraçou soltando um suspiro pesaroso, em seguida me oferecendo um longo olhar significativo antes de me soltar.

Assim que o táxi deixou a casa, e Rachel me deixou com a cabeça cheia do seu olhar e tudo o que ele significava, abri a porta da casa de Eduardo. Eu havia decidido dormir com ele, e não na minha casa. Helena estava dando uma festa com suas amigas estranhas, por isso optei deixá-las à vontade.

— Boa noite! — Cumprimentei minha sogra com um beijo no rosto.

— Boa noite, querida! Você já jantou?

— Já, sim, comi um lanche, não estou com fome. — Agradei sem jeito. O olhar que ela me oferecia era estranho, mesmo com anos de convivência, eu ainda não tinha me acostumado. — O

Ed está no quarto?

— Janta, meu bem! — Insistiu.

Cedi sua insistência, aproveitando que ela estava sendo simpática, para tentar iniciar uma boa fase entre nora e sogra.

— Já que a senhora insiste... — Ofereci meu melhor sorriso e ela pediu à empregada que me servisse.

— Tem que comer bem, meu bem! Nessa correria toda de casamento, pode acabar ficando doente! Aliás, não entendo por que a *sua* pressa. — Alfinetou Rebeca. Retribuí a alfinetada com um olhar gélido. — A pressa dos dois. — Corrigiu, com um falso sorriso doce no rosto.

— Porque nós nos amamos! É tão simples... — Sorri oferecendo a mesma sinceridade.

— É... Eu sei! — Ela concordou, mesmo que meio contrariada. — Vai dormir aqui hoje?

— Vou, sim! — Respondi simplesmente.

Só queria terminar de jantar e sair daquela mesa. Se arrependimento matasse, eu estaria mortinha naquele momento por ter aceitado o convite. Eu odiava quando ela sugeria que a pressa de nos casarmos era para eu prender Eduardo a mim.

— Eu chamaria o Edinho para te fazer companhia, mas ele está com visita, então é melhor que termine o seu jantar, para não interromper. Não que você atrapalhe, de modo algum, mas é ruim quando estamos conversando e alguém entra no meio, não é?

Quando ela disse a palavra “visita”, fechei os olhos, sentindo a raiva me dominar ao imaginar quem poderia ser.

— Visita? — Perguntei tentando manter a calma.

— Sim! A Marina. — Explicou.

— Ah! — Exclamei rindo, mas sem qualquer humor. — Claro que é a Marina... O que ela está fazendo aqui, a essa hora, e no quarto dele?

— Ela precisava de ajuda com alguma matéria da faculdade.

— Eu não sabia que o Eduardo estava dando aulas particulares! — Respondi.

Ela me olhou semicerrando os olhos e eu ri fingindo estar brincando. Claro que não ficou muito realista a minha encenação.

— Edinho e Marina sempre foram amigos. Ele sempre a ajuda quando ela precisa. É um amor de infância! — Cutucou. — Gostou do jantar, meu bem?

— Amor de infância, Rebeca? — Ri ironicamente e balancei a cabeça, indignada com as

palavras que ela havia escolhido para me provocar. — Qual é o seu problema comigo?

— Problema? Com você? Não tenho nenhum! Eu não sabia que você tinha ciúmes dela. Desculpe, querida!

— Chega de fingimento, a sua ironia me faz mal! Eduardo sempre fala de você como uma mãe carinhosa e amorosa, ele te vê com os melhores olhos. Eu fico triste, de verdade, que eu não consiga te ver da mesma maneira. Porque eu me importo muito com o Eduardo, e quem ele ama é igualmente amado por mim. — Desabafei olhando em seus olhos. Eu não aturava os desaforos da minha própria mãe, não aguentaria os dela. — Mas a senhora está empenhada a me odiar, o que é uma pena, pois terá que me aguentar. Eu vou me casar com Eduardo! Nós nos amamos e nada que você faça pode mudar isso. — Continuei.

Levantei da mesa decidida a disparar porta afora, encarar as amigas estranhas de Helena, a festa, a bagunça da minha casa e a confusão da minha cabeça, se isso significasse sair dali, mas me deparei com Eduardo e Marina parados na soleira da porta, escutando o meu discurso.

— O que foi isso, Melina? — Eduardo perguntou me encarando.

— O que foi isso? — Perguntei o fritando com o olhar. — O que é isso, Eduardo? — Apontei para os dois.

— Eu vim visitar a Carol...

— Ah, me poupa! — Pedi à Marina. — Meu papo não é com você! — Peguei minha bolsa, preparando-me para ir embora.

— Melina! — Eduardo me olhou indignado, como se eu estivesse louca. — Eu estava dando umas orientações a ela sobre inscrições para faculdades no exterior, mas isso nem vem ao caso. Por que você estava falando assim com a minha mãe?

— Pergunte para ela! — Saí e bati a porta. Eu não aguentaria ficar mais nem um minuto naquele lugar. Assim que passei pela porta, mesmo me sentindo péssima, ainda me sentia melhor do que no mesmo ambiente que minha sogra. Minhas mãos tremiam e tudo o que eu quis fazer foi ligar para a Rachel.

— Raka! — Murmurei tentando conter o choro. — Onde você está?

— Estou em um café com o Dan. Aconteceu alguma coisa?

— Eu briguei com o Ed. Pensei em ir para casa, mas queria, sei lá, me distrair. Vocês estão em um encontro?

— Não! — Ela respondeu e eu podia imaginar a careta que fez do outro lado da linha só pelo seu tom de voz. — Venha nos encontrar, é ele que eu quero tanto que você conheça.

— Ok! Onde fica esse café?

Ela me passou o endereço e, alguns minutos depois, após perder minha dignidade chorando no táxi, eu estava lá. Eu me recuperei respirando fundo, prometendo a mim mesma que minha sogra jamais me afetaria daquela maneira, e fui ao encontro da minha melhor amiga.

— Olha quem chegou! — Raka disse animada, levantando-se da mesa e vindo ao meu encontro. O rapaz estava de costas para mim. Costas muito largas, por sinal. Assim que se virou para me ver, me fitou com profundidade, parecendo me analisar. Não fiquei sem graça, simplesmente devolvi o olhar.

— Dan, essa é a Melina, aquela que eu vivo te falando. Ela é uma jornalista incrível, sou completamente apaixonada pelos textos que escreve. — Rachel estava me vendendo para o seu amigo com toda a sua cara de pau. Eu sabia quanto ela queria que eu me focasse mais em mim e conseguisse alguma coisa naquele encontro. E, naquele momento, me pareceu certo tentar, mesmo que eu ainda fosse um projeto de jornalista que só escrevia textos para a minha melhor amiga.

— Prazer, Melina! — Ele disse pegando minha mão e me dando um beijo.

— Prazer! A Rachel me falou bastante de você.

— Falou igualmente de você! — Ele ofereceu um sorriso de lado, parecendo um pouco sem jeito.

— Vocês tinham que se conhecer! — Rachel disse empolgada. — O Dan estava me contando como foi que ele entrou para a *TT*. Conta de novo, Dan! — Pediu e deu um tapinha em suas costas, o incentivando.

Ele riu do jeito espontâneo de Rachel e começou a contar a história novamente.

— Em um dia de tédio, eu decidi criar um blog. Sempre gostei muito de observar as pessoas, então comecei a escrever histórias que eu ouvia por aí. Não imaginava que isso atrairia leitores, mas atraiu, principalmente adolescentes, e foi então que recebi o convite da *TotalTeen*. No começo, achei que não seria minha praia, mas depois comecei a me apaixonar pelo universo editorial, e estou lá até hoje.

— Que legal! Ele conta tantas vezes essa história que até usou as mesmas palavras de quando contou para mim. — Rachel o olhou rindo, fazendo todos da mesa rirem também.

— Em toda entrevista perguntam a mesma coisa, decorei meu discurso. — Ele disse sorrindo.

— Sério? Deve ser muito louco uma ideia surgir do nada e virar tudo na sua vida. O que você fazia antes? — Perguntei curiosa para saber mais sobre sua história.

— Acredite se quiser, eu cursava medicina.

— De médico a escritor! É uma mudança radical, não acha? — Pedi uma cerveja para o garçom.

— Eu gostava da ideia de ser médico, mas escrever foi uma paixão que apareceu de repente, e do tipo avassaladora, sabe? Você não pode ignorar quando esse tipo de paixão aparece.

Rachel se levantou da mesa atendendo uma ligação no celular. Eu tinha minhas dúvidas se aquilo tinha sido de propósito.

— Eu sempre amei escrever, desde pequena. Aquele eterno clichê, eu escrevia para soltar os demônios da minha alma.

Ele deu risada e fez uma careta.

— É clichê mesmo, mas não consigo imaginar seus demônios, fiquei curioso.

— Ninguém consegue, mas fala a verdade, a cabeça de um escritor nunca é normal. Você deve ter seu quê de loucura também.

— É verdade! Escritores têm um jeito diferente de sentir e perceber as coisas. Não sei se é assim com você também, mas eu tenho o dom de saber quando vou me ferrar em alguma situação, sempre tenho certeza.

— Esse dom eu não tenho. Mas pode ter certeza que eu queria. — Ri e bebi mais um gole de cerveja. — Não tenho muitos dons, para falar a verdade. Aliás, acho que só tenho dois. Um deles é escrever, o outro é meio particular.

Ele deu um sorriso de lado ao ouvir sobre meu dom particular.

— Hum! Se é particular, não vou perguntar agora. — Danilo me encarou e desviou o assunto quando eu ri indicando que não falaria. — E saber que vai se ferrar não é um dom legal, não queira! Serve como uma bomba relógio, porque eu geralmente não faço nada para mudar meu destino desastroso.

— Masoquismo? — Perguntei arqueando uma sobrancelha.

— Sou contra mudar destinos desde que assisti Premonição.

Gargalhei e bati em seu ombro, me sentindo estranhamente íntima daquele cara que eu havia acabado de conhecer.

— Eu também tenho uma teoria dessas, quer ouvir? — Perguntei rindo, me sentindo extremamente infantil, mas feliz e distraída.

— Teoria *dessas*? Se você quis dizer uma teoria incrível e totalmente aplicável, eu quero.

Desisti de beber a cerveja, pois eu acabaria engasgando em meio às minhas risadas em algum momento. Era tão bom rir, mesmo depois de um momento tão desagradável na casa de Eduardo! Agradei mentalmente por ter ido até aquele lugar e conhecer aquele rapaz.

— Quando percebo que algum relacionamento na minha vida não vai dar certo, qualquer tipo de relacionamento, eu não dou tchau, simplesmente abandono o navio, porque... — Olhei para

ele, rindo de sua expectativa. — Sou contra naufrágios, desde *Titanic*! — Ri e ele percebeu que eu estava debochando de sua teoria.

— Faz sentido! Embora você esteja debochando, faz sentido, Melina. — Ele riu balançando a cabeça. — Estou me sentindo um idiota agora, satisfeita? — Ele sorriu com seus olhos azuis. Era bonita a forma como seus olhos sorriam acompanhando seus lábios.

— Você não é um idiota! Pelo menos, não até agora. Estou debochando, costumo fazer isso com tudo. Meu noivo detesta. — Eu disse naturalmente. Mas percebi que a palavra “noivo” o atingiu, pois ele desviou o olhar para minha mão, como se para conferir o que não havia notado.

— É claro que você é noiva! — Balançou a cabeça rindo em tom pesaroso. — Mulheres incríveis sempre são. — Acrescentou me olhando.

Sorri convencida.

— Espero que isso não acabe com sua simpatia comigo. — Dei um sorriso.

Embora eu estivesse brigada com Eduardo, nunca esconderia de alguém que estava noiva, mesmo que esse alguém pudesse me arranjar um estágio.

— Agora você me ofendeu, acha que minha simpatia depende de um anel na sua mão? — Perguntou me olhando seriamente.

— Não, é que... — Ele me interrompeu.

— Achou certo! Saia da mesa, ou está pensando que vai tomar cerveja às minhas custas? — Ele disse rindo e apontando para fora.

— Agora você está sendo idiota! — Ri de sua brincadeira e revirei os olhos.

Ele me olhou sorrindo e mordeu o lábio, segurando o riso também.

— Olhos de gata, me passa seu telefone? Estão contratando estagiários na *TT*. Posso ser um idiota... — Piscou para mim. — Mas posso te descolar um estágio bacana, e lá, quem se destaca é efetivado.

— Olhos de gata? — Ri. — Ok! — Anotei meu telefone em um panfleto esquecido em minha bolsa e entreguei a ele.

— Obrigado! — Agradeceu guardando o número.

— Nossa, obrigada você! Passa seu e-mail? Posso mandar alguns textos meus para você ler? Sou um pouco insegura nesse sentido, não quero concorrer à vaga sem antes ter a opinião de um especialista.

— Você parece ser tudo, menos insegura. Mas entendo, embora você nunca tenha lido nada meu para me chamar de especialista, prometo ler os textos que me mandar. — Anotou seu e-mail em um guardanapo e me entregou.

— Prometo que vou ver seu blog hoje. Se você não for especialista, tenho aqui o seu e-mail para dizer que retiro o meu pedido de ajuda e que procurarei outra pessoa. — Brinquei e lhe arranquei uma risada engraçada e verdadeira.

— Você é *abusadinha*, hein? Ok, desafio aceito!

Já estava ficando tarde, então decidimos nos levantar e ir ao encontro de Rachel, que fumava do lado de fora do café.

— Desde quando você fuma, mocinha?

Ela revirou os olhos, ignorando minha tentativa de irritá-la.

— Só para aliviar. — Deu de ombros. — O papo estava bom lá dentro, hein? — Implicou com um sorriso no rosto.

— Você tinha razão, seu amigo é legal.

— Só isso? Só hoje sua amiga me fez sentir como um idiota, e não satisfeita, me *chamou* de idiota. E agora diz que sou *legal*, sem mais nada a acrescentar. — Ele riu mostrando para ela que estava brincando.

— Ele é dramático! Qual é o seu signo? — Perguntei ficando curiosa de repente.

— Peixes.

— Sério? É por isso! — Eu e Rachel rimos ao constatar que ele era a cara do signo que tinha.

— Qual é o seu? — Ele perguntou.

— Câncer. — Respondi orgulhosamente. Eu amava meu signo, apesar de ele não ter uma fama tão boa.

— Você é de câncer e está querendo zoar os outros? — Ele balançou a cabeça negativamente. — Sabia que câncer é o signo que mais combina com o meu? — Perguntou e ergueu os braços. — Calma, é só um fato! Eu já sei que você está noiva.

— Isso! Para, por favor! — Rachel o abraçou e coçou sua cabeça, o consolando. — Ao longo dos anos, já vi a Melina dar vários foras, não faça isso com você.

— Deixem de ser bestas! — Mostrei a língua para Rachel. — É mentira dela.

— Mentira sobre o fora que você me deu ou sobre os outros que você já deu?

— Sobre os dois. — Respondi a ele.

— Então não foi um fora? — Ele me olhou sorrindo travessamente.

— Não, já que você não estava dando em cima de mim.

— Para, criança! — Rindo, Rachel pediu a ele.

— Parei, foi minha última tentativa. Prometo! — Ele beijou a cabeça de Rachel, dando risada. — Meninas, eu dou uma carona para vocês, está tarde para pegarem táxi.

— Não precisa...

— Precisa, sim! — Disse Rachel. — Vamos!

Entramos no carro de Danilo e ele deixou Rachel em sua casa. Alguns quarteirões depois, enquanto conversávamos sobre como era trabalhar com produção editorial, nós chegamos em frente à minha casa.

— Tchau, Melina!

— Tchau, Dan! — Dei um beijo em seu rosto.

— Não se esqueça do e-mail. — Pediu.

— Não vou esquecer. — Disse a ele em tom simpático.

— Adorei te conhecer.

— Eu também. — Respondi sinceramente.

— Desculpe qualquer coisa...

— Eu sei, você estava brincando. — Ri e dei de ombros, indicando que não me importava.

— Sim! Gosto de brincar. — Ele sorriu e, finalmente, nos despedimos.

Cheguei em casa e encontrei uma tremenda confusão. Helena estava deitada no sofá totalmente chapada, e tinha gente na minha cama. Revirei os olhos e respirei fundo, não era culpa dela, já que eu tinha dito que não dormiria em casa, mas ela poderia ter respeitado pelo menos o meu quarto.

Eu adorava Helena, mas morar com ela estava me enlouquecendo. E não tinha a menor chance de eu voltar para a minha casa, toda vez que eu visitava minha mãe, eu voltava com a certeza de que ela ficara aliviada por eu ter saído de lá. Isso só somava para eu querer me casar e ter meu próprio canto com o Ed.

Expulsei todo mundo do meu quarto e liguei o computador, eu só precisava visitar o blog do Danilo e distrair minha mente. Mas o que era para ser só uma olhadinha, me fez virar a noite. Li todos os textos que consegui. Eram incríveis, eu adorava a linguagem que ele usava e o jeito como escrevia sobre tudo. As histórias que ele contava me fizeram viajar por vários lugares e conhecer diversos personagens.

“Visitei seu blog. Devo dizer que virei fã, mas não fique se achando muito! Ou talvez eu deixe você se achar um pouco, só porque você realmente merece! Espero que goste das minhas crônicas também. Segue anexo.”

Mande o e-mail para Danilo e senti um frio enorme na barriga, era a primeira vez que alguém que não fosse Rachel ou Robin lia algo meu, e levando em conta que uma era minha melhor amiga e a outra minha irmã, isso só demonstrava que nunca fui muito corajosa para mostrar meus escritos.

O que eu escrevia era minha maior insegurança. Eu encarava elogios perfeitamente bem, minha autoestima era bacana e eu me achava boa em muitas coisas, mas escrever era um universo particular, o qual eu tinha muito medo de compartilhar com alguém. Eu não compartilhava meus textos nem mesmo com o Eduardo. Ele morria de curiosidade, mas eu dizia que era particular e ele respeitava. Mas, naquele momento, eu tinha me arriscado e compartilhado parte de mim com um cara que eu havia acabado de conhecer. Fechei o notebook e respirei fundo, tentando não ficar tão nervosa, em vão, já que eu era ansiosa por natureza.

Queria compartilhar aquele momento com o Eduardo, dizer quanto era legal aquela sensação, pois eu tinha certeza de que ele ficaria feliz, mas estávamos brigados. Eu odiava quando isso acontecia. Eu confiava nele, mas o fato de Marina estar em seu quarto não me agradou nem um pouco. Eu também odiava a relação que eu tinha com a minha sogra, e estava nervosa com ele pela falta de apoio nas decisões do nosso casamento.

Adormeci de exaustão. Após passar muito tempo pensando em tudo, a sensação de que eu não daria conta era a pior coisa do mundo, me fazia revirar na cama por horas, até finalmente conseguir um pouco de descanso.

“...A cada dia passado, a realidade gritava ainda mais alto, me impedindo de esquecer os dois lados da moeda, igualmente péssimos. Lado A: ela era linda, engraçada e tudo o que sempre quis em uma mulher, mesmo quando era má ou debochada. Lado B: ela não era e nunca seria minha, e isso me consumia toda vez que eu me apaixonava um pouco mais pelo seu sorriso. Eu estava quase pedindo para que ela parasse de sorrir na minha frente, porque estava me deixando louco, mas sabia que as consequências seriam todas minhas...”

No dia seguinte, eu tinha prova do vestido e também havia marcado de visitar o salão. Acordei extremamente triste pela noite conturbada, não queria ver vestido algum, mas sabia que o sentimento era momentâneo e eu precisava experimentá-lo, uma vez que, naquela correria toda de casamento, eu havia perdido três quilos, pois destinava todo o meu tempo livre para as decisões do evento e me esquecia de me alimentar direito.

O ateliê que eu havia escolhido era um dos mais cobiçados da cidade, tinha sido indicação de Clara, e eu realmente havia adorado, ela sabia meus gostos para moda. Assim que cheguei, fui

recebida com uma taça de champanhe e morangos. Sorri para Katherine, a estilista, que fazia questão de me atender pessoalmente. Eu sabia que era pelo fato da família de Eduardo ser extremamente rica e conhecida, mas gostava do mimo.

— Olá, minha noiva favorita! — Ela sorriu simpaticamente ao abrir a sala onde meu vestido se encontrava.

— Tenho certeza que você diz isso para todas, mas eu gosto de ouvir. — Eu a abracei sorrindo.

Eu gostava dela, ao longo do processo, ela tinha se tornado uma amiga e uma das minhas maiores ajudantes nas escolhas da festa.

— Jamais! Você é especial para mim, Mel! A prova disso é que tenho um presente para você. — Ela pegou uma caixa pequena e a entregou em minhas mãos.

Como sou extremamente curiosa, abri o presente no mesmo minuto. Fiquei surpresa com a beleza da tiara que ela havia escolhido para mim.

— Nossa, Kath! É linda! — Eu disse encantada.

— Meu presente para te tornar ainda mais linda no seu grande dia!

— Não tenho palavras para agradecer, vai combinar perfeitamente com o vestido. — Era uma tiara delicada e brilhante, digna de uma princesa. Eu tinha certeza que havia custado os olhos da cara, mas isso não era um problema para Kath.

— Me agradeça estando linda no seu casamento. — Ela disse e pediu licença para pegar meu vestido.

No momento que o vesti e me olhei no espelho, me senti linda, mas ao olhar para os meus olhos, eu os vi abatidos e apagados. Kath também reparou.

— O que foi? — Ela perguntou. — Falta de ajuda do noivo?

— Também... — Disse e ponderei por alguns segundos se comentava com ela; optei por desabafar. — Ontem meio que brigamos, e hoje ele não mandou nenhuma mensagem. Eu estou aqui experimentando o vestido, depois vou ao salão, e isso não deveria ser um momento triste, eu queria o apoio dele.

— A maioria dos noivos não ajuda na festa, isso não significa nada. Eduardo é um príncipe, talvez você devesse contar para ele como está se sentindo, tenho certeza de que ele vai perceber os erros cometidos e tentar corrigi-los.

— Eu tenho esse problema, queria que ele soubesse que tinha que me ajudar. E para piorar, minha sogra continua implicando comigo, parece que ela está participando de algum tipo de contagem regressiva onde o objetivo é acabar com o meu relacionamento antes que nos casemos.

— As mães têm muito ciúmes de seus filhos homens, mas vocês vão se casar e não há nada que ela possa fazer em relação a isso. Vocês só precisam se acertar para esse momento da organização ser especial, e não torturante para os dois.

— Obrigada, Kath! — Agradei.

Me sentia mais calma ouvindo os conselhos de Kath, que lidava com noivas o tempo todo. Eu realmente precisava conversar com Eduardo, e estava decidida a ligar para ele assim que chegasse do salão, mas não foi necessário. Não pude conter o sorriso quando vi seu carro assim que cheguei ao local. Bati na janela e ele abriu o vidro.

— Ainda está brava comigo? — Perguntou parecendo uma criança com aqueles olhos castanhos especulativos.

— Nem tanto agora! — Sorri e revirei os olhos, o fazendo rir.

— Gosto quando você revira os olhos. — Ele disse e abriu a porta do carro.

— Temos que entrar, o Luke está me esperando. — Tentei convencê-lo, mas ele deu de ombros.

— Ele vai esperar um pouco mais, estamos pagando. — Riu e me puxou para o seu colo, fechando a porta do carro. Colocou meu cabelo de lado e beijou meu pescoço, arrancando arrepios do meu corpo.

— Você não tinha motivos para ficar com ciúmes da Marina, sabe que só tenho olhos para você.

— Não estava com ciúme! — Retruquei fechando os olhos e desfrutando dos beijos demorados em minha nuca, sentindo todo o estresse dos últimos dias evaporarem.

— Não? Você me pareceu bastante ciumenta! — Ele deixou escapar uma risada. — Eu não gostei do jeito que você falou com a minha mãe, mas não sou cego, não aguento mais ela me jogando para cima da Marina.

Eu ri. Era um alívio saber que ele não era cego, e que também via que sua mãe fazia de tudo para me provocar.

— Pois é! Nunca comentei com você, mas ela não gosta de mim. Desculpa por ontem, eu só estou estressada por conta dos preparativos do casamento, sempre ignoro as provocações.

— Ela não faz por mal, só precisa de um tempo para aceitar que vou sair de casa, que deixarei de ser só o filho dela e passarei a ser o marido de alguém.

Dei um enorme sorriso quando ele disse a palavra “*marido*”, era encantador ouvir aquilo de sua boca. Eu ainda me assustava toda vez que ele dizia, porque parecia maravilhoso demais. Imaginar uma vida ao lado dele, sem ninguém para dar palpites, só nós dois, todos os dias, para todo o sempre, era só o que eu queria. Coloquei todas as minhas expectativas sobre a felicidade

em torno desse plano. Qualquer outro plano ficava desbotado perto do quanto eu queria ser sua mulher.

— Repete? — Pedi tentando desviar o assunto, não queria falar da mãe dele, pois tinha medo de deixar escapar um xingamento. Era totalmente minha cara, e todo mundo sabe que mães são sagradas para seus filhinhos, mesmo quando são lobas em pele de cordeiro.

— Marido? — Ele riu do meu pedido. — Eu sou seu marido!

— É? — Olhei para ele sorrindo e o beijei gostosamente.

Nosso beijo era perfeito. O encaixe era incrível e toda vez que brigávamos, ele era um remédio prático, só bastava um beijo para detonarmos qualquer sentimento ruim entre nós.

— E você é minha mulher! — Mordeu minha orelha. — Minha mulher marrenta e *bravinha* que até tenta brigar comigo, mas que sabe que no final sempre fazemos as pazes.

— Eu tento? Sou eu que levo garotas desesperadas para o meu quarto?

— Não tive escolha! Não podia dizer não!

— Vou ter que te ensinar a dizer não, senão é de mim que você vai ouvir vários!

— Você não consegue dizer não para mim. — Ele riu convencido.

— Claro que consigo! — Afirmei categoricamente. Embora eu soubesse que não conseguia mesmo. Era um fato, e ele se divertia com isso.

— Não consegue, linda! Sinto muito!

— Quem veio atrás? Acho que foi você.

— Você é orgulhosa, e eu tinha que vir, afinal, você pediu semana passada, anotei na agenda do celular: “*visitar salão com a Melina*”. Cumpro com a minha palavra, mas aposto que você me ligaria ainda hoje!

Revirei os olhos.

— Cala a boca!

Ele riu e me beijou novamente. Decidimos parar com aquilo, pois sabíamos onde daria e tínhamos realmente que falar com o Luke sobre os detalhes do salão. Compensamos a vontade quando, finalmente, chegamos em casa.

“... Não tinha dificuldade para me distrair com outras, mas via que o jogo estava ficando perigoso quando percebi que loiras de olhos azuis tinham virado minha preferência absoluta, logo eu, que sempre pirei em uma morena. Um analista diria que eu a procurava nas outras,

mas não era verdade. Eu sabia que nenhuma seria como ela, sempre tive essa certeza...”



O grande dia! Dizem que o casamento é o grande dia da vida de uma mulher, então imaginava que estaria extremamente feliz aquele dia, mas eu só conseguia sentir um frio enorme na barriga e um nervoso incontrollável, pelo menos era assim que eu me sentia no começo.

— Eu. Vou. Surtar. — Disse à Clara.

— Fica calma, Mel! Bebe um gole de vodca, sei lá. — Sugeriu e eu ofereci um olhar significativo para ela e sua sugestão.

— Claro, quero entrar bêbada no dia do meu casamento!

— Para que tanto nervoso? Não entendo. Ele não fugiu, vai estar lá, a festa está toda pronta, não tem mais nada que você possa fazer, só se acalma e curte o que você passou um tempão organizando.

Clara tinha razão, mas seu jeito prático de resolver as coisas me irritava. Nessas horas de nervoso sempre queremos alguém que entenda um pouco do nosso nervosismo.

— Eu sei, Clara, mas mesmo assim... — Eu disse com voz de choro.

— Não chora, vai estragar a maquiagem. — Ela pediu. — Bom, eu vou chamar a Rachel.

— Você o quê? Desde quando você e a Rachel se dão bem?

— Desde nunca! — Ela sorriu diabolicamente. — Mas gosto de renovar minhas amizades. Nunca é tarde para uma relação renascer das cinzas.

— Não provoca a Raka no dia do meu casamento, é só o que eu te peço.

— Prometo tentar... — Ela disse rindo e foi atrás de Rachel.

Eu sabia que ela tentaria em vão, pois Clara adorava provocar, ela sempre achou que uma grande festa não era uma ocasião onde todos se divertem dançando, por exemplo, mas sim, um evento em que acontecesse algum tipo de barraco histórico.

Rachel chegou alguns minutos depois que Clara saiu.

— Já disse que detesto sua amiguinha? Eu detesto sua amiguinha! — Ela repetiu fingindo que vomitaria.

— Eu sei! — Ri. — Estou nervosa, ela desistiu do meu caso e mandou chamar reforços.

— Sei bem porque ela foi atrás de mim, me viu com o Will assim que entrou. Anos se passaram e a obsessão dela por ele só aumentou.

— Ela não admite, mas o ama.

— Todo mundo sabe!

— E aí? — Perguntei a olhando com um sorrisinho curioso no rosto.

— O quê? — Ela fingiu não ter entendido minha pergunta, mas sabia que eu perguntava sobre o Will.

— Vocês, conversando...

— Nunca consegui ficar com raiva dele, acho que nem tinha motivo. Somos amigos... — Ela deu de ombros.

— Entendi...

Eu sabia que a Rachel ainda tinha uma queda enorme por ele. Ela até tentava disfarçar, mas era nítido que quase perdia a respiração toda vez que Will aparecia. Como na vez em que ele foi me visitar e ela estava comigo em casa. Assim que ele parou a moto em frente ao portão, tirou o capacete e ofereceu aquele sorriso - que era sua marca registrada - quando a viu, um sorriso confiante e verdadeiro que mostrava que ele não acreditava que era capaz de fazer mal a alguém, pois ele nunca se constrangia de nada, ela quase caiu. Senti a dificuldade que ela teve em normalizar a respiração e fingir que ele não a afetava, o cumprimentando de forma casual e indiferente.

— Você está muito nervosa? — Ela perguntou me analisando. — Por que eu estou mais nervosa que você, não acredito que minha melhor amiga já vai se casar! — Ela fez cara de choro e me abraçou. — Não sei por que você precisa casar. Sério, não é por curtição, nem nada. É por mim!

Sempre ria quando Rachel tinha seus ataques de fofura, e naquele momento, ela me abraçou com tanta força que eu realmente fiquei com medo do casamento me fazer perder minha amiga.

— Eu nunca vou abandonar você! — Prometi. Eu levava todas as minhas promessas a sério, e embora estivesse realmente disposta a cumpri-la, chorei nos braços da minha amiga.

— Eu sei! Ainda me lembro de quando brincávamos de boneca ou de escritório. Falávamos que iríamos nos casar no mesmo dia e que moraríamos juntas por um tempo. Nem todos os planos podem ser cumpridos, mas eu realmente espero que todos os planos que você fizer sejam bonitos de realizar. Eu realmente amo você, é o seu dia, não estraga tudo ficando nervosa demais, seja feliz!

— Obrigada! — Agradei com a garganta fechada me impedindo de falar mais.

Jesse interrompeu o nosso momento abrindo a porta com seu jeito totalmente discreto de ser,

rindo e bebendo uma cerveja, com Danilo ao seu lado.

— Viemos dar nosso apoio moral, você vai precisar, já que o Eduardo é mais chato que apito de micro-ondas!

— Viemos? Agora vocês são um casal? — Perguntei rindo.

— Ele é meu mais novo *brother*! — Jesse abraçou Danilo pelo pescoço, coçando sua cabeça. — O cara aqui é parceiro!

Jesse estava visivelmente embriagado, andava extrapolando desde que seu filho nasceu. Danilo apenas balançava a cabeça e ria de seu mais novo amigo bêbado.

— Cara, você não quer beber uma água? — Perguntou Danilo contendo o riso.

— Não, quero mais uma cerveja.

— Nesse caso, não vai ganhar nada mesmo. — Danilo riu e olhou em minha direção. — Você está perfeita! — Disse parecendo encantado.

— Obrigada! — Agradei sorrindo sinceramente. — Eu estou muito nervosa! — Disse a ele e então algumas lágrimas escaparam.

— Oh, meu Deus! — Ele veio até mim e me deu um abraço. — Fique calma, olhos de gata! Já deu tudo certo, lá fora está tudo lindo e você vai ser a segunda noiva mais linda que eu já vi.

— A segunda? — Ri da sua sinceridade.

— Sim. A primeira vai ser a minha. — Ele riu. — Mas você está quase tão encantadora quanto ela estará.

— Que boiola! — Jesse riu e balançou a cabeça.

— Obrigada! Fico feliz em ser quase tão encantadora quanto à futura senhora Endringer.

Ele beijou minha testa. A porta da sala da noiva se abriu novamente, dessa vez era a Helena.

— Que bom que você chegou, Helena, eu quero um abraço em grupo! — Pedi. — E pedido de noiva é uma ordem! — Eu estava emotiva. O dia do casamento pode deixar uma mulher extremamente sentimental, não que eu já não fosse, mas estava um pouco mais acentuado naquele dia.

— Claro!

Todos eles se uniram para me abraçar.

Amava todos que estavam naquela sala, mesmo Danilo, que conhecia há pouco tempo e já o considerava praticamente meu amigo de infância. Nós começamos a trabalhar juntos, pois ele conseguiu o estágio na *TotalTeen* para mim. E o fato de sermos escritores nos unia, eu lia todos

os seus textos antes que ele postasse em seu blog, e ele lia os meus. Eu tinha descoberto quanto amava ter um emprego e minha profissão. Ele me ajudava bastante, me cedia espaço para escrever em seu blog em uma coluna que criamos que falava sobre relacionamentos na visão do homem e da mulher. Estava fazendo muito sucesso e recebia inúmeros comentários assim que era postada. Eu me sentia tão completa tendo um trabalho que eu gostava, que tudo o que eu fazia era com empolgação e amor, como se não fosse um trabalho de verdade.

— Sinto uma energia legal aqui nessa sala. — Disse Helena olhando para todos nós.

— Ela sempre fala essas coisas. — Dei risada explicando a todos o jeitinho de Helena.

— Estou falando sério, acho que nós estamos ligados de alguma maneira. — Ela insistiu.

Rachel riu e balançou a cabeça.

— Eu que bebo e ela que vem com esses papos... — Jesse riu de Helena também. — Mas como ela é bonita, não vou rir e vou dizer que é verdade. É verdade, Helena! — Ele olhou para ela fingindo acreditar no que ela dizia.

— Gente, vamos deixar a noiva ter seu momento? — Rachel pediu rindo e guiou todos para fora.

Fiquei sozinha por volta de meia hora, tentando me acalmar para o meu grande momento, até minha cunhada entrar na sala.

— Você está linda! — Disse Caroline. — Meu irmão vai pirar!

— Obrigada! — Sorri. — Eu estou um pouco, um pouquinho, quase nada, nervosa.

Ela veio por trás de mim e ajeitou meu cabelo.

— Vocês dois foram feitos um para o outro. Todo mundo percebe, Melina! Até mamãe já aceitou. Quando estão juntos, são o melhor um para o outro. E eu nunca vi o chato do Eduardo dar um sorriso tão bonito como ele dá quando está com você. — Ela sorriu e apertou meus ombros iniciando uma massagem. — Não tem motivos para estar nervosa. Vai ser o dia mais lindo da sua vida!

— Eu sei. Talvez por isso eu esteja com tanto medo. Não por medo de algo dar errado na festa, mas sim, por realizar um sonho tão grande.

— Quando realizamos um sonho, sempre temos outros ainda maiores e tão bonitos quanto para sonhar. — Ela sorriu docemente e se emocionou. — Vou sentir falta do meu irmão, mesmo ele sendo um chato. Mas sei que ele está feliz, então estou feliz também.

— Como ele está?

— Nervoso! Mas acho que está mais ansioso do que nervoso. — Ela me olhou com seus olhos brilhantes e inocentes.

— Está na hora! — Eu disse respirando fundo.

— Boa sorte, cunhadinha! Amo você!

— Também te amo, Carol! — Eu a abracei tentando absorver toda a calma que ela estava me passando.

Amava minha cunhada, e ela sempre me apoiava como uma irmã. Naquele momento, eu não poderia ter ouvido palavras melhores.

Estávamos rodeados de pessoas que amávamos; da minha família - até minha irmã tinha vindo de Londres para me ver -, de amigos de Eduardo e de seus familiares. Eu não sabia o porquê, mas a família de Eduardo me detestava, pareciam ser totalmente contrários à ideia do menino queridinho casar-se comigo. Mas, naquele dia, tudo parecia diferente. Todos pareciam felizes por nós. Impressionante como em celebrações do tipo, o amor sempre vence qualquer sentimento.

Os momentos aconteceram mais rápidos do que imaginei. Senti que quando pisquei, já havia atravessado pelo tapete vermelho, escutado as palavras do cerimonialista e, de repente, estava ali, frente a frente com o homem da minha vida, ouvindo seus votos. Aquele momento era só nosso, todos desapareceram e só sobrou nós dois em meio ao borrão que a igreja virou. Eu não via mais Rachel chorando ou os olhares incentivadores dos convidados; nem o olhar de total aprovação de minha mãe, nem a dor e a emoção nos olhos de minha sogra. Eu só via Eduardo e aqueles lindos olhos.

— Melina Matarazzo... — Eduardo pegou em minhas mãos trêmulas e olhou em meus olhos. — Aquele trato idiota foi a melhor coisa que me aconteceu, porque me trouxe até você. E fico grato por isso, Melina, fico grato! Você precisa me dar essa honra, precisa me prometer que vai ser minha mulher para sempre, e que não vamos desistir, não importa o que aconteça, por mais desesperador que o caminho possa parecer. Prometa isso agora, Melina. Porque eu prometo! — Ele disse cada palavra perfeitamente antes de seus olhos se encherem de água.

Se fosse possível alguém morrer de emoção, eu provavelmente morreria. Eduardo estava fazendo uma citação ao meu filme favorito nos meus votos, ele era o meu Jack e eu a sua Rose, só que não estávamos nos despedindo com uma promessa, como no filme, estávamos selando um grande começo.

Foi tão lindo, tão nosso, tão perfeito! Eu sabia que era exatamente isso o que eu queria para mim: passar a vida toda ao lado de Eduardo. Cumprir cada detalhe do combinado. Nem passava pela minha cabeça que a vida pudesse adorar tanto reviravoltas.

“...Ela se casou em setembro. Eu imaginei o dia como um velório. Pode soar trágico, mas eu queria enterrar ali todos aqueles sentimentos, toda aquela energia e imaginação sobre ela. Entre um gole de bebida e outro, tentei aceitar o fim definitivo de uma história que nunca começou. Mas no calendário das minhas memórias, somente o mês de setembro eu nunca me lembro. E nem faço questão.”

- Publicado por Danilo Endringer

Capítulo 6

Quatro anos atrás

“Estou há algum tempo pensando em palavras para colocar em um texto para você, mas não consigo encontrar nada à sua altura. Estou até conformado, sei que não vou encontrar, porque é exatamente isso o que você faz com as pessoas, MMM (Melina Maravilhosa Matarazzo)! Você as deixa sem saber o que dizer...”

Já fazia cinco meses que minha vida tinha mudado completamente. Após seis meses casados, saiu o resultado da bolsa de estudos. Eu recebi a minha resposta primeiro, e fiquei extremamente decepcionada, porque mesmo com todos os meus esforços, eu não tinha conseguido. Contar para o Eduardo não foi fácil, mas assim que tive coragem de dizer, fui consolada por ele. Uma semana depois, saiu o resultado dele. Quando Eduardo me encarou e eu não vi nenhuma alegria em seu olhar, eu soube que ele havia passado. Desde que fui reprovada, eu sabia que ele rezava para ser reprovado também, para não ter que decidir entre ir ou ficar.

Queria mais do que tudo ter sido egoísta e ter pedido para que ele ficasse, mas não consegui. Sabia quanto ele queria aquilo e, por mais que me doesse deixá-lo ir, eu sabia que era necessário. No começo pensei em largar tudo e ir com ele; meu emprego, meus amigos, minha faculdade, minha vida... Mas eu não poderia, não quando já havia experimentado o amor pelo que eu fazia.

Adorava trabalhar na redação da *TotalTeen*, mesmo como estagiária. Eu amava meu grupo de amigos e estava completamente encantada com meu curso, Jornalismo com certeza é o que nasci para fazer. É claro que eu amava o Eduardo desesperadamente mais que tudo aquilo, mas naquele ano, descobri que eu tinha muitos sonhos também, e que seguir os dele não me faria tão feliz. Eu não podia me anular e dizer para mim mesma que eu não tinha vontades, só para viver as dele. Eduardo nunca havia me pedido isso, mas era como eu me sentia sobre ir com ele.

Fiz a única coisa que eu poderia fazer: despedi-me de Eduardo e deixei que ele fosse atrás do seu sonho, com a promessa de que nos amaríamos de qualquer jeito, convencendo-o que a distância não importava e que nada no mundo acabaria com o nosso amor.



O silêncio dentro do carro era mais ensurdecedor do que qualquer grito estridente. Minha garganta estava fechada, eu sabia que se tentasse dizer alguma coisa, eu começaria a chorar, então me obriguei a olhar para a janela.

— Linda?

— Oi... — Respondi e o olhei com um sorriso fraco estampado no rosto, era o máximo que eu conseguia.

— Não fica assim, não! — Ele pediu desconcertado e provavelmente tão triste quanto eu, já que sua voz quase não tinha forças.

— Estou feliz por você, amor. — Eu o incentivei e coloquei a mão em sua perna em apoio.

— Eu sei que está! Mas não está feliz por nós! — Ele olhou para frente e respirou fundo. — Eu estaria realmente feliz se você fosse comigo. Eu não sei se estou fazendo o certo em ir... Estou tão profundamente triste, que nem me parece uma boa ideia.

— Eu queria mais do que tudo ir com você também, meu amor, porém as coisas não saíram como nós planejamos. Mas você tem que ir! É seu sonho, amor! Já conversamos sobre isso. Só estou com medo, sabe? Não de que a gente termine, nada disso, porque isso é impossível, mas de sentir muitas saudades...

Quando Eduardo fixou seus olhos nos meus, eu me permiti chorar. Ele tocou meu rosto e secou minhas lágrimas.

— Eu amo você, você sabe disso, né?

— Eu tenho certeza! — Encostei minha testa na sua e nos beijamos.

Diferente de todos os nossos beijos, aquele foi o único que soou triste, como as despedidas sempre são.

A espera pelo voo parecia preciosa demais para ser desperdiçada com pensamentos tristes, então decidimos fingir que não nos separaríamos e conversamos normalmente, como fazíamos todos os dias, mas qualquer um que olhasse para o modo como nossas mãos estavam entrelaçadas, perceberia que havia um medo gigantesco de que se soltassem. Nós nos despedimos apenas quando faltavam cinco minutos para o horário do voo. Nosso abraço foi tão apertado, tão apegado, era um abraço que não queria dizer adeus.

— É só por um ano... Não chora, por favor! — Pediu Eduardo.

— Eu não sei viver sem você! — Eu disse olhando em seus olhos.

Ele acariciou meus braços por alguns segundos, em silêncio.

— Eu também não... — Murmurou segurando o choro.

— Eu te amo! Por favor, se cuida! — Espalhei beijos por todo seu rosto, para guardar cada detalhe daqueles traços que eu tanto amava.

— Eu também te amo, não esquece, ok? Vê se cuida, e me espera! Logo, logo seu marido estará de volta.

Sorri. Ele sabia como eu adorava nosso título de “marido e mulher”, e eu sabia que ele

escolhera a palavra exatamente para me fazer sorrir.

— Sua mulher vai te esperar! — Ri e o beijei. Dessa vez, o beijo foi mais desesperado, porque eu realmente estava apavorada. Nós estávamos.

A dor me invadia de uma forma tão grande, que eu tinha medo de que, quando ele me soltasse, eu desabasse no chão. Ele me soltou, eu não desabei. Fui forte em todo o percurso até o carro, sem olhar para trás, para que eu não perdesse a coragem e implorasse que ele ficasse comigo, para que eu não confessasse para ele que eu estava morrendo por dentro por ficar ali sem ele, para que eu não gritasse que seria o próprio inferno ficar sem ele por todo aquele tempo. Não implorei, não confessei e não gritei, a não ser para mim mesma.

Quando entrei no carro, toda essa coragem desapareceu, e chorei como nunca havia chorado em toda a minha vida. Doeu como nada havia doído até então. Eu soluçava e tentava respirar ao mesmo tempo, tornando o barulho do meu choro ainda mais insuportável de ouvir. Apoiei a cabeça no volante, tentando me recuperar, mas por alguns minutos, parecia que eu nunca mais me levantaria dali.



Escutei alguém bater em minha porta e tive que reunir forças para abri-la. Quando eu chegava do estágio, depois de ter ido à faculdade, apenas me jogava no meu quarto. Eu vestia alguma coisa do Eduardo para me sentir mais próxima a ele e ficava enrolada entre os cobertores até dar a hora de ele me ligar. Conversávamos por cerca de uma hora, eu achava o tempo curto demais, mas nós tínhamos que acordar cedo e o fuso deixava tudo mais complicado.

— Oi, Raka... — Eu a cumprimentei e ela me olhou com a tradicional cara de pena.

Eu sabia que estava um caco, mas não tinha vontade de fazer nada e tudo meio que virou uma obrigação, desde levantar até comer, me fazendo repensar se fiz o certo em não largar tudo e ir com Eduardo. Eu era tão desesperadamente infeliz sem ele...

— Não nos mate!

Me espantei quando ela disse “nos”, nem tive tempo de perguntar e vi o resto do pessoal entrar no meu apartamento. Eu sabia o que era aquilo, eles estavam se reunindo para me animar, sem me avisar para que eu não pudesse inventar uma desculpa. Eu também sabia que não fingia muito bem que estava bem, e eles não me questionavam, mas, em contrapartida, tentavam me animar de todas as maneiras. Uma social era tudo o que eu menos queria, mas era bom tê-los ali e saber que se importavam comigo.

— A Carol me ajudou a preparar umas comidinhas e os meninos trouxeram a bebida. A Helena também trouxe bebida, como eu disse, os meninos trouxeram a bebida. — Rachel arrancou risadas de todos com a nossa piada interna sobre a sexualidade de Helena.

— Mel, tudo bem de nos reunirmos aqui? — Perguntou Danilo segurando uma caixa de cerveja.

— Tudo! — Respondi os convidando para entrar. — Só vou me arrumar.

— Não tenho problemas com o seu shortinho... — Ele olhou para as minhas pernas e obviamente levou um tapa.

— Vou lá preparar um drink para nós. — Klebber entrou e foi direto para a cozinha com seus limões e sua coqueteleira.

Ele sempre preparava drinks deliciosos, e com certeza era o membro do grupo mais útil quando dávamos uma festa, já que trabalhava em um *pub* badalado da cidade. Fazia cerca de cinco meses que ele e Rachel haviam se conhecido. Não se consideravam um casal, mas devido a essa união, eu via Klebber constantemente, e todos naquela sala já o consideravam um amigo.

Carol me abraçou forte.

— Meu irmão mandou eu te abraçar forte por ele. — Ela sorriu, e quando olhei para as covinhas que surgiram em suas bochechas, me bateu uma saudade incontável de Eduardo. Eu nem me surpreendia mais com esse tipo de reação, já que tudo me fazia lembrar o Eduardo nos últimos dias.

— Carol! — Rachel repreendeu minha cunhada por falar em Eduardo e revirei os olhos.

— Não precisa fazer isso, Raka! Ela não precisa falar do irmão para que eu pense nele, eu penso nele todo segundo do meu dia. — Eu não quis soar deprimida, mas minha voz saiu miserável quando disse isso.

— Eu sei, só não precisamos ficar falando o tempo todo, sabemos que você está triste. — Rachel suspirou fundo.

— Não estou. Nós nos falamos todos os dias... É quase a mesma coisa!

— Sei... Quer *brownie*? — Ofereceu da cesta mudando de assunto.

Carol cochichou algo no ouvido de Rachel e fiquei verdadeiramente irritada por elas estarem com pena de mim. Entrei no meu quarto, troquei de roupa e passei uma maquiagem para melhorar minha aparência e provar para elas que eu estava bem, embora não estivesse. Voltei para a sala e as duas ainda conversavam sobre mim. Era um saco a nova amizade entre elas, eu adorava minha cunhada e adorava Rachel, mas as duas separadas me pareciam bem mais agradáveis do que juntas, ainda mais com pena de mim! Helena estava alheia ao assunto enquanto fumava seu *beck*. Jess, Klebber e Danilo bebiam cerveja e falavam de jogo. E eu só queria que todos eles saíssem da minha casa e parassem de tentar me animar, pois por mais que eu os amasse, nenhum deles era o Eduardo, e só ele poderia preencher o vazio do meu coração naquele momento.

— Vamos logo com essa festa! A Felícia fica preocupada quando chego tarde. — Disse Jesse e percebi que ele ficou envergonhado quando Klebber começou a rir de sua preocupação com a namorada.

Jesse havia se separado de Maya para ficar com a garota da biblioteca. Maya e Jesse eram completamente incompatíveis, e descobriram isso da pior forma possível. Sem aguentar mais o péssimo relacionamento que tinham, Jesse decidiu criar coragem, seguir seu coração e, embora eu tenha achado um descaso com Maya da parte dele, assumiu um relacionamento sério com Felícia. Como Jesse havia saído de casa, decidiu que moraria com Felícia, pois, segundo ele, ele tinha certeza de que ela era a mulher da sua vida.

— Ih, cara... Desculpa, não sabíamos que você tinha hora para chegar em casa, pau mandado! — Debochou Klebber.

— Vai se ferrar, Klebber!

Klebber era provavelmente um dos caras mais vadios que eu já havia conhecido, ele detestava relacionamentos e nunca falava sobre isso. Eu tinha uma teoria de que ele tivera um relacionamento péssimo, e isso o traumatizou, mas ninguém sabia nada, então ficava tudo como um grande mistério. O que eu sabia era o que eu via, toda semana ele saía com uma mulher diferente e nunca se prendia a nenhuma.

Rachel e Carol decidiram que seria muito legal jogarmos Verdade ou Desafio. Rachel era compulsiva por esse tipo de jogo, então, toda vez que as coisas ficavam entediadas ou queríamos fazer alguma outra coisa, a opção era Verdade e Desafio, um jogo que, no momento, me parecia infantil e imbecil, mas eu não podia considerar minha opinião sobre as coisas nos últimos meses, eu achava tudo sem graça ou idiota. Eu me forcei a parecer animada, pois sabia que só assim evitaria que tentassem me animar de novo e me deixariam sozinha quanto antes.

Algumas rodadas passaram e, com os drinks de Klebber, eu realmente estava me sentindo animada, até estranhei quando ouvi uma risada alta escapar da minha garganta. Era bom me sentir feliz, fazia tempo que eu não me permitia esse sentimento.

— Verdade ou Desafio, Danilo? — Perguntou Jesse.

Jesse era o mais indiscreto de todos nós, era do tipo que adorava tocar nos assuntos que ninguém queria tocar.

— Verdade! — Péssima escolha. Com Jesse no comando, todos sabiam que tinham que escolher sempre desafio.

— É verdade que, se você pudesse levar alguém para uma ilha deserta, esse alguém seria a Melina?

Dei risada e olhei para Danilo, pensando: *“como o Jesse é bobo, nada a ver!”* e tentei dizer isso com olhar. Mas fiquei envergonhada quando Danilo me encarou atentamente, ficou um pouco constrangido e disse:

— Verdade!

— E se a Melina pudesse levar alguém, levaria o Eduardo. Então, para de babar! — Rachel disse rindo, bêbada, e deu um tapinha no rosto de Danilo. Ele riu.

Carol olhou para mim e depois para Danilo, balançou a cabeça e não disse nada. Meu coração gelou por alguns segundos, mas ela sabia quão desesperada eu era por Eduardo, então eu esperava que ela não comentasse nada daquilo com ele.

Danilo era meu colega de trabalho e convivíamos muito juntos, mas eu não sabia desse sentimento dele por mim, e eu nunca havia incentivado nada disso. Claro que todos viviam insinuando coisas sobre nós, e todos do nosso grupo – que, carinhosamente, chamávamos de Bonde – adoravam ficar debochando sobre a nossa relação. Mas até aquele dia, eu havia levado como uma brincadeira. Danilo namorava e eu era casada. Aquele “*verdade*” que ele havia dito me deixou confusa, porém, ele não parecia se importar, pelo menos não quando estava bêbado.

O jogo prosseguiu com mais perguntas constrangedoras e bebida rolando solta. Klebber e Rachel discutiram e os dois foram embora bufando de ódio um do outro. Isso não era nenhuma novidade, já que os dois sempre brigavam, mas depois apareciam juntos novamente como se nada tivesse acontecido. Helena decidiu ir com Klebber, para pegar uma carona e acalmá-lo, já que ele ficava totalmente transtornado quando brigava com Rachel. Carol foi para casa com Jesse e Rachel. Fiquei sozinha com Danilo, para o meu desespero depois daquela verdade inconveniente. Eu me apoiei no batente da porta e fiquei olhando para ele com um sorriso, esperando ele dizer que iria embora também. Não que eu estivesse brava, mas era esquisito ficar sozinha com ele depois daquela resposta. Eu me sentia uma traíra. Eduardo estava longe, não queria que minha amizade com Danilo gerasse algum tipo de comentário maldoso.

Danilo caminhou até mim e eu apenas continuei sorrindo.

— Gostou da *socialzinha*? — Perguntei do modo mais natural que consegui, não queria demonstrar meu desconforto.

— Gostei! Eu fiquei aqui até agora para me explicar... — Ele abaixou a cabeça rindo e coçando os cabelos loiros.

— Explicar o quê? — Eu me fiz de desentendida e ri. — Tudo bem, Dan! — Pisquei para ele.

— Vi que você ficou desconfortável com a minha resposta no jogo, mas só não queria pagar desafio. — Ele riu. Acredito que sua risada estava frouxa por causa da bebida, mas ele também parecia nervoso. — Você sabe, dançar para o Klebber, pintar a unha de vermelho... essas coisas. — Continuou.

— Tudo bem! Imagina... Eu percebi que era brincadeira. Até porque, nada a ver, né? — Ri e revirei os olhos, tentando aliviar o clima.

— Nossa!

— O quê?

— Nada.

— Fala! — Exigi.

— Nada a ver assim? Tipo, na lata? — Ele perguntou me olhando e me prendeu entre o batente e a parede.

— É! — Ri e me afastei dele. — Eu sou casada! — Mostrei a aliança para ele. — E pelo que me lembro, você também tem a Lucy!

— É... — Ele riu. — Te perdoo pelo “*nada a ver*”. Acho melhor eu ir embora.

— É, acho melhor... — Ri meio sem graça. — Amanhã não nos lembraremos de nada disso! — Eu o confortei.

— Eu vou lembrar, então, melhor sair logo daqui! — Ele riu e me deu um beijo no rosto. — Tchau, Melina!

— Tchau! — Eu o encarei tentando entender toda aquela situação, e foi a primeira vez que notei uma dor em seus olhos por estar perto de mim.

“...Cara, eu sei que estou muito longe de ser o amigo perfeito e tudo mais. Mas é que você sabe como irritar também, entende? Você me complica demais, Melina! Mas só você sabe descomplicar. E acho que esse teu efeito é proposital, você gosta de saber que não tenho para onde correr, gosta de saber que sempre tenho que voltar. E sabe qual é o problema? Eu também gosto disso, eu gosto de voltar. Mais do que isso, eu sempre preciso voltar...”

Vinte e oito de junho. Poderia ser um dia qualquer, mas era o meu aniversário. Acordei e, pela primeira vez em anos, não me sentia feliz por aquele dia. Geralmente eu amava fazer aniversário, amava ganhar presentes e cartinhas dos meus amigos e saber o porquê eu era importante para as pessoas. Porém, eu ainda estava triste, e a distância de Eduardo estava me matando. Tudo o que eu queria era estar com ele.

Exatamente à meia-noite, recebi um texto enorme de Danilo, um texto carinhoso e amável que me fez sorrir e chorar ao mesmo tempo, pois pensei que deveria ter sido o Eduardo a me mandar um texto daquele à meia-noite. Mas quando acabei de ler o texto de Danilo, eram meia-noite e cinco e eu ainda não havia recebido nada dele.

“Obrigada, Danilo! Eu realmente estou sem palavras. Eu também te amo, de verdade. Não sei o que seria da minha vida sem você, queria te agradecer por ter me ajudado tanto profissionalmente e por me incentivar sempre a crescer cada vez mais. E também por ser um amigo maravilhoso, um amigo que me dá parabéns à meia-noite. Que puta sorte eu tenho, não é? Obrigada mais uma vez.”

Recebi mensagens de todos os meus amigos. Algumas mais dedicadas, como a de Rachel, e

outras mais simples, como o “*Parabéns, tudo de bom, Mel!*” de Klebber, mas ainda não tinha recebido parabéns de Eduardo. Meu coração estava doendo, e a cada parabéns recebido, eu ficava mais triste, esperando ser o dele. Pode soar um pouco dramático, mas faz parte do meu lado canceriano ficar triste por coisas aparentemente bobas.

Eu já estava cansada de esperar quando acabei adormecendo, mas não demorou muito para que eu fosse despertada por uma chamada no meu celular.

— Alô? — Atendi desesperada para ouvir sua voz.

— Hey! Desculpa! Eu perdi a meia-noite, não é?

— Perdeu! — Murmurei tentando despertar completamente, meu coração batia rápido e eu estava tão feliz que já nem me importava se era meia-noite ou não, o importante era ouvir sua voz.

— Feliz aniversário, linda!

— Fala mais? — Pedi. — Estou com tantas saudades da sua voz!

— Parabéns, meu amor! Eu te amo! Você sempre será a garota mais linda do mundo para mim!

— Eu também te amo! — Eu disse com a voz embargada.

— Eu queria te abraçar agora, dizer quanto você é importante e quanto a minha vida ficou mais bonita desde que você apareceu. Mas, infelizmente, eu estou aqui, então só quero te pedir uma coisa: não passa o seu aniversário triste, não. Por favor, tenha um dia maravilhoso.

— Eu estou com saudade! — Eu estava repetitiva, mas era só o que eu conseguia dizer.

— Eu também estou. Mas me promete que vai ter um dia legal?

— Prometo!

— Você estava chorando?

— Não. — Funguei o nariz. — Só um pouco. — Acrescentei. — É que... os últimos dias têm sido difíceis para mim, mas eu vou melhorar.

— Totalmente?

— Sim!

— Não. Você tem que sentir minha falta, só que não tanto assim, sabe? Você nunca pode deixar de sentir, mas não pode ficar *tão* triste por isso, ok?

Eu ri.

— Não sabia que você era tão egoísta.

— É claro que sou! Você é maravilhosa demais, se percebe que eu não faço tanta falta assim, como eu fico?

— Para de gracinha, Eduardo! E você?

— Eu o quê?

— Está sentindo muito a minha falta ou percebeu que não faço tanta falta assim?

— Estou sentindo muito a sua falta! Eu pensei em brincar e dizer que não faz tanta assim, mas você sempre fica sensível demais no seu aniversário.

Ouvir o som de sua voz dizendo cada palavra acalmava o meu coração, e eu me sentia estranhamente próxima a ele, como se ele estivesse ali naquela cama comigo.

— Você está tão engraçadinho! — Revirei os olhos.

— Aposto que está revirando os olhos!

— Cala a boca! — Eu ri e ele riu também.

— Feliz aniversário, meu amor!

— Você já disse isso! Seria melhor se você estivesse aqui, mas prometo que terei um bom dia.

— Isso! Mas não tão bom quanto seria comigo, ok?

— Então você está dizendo que posso ser feliz, mas não muito?

— Basicamente, é isso, sim! — Seu tom brincalhão me fez rir e sentir muitas saudades, saudades absurdas que me arrancaram um suspiro pesaroso.

— Você também.

— Pode deixar, está combinado! Felizes, mas não tanto assim! Linda, preciso desligar, eu acordo cedo, mas te ligo de novo amanhã.

— Tudo bem, boa noite, amor. Eu te amo!

— Eu também!

Assim que ele desligou, eu dormi como um anjo. Ele me dava paz ao mesmo tempo em que a tirava também. Eu o amava tão desesperadamente, ele era minha cura quando estava perto e minha total loucura quando estava longe.

“...Queria te dizer que tenho você como mais do que uma amiga, uma irmã. Mas você sabe que hipocrisia não é o meu forte, eu nunca iria querer você como irmã. Nossa amizade vai durar muito, e sei disso porque eu não conseguiria viver em um mundo sem a magnífica Melina Matarazzo. Eu sinto que não posso fazer contigo o que faço com o resto das pessoas, não posso simplesmente virar as costas e ir embora, pelo simples fato de que você não é como o resto das pessoas...”

Dei um sorriso enorme quando vi um buquê de flores em cima da minha mesa, não precisei nem pegar o cartão para saber que era de Danilo. Meus colegas de trabalho entraram na redação com um bolo e balões cantando *Parabéns a você*, fiquei muito feliz pelo carinho.

— Feliz aniversário! — Danilo sorriu e me abraçou ao ver minha alegria com os balões vermelhos.

— Você organizou tudo isso? — Perguntei e o abracei de volta. — Obrigada!

— Todos ajudaram, e não precisa agradecer!

— Quero sair hoje à noite, será que você pode ir ou tem algum programa com a Lucy?

— Não, tudo bem. Nem íamos nos ver hoje mesmo. Quer fazer o quê?

— Ir para uma balada, com você e com o Bonde.

— Beleza! Vamos, é o seu dia, você que manda!

Marquei com todos no clube mais badalado da cidade. Tudo o que eu queria era me divertir e me sentir viva no meu aniversário, estava cansada de ficar em casa fingindo que minha vida não era comigo.

Além de todos os meus amigos de sempre (Jesse, Danilo, Helena, Rachel e Klebber), liguei para a Clara e para o Will. Os dois eram meus amigos e eu queria que estivessem no meu aniversário também. É claro que perguntei para Rachel se não seria um problema, e quando ela respondeu tranquilamente que não, me senti à vontade para ter meus outros amigos no meu dia também.

Carol não poderia ir, pois era menor de idade, e havia ficado bastante decepcionada, já que aonde Rachel ia, ela sempre dava um jeito de ir também. As duas eram definitivamente as melhores amigas do momento, não culpo Rachel por colocá-la em meu cargo oficial de melhor amiga, eu era uma péssima amiga. E apesar de Rachel nunca desistir de mim e do meu estado deplorável, eu sabia que ela precisava de alguém para contar sobre os bons momentos, organizar festas do pijama e falar sobre relacionamentos, e eu não tinha cabeça para nada disso.

Fechei um camarote para a minha festa e fiquei feliz ao constatar que todos os que convidei compareceram, até mesmo Will, que sempre estava ocupado em suas tarefas do exército. Will era o meu melhor amigo do momento. Ele me entendia, não me julgava e não me tratava cheio de

dedos.

— Fico feliz que você tenha vindo! — Disse para Will. — Você nunca pode nada nessa merda de exército!

Ele deu um sorriso de lado.

— Olha o respeito! Eu vim, se eu não apareço, você já adiciona mais um motivo na sua lista de motivos para ser infeliz e fica chorando pelos cantos.

— Você é tão insensível!

— Você é saudável, anda, não tem nenhum problema de saúde, para que ficar sofrendo como se fosse morrer?

Gargalhei.

— Não vou te responder! — Balancei a cabeça. — E eu não estou sofrendo como se fosse morrer!

— Não, está parecendo um cabo de vassoura ambulante. Come, porra! Estou até pensando em ir até a sua casa fazer aviãozinho para você.

— Eu só estou triste!

— Está na hora de acabar o show! — Ele riu e bagunçou meu cabelo. — Eu quero que você se cuide, sua retardada. Ninguém me entende como você! Saudades, Melina, a cretina.

— Prometo que o show vai acabar! — Revirei os olhos. — E você, quando vai deixar de ser cretino?

— Não sei, às vezes penso que não tenho conserto, não. — Ele riu e coçou o queixo. — Falando nisso, quem é aquele otário colado na Raka?

— É o Klebber, e ele não é otário.

— O nome não me interessa, quero saber quem ele é.

— Eles saem de vez em quando.

— E o Jesse deixa essa palhaçada? A Raka não era assim...

Semicerrei os olhos e balancei a cabeça. Não acreditava que ele estava dizendo isso.

— Jesse não sabe, mas engraçado você falar isso, já que não se importou com o irmão dela quando fez aquilo com ela.

— Você tem uma mania de falar como se eu tivesse feito algum mal para ela. Ela não vê assim, e nem eu.

— Quem te disse?

— Ela mesma. Tivemos um reencontro. Raka não me tratou como se eu tivesse sido um cretino com ela, pelo contrário. — Ele encarava Rachel fixamente com um sorriso no rosto. Ela ignorava totalmente.

— Então ela não está mais nem aí para você. — Ri ao constatar como Rachel olhou para Klebber e como ele devolveu o olhar, eles só viam um ao outro ali, a presença de Will não afetou nem um pouco o clima que estava rolando entre eles.

— Talvez! Gosto dela, quero que seja feliz, mas esse cara aí? — Ele riu debochadamente.

— Ele não é tão mal quando está calado. — Brinquei e arranquei uma risada de Will. — A Clara vem hoje.

— Sério?

— Falando nela!

Cumprimentei Clara e ela me parabenizou com seu jeito simples e direto.

— O que você tem, Clara? — Perguntei ao perceber que ela parecia chateada.

— Estou meio mal hoje, mas vim te dar parabéns. Já vou vazar.

— Aconteceu alguma coisa? — Will perguntou preocupado.

— Nada demais... — Ela disse, mas sua voz não a deixava mentir, tinha acontecido alguma coisa, e era algo grave.

— Eu te conheço, Clara! — Ele disse olhando nos olhos dela. Ela o abraçou.

— Mel, posso conversar com ele rapidinho?

— Pode, sim! — Passei a mão nas costas dela para mostrar meu apoio e os dois ficaram juntos.

Clara e Will podiam nunca se tornar um casal, mas eles eram realmente amigos. Eu sabia que os dois sempre se pegavam, sabia também que Clara não era o tipo de mulher que Will namoraria, pois Clara não era o tipo de mulher que queria um relacionamento sério. Mas quando reparei no modo como ele a abraçou, protegendo-a, acariciando seus cabelos e dizendo que ficaria tudo bem, eu vi o que eles podiam não ver, mas tinham tudo a ver um com o outro. Eu não sabia o que tinha acontecido com Clara, mas se ela estava triste, deveria ser algo realmente grave, já que Clara nunca demonstrava totalmente seus sentimentos. Ela nunca se abria comigo, e o único que conseguia baixar sua guarda era Will.

Deixei os dois conversando e fui curtir o resto da minha festa, já que sabia que não podia fazer nada. Eu me aproximei de Jesse e o abracei.

— O que você tem para mim? — Perguntei.

— Tenho um presente. — Ele riu e me mostrou um comprimido, também conhecido como *balinha* para os íntimos, ou *ecstasy* mais formalmente. — Esse tem até carinha feliz. — Apontou para a carinha feliz no comprimido azul.

— Eba! — Agradei o apertando forte.

Jesse e eu não éramos acostumados com isso, mas ele experimentou uma vez e eu fiquei curiosa, então experimentamos juntos depois em uma festa. Desde então, já havíamos usado algumas vezes, sempre quando estávamos em alguma festa com o grupo. A droga me dava a sensação incrível de ser infinita, algo que eu costumava sentir quando estava com Eduardo.

Tomamos o comprimido ao mesmo tempo, Jesse ficava engraçado quando estava sob o efeito da bala, seu cabelo caía sobre o rosto e ele saía abraçando todo mundo. Eu me sentia a dona do mundo, só queria dançar e acabar com aquela euforia que eu sentia dentro do peito. As cores ficavam mais vivas, a música ficava melhor, as pessoas de repente pareciam mais amigáveis, tudo ficava mais agradável e luminoso.

— Vamos dançar? — Pedi a Danilo o encarando. Não deixei que ele respondesse e o puxei para a pista de dança. — Quero dançar até o amanhecer, você aguenta? — Perguntei em seu ouvido.

— Aguento. — Ele riu. — Você bebeu?

— Só um pouco! — Gargalhei. — Olha como meu coração está disparado. — Coloquei sua mão em meu peito.

— Estou vendo! — Ele disse sem graça, mas não me importei, continuei dançando.

Meus cabelos longos voavam por todos os lados e eu deslizava a mão em meu corpo no ritmo da música.

— Você não cansa? — Perguntou Danilo depois de dançarmos algumas músicas. — Quanto fôlego!

— Eu tenho muito! Eu tenho muito fôlego... — Fechei os olhos sentindo os sentidos totalmente alterados. Sentia tudo dez vezes mais e à flor da pele.

— Você está louca hoje! — Ele riu e me rodopiou.

— Faz um tempão que eu não faço sexo! Estou ficando louca! — Eu não queria falar aquilo, mas as palavras escaparam da minha boca.

— Eu te entendo. — Ele respirou fundo e balançou a cabeça rindo. — Melina, acho melhor você ir lavar seu rosto!

— Não. — Murmurei manhosamente e me pendurei em seu pescoço. — Eu quero curtir

minha festa.

— Você não está bem!

— Estou, sim! Só estou dizendo que eu quero fazer sexo. — Ri olhando em seus olhos. — Eu nunca fiquei tanto tempo sem fazer sexo, quando o Eduardo chegar... — Ele tapou minha boca.

— Você está suando frio. Tem certeza que está bem?

Tirei sua mão da minha boca.

— Eu estou bem! Só estou diferente.

Ele segurou meu pulso e o apertou. Eu ri achando graça daquilo, mesmo sem saber o porquê.

— Sua pressão está baixa, vou te levar para casa.

— Não me leva para casa! Eu quero ficar aqui, a festa nem começou...

“...Cara, você provoca em mim milhões de sentimentos, porque ao mesmo tempo que você é tão diferente das outras, você é aquela típica garota autoritária, mimada e sabichona, sabe? Aquele tipo que, se você piscar, está comendo na mão. E eu já sou todo complicado, sempre fugi de gente assim. Nem preciso dizer que contigo não adianta fugir, né? Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come...”

Não me lembro de como saí daquele lugar, mas quando abri os olhos, estava em minha casa com Danilo sentado ao lado na cama.

— O que aconteceu? — Perguntei o olhando.

— Você passou mal. — Ele explicou sem dar muitas informações. — Acho que colocaram alguma coisa na sua bebida.

— Sério? — Fingi que não estava entendendo o que ele estava dizendo. — Que horror! Deve ter sido na hora que eu desci para a pista. — Menti.

— Ou pode ter sido na hora que você mesma pegou uma balinha com o Jesse. — Ele retrucou.

— É... Tem grandes chances de ter sido isso mesmo. — Eu ri sem graça e ele se rendeu, rindo também.

— Você quase me matou de preocupação, sua louca!

— Desculpa! — Pedi olhando em seus olhos.

— Eu te desculpo, Melina. Mas eu não quero te ver daquele jeito de novo.

— Que jeito? — Perguntei sem saber ao certo se queria uma resposta.

— Você mal conseguia ficar em pé, e depois começou a vomitar, tenho certeza que você comeu algo com milho. — Ele brincou, mesmo eu sabendo que ele estava falando sério sobre aquilo.

— Me perdoe por isso, você não tinha nenhuma obrigação.

— Não vou te perdoar por ter quebrado todo o encanto por você. Mas posso te perdoar por passar mal. — Ele riu debochando.

— Desculpa pelo encanto e por passar mal. Sério, você deve me achar uma idiota!

— Não. — Ele passou a mão na minha testa. — Não te acho uma idiota, pelo contrário, você é a garota mais...

Jesse abriu a porta e entrou no quarto.

— Você está bem, idiota? — Ele perguntou me olhando cheio de preocupação.

— Estou bem, idiota! — Ri sem graça.

— Você quase me matou do coração! Não posso ter esse peso nas costas, contei tudo ao Danilo.

— Eu percebi! — Revirei os olhos me lembrando da minha tentativa de mentir.

— Ele é quase médico, eu não poderia mentir para um quase médico.

— Ele é escritor e trabalha comigo, acho que você poderia ter mentido, sim. Mas vou te perdoar por isso.

— Não se mente para um quase médico só que escritor... — Danilo retrucou.

— Ele cuidou de você, você estava um caco.

— Eu sei.

— Sério, você tinha que dar uma moral para o cara!

— Jesse, chega! — Danilo riu sem jeito e bateu a mão nas costas do amigo.

— Eu dou toda a moral do mundo para ele. Ele é meu amigo!

Jesse olhou para Danilo fazendo uma cara debochada de pena.

— Me perdoa por isso, cara! Se eu soubesse que ela diria isso, não tinha tentado te ajudar.

Dei um tapa em Jesse.

— Para de ser ridículo!

— É, Jesse, para de ser ridículo! — Danilo concordou e se levantou. — Eu estou indo, Melina. Qualquer coisa me liga.

— Pode ligar mesmo, ele vem correndo. — Jesse implicou e revirei os olhos.

Quando Danilo saiu, segurei Jesse pelo braço.

— Não faz mais essas brincadeiras, não quero que nada disso caia no ouvido do Ed.

— Cara! Será que você não se liga que o seu Ed está pouco se fodendo pra você? Você apagou geral na festa, Melina! E sei que parte disso é culpa minha, por ter te dado aquela merda, mas a outra é culpa dele, que não liga pra você!

— Você não sabe de nada da nossa vida! — Meus olhos se encheram de lágrimas. — Você não sabe o que está falando! — Disse a ele, mas percebi que eu dizia alto, também para mim, para que eu acreditasse no que estava dizendo.

— Eu estou arrependido de ter te dado aquela merda, se eu prometer que nunca mais uso, você promete que não vai mais usar também?

— Por que você acha que ele não liga pra mim? — Perguntei e tentei disfarçar meu desespero, mas era impossível.

— Porque ele foi embora e te deixou aqui. E porque eu não gosto dele.

— Ele não foi embora!

— Não, mas ele foi pra bem longe! Se você visse como o Danilo cuidou de você... Eu não deixaria ninguém cuidar assim da Felícia, porque eu sempre quero estar lá para ela, entende?

— Entendo.

Não aguentei e comecei a chorar copiosamente. Claro que o Jesse não esperava essa minha reação e ficou sem saber o que fazer.

— Ok, eu estava brincando! Não era o que eu queria dizer, só para de chorar. — Ele pediu acariciando meus cabelos e me aninhando contra o peito.

— Eu. Não. Consigo. — Eu disse entre soluços.

— Meu Deus, Melina! Calma, desculpa!

— Não. É. Sua. Culpa. Você. Tem. Razão. — Concordei entre lágrimas.

— Você está muito mal, Mel! — Sua voz soou triste. Jesse realmente se preocupava comigo.

— Eu sei! Eu tento não demonstrar, mas estou mal pra caralho. E você tem razão, ele está tão distante de mim.

A porta do quarto se abriu fortemente mais uma vez. Eu escondi o rosto com o cobertor, não queria que ninguém além de Jesse me visse naquele estado.

— Vai embora, eu não quero ver ninguém! — Disse com o rosto encoberto.

— Sou eu, linda!

Eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Tirei o cobertor do rosto e simplesmente me joguei em cima de Eduardo.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei o olhando e o beijando ao mesmo tempo, para sentir que ele era real, para sentir que ele realmente estava ali.

— A Carol me disse que a Raka contou que você passou muito mal ontem, fiquei preocupado. — Olhei para Jesse com um olhar vencedor. Sim, o meu Eduardo se importava comigo e aquilo tudo estava sendo tão difícil para ele quanto para mim.

Jesse saiu do quarto e nos deixou a sós.

— Eu estou bem. Estou apenas com saudades. — O abracei forte e beijei seu pescoço.

— Eu também estou com saudades. — Ele me agarrou e me aninhou em seus braços.

Me senti protegida, me senti amada e me desesperei ao saber que ele tinha todo esse poder em minha vida, de me dar paz e de fazer com que nada no mundo parecesse tão bom quanto seu abraço.

— Você parece mal, linda! — Ele disse chateado.

— Não estou, eu estou bem. Agora bem melhor! Só me espera tomar um banho? — Pedi, e assim que ele assentiu com a cabeça, fui para o banheiro.

Tomei um bom banho para tirar de mim qualquer lembrança daquela noite e para me sentir à sua altura. Eu me sentia tão inferior e tão miserável perto dele.

Assim que terminei o banho, fui para o quarto vestindo uma camisola vermelha e me sentindo bem melhor. Minha cabeça ainda doía e meu estômago ainda parecia terrível, mas eu me sentia desesperada só de pensar em desperdiçar aquele dia ao seu lado.

Quando me deitei na cama, Eduardo apenas me abraçou, me envolvendo com os braços e as pernas, como costumávamos fazer. Por alguns minutos, ele não disse nada.

— Você quer que eu volte? — Finalmente quebrou o silêncio.

— Não. Eu estou bem! Não sei o que te disseram, mas eu não quero que desista de nada por mim.

— Nem eu. Eu não quero que você desista de nada por mim, nem de ter um dia legal no seu aniversário e nem de viver uma vida saudável.

— Não fica bravo comigo! — Pedi e me virei para ele.

— Não estou. — Ele cheirou meu pescoço. — Você está tão cheirosa, estou com tanta saudade do seu gosto. Estou morrendo de saudade de você. — Ele marcou meu pescoço, me fazendo ir à loucura. Seu toque queimava feito brasa de fogo. — Mas você tem que se recuperar. Sei que está mal!

— Não estou! — Tentei convencê-lo, mas sabia que não colaria, ele me conhecia, sabia que eu estava mal.

Depois de muito resistir e querer ficar acordada conversando com ele, acabei adormecendo de exaustão. Acordei sem saber que horas eram e quanto tempo havia dormido, mas provavelmente muito, porque quando acordei, tinha uma porção de coisas para eu comer.

— Aprendeu a fazer panquecas? — Olhei para as panquecas perfeitas.

— Sim, é meu hobby. Quando fico com muita saudade, tento cozinhar alguma coisa para me distrair. — Ele riu e parecia satisfeito a me ver comer com vontade.

Comi as panquecas e alguns morangos, mas nada me chamava mais atenção do que ele.

— Eu estou satisfeita de comida... — Coloquei a bandeja no criado-mudo. — Mas estou faminta de você!

Ele avançou para cima de mim e arrancou minha camisola.

— Eu também! Só estava esperando você dar o sinal.

Nós nos beijamos até perdemos o fôlego. Ele parecia sedento pelo nosso toque e eu estava louca por ele. Não fizemos amor daquela vez, fizemos sexo selvagem, sexo de saudade. Ele apertou meus pulsos e me fez contorcer de prazer embaixo de seu corpo, deixando marcas roxas de devoção no meu, e eu não deixei barato, o marquei de todas as maneiras possíveis, com unhas, com beijos apaixonados, com meu cheiro. Não foi bonito e nem passou perto de ser romântico, foi enlouquecedor e cheio de necessidade. Mas para compensar, fizemos de novo, e dessa vez lenta e romanticamente, com direito a sussurros apaixonados e declarações, enquanto eu o sentia gostosamente entrar e sair dentro de mim.

— Eu senti muita falta disso! — Ele declarou.

— Como você aguenta? — Perguntei o lambendo.

— Eu quase enlouqueço! Mas compensa quando nos encontramos.

Ficamos agarrados o dia todo e só levantamos no dia seguinte, quando precisei ir para o trabalho.

— O Danilo passa aqui para me pegar, é caminho. — Expliquei antes que ele estranhasse a minha carona.

— Ah... — Ele me olhou e deu um sorriso forçado, tentando demonstrar que não estava com ciúme. — É aquele cara lá? Aquele que você fala toda hora?

— Sim, é aquele que trabalha comigo. — Reforcei a parte do trabalho para que ele entendesse que o que eu tinha com Danilo era estritamente profissional.

Tomei um café preto para despertar e, no horário de sempre, Danilo buzinou. Eu me despedi de Eduardo com um beijo demorado e entrei no carro.

— Bom dia! — Ele disse com seu típico sorriso e bom-humor matinal.

— Bom dia! — Respondi igualmente bem-humorada, para seu total espanto.

— Que bicho te mordeu hoje? — Assim que ele olhou para o meu pescoço, seu sorriso foi sumindo.

— O Ed veio me visitar ontem. — Respondi sorrindo. Eu não queria estar sorrindo, mas era inevitável a felicidade que eu estava sentindo.

— Percebi! Nem vou perguntar se está melhor, você parece radiante! — Ele sorriu e olhou para o cruzamento.

— Estou! — Concordei sorrindo. — Hey, tenho que te agradecer por tudo o que você tem feito por mim. Por ter cuidado de mim e por ter escrito aquele texto no meu aniversário, foi o melhor texto de aniversário que alguém já fez pra mim. — Toquei em sua perna e ele apenas sorriu. — Podemos marcar alguma coisa de casal hoje, tipo a Lucy e você e o Ed e eu. O que acha? — Perguntei animada.

— Seria genial! — Não tinha certeza se ele estava sendo sincero. — Mas eu e a Lucy terminamos.

— Sério? Por quê? — Perguntei.

— Sei lá... Falta de compatibilidade, eu acho. — Ele riu fraco.

— Você está mal?

— Pela Lucy?

— Não, pelo Papa! É claro que é pela Lucy!

— Acho que sim.

Ele estava estranho, preferi acreditar que era pelo seu término com a Lucy. Mas algo me dizia fortemente que não tinha nada a ver com ela.

“...Fico aqui tentando de todas as maneiras entender como uma pessoa pode depender tanto de outro alguém. Teu sorriso é o motivo do meu, teu jeito me alegra, tuas piadas são as melhores (mesmo quando não têm a menor graça para o resto do mundo). Porra, você me faz feliz só por ser quem você é. Tem noção disso? Quando te conheci, eu esperava sinceramente que você fosse do tipo de garota que, só por chegar, já coloca tudo no lugar. Do tipo que faz cafajeste virar santo apaixonado. Mas eu estava enganado. Nossa, eu estava terrivelmente enganado. Porque você veio para bagunçar o que já era bagunçado. Você tira tudo do lugar, e se der na telha, mete o pé e deixa tudo do jeito que está. Mas sabe qual é? Você sempre precisa voltar também. Mesmo com essa marra toda e a pose de quem nunca erra, você volta também. Afinal, se você me completa, como eu não te completaria?

Para o final ficar mais legal, eu te amo e feliz aniversário!”

- Danilo Endringer parabenizando Melina Matarazzo

Capítulo 7

Três anos atrás

“Você é como minha vontade de voltar no tempo para ver meu filme favorito pela primeira vez. Você é aquela música que me deixa nostálgica. Você é a sensação de perda do chão quando ouço seu nome. Você é a dúvida que fica questionando se você ainda se importa. Você é o sorriso seguido de um suspiro pesaroso depois de uma lembrança. Você é intocável em tudo o que virou para mim, sentimentos, lembranças, desejos. Você é tudo aquilo que significa que você está longe...”

Jesse estava em minha casa chorando deitado no sofá. Eu não sabia o que dizer. Ele vinha fazendo muitas merdas ultimamente, e eu não tinha nada de bom para dizer a ele. Nesses casos, eu preferia me abster de opinar.

— Você acha que um dia ela vai me perdoar? Eu sinto tanto a falta dela e das crianças! — Lágrimas pesadas escorriam pelo seu rosto, e ele não parecia nem um pouco envergonhado por elas. Pelo contrário, fazia um tempo que ele estava jogado na minha sala dizendo que era o homem mais imbecil do mundo.

Jesse era inconsequente e nunca havia medido suas ações desde o péssimo relacionamento com Maya e a chegada de seu filho. Quando decidiu ficar com Felícia, achei que ele aprenderia a ter juízo, mas não foi o que aconteceu. Jesse e Felícia se casaram às pressas ao descobrirem que ela também estava grávida. Ele teria mais um filho e não sabia nem lidar com o primeiro. E como o mundo não gosta de pegar leve, ela engravidou de gêmeos. Em sua total imaturidade, Jesse já era pai de três crianças.

Ele se dizia feliz com o seu segundo relacionamento, e todos achavam que ele realmente estava. Jesse era visivelmente apaixonado por Felícia, e adorava a vida que levava com a esposa e as duas crianças. No entanto, fomos pegos de surpresa com um escândalo. Jesse havia traído Felícia com Maya, e eu me recusava a acreditar, mas pude ouvir a história de sua própria boca e, infelizmente, era verdade. Jesse nunca se cansava de ferrar com a própria vida.

— Eu não resisti, Melina! Minha carne é fraca! Eu fui visitar o Bento e ela ficou me provocando até eu perder o juízo!

— Isso não justifica, Jesse! — Respirei fundo e me sentei ao seu lado. — Qual o seu problema, cara?

— Eu não sei. Acho que sou a minha própria maldição, isso é uma merda!

— É, você é mesmo! Mas eu acho que talvez ela te perdoe.

— Você perdoaria? — Ele perguntou me olhando com expectativa.

— Depende... — Respondi.

Eu estava mentindo, não considerava perdoar uma traição, pois eu sabia que Eduardo e eu só chegaríamos a esse ponto se os sentimentos por outra pessoa fossem muito fortes. E se chegasse a esse nível, não valia a pena continuar.

— Eu não sei o que eu faço da minha vida, sou um fracasso...

— Ficar se xingando certamente não vai ajudar! Tenta esquecer um pouco isso, venha com a gente curtir essa viagem de final de ano. Você tira esse tempo para refletir, tenho certeza que voltará renovado.

— Ok. — Ele deitou em meu colo e fiz carinho em seus cabelos loiros. — Obrigado por sempre me ouvir nessas situações sem me dizer que eu sou um lixo.

— Você é um lixo! — Brinquei e ele riu, me arrancando uma risada também.

Ele podia ser um babaca, mas eu não gostava de vê-lo triste. Eu sabia que Jesse era um homem maravilhoso, eu o conhecia, ele só estava se perdendo.

— Eu vou receber visita, você vai dormir aqui hoje, né?

— Sim. Não tenho cabeça e nem cara de ir para a casa da minha mãe, ela adora a Felícia, nem sei o que deve estar pensando de mim.

— Com certeza ela te dará um sermão! Mas ela é mãe, vai te perdoar. Agora se levanta desse sofá e vai lá para o quarto.

— Quem vem te visitar?

— O Will e a Amanda. — Respondi. — Marquei de cozinhar para eles. Ele quer que eu a conheça melhor.

— Ela vem com ele? — Perguntou interessado.

— Sim. Eles estão namorando, e pelo que Will falou, é sério.

— Não tenho falado muito com ela depois de toda essa merda, mas pensei que ela me contaria quando estivesse namorando. — Ele pareceu irritado. Estranhei.

— Não sabia que vocês eram tão próximos.

— Ela faz a mediação entre o Bento e eu quando a Maya decide infernizar minha vida, e

como são amigas, as coisas ficam mais fáceis.

— Entendi.

Escutei o barulho do carro do Will estacionando e rapidamente os dois já estavam na minha sala.

— Olá, cavala! — Will me cumprimentou com o apelido carinhoso que usávamos um para o outro.

— Olá, cavalo! — Cumprimentei de volta e beijei o rosto de Amanda. — Você é linda, deve ser por isso que ele fala todo embasbacado de você. — Sorri simpaticamente e ela sorriu de volta.

— Ele fala? — Ela riu.

— Pô, Melina, não precisa entregar! Essa mulher já é ruim, imagina se descobre que estou louco por ela? — Will se declarou e fiquei impressionada. Era difícil vê-lo daquele jeito, já que ele nunca se entregava demais em relacionamentos.

Ela olhou para ele e apenas revirou os olhos.

— Ele diz isso para todas! — Declarou rindo.

Quis responder que ele não dizia; que aquele tipo de declaração vindo de sua boca era algo muito raro; que Clara quis tanto ouvir algo do tipo dos lábios dele, que cansou de esperar e decidiu se afastar de vez; que ele nunca diria isso para qualquer uma. É claro que eu não respondi, mas não deixei de reparar que ela parecia indiferente à declaração de Will. Não havia mais aquela paixão que ela tinha antes.

Quando você sabe o que é o amor, quando você sabe o que é ser enlouquecida por alguém, fica fácil reconhecer quando uma pessoa não ama outra. E nem precisa passar muito tempo com o casal, basta reparar no olhar, não dá para não notar quando há amor em um olhar, assim como é fácil notar quando ele não está lá. Falta o brilho, falta a energia... Os lábios podem até mentir, mas um olhar nunca mente.

Havia preparado um risoto de palmito e, modéstia à parte, estava uma delícia. Eu adorava cozinhar algo gostoso, me dava a sensação de ser adulta, já que eu costumava falhar em todas as minhas receitas antigamente. Sei que com a minha idade eu já deveria me sentir assim quase que completamente, mas eu só me sentia realmente adulta quando me deparava com certos momentos: quando eu conseguia cozinhar algo gostoso, quando eu conseguia estacionar meu carro perfeitamente, quando eu dormia sozinha e não ficava com medo do escuro, e até quando eu matava uma barata – mas admito que esse era o item mais difícil de todos.

O jantar passou rapidamente, eles eram engraçados e o papo fluía perfeitamente entre nós. Eu os ouvi contar em detalhes os momentos sobre a viagem que fizeram para a Holanda, e quando Amanda comentava algum fato engraçado, gesticulando e exagerando o momento, eu reparava como Will gostava, digo, do seu jeito espalhafatoso. Realmente senti falta de quando Eduardo

me olhava daquela maneira, senti falta de sentir o amor dele nos pequenos detalhes.

Eduardo, que passaria apenas um ano longe de mim, ia para o segundo ano, sem previsão de volta. Ele havia conseguido um emprego em um museu, que com certeza deveria ser importantíssimo para ele, bem mais importante do que o meu amor, que o esperava aqui.

Sabia que estudar era importante para ele e que ele estava pegando pesado. Eduardo frequentava aulas de diversos idiomas, como alemão, francês e espanhol, e até línguas mortas, como grego antigo, latim, egípcio médio e sumério, pois era importante para sua carreira de historiador. Mas eu também sabia que a presença dele na minha vida era importante para mim, e que por mais que nós prometêssemos que sempre nos amaríamos, que daríamos um jeito na distância, eu estava morrendo de medo de que nossas promessas não fossem suficientes.

— Adorei o jantar. Confesso que não ia muito com a sua cara, mas o Will tem razão, você é incrível!

— Ninguém vai no começo. — Sorri e balancei a mão, para dizer que isso não importava.

— Mudei totalmente a minha opinião! Acho que era porque você andava com aquela vadia da Clara.

Ao longo do jantar, eu havia percebido que Amanda não tinha papas na língua, ela não hesitava em falar sobre qualquer assunto, nem em criticar qualquer coisa, mesmo que ela soubesse que sua opinião não seria bem-vinda. Amanda era uma daquelas pessoas que levavam a sinceridade muito a sério.

Não precisei defender Clara em voz alta, Will a reprimiu com um olhar e ela apenas empinou o nariz, mostrando que essa era sua opinião e pronto. Ela não parecia aberta a ouvir as pessoas, por várias vezes interrompia Will dizendo que ele estava contando uma história totalmente errado, e então recontava do seu jeito e ele simplesmente concordava.

Ela era diferente, mas eu havia aprendido por experiência própria que não deveria julgar as pessoas antes de conhecê-las, e por mais que eu a achasse exagerada, mimada e intransigente, sabia que ela deveria ter um motivo para ser assim. Will gostava de cada detalhe nela, e isso era óbvio para qualquer um que olhasse para ele. Will Carrera estava finalmente na coleira, o bicho solto entraria em uma gaiola por livre e espontânea vontade por ela.

Jesse passou o jantar todo fechado no quarto de hóspedes, mas decidiu sair para comer alguma coisa.

— Oi. — Jesse cumprimentou Will com um sorriso fraco e ofereceu um sorriso totalmente diferente para Amanda.

— E aí? — Will se levantou e o cumprimentou com um aperto de mão, o encarando.

Tive a impressão que Will apertou a mão de Jesse com força, pois ele fez uma pequena careta.

— Beleza e você? — Perguntou simplesmente antes de se virar para Amanda. — Anda sumida! — Jesse bagunçou os cabelos loiros escuros *super* bem arrumados de Amanda, e em vez de achar ruim, como pensei que acharia, ela riu.

— Você é que anda! Como está a vida? — Ela perguntou ajeitando o cabelo.

— Uma merda! Mas nem quero mais falar sobre isso. — Jesse balançou a cabeça. — Quero que fique claro para todos nessa sala que eu sou um merda!

— Fica tranquilo que ninguém tem dúvidas disso! — Will brincou. Foi para trás da cadeira de Amanda e começou a massagear as costas da namorada. Eu via claramente o que ele estava fazendo, algo típico masculino: marcando território! Ri sozinha.

— Will! — Amanda o repreendeu.

— Não se preocupe, ele tem razão. — Jesse sorriu para ela, pegou uma maçã e caminhou em direção ao quarto de hóspedes.

— Jesse, você pode ficar na minha casa, mas eu gostaria muito que você usasse uma camisa! — Gritei para ele revirando os olhos.

— Qual foi, Melina? Não está resistindo ao meu charme? — Ele debochou. — Fique sabendo que figurinha repetida não completa álbum!

— Eu acho que, se ela quer que você vista uma camisa, você deve vestir, está na casa dela, um pouco de respeito é sempre bom. Ah, esqueci! Playboy não conhece essa palavra. — Olhei para Will espantada.

— Calma, Will! Está tudo bem! Não precisa duelar pela minha honra! — Tentei aliviar o clima. Rindo, Jesse apenas fechou a porta do quarto.

— Carinha mais folgado! — Resmungou.

Amanda revirou os olhos.

— Odeio quando você faz essas coisas!

— Não tenho paciência para playboyzinho! E também não gostei do jeito que ele te encarou, sem nenhum respeito.

— Se for fazer um escândalo por cada homem que me encarar, vai viver brigando, então acalma o seu coração!

Will beijou o pescoço de Amanda e ela fez um carinho com as unhas no pescoço dele. Fiquei surpresa quando ele não respondeu, mas é isso o que o amor faz, muda as pessoas. Will era um gatinho, e não um cavalo, quando estava com Amanda. E é claro que não perdi a oportunidade de debochar dele por causa disso antes de nos despedirmos, logo que o jantar acabou.

— Tchau, cava... — Limpei a garganta, me corrigindo. — Pônei!

— Para de debochar, eu sempre disse que gostava dela. — Ele riu e deu de ombros, enquanto Amanda o esperava dentro do carro.

— Eu sei, mas não pensava que era tanto assim. Não vou te chamar mais de cavalo, você é um lindo pônei azul quando está perto dela.

Ele riu e deu um tapa na minha cabeça.

— Vai dormir, Melina! — Prendendo uma risada, me deu as costas.

Entrei em casa pensando em como era engraçado ver meu amigo daquele jeito. Fiquei triste ao pensar em Clara e em como ela deveria estar se sentindo. Deve ser horrível ver quem você ama gostando tanto de outra pessoa. Will não fazia questão de esconder, e Clara tentava disfarçar fingindo que não ligava, mas eu sabia que ela se importava, pois Will foi um dos únicos homens por quem ela chegou a sentir algo de verdade.

Liguei para Eduardo e tentei falar com ele sobre o assunto. Contei sobre a minha impressão a respeito de Amanda e sobre como ela não parecia mais ser tão apaixonada por Will. Falei também que estava triste em saber que Clara estava sofrendo, mas que eu ficava feliz por Will experimentar um sentimento como esse. E comentei, cheia de orgulho, do risoto de palmito que eu havia cozinhado.

— Deve ser complicado... — Ele respondeu.

Franzi o cenho tentando entender o que deveria ser complicado, já que eu estava falando sobre como o risoto que eu preparei havia agradado.

Respirei fundo ao notar que ele não estava prestando atenção no que eu falava.

— Você ouviu o que eu falei? — Perguntei irritada.

— Ouvi!

— E o que eu falei?

— Você estava falando sobre a Clara e como ela deve estar triste e etc. — Ele bocejou.

Pude perceber que ele estava com sono e totalmente desinteressado em minhas histórias.

— Sim. Era isso mesmo. Como você é atencioso! — Eu disse ironicamente.

— Viu? E você já ia ficar brava! — Eduardo não notou minha ironia. Nos últimos tempos, era difícil encontrar algo que ele notasse.

— E sensível. Como tenho sorte! — Fui ainda mais irônica. — Acho que você deve estar cansado e com sono, vou deixar você dormir.

— Sim, estou. Mas gosto de falar com você antes de dormir. Boa noite, linda!

— Boa noite...

— Eu amo você!

— Eu também. — Respondi simplesmente. — Antes de você desligar... já sabe se vai conseguir ir para Bahia com a gente?

O Bonde e eu estávamos preparando uma viagem de final de ano para Bahia, estávamos bem empolgados em relação a isso. Eu principalmente, já que Eduardo havia prometido que iria e eu gostava quando ele passava algum tempo com os meus amigos. Quando uma pessoa te ama, ela também ama as pessoas e as coisas que você ama, e embora ele não me convidasse para fazer parte de sua vida na Inglaterra, para mim era importante que ele participasse da minha.

— Vou, sim! Fica tranquila!

— Então, ok. Dorme bem!

Desliguei o telefone e me senti vazia. Dessa vez não era saudade, era apenas decepção. Estávamos cada vez mais distantes e parecia que só eu fazia questão de lutar contra isso.

“...Você foi meu remédio quando o mundo parecia cruel demais para ser enfrentado sozinha. Você foi o motivo do meu sorriso. Você foi a pessoa que eu imaginava uma vida inteira ao lado. Você foi meus beijos mais apaixonados. Você foi o encontro que me fazia acreditar em destino. Você foi o motivo das minhas preces baixinhas em prol de um amor que eu achava que era tudo. Você foi tudo o que era certeza. Mas, na verdade, você foi o verbo conjugado no passado antes da palavra certeza...”

Ciúmes! Algo que odiava sentir. E se as coisas já não iam muito bem com a distância, imagina com o ciúme dando uma leve ajudinha para foder com tudo de vez? Então... Foi mais ou menos isso.

— Bonita essa amiga do Eduardo, não acha? — Rachel perguntou deitada na minha cama enquanto comia brigadeiro de panela.

— Que amiga? — Dei um salto do sofá onde eu fazia minha unha do pé.

— Essa aqui... — Ela virou o celular para mim e vi uma foto de longe. Eu me aproximei e vi Eduardo com o pessoal da sua turma. Esse não era o problema, o problema era que ele estava com a mão na cintura de uma... Quenga!

Tomei o celular da mão de Rachel, que protestou, mas continuou comendo seu brigadeiro. Vi a marcação na foto, seu nome era Barbara. Eu quis morrer quando cliquei na foto do perfil e constatei que ela era bonitinha. Tudo bem, ela era linda. Foda-se! O que o meu marido estava fazendo segurando naquela cintura?

Foi só para tirar foto, pensei, tentando me acalmar, mas não adiantou.

— Pilhou? — Perguntou Rachel.

— Não. — Eu disse tentando dar um sorriso, mas pela cara de Rachel, não atingi meu objetivo.

— Não, imagina... — Ela encheu a boca de brigadeiro. — Mas eu te entendo... Sabe, se tem uma pessoa que te entende, essa pessoa sou eu! Há semanas o Klebber vem curtindo fotos de várias *piriquetes* e acha que está tudo bem... — Revirou os olhos. — Eu quero que ele se foda! Ele me provoca o tempo todo, agora até em cima da Carol ele resolveu dar. E depois paga de desentendido. Vontade de morrer!

— Não acho que o Klebber dê em cima da Carol. Eu já disse, você tem que parar de brigar com ele por motivos idiotas! — Joguei uma almofada na cabeça dela e peguei meu celular.

— Você acha isso idiota? Ele curtiu a foto de uma menina quase pelada aqui! — Ela continuou reclamando sem parar.

Tudo o que Rachel sabia fazer era xingar o Klebber. E eu sabia bem o porquê, ela não queria admitir que tinha motivos para gostar dele. Desde o fatídico relacionamento relâmpago com Will, ela agia assim. Procurava mil e um motivos para se afastar de todos, mas, no fundo, bem no fundinho, eu acho que ela só queria alguém que insistisse mais um pouquinho. Ou melhor, mais um *poucão*, porque ela odiava diminutivos.

“Que gata a sua amiga. Morena. Olhos verdes. Parabéns!”

Digitei e apertei enviar, olhando para aquela foto ridícula de Eduardo, que olhando assim, não era tão ridícula, seus olhos estavam cativantes, aquela cara de cara sério... os óculos... Aff! Ridículo!

“Não começa”

Foi exatamente o que ele me respondeu. Quase explodi o celular na parede. Mas Rachel me ajudou, arrancando o aparelho da minha mão.

— Calma! Em vez de surtar, se arruma e vai curtir uma balada. Já passou uma vida inteira dentro de casa esperando mensagens do Eduardo. Chega, né?

— Quer saber? Eu vou! — Dei de ombros. — Você me ajuda a escolher uma roupa?

Minha amiga me ajudou e o resultado do processo foi um exagero, afinal, Rachel sempre seria uma perfeita patricinha, mesmo que já tivesse saído faz tempo dessa fase. Mas eu até que gostei, fazia tempo que eu não exagerava na produção.

— Vou ligar para o Danilo também, ok? — Perguntou Rachel.

— Liga! Vocês dois estão bem próximos, hein?! — Comentei enquanto exagerava também

na máscara para cílios.

— Acho o cara bacana, ele parece entender todo mundo com aquele jeitão de poeta e tal. Mas relaxa, não faz meu tipo. A gente só é parceiro para beber e já era. — Afirmou parecendo me dar explicações. E eu não entendia bem o motivo, mas apreciei aquelas explicações.

— Tudo bem! Ele é um cara bacana, mas não faz seu tipo mesmo. — Ri. — Ele não tem nenhum talento pra cafa! — Acrescentei.

— Pois é! Tenho certeza que ele não fica curtindo fotos de *piriquetes* nas redes sociais. — Rachel acendeu um cigarro. — Vamos?

— Vamos!

Chegamos à rua mais badalada da cidade. Pipocavam baladas, inferninhos e bares em todos os cantos. Escolhemos uma balada suave que alternava rock light com *indie*.

— Você está linda! — Danilo sussurrou em meu ouvido por causa da música alta. Eu gostava de como ele sempre me elogiava quando me via.

— Obrigada! — Agradei. — Você também, está bem elegante! — Ri passando a mão em seus braços.

— Elegante, né? — Ele sorriu e pediu uma bebida para nós.

— Cansei... — Confessei de repente.

— Hm... — Ele me guiou até um *sofazinho* mais afastado da pista. — Aqui é melhor para conversarmos. — Explicou.

— Ok! Mas e a Raka... — Olhei para o lado e vi Rachel e Klebber dando um beijo de tirar o fôlego em um canto do bar. Balancei a cabeça rindo em negação, eles eram o pior casal-entretapas-e-beijos que eu conhecia – ou o melhor, dependendo do ponto de vista.

— Ela vai ficar bem! — Danilo disse rindo também. — Ela é maluca! Gosto de conversar com ela, rende bons textos. Nunca vi menina mais confusa...

— É... ela é a mais pura confusão! — Sorri concordando.

— Então, você cansou de quê? — Perguntou me olhando atentamente.

— De esperar o Eduardo, sabe? Eu não me importo se ele está na puta que pariu, mas poxa, sabe quando parece que só você se esforça na relação?

— Desde que nos conhecemos te vejo assim. E sabe o que eu acho?

— Hm? — Perguntei curiosa.

— Que você o idealizou e não aceita viver sem o cara que ele costumava ser, sei lá, na sua

adolescência.

— Pode ser... Hoje vi uma foto dele com uma mulher. Tipo, eles não estavam sozinhos, mas ele segurava na cintura dela. E sei que não é muita coisa, mas cara... Isso me deu ódio e ele não fez questão de se explicar. Nós nos falamos pouco para caramba. Antes nos falávamos o tempo todo, mas acho que, de um tempo para cá, ele não faz muita questão. Não sei se é paranoia da minha cabeça, já que ele vive repetindo que me ama e que está com saudades, mas são só palavras. Eu queria sentir isso. — Despejei tudo de uma vez, desabafando o que tanto me agoniava e tirava minhas noites de sono.

Danilo apoiou minha cabeça em seu ombro e fez carinho no meu braço.

— Calma... Vai ficar tudo bem... — Beijou o topo da minha cabeça.

E em seus braços parecia mesmo que tudo ficaria bem. Essa foi a primeira vez que tive vontade de beijá-lo, de beijar qualquer outro que não fosse o Eduardo. Foi a primeira vez que me senti bem nos braços de outra pessoa; a primeira vez que o perfume de outro me provocou um calafrio na barriga. E fiquei extremamente assustada com isso.

“...Você seria aquele que só a morte poderia separar de mim. Você seria o plano concretizado do amor adolescente. Você seria o pai, o avô e o bisavô dos meus filhos, netos e bisnetos. Você seria aquele que me convidaria para dançar a nossa canção mesmo depois de anos. Você seria tudo aquilo que ficou apenas nas hipóteses...”

As vendas da *TotalTeen* estavam despencando e estávamos perdendo para a concorrente, o que deixava Eliza – nossa editora chefe – completamente irritada. Decidi dar uma olhada no rascunho final da revista e me surpreendi ao me deparar com tantas matérias fúteis, como “*10 dicas para conquistar aquele gatinho*” ou “*Você é uma garota para ficar ou para namorar?*”. A revista só estava girando em torno de garotos e de como uma garota deveria agir para conquistá-los, esquecendo-se de dizer para as garotas que elas deveriam ter sonhos além de um garoto, ou que deveriam ser do jeito que quisessem, pois poderiam ficar com quem quisessem sem serem tachadas de vadias.

Havia aprendido por conta própria que minha vida não poderia girar em torno dos sonhos de ninguém. Desde que Eduardo havia partido para Londres, eu segui cada um dos meus sonhos. Eu tinha amadurecido e já não me reconhecia mais como aquela garotinha dependente que ele deixara. Eu tinha meu próprio emprego, faltavam apenas dois semestres para eu terminar a faculdade, eu dirigia meu carro e cuidava da nossa casa sozinha. Quando ouvia barulhos estranhos à noite, eu não esperava que ninguém me defendesse, ia lá e enfrentava qualquer coisa, que geralmente não era nada, ainda bem. Eu saía com os meus amigos, bebia quanto quisesse e recusava os flertes que recebia sem a menor culpa. Escrevia para o blog; minha coluna já estava conhecida a ponto de, quando criei meu próprio blog, foi fácil conseguir leitores, e eu sempre agradecia Danilo pela oportunidade. Eu era dona da minha vida! Eu era tão minha quanto sempre quis ser quando pequena. E apesar da saudade, isso era maravilhoso.

— Gostou? — Danilo arrastou sua cadeira para o meu lado ao me ver lendo o rascunho.

— Você não acha que a *TT* está um pouco fútil ultimamente? — Perguntei o encarando.

— Sempre foi! — Ele riu e colocou uma mexa do meu cabelo atrás da orelha. — Mas o que está te incomodando?

— Eu sei que sou só uma estagiária, mas a revista gira praticamente em torno de garotos! Não seria mais legal dizer às garotas que elas deveriam ter seus próprios sonhos, que esses sonhos deveriam ser algo delas e não envolvessem mais ninguém? Ou ter mais matérias que despertassem o poder interior dessas meninas? Talvez “*10 dicas de como conquistar um garoto*” poderia virar “*10 motivos porque você deve se amar em primeiro lugar*”.

Danilo me olhou com um sorriso no rosto.

— Sabe o que eu acho? — Ele perguntou me encarando.

— Hum?

— Que esse cargo de estagiária não combina mais com você. Você é tão talentosa e cheia de ideias, tenho certeza que essa revista está precisando da sua força de vida. — Ele sorriu me encorajando. — Mas quero saber, qual é o seu sonho?

— Eu adoraria lançar um livro um dia. — Respondi sem pensar direito.

— Eu vou lançar um livro esse ano, posso te ajudar te apresentando para a editora, eles vão te amar.

— Você não precisa fazer isso, tem feito tanto por mim... Não seria justo!

— Justo? — Danilo riu. — Você tem feito tudo por você, eu só dou uma mãozinha, Melina.

— Não sei como te agradecer! — Sorri emocionada.

— Não agradeça, só sorria. Não tem agradecimento mais bonito que esse seu sorriso lindo, olhos de gata!

Balancei a cabeça e o fitei por alguns segundos, eu adorava Danilo. Fiquei o admirando e pensando em como eu era sortuda por tê-lo sempre para me apoiar e para me fazer descobrir tantas coisas sobre mim mesma nos últimos tempos.

— Li que quando uma pessoa te encara por mais de seis segundos, ou ela quer te matar ou quer fazer sexo com você. — Ele brincou e revirei os olhos.

— E nesse caso, o que eu iria querer? — Perguntei debochando.

— Não sei, isso é você que diz.

— Você estava tão bonitinho enquanto não falava essas asneiras... — Ri e empurrei a cadeira

dele.

— Eu não posso deixar de falar asneiras, senão não seria eu.

— Olha lá, a Magali te olhando, vai lá falar essas coisas para ela, vai!

Magali nos encarava com seus enormes olhos invejosos. Até me arrepiei ao olhar para ela.

— Ela é legal, mas estou de boas!

— Está nada! — Ri. — Eu sei que você saiu com a Carmen semana passada.

— Quem te contou? — Ele perguntou rindo.

— Eu sei de tudo, queridinho!

— Ih... — Danilo me olhou rindo e franzindo o cenho. — Está na minha cola, Melina?

— Tenho mais o que fazer, Danilo! — Retruquei. — Agora, me deixa, tenho que comprar o café da tarde de todo mundo. — Revirei os olhos. — E revisar as matérias da sua amada Carmen, já que ela não é tão boa na acentuação quanto é em ficar com você.

— Cadê aquele papinho feminista? — Ele debochou e eu o bati.

— Acredito que ela pode ficar com quem quiser e ao mesmo tempo fazer bem o trabalho dela!

— Acho que isso tem outro nome...

— Cala a boca! — Atirei um clip nele.

— Ciúmes. Você é *ciumentinha*!

— Eu acho que isso tem outro nome: prepotência; você é prepotente!

Danilo caminhou até a minha cadeira, massageou rapidamente minhas costas e deu um beijo na pele livre do meu pescoço. Eu me amaldiçoei por ficar arrepiada.

— O prepotente vai te deixar trabalhar. — Ele disse antes de sair.

O meu expediente finalmente havia acabado e eu havia combinado de sair com a Carol. Eu gostava de sair com minha cunhada, gostava de dar vários conselhos para ela – mesmo sabendo que ela ignoraria todos –, de ouvir sobre seus rompantes amorosos e de rir dos xingamentos que inventávamos para os caras bobos que passavam por sua vida.

— Você ainda fala com o Nick? — Perguntei curiosa.

— Às vezes, mas prefiro não falar muito. Ele é perfeito demais, saber que está longe me deixa desanimada. — Suspirou.

— Sei como é! — Respondi e minha voz soou mais triste do que eu gostaria.

Ela ficou sem graça.

— Não que a distância seja um problema, mas é que não temos nada, então é complicado ficar criando falsas esperanças.

— Tudo bem, Carol! — Sorri tentando mostrar que estava tudo bem, mesmo não estando.

— Você está animada para a festa de fim de ano? — Carol mudou de assunto.

Entramos na fila do cinema e escolhemos uma animação. Carol era fã de filmes de desenho, e eu gostava de assisti-los com ela, pois ela ficava realmente feliz, igualzinha a uma criança.

— Estou! Você acha mesmo que o Ed vem? — Perguntei e tentei disfarçar minha expectativa, mas soei como uma leoa faminta perguntando sobre sua presa. Metáfora ridícula, mas é a que mais se encaixa naquela situação.

— Acho, sim! — Ela respondeu e sorriu com seus olhos castanhos, tão expressivos quanto os de Eduardo.

— O Jesse também vai. Ele está *super* mal! — Comentei.

— Ah, ele vai? — Ela me olhou sorrindo e em seguida corou.

— Hey! Não gostei da sua reação. Escuta, Carol, em hipótese alguma pense no Jesse como uma opção, ok?

— Que horror! Eu não pensei nele como uma opção. — Ela revirou os olhos. — Mas ele não deve ser tão ruim assim, já que você pensou nele como uma opção...

— Pestinha! — Balancei a cabeça. — Sim, mas o Jesse não é mais o mesmo. Enfim, está proibida, ok?

— Não sou criança, Melina! Mas, tudo bem, eu vou te ouvir dessa vez.

— Espero! — Ri. — O Eduardo me mataria!

— Por ele eu ficava sozinha em casa rodeada de gatos!

— Por mim também! Você é meu bebezinho. — Apertei sua bochecha para provocar.

— Ah, é? Então vou te chamar de tia!

Rindo, empurrei-a com o ombro.

— Chata!

— Chata é você! — Ela retrucou.

Assistimos ao filme e, para nossa sorte, foi bem legal, daqueles que te fazem rir durante e se emocionar no final. Compramos maquiagem em nossa loja favorita de cosméticos e jantamos comida italiana antes de irmos para casa em meu carro.

— Mel, sei que o Ed tem sido um idiota com você, mas ele não faz por mal. Eu sei que ele te ama como não ama nada na vida, então, por favor, não desiste dele! — Ela desabafou quando o carro parou no farol.

— Carol... Não vou mentir dizendo que está tudo perfeito, porque não está. Mas eu não quero desistir dele, você sabe que isso é o que eu menos quero no mundo.

— Eu posso tentar falar com ele, sei lá... Acho que ele ainda não se tocou. — Ela revirou os olhos.

— Não! Não quero que você fale com ele. Ele tem que saber se sente minha falta, ele tem que saber que me ama e que quer ficar comigo. Isso não é uma coisa que alguém deva lembrar a ele.

— Eu sinto muito... — Ela suspirou. — Só não quero te ver mal por causa disso.

— Eu estou bem melhor! — Garanti a ela. — E essa viagem vai ser importante para nós, estou bem animada!

— Eu também!

Eu realmente depositava todas as minhas esperanças naquela viagem. Eu estava magoada com o Eduardo e esperava que tudo aquilo desaparecesse assim que nós passássemos um tempo juntos. Que eu perceberia que a mágoa era só saudade. Apenas isso.

Não me surpreendi quando Eduardo ligou dizendo que não conseguiria viajar comigo, mas que me encontraria no Natal. Tampouco passei muito tempo triste por isso, os meus amigos não deixaram. Viajamos todos juntos para Bahia e rimos durante todo o percurso. Eles eram incríveis e engraçados, eu não conseguia ficar triste perto deles.

— Ele não vem mesmo? — Danilo perguntou antes de me ajudar a levar as minhas malas até o hotel que ficaríamos.

— Não. — Dei de ombros.

— Ele é um babaca! — Ele fez um carinho em meu ombro.

Não respondi, apenas caminhei em silêncio até o meu quarto.

— Que merda dormir nessa cama enorme sozinha! — Reclamei e revirei os olhos ao ver que os funcionários haviam enfeitado o quarto com pétalas de rosas e uma garrafa de champanhe.

Danilo balançou a cabeça.

— Sobre a cama eu não posso fazer nada, mas posso te ajudar a beber essa garrafa de champanhe... — Ele estourou a garrafa, me fazendo rir.

— Obrigada! Extremamente gentil da sua parte.

Bebemos a garrafa inteira enquanto conversávamos e ríamos elencando as maiores merdas que fizemos ao longo do ano, lembrando algum momento legal ou falando mal da nossa chefe.

— Eu já estou meio tonta, e você? — Perguntei rindo.

— Estou mais ou menos. Você é fraquinha, hein, Mel?! — Ele sorriu. Não pude deixar de reparar como seu sorriso era lindo, combinava perfeitamente com sua barba por fazer e com o brilho dos seus olhos azuis.

— Champanhe é meu ponto fraco! — Ri. — Vamos encontrar o pessoal?

— Vamos!

Ele me ajudou a levantar, mesmo sem que eu pedisse, e fomos rindo sem nenhum motivo até o bar onde o pessoal se encontrava.

— Não deixem a Carol beber! — Cheguei rindo e ela me lançou uma careta.

Jesse estava ao seu lado, mas nem me importei, pois eu já estava bêbada.

— Nós vamos jogar *Strip Poker*. A casadinha pode ficar de fora. — Klebber riu embaralhando as cartas.

— Quem disse? — Olhei para ele levantando uma sobrancelha. — Estou completamente a fim de jogar *Strip Poker*. Até porque não vou precisar tirar nada, já que eu jogo muito!

— Que perigosa! — Klebber riu e me deu cartas. — Vai jogar, *manézão*? — Perguntou para Danilo.

— É claro que ele vai! Não vai perder a chance de tirar a roupa da Melina. — Jesse debochou.

— Cala a sua boca, Jesse! — Pedi e me sentei para jogar.

Carol começou perdendo três rodadas do jogo. Já tinha tirado o sapato, a blusa e dessa vez tiraria a calça. Os meninos, é claro, foram à loucura. Klebber não falou nada, mas não tirou o olhar de maníaco dela enquanto ela se livrava da peça envergonhada. Jesse nem escondeu o seu encanto; assobiou, gritou “*delícia*” e ficou mordendo o lábio até levar um tapa na cara de Rachel – que eu achei extremamente bem dado. Danilo tentou disfarçar, mas também estava fascinado

pelo corpo da minha cunhada. E isso me incomodou bem mais do que deveria.

— Esses homens são todos tarados, não dá para brincar! — Ri disfarçando o incômodo.

Mais algumas rodadas se passaram e os meninos já estavam todos sem camisa. Não pude deixar de notar em como as costas de Danilo eram largas. Era a primeira vez que eu o reparava daquele jeito. Foi difícil me concentrar no jogo ao perceber aquela muralha em forma de costas, então perdi algumas rodadas também.

Danilo ficou me encarando e contou até seis. Dei risada ao notar a referência à regra dos seis segundos olhando para alguém.

Quando Rachel começou a perder, Klebber foi ficando incomodado. Assim que ele tentou colocar a blusa dele nas costas dela para escondê-la, ela ficou irritada e a jogou longe. Eu conhecia a Rachel, ela estava extremamente descontente com os olhares que ele havia dado para as outras meninas.

— Tira sua blusa de mim! — Ela esbravejou.

— O que foi? — Ele perguntou e tentou fazer carinho em sua perna.

— Tira a sua mão de mim também! — Ela empurrou a mão dele e tentou ignorá-lo.

— Rachel, você nem deveria estar jogando esse jogo! — Disse Jesse ao retomar a consciência totalmente tomada pela bebida.

— Jesse, não começa! — Ela revirou os olhos.

— Coloca essa roupa ou vou te levar para o quarto e você só sairá de lá sob segunda ordem. — Jesse esbravejou, mas Rachel apenas o respondeu com um dar de ombros.

— Não está ouvindo o seu irmão? — Perguntou Klebber completamente transtornado.

— Cala a boca, Klebber! — Ela bufou. — O que você tem com a minha vida?

— Não tenho nada? — Ele perguntou a encarando.

Apenas fechei os olhos, pensando que aquilo não acabaria bem, mas como estava bêbada e me sentindo mole, não tomei maiores atitudes.

— Caso ainda não saiba: não! Você não tem nada a ver com a minha vida!

— Certinho, Raka! — Ele mordeu os lábios, balançou a cabeça e ficou emburrado.

— Cachorro! — Ela o xingou baixinho, mas foi o suficiente para que ele ouvisse.

— Você me chamou de quê? — Ele perguntou, e dessa vez em um tom mais irritado, de um jeito que eu nunca tinha visto.

— Você é problemático!

— Repete! — Desafiou.

— Pessoal, parem com isso! — Helena pediu e colocou a mão no ombro de Klebber, tentando acalmá-lo.

— Você ouviu do que ela me chamou?

— Ela não te chamou de nada, Klebber! — Helena tentou amenizar a situação.

— Garota mais infantil! — Ele protestou indignado.

Essas palavras bastaram para que Rachel e seus corajosos um metro e sessenta de altura partissem para cima de Klebber.

— Eu te chamei de cachorro! Espero que dessa vez você tenha entendido! — Ofereceu um sorriso diabólico para ele.

— Se eu sou um cachorro, você é uma cadela, porque bem que você gosta! — Ele retrucou.

No mesmo instante, Jesse levantou e avançou para cima dele. Eu sabia que Jesse levaria a pior, então entrei no meio da briga também, tentando separá-los.

— Mel, eles vão te machucar! — Danilo me afastou e tentou segurar Jesse.

Jesse ficava bem agressivo com a combinação *bebida + falarem algo desrespeitoso* sobre sua irmã, então fazia um esforço enorme para se soltar dos braços de Danilo e continuar sua luta com Klebber, enquanto Klebber mandava Danilo o soltar, pois resolveriam no “mano a mano”. Longos minutos se passaram até conseguirmos separar a briga e colocar cada um em seus devidos quartos.

— Caramba... — Eu suspirei exausta. — Esse povo não sabe beber. Que merda! — Reclamei com Danilo.

— Rachel e Klebber estão cada dia piores. — Ele balançou a cabeça. — Deixei a Rachel dormir no meu quarto, já que ela não queria dormir mais com o Klebber e a Helena está com o Bernardo.

— Você pode dormir aqui. — Eu disse a ele. — Tem uma cama extra.

— Que bom! Eu ia dormir com o Jesse, mas ele está ocupado.

Revirei os olhos imaginando que Jesse havia arranjado uma garota qualquer para dormir com ele, mesmo no meio de toda aquela confusão. Não me passou nada mais inteligente na cabeça naquele momento.

— Deita ai! — Eu disse e, assim que ele se deitou, eu o cobri com o cobertor. Ele sorriu e revirei os olhos rindo. — Por que você sorri assim?

— Assim como? — Perguntou ainda rindo. E, por Deus, maldito sorriso!

— Desse jeito bobo! — Sentei na beirada da cama.

— Não sei, não consigo evitar, te incomoda?

— Não. — Respondi com sinceridade.

Ficamos alguns segundos em silêncio, mas não era um silêncio incômodo.

— Você tem percebido como a vida sempre nos joga para perto um do outro? — Ele perguntou me olhando.

Balancei a cabeça tentando desviar o pensamento.

— Danilo...

Ele me olhou, me oferecendo um sorriso triste dessa vez. Eu podia sentir as batidas do seu coração, pois o meu batia da mesma forma, talvez pela bebida – o que eu preferia que fosse –, ou pelo fato de que, ultimamente, tinha sido sempre ele. Ele tinha sido dono de todos os meus momentos.

— O que eu sinto por você só pode ser motorista. — Ele disse em um tom brincalhão, tentando aliviar o clima.

— Por quê? — Perguntei já rindo da resposta.

— Porque passageiro não é! — Ele riu, me fazendo rir também, mas depois ficamos tristes de novo.

— Eu preciso dormir. — Eu disse a ele e me levantei da cama rapidamente, levando a mão na cabeça e pensando na proporção dos meus sentimentos por ele e como aquilo era errado.

— Eu sei. — Ele respondeu simplesmente.

Quando deitei na minha cama, lágrimas silenciosas escaparam em meu rosto. Eu odiava o Eduardo naquele momento, detestava o fato de ele me deixar sentir aquilo por outro. No fundo, eu sabia que não podia culpá-lo e me sentia uma completa traidora, mas ele havia me deixado e meu coração bobo não sabia se controlar. Eu ainda amava Eduardo desesperadamente, e talvez por isso doesse tanto ver que, até as coisas mais fortes que sentimos, podem se acabar um dia.

O dia amanheceu e, se não bastasse a noite conturbada, a manhã demonstrava sinais de que seria pior ainda.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei ao ver Jesse escondido no corredor.

— Eu fiz uma merda muito grande. — Ele disse apavorado.

— O que foi dessa vez? — Questionei revirando os olhos. Eu já estava cansada das burradas

de Jesse.

— Você vai me matar!

— Ai, meu Deus, fala logo! — Pedi o encarando com os olhos semicerrados.

— Eu dormi com a Carol. Puta que pariu, não sei o que fazer! Eu estava nervoso ontem, ela ficou lá, me acalmando no quarto, e rolou.

— Eu não acredito que você fez isso, seu cretino! — Enchi Jesse de tapas.

— Desculpa!

— Você é um idiota! — Esbravejei.

— Eu sei! — Ele concordou e eu me irritei ainda mais por não conseguir ficar com raiva dele.

— Você sabe como a Carol é, eu realmente acho que ela está tendo uma queda por você e tenho certeza que você não sente o mesmo. Então, acho melhor, para o bem de todos, você ir embora! — Declarei, tentando arrumar aquela situação.

— Se você acha... — Ele suspirou e me abraçou. — Desculpa, Melina! Eu vou.

— Ok! — Revirei os olhos e chorei em seu abraço. — Jess, não sei o que está acontecendo com você, mas não estou gostando de quem você está se tornando.

Ele chorou também.

— Eu também não... Eu também não, Melina! — Ele suspirou.

Os fogos estavam explodindo no céu anunciando o novo ano. Eu adorava a queima de fogos de Ano Novo. Sempre me pegava fascinada com aquelas luzes quebrando a escuridão.

— Feliz Ano Novo! — Danilo veio até mim sorrindo e me abraçou. Tinha tudo para ser um abraço qualquer, mas não foi. Ele me levantou do chão e automaticamente arrancou um riso frouxo dos meus lábios. Então ele me girou, nos desequilibramos um pouco e ele me segurou pela cintura para que eu não caísse. Eu ri enquanto ele me encarava.

— Quase que você me derruba! — Dei um empurrão em seu ombro ainda rindo.

— Eu me desconcentrei um pouco. — Ele sorriu. — Você está muito linda! — Balançou a cabeça. — Quer dizer, branco te favorece.

— Obrigada! — Sorri gentilmente e o abracei novamente. — Obrigada por tudo! Obrigada por estar ao meu lado, por me ouvir, por ser tão incrível! Eu tento imaginar o meu último ano sem você, e teria sido uma droga... — Eu disse próximo ao seu ouvido.

— O meu também. Aliás, ultimamente tudo sem você fica uma droga! — Ele me olhou seriamente e então limpou a garganta, quebrando o silêncio.

— E a Carmen? — Foi a única coisa que consegui dizer.

— Sei lá!

— Sei lá? Se ela morreu você nem sabe? — Eu ri e peguei uma taça de champanhe.

— Não vou perguntar do seu marido, porque ele está aqui! — Ele olhou em direção ao Eduardo, que conversava com sua irmã um pouco distante de nós. Carol estava triste com a situação com o Jesse, e eu estava triste por ter sido tão relaxada em relação aos dois.

Eduardo estava passando o réveillon comigo, mas eu estava tão magoada pelo seu furo na viagem, que não conseguia ficar ao lado dele como deveria, tinha certeza que discutiríamos se ficássemos próximos e nosso relacionamento já estava tão esquisito que eu realmente tinha medo de discutir, ou pior: preguiça.

— Não precisava devolver a pergunta, eu só queria saber se estava tudo bem.

— Me incomoda a presença dele aqui, então tenho que mostrar meu desgosto, afinal, ele roubou minha mulher. — Danilo disse em tom de brincadeira.

— Ah, é! Péssima atitude a dele... — Eu ri. — Para com isso, bobo!

— Você sabe que é minha e tal. E se eu fosse você, parava de iludir o coitado. — Brincou. — Bom, a Carmen preferiu passar com a família no interior. E não estamos tão sérios para passarmos as festas de final de ano juntos. — Explicou.

— Então você se deu esse presente, de passar com a gente? Justo. *Super* justo!

— Êêê! — Jesse nos interrompeu com um grito. — Feliz Ano Novo, bocós! Feliz Ano Novo, Melina! — Ele me abraçou e se virou para Danilo. — Ele já está aqui te *Cirilando*? Na frente do velho? Corajoso, hein?

Jesse e Rachel eram absolutamente ridículos e tinham inventado de chamar Danilo e eu de Cirilo e Maria Joaquina, dois personagens de uma novela mexicana infantil, onde o garoto mantinha uma paixão pela garota, mas era desprezado por ela. Uma brincadeira que tentei levar para o lado esportivo no início, mas com o tempo estava me irritando. Acontece que, no Bonde, quando uma coisa te irritava, podia-se ter a certeza de que ela seria repetida um milhão de vezes.

— Já falei para parar com essa história de Cirilo! — Balancei a cabeça.

— Ah, qual é, Melina Joaquina? Deixa de ser estraga prazeres! — Klebber entrou no meio.

Ele já tinha feito as pazes com todos, menos com Rachel. — Feliz Ano Novo, Cirilo! — Apertou a mão de Danilo e o puxou para um abraço de manos.

Helena me abraçou e, quando percebemos que estávamos todos juntos, demos um abraço em grupo.

— Que a nossa amizade seja eterna! — Gritou Rachel, fazendo todos gritarem em comemoração.

— Feliz Ano Novo! — Jesse desejou alto e estourou uma garrafa de champanhe para comemorarmos a chegada do novo ano.

Eduardo me alcançou e se agarrou a mim, como ele sempre fazia quando estávamos em lugares cheios de pessoas que ele não conhecia. Olhei para Danilo encostado em um canto, ele me olhava também. Contei exatamente seis segundos e o vi murmurar “seis”. Sorri e olhei para o céu, pensando em como a minha vida havia mudado.



Liguei desesperada para Rachel para contar o meu sonho para ela. Eu havia sonhado que ela estava grávida, e tinha tanta certeza que aquilo era uma premonição que acabei assustando minha amiga.

— Credo, Melina!

— Você precisa fazer um teste! — Eu disse tentando convencê-la. — Eu nunca erro essas coisas!

— Eu realmente espero que você tenha errado essa! — Ela disse parecendo preocupada, já que, por coincidência, estava atrasada há alguns dias.

A história do sonho havia tomado proporções maiores do que deveria, e percebi que eu podia ser bem convincente – e louca – quando todos do Bonde esperavam Rachel fazer um teste de gravidez no banheiro, inclusive Klebber, que não falava com ela desde a briga terrível que tiveram. Todos estavam cheios de expectativa. Eu podia ver alguns rostos mais tensos, como o de Jesse, preocupado com a irmã, o de Klebber, preocupado com a ideia de ser pai, e o de Carol, preocupada com sua melhor amiga.

— Deu negativo! — Raka disse assim que saiu do banheiro com o teste em mãos. Aquela resposta me atingiu completamente, me deixando devastada.

— Você pode ter visto errado! — Eu disse meio desesperada e peguei o teste das mãos dela, vendo que realmente tinha dado negativo.

— Não. Não vi! — Ela disse finalmente ao ver minha expressão triste ao conferir.

— Você pode fazer outro e...

— Não, Melina! Que saco! Eu não posso! Eu não estou grávida! Você está vendo aí? — Ela respondeu perdendo a paciência com a minha insistência, mas, ao mesmo tempo, parecia saber que eu não estava bem com aquilo. — Desculpa, amiga! Desculpa, é só que... Desculpa! — Sua última palavra foi mais como um sussurro, e eu só concordei com a cabeça, sem saber o que dizer.

— Deu negativo. — Ela disse para o Klebber apoiando a mão em seu ombro, como quem dissesse: *“foi só um susto”*.

Ele a abraçou e sussurrou alguma coisa em seu ouvido, que a fez sorrir largamente. Era tão nítido que eles se amavam, que mesmo que o teste tivesse dado positivo e eles fossem jovens demais, eles ficariam felizes em ter um fruto daquele amor.

Me sentei no sofá e levei a mão à cabeça. Eu realmente estava enlouquecendo. Tinha feito todo mundo passar por aquela situação por uma coisa que só existia na minha mente. Eles não entenderiam. Eu não havia contado para ninguém, mas havia parado completamente de tomar anticoncepcional. Eu só pensava em engravidar, pois não queria deixar de jeito nenhum Eduardo escapar pelos meus dedos. Então achei que, se eu desse um motivo para que ele ficasse, ele voltaria para casa e tudo estaria resolvido. Naquele momento, não me passou pela cabeça que eu deveria ser o motivo, se ele realmente me amasse.

Estava tão determinada a salvar o nosso amor, que decidi me cegar para tudo o que estava à minha volta. Minha menstruação estava atrasada há quinze dias e eu não podia estar mais feliz. Eu tinha decidido que só contaria para ele quando tudo estivesse confirmado. Mas quando acordei em uma sexta-feira e vi meu lençol sujo de sangue, alguns meses antes das festas de fim de ano, chorei como se tivesse realmente perdido um filho. Eu já estava tão íntima da ideia de ser mãe, que tentei de alguma maneira fazer com que aquilo se tornasse real, mesmo que fosse através da minha melhor amiga.

Me senti ridícula naquele momento, pela situação e pelo meu desespero em salvar meu relacionamento. Aquilo não era saudável, nem para mim e nem para ninguém. Mas talvez eu não fosse tão ruim em premonição assim.

— Mel... — Helena sentou-se ao meu lado. — Talvez o seu sonho tenha sido com outra pessoa. — Ela sorriu fraquinho e respirou fundo, como que para tomar coragem. — Eu estou grávida! — Ela disse baixinho e eu dei um enorme sorriso.

— Sério? Meu Deus, Helena! Parabéns!

— Não comenta com ninguém ainda, estou bem nervosa.

— Não fica, vai dar tudo certo!

— Não sei... O pai mora em outra cidade e não temos nada sério. Como vou criar um filho assim?

Respirei fundo ao notar o dilema que Helena enfrentava e fiquei triste ao constatar que, naquele momento, eu não sabia se teria o apoio de Eduardo, quando tinha que ser óbvio que ele

estaria ao meu lado. Nós éramos casados, ele era meu amor de adolescência e vivia dizendo que me amava. Eu deveria ter a certeza que uma gravidez seria um motivo para ser comemorado da melhor maneira possível, deveria sentir que ele ficaria extremamente feliz, a ponto de me puxar para pular em cima da cama com ele, como sempre fazíamos com grandes notícias, mas eu não me sentia assim.

Fiquei melhor por meu plano louco não ter dado certo e abracei forte minha amiga.

— Não importa o que aconteça, você sempre vai ter a gente! — Eu disse para ela e olhei para os meus amigos.

Eles eram tudo para mim. Se eu tinha que ser grata por algo, era por todas as pessoas que eu havia cativado. O amor chega a cegar quando ele chega, mas aprendi que nunca deveria deixar que ele fizesse desaparecer os amigos. Pois por mais clichê que seja, amigos são para sempre.

“...Você é. Você foi. Você seria. Mais nunca deixa de ser sobre você. Nas linhas da minha história, você se tornou aquele que está, esteve e estará sempre nas entrelinhas.”

- Publicado por Melina Matarazzo

Capítulo 8

Dois anos atrás

“Você perguntou se eu estava ouvindo a nossa música tocando. Eu estava. Já fazia muito tempo que a nossa música estava tocando, não só naquele seriado que nós estávamos assistindo e você a ouviu, mas em todos os meus pensamentos. De repente, tudo era sobre nós...”

Depois de prolongar a agonia até onde foi possível, finalmente consegui juntar coragem e ligar para Eduardo, para dizer que eu não queria mais. Eu disse que o que ele estava me oferecendo não era o suficiente e que ele estava me fazendo mais mal do que bem. Eu tinha aprendido com o nosso relacionamento que o amor só servia para impulsionar, e Eduardo estava me puxando para baixo a cada dia mais. Chorei enquanto ele me ouvia, silenciosamente. Pude sentir a dor na sua voz quando ele disse que tudo bem, que eu tinha razão. Doeu ainda mais em mim, porque, por mais que eu negasse, eu queria que ele insistisse pelo menos um pouco. Mas ele não insistiu, o que fez daquela noite fria uma das noites mais tristes da minha vida.

Estava me formando em Jornalismo, havia sido uma longa jornada até ali, muitas horas de sono perdidas tentando finalizar um projeto integrado ou escrevendo um artigo acadêmico. Muitas festas com cerveja e vodca barata. Amizades feitas e desfeitas ao longo dos trabalhos. Lágrimas de cansaço e exaustão na finalização do meu TCC, sem contar o nervosismo ao apresentá-lo para a banca. Minhas notas passaram longe de serem perfeitas, mas foram suficientes para eu me formar sem nenhuma DP. Eu estava orgulhosa de mim, pois aquela era uma conquista somente minha, de todo o meu esforço e determinação.

Havia escolhido um vestido dourado estilo sereia e arrumado o cabelo solto com bastante cachos; estava me sentindo realmente linda, como não me sentia há tempos. As olheiras, que tanto me atormentavam pelos meus maus hábitos dos últimos tempos, finalmente deram uma trégua. E eu tinha retomado o meu peso normal, não sentia mais como se fosse me quebrar com o vento. Eu estava bem melhor fisicamente, mesmo que psicologicamente ainda me sentisse meio morta. Eu estava feliz no dia da minha formatura, mas quando olhei para a mesa com as pessoas que eu amava, não pude deixar de sentir a falta de Eduardo.

— Você é a primeira pessoa a se formar do Bonde, que orgulho! — Disse Klebber sorrindo.

— A Helena também vai se formar logo. — Eu disse e fiz carinho na bochecha de Clarice.

A filhinha de Helena era linda, gordinha e tinha enormes olhos azuis, iguaizinhos aos da mãe. Helena tinha trancado a faculdade de Gastronomia e estava morando com Richard, o pai de sua

filha, mas pretendia voltar assim que a neném deixasse de dar tanto trabalho.

— Ah, vou... Se depender dessa menininha, me formarei só quando ela fizer dezoito anos! — Reclamou. Mas eu sabia que estava feliz com sua pequena.

— Eu nem sei se vou me formar um dia. — Rachel lamuriou desanimada.

Sabia quanto ela detestava a faculdade de Direito e também via seu esforço insano para tentar terminá-la. A única coisa que fazia a Rachel chorar, pelo menos na minha frente, era quando ela não conseguia entender alguma matéria da sua maldita faculdade. Ela amaldiçoava tudo, jogava todos os papéis no chão e depois recolhia tentando focar novamente. Eu sentia que Rachel era um pássaro que tentava aprender a andar em vez de voar. A faculdade era tão pesada que ela teve que desistir de seus projetos teatrais, e eu percebia quanto isso a deixava triste, mas não era algo que ela compartilhava com alguém.

— Parabéns, Melina! Você será uma jornalista maravilhosa! — Carol me abraçou forte. Eu fiz carinho em suas costas e, quando ela me olhou nos olhos, percebi que estava emocionada.

Toda vez que eu encontrava Carol, sentia que ela queria me dizer alguma coisa, mas ela sabia quanto eu tinha sofrido por causa do seu irmão, então evitava o assunto. Nós nos sentamos lado a lado e ficamos conversando. Carol estava cursando Letras e pretendia fazer uma pós-graduação em Jornalismo em seguida. Eu ficava muito feliz em contar como o meu curso era maravilhoso e a forma enlouquecida como eu amava o meu trabalho. O celular dela apitou e pude ler no visor uma mensagem de Eduardo.

“Ela está feliz?”

Carol não percebeu que eu vi e apenas disfarcei. Respondi a ele mentalmente. Talvez. Talvez eu estivesse feliz. Quando não pensava nele, eu estava feliz. Era tão injusto que ele se preocupasse, quando sua preocupação distante não significava mais nada. Eduardo podia perguntar se eu estava feliz, mas o que ele fazia para isso acontecer? Nada! Talvez fôssemos dois grandes apaixonados que foram obrigados a viver vidas diferentes.

Nunca me arrependi por não ter largado tudo e seguido Eduardo. De algum modo, eu sempre soube, mesmo quando eu era loucamente apaixonada, que eu não seria feliz se deixasse a minha vida para trás para viver a dele. Quando não fui aprovada na faculdade londrina, nossa chance se desfez. Eu nunca poderia tirar o sonho de Eduardo pedindo para que ele ficasse, mas também não poderia anular os meus sonhos e as minhas vontades. Não o fiz e nunca me culpei por isso, embora soubesse que Eduardo era o amor da minha vida. Ou talvez fosse só um dos amores da minha vida, quem sabe? Eu amaria daquele jeito novamente? Provavelmente não. Mas sempre ouvi dizer que existem vários jeitos de amar.

Era um dia feliz. Pude perceber isso quando minha irmã se aproximou de mim e me abraçou com força. Fomos criadas separadas desde sempre, mas no ápice da minha depressão, quando criança, escrever cartas para Robin era um alívio, e saber que eu tinha uma irmã, mesmo que muito longe de mim, me acalmava e me alegrava. Eu sempre quis ter um irmão, mas minha mãe dizia que não passaria pelo martírio da maternidade novamente, e eu não era egoísta para desejar que mais uma criança vivesse a doença de minha mãe.

— Não pude deixar de comparecer, mana! — Ela sorriu orgulhosa.

Nós sempre conversávamos por mensagens, por longos e-mails e por cartas, ela sabia de tudo sobre a minha vida. Robin foi criada na Inglaterra e eu só soube de sua existência aos meus sete anos de idade, quando meu pai me contou que ele teve uma filha antes de mim. Não fiquei enciumada, apenas pedi para que ele me desse seu endereço para onde eu pudesse enviar uma cartinha, da qual escrevi sem nenhuma pretensão, mas assim que ela me respondeu com uma enorme carta de dez páginas detalhando sua vida e dizendo que sempre teve curiosidade de me conhecer, fiquei extremamente feliz.

Quase nunca podíamos nos ver, nossas vidas eram completamente diferentes, então quando ela viajou para me prestigiar naquele dia, pensei estar em algum tipo de sonho louco onde quase tudo era perfeito.

— Eu estou tão feliz que você está aqui! — Sorri para ela e a abracei ainda mais forte.

— Também estou feliz em estar aqui. Você está tão diferente, já é uma mulher!

— Até parece! Falta bastante ainda para eu me sentir uma mulher. Mas já é um começo!

— Um grande começo! — Ela fez carinho em meu cabelo.

— Sua mãe não veio mesmo?

— Não. — Respondi e dei de ombros. — É o jeito dela.

— Sinto muito. — Robin sorriu de lado, meio sem jeito. — Trouxe um presente para você!
— Ela me deu uma caixinha.

Quando abri, me deparei com um pequeno colar com a palavra “*Ohana*”. Esse era o nosso jeito de dizer “*eu te amo*” no final das nossas inúmeras cartinhas quando éramos pequenas, pois vimos em um filme que *Ohana* significa família, e família significa nunca abandonar, nem esquecer. Meus olhos marejaram e coloquei o colar no pescoço, mostrando quanto eu havia gostado.

— É lindo, Robin! Obrigada!

— Também tenho um. — Ela mostrou o dela em seu pescoço.

Ficamos alguns segundos nos abraçando, tentando curtir aquele momento único. Percebi que eu não tinha nenhum *talvez* na minha felicidade. Eu estava feliz!

Will me abraçou por trás, me pegando de surpresa.

— Você está de matar, cavala! Se você não fosse você...

Ri e dei um soco em seu braço.

— Achei que você não fosse aparecer.

O fato de Jesse estar na festa me fazia pensar que Will não apareceria, mas fiquei contente por nem isso impedir meu amigo de comparecer.

— Eu nunca deixaria de te prestigiar! — Ele me puxou para uma dança e eu ri do seu jeito autoritário me guiando sem sequer pedir licença.

Dançamos uma música lenta. Will dançava muito bem para um cavalo, nós tínhamos um bom ritmo. Só pude sorrir quando ele me rodopiou e segurou em minha cintura.

— Acabou mesmo? — Ele perguntou.

— Sim. — Respondi com convicção.

— Eu sinto muito, cavalinha! — Will afagou meu rosto.

— Tudo bem! Já não era mais a mesma coisa.

— Eu sei como é... — Ele fechou os olhos.

Naquele piscar de olhos, pude ver quanto o término com a Amanda ainda doía. Mas quando abriu os olhos novamente, Will mostrou quanto era forte tentando disfarçar.

— Eu sei que sabe. — Fiz um pequeno carinho em seu rosto também.

— Eles estão felizes juntos? — Perguntou.

Eu o encarei por alguns segundos, e isso foi resposta suficiente.

— Que droga! — Ele riu ironicamente.

Amanda e Jesse estavam juntos. Eles eram um casal questionável, já que quase se matavam a todo o momento. Mas eu não tinha dúvidas de que estavam felizes um com o outro. Felícia e Jesse até tentaram dar certo de novo, mas o cristal havia se quebrado, não existia mais confiança entre eles. Felícia achava que Jesse a trairia de novo, e Jesse só conseguia pensar que Felícia se vingaria dele a qualquer momento. Ele ficou arrasado da segunda vez que se separou dela, sabia que era definitivo, e Amanda vinha sendo remédio. A garota mimada, egoísta e intransigente era a mais boba das criaturas quando olhava para Jesse; suspirava toda vez que ele abria a boca e achava lindo até as coisas mais imbecis que ele dizia (e convenhamos que eram muitas). Enquanto Will decidia quando daria sua vida de solteiro por encerrada, ela se apaixonou por outra pessoa, e ninguém podia culpá-la por isso. No amor não há espaço para brechas.

— Fica tranquilo, eu não a convidei. — Eu disse a ele.

— Obrigado... — Ele riu. — Eu não ligo, quero que ela se foda!

— Sei... — Ri.

— Nossa, você está muito bonita hoje! Eu já te disse que se você não fosse você...

Eu me afastei quando ele me puxou para mais perto.

— Pelo amor de Deus, Will! — Eu o encarei espantada. — Sou eu!

— Posso confessar uma coisa?

— Não! — Respondi o olhando debochadamente.

— É sério!

— Você não vai me dar alternativa, então por que pergunta? — Eu o encarei segurando o riso. Não acreditava que Will Carrera estava tentando me pegar.

— Nunca te vi como uma irmãzinha, se você me desse mole, eu te pegava fácil!

— Isso aí já é problema seu! — Ri alto e dei um tapa nele. — Essa confissão foi desnecessária!

— Calma! Mas já que você está fora de cogitação, tem como você me apresentar sua irmã? — Ele pediu com aquele olhar de cachorro que caiu da mudança e eu revirei os olhos.

— Eu sabia que você queria alguma coisa! Claro que não posso!

— Ok! Então terei que me apresentar por conta própria. — Ele riu e se afastou, fazendo uma reverência debochada. — Aproveita e dá uma chance para aquele cavalheiro ali, ele está querendo dançar com você faz um bom tempo. — Ele apontou para Danilo e eu ri.

Abracei Danilo o mais forte que pude assim que o alcancei.

— Há quanto tempo você está aqui? — Perguntei o olhando.

— Uns vinte minutos. Peguei um puta trânsito.

— Eu estava te esperando. — Sorri para ele.

— E eu estava louco para chegar. — Ele me girou.

Tocava *“Truly, Madly, Deeply”*, uma música romântica linda, e nem hesitei em dançá-la com ele. Danilo segurou em minha cintura e apoiei minhas mãos em seus ombros, aquela energia toda entre nós não me assustava tanto aquela noite. Em algum momento da canção, apoiei meu rosto em seu ombro e seu perfume forte e marcante me deixou inebriada.

— Vamos sair daqui? — Pedi.

— E seu discurso?

— Foda-se! — Eu disse a ele. — Quero sair daqui! Odeio festas de formatura! — Eu tinha acabado de decidir que odiava festas de formatura.

— Por quê? Você está fugindo? — Ele perguntou me olhando.

— Não!

— Então fique e aproveite sua festa. Não precisamos sair correndo daqui, como se devêssemos algo a alguém e tivéssemos que nos esconder.

— Ok! — Sorri o encarando enquanto dançávamos coladinhos pelo salão.

Seus olhos pregados em mim faziam eu me sentir amada e linda. Eu desejava baixinho que seu perfume ficasse grudado em minha pele para que eu pudesse senti-lo pelo resto da noite. Sua mão em minha cintura tinha o encaixe perfeito e eu sentia que poderíamos dançar juntos por uma vida inteira que eu não me importaria.

Aproveitei muito a minha festa. Dancei, me diverti, relembrei momentos com meus colegas de classe e chorei bastante. Era um dia para ficar na história e Danilo tinha razão, eu não tinha motivos para me envergonhar de nada do que tinha acontecido na minha vida. Por mais que eu não soubesse do meu futuro dali para frente, de uma coisa eu tinha certeza: eu estava apaixonada por Danilo. Eu estava apaixonada pelo seu sorriso, pelas suas piadas – das quais eu sempre era a que ria mais –, pelo seu charme encantador... Eu já mencionei o sorriso? Droga de sorriso! Não me canso de amaldiçoá-lo. Pelo apoio incondicional, pelo amor que ele sentia por mim... E mesmo que nunca tivéssemos sequer nos beijado, eu sabia que tínhamos algo forte.

Quando a festa acabou, Danilo ficou de me levar para casa. Eu estava nervosa e meu coração apertado. Eu não sabia o que queria daquele momento, mas a expectativa era grande e a ansiedade me matava e me dava vida simultaneamente. Fazia tempo que eu não me sentia assim.

Ao me despedir de Carol com Danilo ao meu lado, ela nos ofereceu um olhar significativo, e eu quase chorei. Aquela sensação me incomodava em tão alto grau; olhares dizendo: “*Ué, você não amava tanto?*”.

— Você vai com ela, Dan? — Ela perguntou e eu senti um incômodo tremendo em sua voz.

— Vou levá-la para casa, princesa. — Ele beijou sua testa.

— Ok! — Ela sorriu fraquinho. — Até, então!

Ficar sozinha na presença de Danilo fez meu estômago revirar. Eu sentia vontade de vomitar todo aquele misto de sentimentos. Eu estava apavorada.

— Sua mão está suando! — Ele riu.

Retribuí a risada, mas soei nervosa.

— Não está, não! — Retruquei.

— Está, sim! — Ele sorriu.

Notei que parecíamos dois adolescentes prestes a dar o primeiro beijo. Ninguém sabia direito

o que fazer, o que dizer, só sabíamos que tínhamos que fazer algo.

Ele abriu a porta do carro gentilmente para mim. Assim que me sentei no banco do passageiro, respirei fundo, tentando acalmar minha mente e meu corpo.

Danilo dirigiu até minha casa em silêncio. Eu sabia que existia uma grande tensão sexual entre nós, e desde que eu havia terminado com Eduardo, sonhava com aquilo. Ao mesmo tempo, admitir isso me fazia sentir tão culpada.

O carro parou em frente à minha casa e meu coração parou junto.

— Está entregue! — Ele disse e ficou me olhando.

Esperei que ele fizesse alguma coisa. Ele não fez nada.

— Então é assim? — Perguntei o olhando com um sorriso.

— O quê? — Indagou me olhando também.

— Você só fala... — Não pude conter a risada.

— Não estou entendendo. — Ele apertou o volante e percebi que estava nervoso. Achei bonitinho o efeito que eu causava nele.

— Às vezes você é bem babaca! — Balancei a cabeça rindo. Aproximei-me de seus lábios quentes. — *Super* babaca! — Sussurrei e abri a porta do carro para descer.

Danilo segurou meu braço e me virou para ele novamente.

— É mesmo? — Aproximou seu rosto ainda mais. — Sou um babaca? — Deu um sorriso torto, levou a mão até minha nuca e a deslizou devagar, até a encaixar em meus cabelos e os puxar de leve, somente o suficiente para que eu olhasse para ele. *Só para ele*. Sua outra mão estava dentro da minha blusa, sobre as minhas costas, deixando todos os pelos do meu corpo eriçados.

Nossos lábios se tocaram em um beijo lento. Ele beijava bem, muito bem. E naquele momento, o mundo era só nosso.

— Não me acho tão babaca assim! — Disse após o beijo com um sorriso vencedor no rosto. Seus olhos eram tão brilhantes quanto às luzes das estrelas que despontavam no céu aquela noite.

Eu o encarei por alguns segundos, ainda sem reação.

— Nem eu... — Eu o puxei para mais um beijo. Dessa vez, mais intenso.

Nós nos beijamos até perdermos os sentidos. Eu sentia seu corpo quente implorando por mim, e o meu queimava da mesma maneira. Suas mãos seguravam meu rosto e seus beijos alternavam entre meus lábios, meu pescoço, meu queixo e desciam até meu colo, deixando um rastro de fogo por onde passavam.

Escutei meu celular tocar, nos chamando para a realidade e me alertando para a importância daquele momento.

— Deixa tocar! — Ele pediu e me beijou novamente.

O telefone não parou, e nós dois sabíamos quem era. Imediatamente, deixei de pensar só em nós dois e comecei a me sentir uma traíra. Reparei quanto era estranho beijar outra pessoa, mais do que isso, *estar* com outra pessoa que não fosse Eduardo. E como eu ainda me importava com ele.

— Desculpa! — Pedi e me afastei com a cabeça baixa.

— Tudo bem. — Ele balançou a cabeça, irritado. Eu não tirava esse direito dele, mas não podia fazer nada.

Saí do carro.

— Alô? — Atendi aturdida assim que o carro de Danilo deixou o local.

— Linda?

Levei a mão à boca para esconder meu choro ao ouvir sua voz. Desliguei o telefone e corri para o meu quarto. Afundei minha cabeça em meu travesseiro e chorei. Aquele choro soluçado que só o Eduardo conseguia arrancar de mim. E o maldito telefone começou a tocar novamente. Sequei as lágrimas e respirei fundo antes de atender.

— Oi...

— Acho que a ligação caiu. — Ele disse meio sem jeito.

— Sim. — Concordei.

— Você já voltou para casa? — Ele parecia nervoso ao falar comigo.

— Sim. — Respondi simplesmente, me controlando para não começar a chorar de novo.

— Foi tudo bem? — Insistiu em puxar assunto.

Balancei a cabeça em negativa tentando dizer que não. Pelo menos não para nós dois.

— Sim. — Respondi.

— Você está cansada?

— Sim!

— Quer que eu deixe você dormir?

— U-hum! — Respondi segurando a barriga como se eu tivesse levado um tiro, pois aquilo

estava doendo como se eu realmente tivesse sido baleada.

— Tudo bem... Hey?!

— Hum?

— Só liguei para dizer que estou orgulhoso de você, mesmo que não estejamos mais juntos... Eu meio que sempre vou me importar com você... Eu me importo demais com você.

— Tudo bem, obrigada. — Agradei.

— Você tem mesmo que desligar?

— Tenho, Eduardo. — Afirmei.

— Ok. — Ele disse triste, e aquilo me baleou mais uma vez.

De totalmente feliz à sobrevivente de um tiroteio de tristezas. Aquela noite tinha me levado a diferentes patamares.

“...No momento em que você pegou em minhas mãos e disse pacientemente que me ensinaria a dançar de novo, eu me apaixonei perdidamente por você. Nós éramos os dançarinos mais aplicados do mundo. A nossa coreografia era melódica e até os nossos suspiros eram perfeitamente sincrônicos. Você me fez corajosa de novo, e então perguntou por que meu coração batia tão acelerado. Ele respondeu que era por você. Meu coração mandou uma carta para todos os meus cinco sentidos dizendo que era tudo por você, que você estava escrito até em suas entranhas. E disse mais, disse que estava gostando...”

Os dias seguintes passaram como um borrão em minha mente. Eu não sabia como agir ou o que fazer, então apenas sobrevivia. Evitava Danilo o máximo possível, até que ele percebeu e começou a me evitar também. Eu me sentia mal por isso, mas foi um alívio. Eu precisava pensar.

Eu disfarçava o melhor que podia na redação. Era o meu ambiente de trabalho e eu não podia levar meus dramas para lá.

— Melina? — Eliza me chamou em sua sala.

— Algum problema, Eliza? — Perguntei a ela.

— Nenhum, pelo contrário. Sua matéria fez bastante sucesso em nosso site, as adolescentes te adoram. — Ela sorriu.

— Obrigada! — Sorri.

— Acho que já passou da hora de você ser promovida, então te chamei até aqui para dizer

que acaba de ganhar uma coluna na sessão de comportamento.

— Sério? — Perguntei incrédula. — Não acredito!

— Acredite! — Ela deu aquele sorriso confiante de mulher poderosa e eu a abracei.

— Obrigada!

— Não agradeça, você trabalhou duro e conseguiu. Bem-vinda à *TotalTeen*!

— Eu estou feliz demais! — Eu não consegui pensar em uma resposta melhor, apenas disse a verdade. Não podia acreditar que aquilo estava acontecendo, meus olhos marejados mostravam quanto receber aquela promoção me deixava emocionada.

— Vá comemorar, queridinha! — Ela riu de como eu estava em choque.

Esperava receber aquela promoção quando me formei, mas nunca imaginei como seria a sensação de conseguir aquela conquista, digo, o sentimento que dominaria o meu coração, de felicidade plena e orgulho próprio. Não dava para prever aquele tipo de reação.

Queria comemorar com Danilo. Queria correr para os seus braços e contar a notícia. Mas eu sabia que tinha que pensar melhor, só o fato de ser ele aquele com quem eu queria compartilhar algo importante já dizia bastante.

Liguei para Rachel e pedi que ela preparasse brigadeiro de panela, pois eu a visitaria. Ela aceitou prontamente e, assim que cheguei em seu apartamento e contei a novidade, ela pulou de alegria junto comigo.

— Eu estou tão desesperadamente feliz por isso! — Rachel disse sorrindo. — Eu sei quanto você merece isso, estou orgulhosa!

— Raka! — Eu a olhei nos olhos. — Você sempre me guiou em direção aos meus sonhos, e se não fosse você, eu nem sei como eu estaria agora. Obrigada! Primeiro, por ser minha melhor amiga... — Revirei os olhos antes de continuar. — Mesmo que eu saiba que sua melhor amiga é a Carol. — Rimos. — Segundo, por sempre ter sido uma garota forte quando eu era nadinha.

— Para de ser idiota, retardada! Você sabe que você sempre foi uma garota forte, só ficou meio abestada no percurso, mas fico feliz em te ter de volta, Melina Matarazzo. — Ela riu. — E eu nunca disse que a Carol é minha melhor amiga!

— Aquela ingrata, roubou você de mim! — Fiz biquinho.

— Boba! — Ela me abraçou. — Não seja idiota!

Ficamos algum tempo abraçadas, até Rachel se levantar para ir pegar o brigadeiro.

— Você está dividida, não é? — Ela perguntou.

— Não... — Respondi. — Não sei! — Acrescentei.

— Como se sente em relação ao Danilo?

— Você é psicóloga sentimental agora? — Ri quando ela se sentou em uma poltrona e ficou me encarando.

— Sim. Eu sou tudo. — Ela riu. — Agora, me fale!

— Nós nos beijamos. — Confessei.

— Mentira! E por que você não me contou? — Questionou indignada.

— Porque foi confuso.

— O beijo?

— Não, o beijo foi maravilhoso! Mas aí o Eduardo me ligou e fodeu com tudo.

— Entendi... Que merda! — Ela disse. — Mas esquece da parte do Eduardo e me fala do beijo.

— Ele beija bem. — Ri sem graça.

— Descreva o beijo dele em uma palavra.

— Cálido! — Eu disse sem pensar muito e Rachel me encarou.

— Hm... Vamos ver... — Ela pegou seu celular. — Cálido: ardente. Quente. Apaixonado. Até que me parece bom, me parece muito bom! — Ela riu e me fez rir mais ainda assim que vi que ela tinha pesquisado. — Imagino como vocês dois devem estar, é muita tensão sexual reprimida.

— Rachel, cala essa boca! — Ataquei uma almofada nela.

— Mas é! Cuidado, viu? Conheço uma história de uma mulher que ficou na cadeira de rodas.

Gargalhei e lancei mais uma almofada em Rachel.

— Dá para você parar de falar besteiras?

— Não consigo! — Ela riu.

— E você e o Klebber?

— Eu odeio o fato de sempre me relacionarem ao Klebber. Não demora muito, dão uns cinco minutos de conversa e qualquer pessoa que esteja falando comigo me pergunta do Klebber. Não sei. Ele deve estar lá!

— Perguntei de vocês dois, não se faça de sonsa!

— Eu estou aqui e ele lá. Melhor? — Debochou.

— Você é tão engraçadinha!

Ela suspirou.

— Mel, a gente se gosta. Caramba, a gente se gosta! — Ela suspirou. — Mas quando que faríamos um casal? Não consigo ficar muito tempo perto dele, porque tenho medo de fazer alguma besteira, como... — Ela parou para pensar. — Homicídio!

Dei risada.

— Não acho!

— O Klebber está para mim como uma girafa está para um tamanduá-bandeira. Isso explica um pouco da nossa doce relação?

— Acho que sim! Mas ainda continuo achando que vocês vão se acertar um dia. — Eu disse rindo.

— Talvez. Mas você também acredita em gnomos e em milagres, então...

— Você sabe que gnomos existem, não é possível que minhas coisas desapareçam e apareçam do nada. — Retruquei ofendida.

— Eu sei. Também acredito em gnomos. — Ela respondeu rindo também.

— Então você também pode acreditar em Klechel!

Ela foi atingida com a minha argumentação perfeita e eu dei um sorriso vitorioso.

— Eca! Não mistura os nossos nomes! — Foi a única coisa que ela conseguiu dizer, depois foi para a cozinha pegar cerveja para nós.

Bebemos algumas garrafas e ficamos mais falantes e risonhas. Eu me sentia tão bem com a Rachel que quase desejei que pudesse me casar com ela.

— Pergunta clássica... — Ela sugeriu rindo. — O que você faria em um momento de coragem insana? Sinceramente.

Estávamos deitadas no tapete branco e fofo da sala de seu apartamento, olhando para o teto enquanto conversávamos sobre besteiras da nossa vida. Eu gostava da decoração clássica e ao mesmo tempo moderna que Rachel escolhera para o seu cantinho. A sala era pequena, em tons de roxo e detalhes dourados, com um sofá comprido e cheio de almofadas de diferentes tipos de estampas, que davam uma sensação de conforto.

— Hmm... Eu iria para a casa do Danilo!

Ela me ofereceu um sorriso malicioso.

— Te adoro quando bebe! — Riu alto. — E? Continua! — Pediu.

— E nós acabaríamos com toda a tensão reprimida. — Gargalhei e ela riu.

— Safada!

— Tem mais, quer ouvir?

— Não estou certa se quero ir muito mais além... Mas se solte!

— Nós faríamos sexo até amanhecer, sem parar por nenhum segundo. Eu arranharia suas costas inteiras e faria aquela boquinha linda parar de sorrir para suspirar de prazer, porque não posso com aquele sorriso! — Apertei a almofada rindo. — Exagerei, não é?

— Não. Imagina. Quase nada. — Ela quase engasgou rindo. — Só acho que você está *super* apta a escrever um *porrozão* daqueles bem baratos.

— Cala a boca, cretina! — Ri. — E você?

— Largaria minha faculdade de Direito. — Comentei.

Não foi engraçado como o meu. Foi bem triste, para falar a verdade.

— Por que você não larga?

— Não posso. E se a minha carreira de atriz não der certo?

— Você nunca vai saber se não tentar! — Incentivei. — Nunca podemos deixar de acreditar nos nossos sonhos.

— Vou pensar. Mas só se você fizer a sua.

— Sério? Você vai colocar o seu futuro em minhas mãos?

— Sim! Nós sempre fizemos coisas idiotas juntas, então, se você cumprir isso, eu prometo que largo a *facul* no mesmo momento. Não exatamente no mesmo momento, é claro, já que não pretendo saber o exato momento em que vocês dois estarão lá, se afundando na perdição.

— Ok! Vou lá agora, então!

Ela riu exageradamente.

— Melina, você sabe que você está bêbada, não sabe?

— Sei, mas mesmo assim... Quero muito que você largue a faculdade de Direito! — Justifiquei debochadamente.

— Só isso, né? — Ela riu. — Vai lá, então! Você sabe que não sou consequente para te impedir de sair desse jeito.

— Não mesmo! — Ri e peguei a chave do meu carro.

“...Era você nos meus cinco sentidos. Você em minha visão me mostrando como era bom viver o real. E você era tão real, mais bonito que qualquer sonho. Você era melhor que qualquer oásis depois de uma eternidade no deserto. Você era meu toque favorito, eu não queria tatuar seu nome em minha pele, mas gostaria de poder tatuar a sensação que suas mãos causavam em meu corpo. Seu cheiro marcado em todos os meus lençóis era minha essência favorita. O gosto do seu beijo cáldo e torrencial era melhor que uma panela de brigadeiro na TPM. Mas nada disso se comparava em como era bom ouvir, mais do que isso, sentir a verdade do seu ‘eu te amo’, isso realmente não tem nada que se compare...”

Peguei meu carro e fui o mais rápido que pude para a casa de Danilo. Eu gostava de dirigir em alta velocidade, era algo que me acalmava quando eu estava nervosa, algo que Eduardo odiava e, com certeza, me mataria se me visse fazendo. Dei de ombros e disse: “*não estou nem aí!*”, respondendo ao Eduardo imaginário. E, naquele momento, notei quanto aquilo não fazia sentido. “*Você não vai gostar de nada do que vou fazer hoje!*”, disse mais uma vez em voz alta ao meu marido imaginário e não consegui segurar as lágrimas.

O vento batia em meu rosto e as casas passavam tão rápido que eu só via vultos. Estacionei na garagem de Danilo e o chamei pelo interfone.

— Danilo... Sou eu, abre a porta! — Pedi meio receosa.

Ele não respondeu, apenas desceu voando e me deu um abraço apertado.

— Está tudo bem? — Perguntou preocupado.

— Não!

— Imaginei... — Disse ainda me abraçando.

— Sinto sua falta! Sei que estamos estranhos agora, mas eu sinto sua falta!

Evitar Danilo foi a coisa mais difícil do mundo, e o fato dele também me evitar me deixou magoada, mas, falando a verdade, eu o compreendia. Eu não podia dar o que ele queria e isso destruía qualquer coisa entre nós. Mesmo assim, mesmo tentando se manter longe de mim e de toda a confusão que eu trazia para a sua vida, quando fui até ele às três e pouco da madrugada, ele me abraçou. Ele me abraçou de um jeito que me deu paz.

— Eu também! — Danilo limitou-se a dizer e beijou meus cabelos.

— Eu quero te falar uma coisa... Posso?

— Claro! — Abriu a porta de sua casa e me guiou até o sofá. — Você pode me falar o que quiser, olhos de gata. — Ele sorriu, mas parecia receoso.

— Bom... Eu quero dizer que eu amo você. Eu sei que deixei de dizer isso várias vezes quando deveria ter dito. — Ajeitei meu cabelo e, mesmo com o coração na mão, olhei em seus olhos. — Eu não te amo como uma garota ama o irmãozinho, como você insiste em pensar. Eu te amo como uma mulher ama um homem. — Ele tocou meu rosto e segurei sua mão. — A gente tenta e nunca se acerta. Eu tentei, mas só nos desencontramos. Eu não quero te perder, mas para sempre vamos ter esse amor que nunca se realizou entre nós... — Parei um pouco, para organizar as ideias em minha cabeça.

A verdade é que Danilo era um cara sensacional, ele não merecia ficar preso a mim e todas as minhas confusões. Ele merecia o melhor, e nunca achei que eu fosse o melhor para ele. Então, em vez de ir para sua casa para cumprir o plano que eu disse para Rachel, fui para lá libertá-lo de mim, pois eu sabia que Eduardo ainda era muito presente nos meus pensamentos.

— Eu vim até aqui para dizer que vou parar de insistir em nós. Em tentar forçar uma amizade que nunca mais vai existir. Vou parar de te mandar mensagens e tentar ser sua amiga... — Continuei. — Por mais que me doa. E que você faça uma falta do caralho...

Ele me olhou profundamente.

— Eu quero te deixar livre de mim, mas eu não queria ir com você achando que nunca te amei, que você amou sozinho. Não, não com você... — Continuei. Lágrimas cortaram meu discurso, mas as sequei rapidamente para prosseguir. — Então, eu te peço: se cuida! Olha para as pessoas ao seu redor... Que saco! — Mordi o lábio tentando não explodir. — Que saco, Danilo... Arranja alguém legal, namora, casa... Vai ser horrível, mas eu desejo toda felicidade do mundo pra você!

— U-hum... — Ele assentiu com a cabeça, se levantou e me deu as costas.

— Consigo te imaginar sendo o melhor tipo de pai do mundo, sorrindo com as gracinhas do seu filho... Consigo te imaginar feliz porque subiu de cargo... Ou sei lá, fazendo todas essas coisas da vida. Quero que você seja feliz! — Continuei, tentando quebrar o silêncio.

— Mas eu não! — Ele se virou para mim e me encarou profundamente, me fazendo ficar arrepiada com a intensidade de seu olhar azul-piscina.

— Você não o quê? — Perguntei angustiada, pensando que ele não desejava que eu fosse feliz também.

— Eu não. Quer dizer, não consigo te imaginar casada, feliz com seus filhos, sendo uma ótima mãe e celebrando com teu marido porque subiu de cargo. Não imagino ou não quero imaginar. Tanto faz. Não me vejo como terceira pessoa na tua história. Não de novo. Não aceito mais esse posto. Não me imagino como um fantasma, vagando pelos pensamentos de como vai ser teu futuro. Porque... Droga, Melina! Eu planejei estar lá. Eu sou a porra do marido na droga dos meus pensamentos!

Em quase todos os momentos da minha história, eu soube exatamente o que dizer. Mas, ali, eu simplesmente fiquei muda.

— Meu Deus... Eu não sei o que fazer. — Olhei para ele atônita.

— Eu sei. Você quer ficar comigo? — Ele perguntou e se aproximou ainda olhando nos meus olhos.

— Quero! — Respondi com convicção.

Eu não tinha dúvidas naquele momento.

— Então vamos ficar juntos! Vamos enfrentar o que tivermos que enfrentar!

Colei minha testa na dele e senti nossas respirações aceleradas.

— Vamos. Podemos começar agora. Vamos pegar meu carro e, sei lá, vamos para a estrada.
— Eu o puxei com pressa e ele, rindo, me parou.

— Você está querendo fugir... — Danilo me agarrou pela cintura e foi me empurrando até o sofá.

Não vou mentir, eu queria muito aquilo. Nem queria pensar em quanto tempo eu realmente queria aquilo, a ponto de só respirar perto dele já me deixar louca. Eu só não conseguia, algo me travava.

— Você pode esperar? — Pedi baixinho, já embaixo dele no sofá.

Ele respirou fundo.

— Posso. Vai ser difícil... Quase impossível, mas eu posso.

— Desculpa! — Eu me levantei rapidamente. — Vou resolver isso!

— Ok.

Eu estava tão nervosa que agia mais por instinto do que por mim mesma. Saí de sua casa depois de derrubar um porta-retratos e me enroscar na porta. Voltei, porque minha cabeça estava muito agitada, mas meu coração dizia que eu tinha que selar aquele acordo com um beijo.

— Danilo? — Eu o chamei.

— Oi? — Ele me olhou, rindo do meu desespero.

— Temos que dar um beijo. — Eu disse seriamente. O que o fez rir.

— Claro! — Ele veio até mim e parou na minha frente. Acariciei seu rosto e me aproximei, sentindo meu coração bater mais rápido, então coleí meus lábios nos dele, dando um selinho demorado. A adrenalina dominou o beijo, aquele simples selinho eletrizou meu corpo inteiro, mas me afastei.

— Só isso? — Ele disse me puxando para mais perto.

— Nós teremos a vida toda para mais. — Eu sorri para ele.

Ao sair de sua casa, liguei para Eduardo o mais rápido possível. Eu precisava esclarecer tudo. Precisava terminar de vez com aquele laço, para então seguir em frente. Eu sabia que seria julgada por todos, diriam que não amei o suficiente, que meu amor nunca valeu nada, mas eu não me importava. Eu só tinha uma vida e queria ser feliz.

— Eu estou em casa. — Ele disse.

— O quê? — Perguntei espantada.

— Eu vim para conversarmos direito.

Inferno! Ele estava na minha casa. Aliás, a droga da casa era dele. Eduardo parecia ter um chip em mim, toda vez que eu estava prestes a seguir em frente, ele voltava para bagunçar tudo. Antes de chegar em casa, tirei a jaqueta que eu estava só para ter certeza de que ele não sentiria o perfume de Danilo. Eu não estava o traindo nem nada, já que estávamos oficialmente terminados, mas não queria que ele soubesse, porque sabia que doeria.

— Meu Deus, é você! Pensei que fosse um meteoro! — Ri e o cumprimentei com um beijo no rosto assim que cheguei em casa.

— Não, não é um meteoro. — Ele riu. — Como você está?

— Estou bem! — Sorri. — Você vai dormir aqui? — Perguntei tentando não parecer tão incomodada.

— Se não tiver problema pra você... — Começou, mas em seguida mudou de ideia. — De qualquer forma, eu posso ficar em um hotel.

Dormirmos sob o mesmo teto era uma ideia completamente estúpida, e ele pensar que era possível, me deixava espantada. Mas isso vinha da nossa intimidade total e do fato dele realmente não acreditar que eu tinha terminado com ele, que eu poderia seguir minha vida sem ele. Eduardo às vezes era confiante demais. Talvez esse fosse o nosso maior problema. É claro que eu o amava desesperadamente, mas também me amava e sabia a hora de desistir de coisas que me faziam mal. Nosso relacionamento beirava o impossível quando coloquei um ponto final.

Comecei a achar bom que ele estivesse ali, pois poderia falar tudo isso para ele pessoalmente.

— Você pretende ficar quanto tempo?

— Não sei ainda. Depende. — Respondeu.

— Fico feliz quando passa um tempo aqui, mesmo que quando vai embora leve sempre um pouco de mim. — Sorri fraco e só então percebi o poder das minhas palavras. E como aquela declaração fugia totalmente dos meus planos.

— Eu também deixo um pouquinho de mim quando vou embora. — Ele sorriu triste.

— Deixa bastante. Você sempre está aqui de algum modo. — Ri nervosa.

— Não tanto quanto eu gostaria. — Disse e coçou sua barba.

Sua barba. Meu Deus, Eduardo tinha uma barba. Nós estávamos velhos.

— Não precisa de presença física para se fazer presente na vida de alguém. — Comentei. — Meu Deus, onde você arranjou essa barba? — Perguntei rindo, aliviando o clima, e me sentei ao seu lado o levando um copo d'água.

— Está feio? — Perguntou rindo também.

— Não. Está bonitinho. — Sorri e pensei em tocar seu rosto, mas mantive minhas mãos em meu colo.

— Eu sei que fiquei longe, mas senti sua falta. Queria te dar um presente. Posso? — Pediu me olhando.

Não! Respondi mentalmente.

— Pode! — Sorri meio sem jeito.

Ele me entregou uma caixinha azul clara, portando um anel com o símbolo do infinito.

— Isso é por tudo que passamos, sabe? Eu sei que o fim não foi lá muito bom, mas acho que tivemos os nossos momentos. Então, eu quis te dar essa coisa boba para você se lembrar pelo menos dos bons momentos. Para não se esquecer de mim quando eu estiver longe. E para se lembrar de não sentir raiva de mim também. — Ele riu nervosamente.

— Você sabe que não consigo sentir raiva de você, seu idiota! E é lindo. — Peguei o anel e coloquei no dedo.

— Eu vou para um hotel, não tem cabimento ficar aqui! Mas dorme bem, minha linda... Quer dizer, Melina.

Olhei para ele e sorri.

— Não fala assim. — Chamei sua atenção.

— Não entendo você! — Ele riu.

— Só fica mais um pouco. — Pedi e claro que me arrependi imediatamente.

— Ok. — Ele sorriu e se sentou ao meu lado. — Posso te abraçar?

— Pode.

Não foi só um abraço.

Estava convencida de que em algum momento eu conseguiria conversar com Eduardo e terminar tudo de vez. Mesmo que eu tivesse cedido e nós tivéssemos passado a noite juntos, eu não tinha mudado de ideia. Sabia que aquelas noites maravilhosas que sempre passávamos juntos quando ele voltava eram apenas um lembrete do que o nosso relacionamento já tinha sido. Nós não tínhamos a mesma parceria, nós não conhecíamos mais um ao outro, nós apenas tínhamos aquela eterna paixão queimando em nosso peito e a vontade de fazer aquilo não acabar de qualquer maneira.

Quando finalmente tomei coragem, descobri que a Carol estava gostando do Danilo. Eu desconfiava que ela sentia algo por ele e aquilo sempre havia me incomodado de uma forma insana. Ela era minha cunhada, quase uma irmã para mim, mas, ainda assim, eu conseguia ficar extremamente irritada com ela toda vez que sorria para Danilo ou o tocava demais. E justo no dia em que eu estava decidida a finalmente botar o ponto final mais do que necessário em qualquer laço com Eduardo, ela desabafou comigo.

— Fiquei tão feliz quando soube que vocês dois se acertaram. — Ela disse.

— Nós n...

— Você acredita que eu até pensei que você e o Danilo estavam se gostando ou iam ficar juntos, sei lá? Mas que bom que você e o Eduardo se acertaram. — Ela sorriu. — Eu acho vocês dois lindos, você sabe. Meu irmão fica triste sem você, mas eu preciso te contar uma coisa.

— Conta! — Pedi meio incerta se queria ouvir.

— Eu estou gostando do Danilo.

Olhei para ela e não consegui dizer nada.

— Eu estou gostando dele de verdade, sabe? Ele é engraçado, fofo e atencioso. Ele é diferente de todos os outros. Se eu sofrer mais uma decepção, meu coração vai se partir em mil pedaços e eu não vou aguentar. — Ela acrescentou. — Acho que ele gosta de mim também.

Depois do caso com Jesse, Carol ficou sensível. O pequeno lance dos dois tinha resultado em certo estranhamento toda vez que se encontravam, e isso dividiu o grupo por algum tempo, até as coisas ficarem menos estranhas.

Ela gostava de Danilo. Do meu Danilo! Engoli seco umas duzentas vezes no meio da nossa conversa.

A Carol era uma menina, eu não queria magoá-la daquela maneira, e até hoje não compreendo os motivos que me fizeram tomar aquela decisão. Mas decidi deixar o Danilo. Eu não queria magoar o Eduardo, e muito menos a irmã junto. Eu nunca faria isso com eles, pois eram parte de mim também. Eram minha família.

É claro que isso não me poupava de ter uma conversa difícil. Eu tinha que contar para o Danilo a minha decisão e eu não me sentiria preparada para isso nem em um milhão de anos.

Estávamos reunidos no bar do Klebber na nossa mesa de sempre e eu sabia que Danilo iria para lá também.

— Você é uma idiota! — Rachel declarou quando contei minha decisão a ela. — Mas, de qualquer forma, larguei minha faculdade de Direito.

— Sêrio? — Perguntei feliz por ela e a abracei. — Estou tão feliz por você, Raka!

— Eu também! — Disse Jesse e nos abraçou. — Eu não acho que a Carol gosta de verdade do Danilo, Melina. O cara vai ficar arrasado quando você o dispensar. Você faz tão bem a ele!

— Ela me disse que gosta. Não posso fazer isso com a Carol. — Abaixei a cabeça apoiando-a em minhas mãos.

— Com ela ou com você? — Perguntou Rachel.

— Não importa mais. Eu sempre coloquei minhas amigas em primeiro lugar.

— Tem casos que não valem a pena! — Declarou Jesse e pediu uma cerveja para Klebber. — Me serve, seu *viado*! — Brincou.

— Vai se ferrar! — Klebber riu e serviu a bebida para ele.

Quando Danilo chegou, foi difícil tomar coragem e me levantar do meu lugar para falar com ele.

— Precisamos conversar! — Eu disse a ele.

— Eu sei. — Ele respondeu e fomos para um canto isolado do bar.

— Não podemos ficar juntos, eu sinto muito! — Falei de uma vez, antes que eu mudasse de ideia.

Ele me olhou e respirou fundo.

— No fundo foi bom tudo isso ter acontecido. Agora finalmente acabou.

— Nós vamos ter que nos encontrar no trabalho...

— Não vamos, não. Pelo menos não por agora, estou de férias. Vou sumir daqui um pouco. — Ele olhou para o lado e tanto eu como ele estávamos prestes a chorar.

— Eu sinto muito!

— Não sinta, Melina. Apenas seja feliz. É só isso o que te peço. — Dessa vez, Danilo me olhou profundamente para que eu sentisse a verdade do que ele estava dizendo.

Ele me amava. E isso era nítido em sua atitude. Mas também era nítido quanto eu o machucava. Eu não queria mais fazer isso.

— Eu amo você!

— Não faz isso. — Ele deu um sorriso sem humor. — Por favor. É injusto.

— Desculpa.

Ele se levantou da mesa e fiquei em estado de choque. Rachel logo chegou para me consolar.

— Amo você! — Ela disse. — E amo o modo como você ama seus amigos, sei como está sendo difícil pra você!

— U-hum... — Murmurei. — Eu também amo você!

O que mais me doía era saber que Danilo achava que não dei uma chance para nós porque eu ainda amava Eduardo. Claro que eu não o tinha esquecido, mas estava disposta a começar de novo. E Deus sabia a falta do caralho que Danilo faria em minha vida, porém, eu não podia passar por cima da Carol e também não podia machucar Eduardo dessa forma. Naquele momento, achei que Danilo e eu não éramos para ser.

Não pude ficar mais arrependida da minha decisão quando Rachel me contou que a Carol estava namorando Nick, que havia vindo para nossa cidade e que eles finalmente puderam ter uma chance. Eu sabia que Rachel me achava uma completa idiota, até eu às vezes me achava, mas eu amava aquela pirralha da Carol e não queria que Danilo entrasse no nosso caminho. Quase quis bater nela quando apareceu com Nick na minha frente, mas pensei que doeria mais se aparecesse com Danilo.

O que estava feito, não podia ser desfeito. A faca que enfiei no peito de Danilo não podia ser retirada. A mágoa que sentiu de mim naquele momento não podia ser consertada. Fraca que sou, acabei de volta com Eduardo. No mesmo tipo de relacionamento, sempre esperando. Pensando em quanto eu estava cansada de esperar. E a maior droga de todas era que eu ainda era apaixonada por ele, mesmo quando sofria de saudades de Danilo. Talvez eu nunca realmente merecesse o amor de Danilo. Faltava-me coragem. Faltava-me loucura. Faltava-me força para lutar pelo que queria. E amor sem coragem é só mais uma promessa jogada no ar.

“...A nossa música era alta demais para silenciar. Você me perguntava ‘Posso te puxar para mais perto?’, e eu disse sim. Meu coração disse sim. Todos os meus cinco sentidos disseram sim. ‘Posso ficar aqui para sempre?’, foi o que eu respondi. Será que você se lembra?”

- Publicado por Melina Matarazzo

Capítulo 9

Um ano atrás

“Por um pequeno momento esquecemos que nós somos o que somos agora. Eu virei para você e nós achamos graça da mesma coisa, como sempre costumávamos achar, e rimos até doer a barriga. Enquanto a nossa risada se misturava, parecia que estávamos curados do que tínhamos nos tornado. O problema é que é nos olhos que a verdade se esconde. Bastou encarar seu olhar por alguns segundos. E puf! Estalo. O que estávamos fazendo? E, então, ficamos tristes de novo. É que durou tão pouco...”

Sabia que havia ido até onde eu conseguia com meu relacionamento com Eduardo, mas assinar os papéis do divórcio foi em disparado a coisa mais triste que eu já fiz. Não foi por falta de amor, às vezes o amor precisa de muitas outras coisas para acontecer. Às vezes, só amar não é suficiente, é necessário disponibilidade, tempo, compatibilidade de planos e estar no lugar certo, na hora certa, fazendo o certo. Eduardo e eu éramos a prova disso, nenhum casal se amou mais do que nos amamos, mas estávamos completamente deslocados um na vida um do outro. Acabou. A papelada do divórcio oficializava o que já tinha acabado há algum tempo e não tínhamos coragem de aceitar.



Cheguei no apartamento de Eduardo, depois de caminhar por algumas horas no Hyde Park, um enorme parque de Londres onde havia um lago grande, flores, arvores, diversos turistas, jovens e casais, o que, claro, me deixava ainda mais deprimida. Entretanto, era um ótimo lugar para clarear as ideias, por mais que eu já estivesse decidida.

— Por que você pediu para que eu não te buscasse no aeroporto? — Foi a primeira pergunta que Eduardo me fez, assim que passei pela porta de seu apartamento pequeno, mas bastante confortável.

Por todo o local havia sinais de que aquela casa era mais do que um lugar de passagem. Havia quadros que eu sabia só de olhar que Eduardo adorava, fotos de muitas pessoas e momentos significativos de sua vida, os malditos fósseis que ele venerava, diversos livros importantes sobre sua profissão na estante da sala. Havia o Eduardo impregnado em cada cantinho, na decoração em tons de azul e cinza, no papel de parede estampado com HQ's de super-heróis. Aquele não era um local de passagem, era um lar.

Em contrapartida, não havia nada meu ali, além de fotos, claro. Não havia o meu vermelho,

não havia uma combinação dos nossos gostos. Tudo que ele tinha era só dele. E era assim que eu me sentia em sua vida naquele momento: apenas uma foto. Uma recordação boa do passado. Um licor que ele bebia quando era conveniente para lembrar do que já fomos, mas que enjoara desde que descobrira gostar de whisky. Uma comparação deprimente, assim como eu me sentia.

— Não precisava... — respondi. — Nós íamos fazer aquela cena que sempre fazemos em aeroportos. — Eu sorri, mas o sorriso não conseguiu sobrepor as lágrimas que caíam dos meus olhos.

— Você tá bem, Melina? — Ele tentou me abraçar, mas me afastei. — Minha linda, não gosto de te ver assim... — Seus olhos encheram de lágrimas também.

— Começaria por um beijo apaixonado, aquele beijo que damos e fazemos todos naqueles malditos aeroportos olharem para nós. Diríamos como estávamos morrendo de saudades e seria verdade, afinal, sempre estávamos com saudade, não é? Aliás, acho que saudade é a palavra que definia nosso relacionamento... — Passei o dedo indicador sobre o balcão que separava a sala da cozinha, tentando não parecer tão fraca enquanto chorava.

— Melina... — Eduardo tentou me interromper, mas eu estava decidida.

— Não... Eu quero terminar de falar, ok? — Minha voz estava embargada, mas eu sabia que ele compreendia cada palavra. — E blá, blá, blá — acrescentei ironicamente — mataríamos a saudade e faríamos amor como nunca. No carro, na cama, até na rua... Aquele desejo incontrolável que nós dois tínhamos por estar tão longe parecia nunca ter fim... Vou ter que confessar que gostava dessa parte... — Ri ironicamente. — Mas não era só isso, sempre chegávamos a parte que você voltava para sua vida de sonhos. — Abri os braços apontando o apartamento. — Para sua casa... Para o seu lar — me corrigi — E eu? Ficava sozinha, casada, mas com um marido fantasma e que, de repente, não fazia mais esforço para ser presente nas pequenas coisas da minha vida. E lembra? Eu sempre acreditei que amor está nos pequenos detalhes, Eduardo. — Conclui antes que minha voz sumisse no nó que sufocava minha garganta.

— Melina — Ele coçou a cabeça — Podemos melhorar as coisas, eu prometo que vou me esforçar... Não quero te perder! — Naquele momento, ele também estava chorando copiosamente ao me olhar, mas as lágrimas dele não me comoviam. Não mais.

— Nós já tivemos essa conversa algumas vezes, Eduardo... Nós acabamos, eu sinto muito. Estou oficialmente pedindo o divórcio... Não quero mais te ver, não quero que você me ligue e se você puder fazer um favor para mim, finja que eu não existo mais...

Dizer aquelas palavras foi terrível, mas a dor que o nosso relacionamento estava causando era igualmente torturante. Fui o mais fria que consegui, pois era o que aquela dor agonizante me fazia ser: um poço de amargura.



Mudei de casa. Não que ele tivesse me pedido para mudar, apenas preferi assim. Não fiquei com nada que não me pertencia, além dos presentes que ele havia me dado ao longo dos anos; joias, cartas e uma gatinha linda chamada Amelie, que ganhei de presente no último Natal que

passamos juntos.

Com o dinheiro que eu ganhava com o blog, meu emprego na *TT* e o adiantamento que eu havia recebido para escrever um livro de crônicas (como as que eu escrevia para o blog), consegui dar entrada em um apartamento pequeno, porém fofo e perfeito para mim.

Também mudei meu cabelo. Dizem que toda vez que uma mulher quer mudar sua vida completamente, o cabelo deve mudar antes. Eu estava tentando seguir essa filosofia e radicalizei ao pintar meu cabelo de um tom de rosa pastel. O meu trabalho não exigia que meu cabelo fosse convencional, pelo contrário, quanto mais moderna eu parecesse, melhor. Eu sempre gostei de rosa, apesar de ter implicado muito com a cor na adolescência. A jovem Melina não queria ser mais uma garotinha cor-de-rosa, ela queria ser vermelho-fogo. Mas percebi que meu lado cor-de-rosa nunca me abandonou, eu sempre gostei de ver o lado rosa das coisas, então entendi que eu não precisava ser vermelho-fogo o tempo todo. E esse era o momento ideal para ver o lado rosa da vida.

Depois de ganhar uma coluna, não demorei muito para subir de cargo mais uma vez e assumir o posto de editora-chefe de comportamento da revista. Minha carreira estava em plena ascensão e eu não podia me sentir mais orgulhosa. Toda vez que calçava meus sapatos de salto alto e seguia para a redação, eu me sentia o máximo. Nada se comparava ao orgulho que enchia meu peito quando eu pegava a revista pronta em minhas mãos e via como o conteúdo da *TT* estava diferente. A revista estava encorajando jovens a irem atrás de seus sonhos todos os dias, e não falava só sobre garotos, mas sim sobre sentimentos. Eu também ficava feliz em poder aconselhar tantas jovens e receber suas dezenas de elogios em minha caixa de e-mail dizendo quanto uma matéria fora importante para elas. Eu amava o meu trabalho, e era gratificante amar algo tanto assim.

A única coisa que eu não gostava mais na redação era do meu relacionamento com Danilo, que de uma relação amorosa e amigável, havia se transformado em um pesadelo desastroso depois do nosso “término”. Não conversávamos mais do que o necessário e somente continuávamos trocando palavras porque éramos obrigados – já que trabalhávamos na mesma revista –, e como ele era o produtor executivo, não tinha como evitar.

Ele detinha o total direito de ficar chateado comigo. Eu até havia tentado fazer o máximo para me reconciliar com ele no começo, pois me sentia muito culpada. Comprei uma câmera que o ouvi dizer que era louco para ter, mas ela foi deixada em cima de sua mesa, intocada. Enviei mensagens pedindo desculpas por ter criado expectativas além das que eu poderia cumprir e dizendo que amava a nossa amizade; que ele poderia me ignorar, mas que não precisávamos ter raiva um do outro. Ele nunca me respondeu.

Poderia suportar se fosse só a rejeição, mas não parava por aí. Certo dia, eu estava indo em direção à minha sala, e ao passar em frente à sala de Magali, ouvi Danilo dizer: “*A Melina morreu para mim*”. Fiquei sem ar com a força das palavras que ele escolhera para se referir a mim. Então, quando ultrapassei todos os limites do amor-próprio, tentando pelo menos suavizar a nossa relação, desisti e decidi que não insistiria mais em uma amizade que nunca aconteceria novamente. Eu também não seria mais doce com ele; não levaria suas grosserias para casa e nem choraria mais uma lágrima toda vez que ele passasse reto por mim.

Foi aí que a situação piorou e começamos a brigar em todos os lugares que nos encontrávamos. Chegamos a um ponto que tínhamos que fechar a porta da minha sala para que o resto da redação não ouvisse o modo como nos tratávamos. Claro que discutíamos assim pelo trabalho. Quando uma matéria atrasava, quando eu não mandava algo no prazo, ou quando ele atrasava algum pedido meu (de foto, locação, modelos, etc.). Mas todo mundo sabia que nas entrelinhas brigávamos por algo a mais.

Não fui convidada quando ele lançou seu primeiro livro, que logo virara *best-seller*. Nem para a festa de seu aniversário, onde ele chamara todos do Bonde. Não era convidada quando ele organizava as festinhas de *happy hour*. Eu era totalmente desconvidada para qualquer aspecto de sua vida.

Da minha mesa eu olhava para Danilo e via que ele sofria tanto quanto eu com aquela situação, mas éramos orgulhosos demais para acabar com a nossa guerra fria particular. Eu morria de saudades de quando ríamos juntos até a barriga doer, dos e-mails que trocávamos pedindo opinião sobre um texto, dos conselhos que ele me dava, de contar meu dia para ele... De tudo! Eu sentia falta de absolutamente qualquer detalhe da nossa antiga relação. E o ódio entre nós me deixava triste, tirava um pouco da cor dos meus dias e de qualquer coisa que eu fizesse.

O telefone tocou e eu sorri ao ver o nome de Rachel no aparelho. Eu amava as ligações de Rachel, não importava sobre o que ela queria falar, eu sempre queria conversar com ela. Rachel era aquela pessoa que eu conversaria até sobre chuchus de maneira empolgada.

— O Jesse vai fazer um show no bar do Klebber hoje à noite e você está invocada! É muito mais forte do que convocada ou convidada, o que significa que você tem que ir.

— E qual é o porém? Sei que tem um porém, pois você sabe que eu iria se você simplesmente me convidasse.

— O porém é loiro, tem as costas largas e aquele sorriso que você adora. Melina, por favor, faz tempo que não nos reunimos, até a Helena vai! Por favor...

— Você sabe que eu e o Danilo não estamos bem... — Eu disse ponderando.

— Eu sei. Mas é que agora as coisas podem ser diferentes.

— Por quê? — Perguntei curiosa.

— Porque a Carol e ele estão meio que saindo.

— O quê? — Indaguei chocada. — E por que eu não sabia disso?

A Carol vinha me evitando há algum tempo. Eu tentava ligar para ela e marcar um cinema ou qualquer outra coisa, mas ela sempre recusava dando uma desculpa. Eu achava que era porque ela estava triste pelo irmão, mas as coisas começavam a ficar mais claras com aquela ligação.

— Você sabe o porquê...

Não sabia como reagir àquela notícia. Sabia que Danilo e Carol estavam próximos desde que Nick e ela terminaram, e percebia que ela estava distante de mim. Mas ter a certeza de que eles estavam juntos doeu bem mais do que eu poderia prever. Eu não queria me sentir daquela forma, enciumada, com raiva e descontrolada. Porém, foi exatamente assim que eu me senti. Tentei engolir aquela notícia da melhor forma possível e aceitar, já que era um fato, mas era complicado.

— Você ainda está aí? — Perguntou Rachel.

— Sim. — Respondi. — Eles combinam. Ele é um príncipe e ela é uma princesa. Que sejam felizes!

— Esse negócio de combinar é relativo. Mas acho que eles realmente estão dando uma chance para esse relacionamento. Você sabe... O Danilo está tentando te superar.

— Engraçado, quando ela me disse que gostava dele tempos atrás, nem hesitou em ficar com o Nick quando ele apareceu. Isso é tão... Ah, deixa pra lá! — Respirei fundo, tentando não ser tão egoísta. Mas que droga! Se estar com raiva era ser egoísta, eu era uma perfeita egoísta.

— Você ia dizer... *injusto*?

— Eu disse: *deixa pra lá!* — Bufeí. — Para de defender sua amiga!

— Não estou defendendo ninguém. Mas se você ia dizer injusto, você precisa rever seus conceitos sobre justiça.

— Você acha que ele a ama? — Perguntei e revirei os olhos por ser tão ridícula, mas eu não conseguia evitar a curiosidade.

— Sabe o que eu acho? Que ele está seguindo em frente. E você deveria achar isso bom. Não seja a garota que quer monopolizar as atenções e fazer os outros sofrerem. Vai por mim, esse papel é péssimo!

— Ok. — Eu disse cabisbaixa.

Rachel era dura e direta, mas eu confiava nela e sabia que ela falava com toda a sinceridade do seu coração virginiano para o meu bem.

— Também tem outro motivo para que eu queira que você vá. Tenho uma boa notícia, então realmente espero que você apareça!

— Ok! — Respirei fundo. — Eu vou! Você e o Jesse merecem.

— Te espero! Até lá, beijos, corações e borboletas. E caso você não saiba, eu amo você!

Eu sorri.

— Também te amo!

— Eu sei!

Ela desligou o telefone e eu corri para me aprontar. Naquele dia senti a necessidade de me arrumar bem mais do que o normal. Caprichei no cabelo, na maquiagem e escolhi um vestido vermelho, que eu achava que nunca deixava de ser poderoso. O intuito era ridículo, mas quem pode mandar no coração? Eu me sentia incrivelmente enciumada e deixada para trás, mesmo sabendo que não tinha absolutamente nenhum direito de me sentir assim.

Entrei em meu carro e dei uma retocada no batom nude antes de ir em direção ao show. Eu estava um pouco atrasada, o que era de se esperar, já que demorei uma eternidade para ficar pronta.

Assim que cheguei, reparei que todos os meus amigos me encararam. E gostei daquilo. Eu me senti *Maravilhosa*, com M maiúsculo. O olhar de Danilo, que era o que eu mais queria conquistar, estava devidamente pregado em mim. Não pude deixar de dar o famoso sorrisinho de lado da vitória, uma marca minha e de Clara de quando éramos pirralhas e nos achávamos as melhores do mundo.

— Olá. — Cumprimentei Carol com um beijo no rosto e ela sorriu para mim.

— Oi! Você está um escândalo! — Ela elogiou.

Naquele momento, eu me senti ridícula. Ela conseguia ser fofa, querida e simpática, enquanto eu era insuportável, mimada e egoísta – adjetivos elencados por pessoas do meu convívio ao longo dos anos. Eu me senti uma droga por perceber que estava competindo com a minha cunhada. Com a minha *irmã*. Decidi deixar aquele sentimento de lado e aceitar que o relacionamento dos dois era bom para ambos. E que também era bom para mim, já que veria meus amigos felizes. Talvez até o meu relacionamento com Danilo pudesse melhorar.

— Que palhaçada é essa? — Klebber perguntou ao olhar para o meu cabelo.

Revirei os olhos.

— Eu gostei! — Informei.

— Está parecendo a Penélope Charmosa. — Ele debochou.

— Eu sabia que você não ia gostar, você é tão careta, Klebber! E a Penélope tem o cabelo loiro. — Eu o corrigi.

— Klebber, para de se intrometer no cabelo alheio! — Rachel pediu antes de morder a bochecha dele. — Não liga, não, Melina. Lá do sertão de onde ele veio não tem essas coisas... Tipo, tinta de cabelo. — Rimos juntas. — A propósito, você está linda com essa cor!

— Obrigada, Raka! Você tem muito bom gosto! — Sorri para minha amiga e ergui meu copo, simulando um brinde à sua colocação em minha defesa.

Olhei em direção ao mais novo casal da turma e notei que mal se tocavam. Enquanto

esperávamos Jesse entrar no palco, eles fingiam nem se conhecer, o que foi me irritando de forma profunda. Danilo e Carol queriam me poupar? Que droga de garota fraca eles achavam que eu era para fingirem que não estavam se pegando? Eu não gostava de ser o motivo da pena de ninguém.

— E o casazinho, não vai se beijar? — Perguntei casualmente. Mas imediatamente todos ficaram desconfortáveis. — O que foi, gente? — Indaguei de modo cínico.

Uma coisa que eu não sabia na vida era disfarçar. Eu era um livro aberto humano. Não importava o que fosse, eu não conseguia guardar para mim coisas que me incomodavam.

— Melina... — Carol murmurou e olhou para baixo. Em seguida, olhou para o... Droga! Olhou para o namorado dela. *Blerg!* — Eu sei que você está sofrendo com o divórcio, mas não precisa ser rude.

Respirei fundo.

— Eu não estou sofrendo com nada, só fiz uma pergunta. Não sei por que da ofensa, mas se não gostaram, ok, pergunta retirada. — Devolvi e bebi um gole da minha cerveja.

Danilo apenas balançou a cabeça e permaneceu em silêncio durante todo o show.

Eu estava orgulhosa de Jesse. Amanda o havia incentivado a correr atrás de seu sonho de ser cantor e ele estava realmente se esforçando. Era nítido o quanto ela gostava dele e quanto ele não fazia questão de merecer aquele amor, mas ela insistia em fazer dar certo e, até onde eu sabia, estava dando. Jesse estava aprendendo a vê-la como uma namorada, e ela, apesar de estar sofrendo com o jeito de Jesse, fazia de tudo por ele.

A *playlist* de Jesse foi *super* triste, e quando ele cantou “*Photograph*” do Ed Sheeran, eu tive que secar uma lágrima intrusa. Eu estava tão triste! Olhei para aquele vestido vermelho e vi como nada fazia sentido; o vestido, a raiva, as últimas brigas com Danilo... Eu apenas queria ir para minha casa e chorar sem ser julgada por ninguém. Encarar meus fantasmas e abraçá-los, pois eu era humana. Eu errava. Eu sentia. Eu era de verdade. Fingir que aquela situação toda, desde perder o meu melhor amigo até o seu namoro com a minha cunhada, não incomodava, me doía. Podia ser a melhor solução para todo mundo, mas não para mim. E no silêncio do meu quarto, eu podia ser eu. Talvez, egoísta. Talvez, errada. Mas eu.

Ser do signo de câncer é complicado, pois a cota de amor na vida é extremamente importante. Aliás, não só para cancerianos, para todo mundo é essencial, mas principalmente para uma canceriana – pelo menos na opinião de alguém que acredita em signos. E a minha cota de amor estava uma droga. Oficialmente divorciada. E oficialmente inimiga do meu ex-melhor-amigo-pisciano – que por acaso combinava perfeitamente comigo, digo, astrologicamente. Eu me sentia sozinha, carente e deprimida. Parte disso eu sabia que era por causa do divórcio, e a outra parte eu sabia que era por causa da minha situação ridícula com Danilo.

Assim que o show acabou, cumprimentamos Jesse, que estava se sentindo o próprio Justin Timberlake. Eu fiquei extremamente feliz por ver todo o seu encanto no trabalho, fazia tempo que não via Jesse tão relaxado.

Rachel nos contou que ela começaria a turnê de um musical infantil, e que isso a fazia feliz como quase nada fazia. Não pude deixar de reparar que, mesmo sem querer, quando ela disse “*quase nada*”, olhou para Klebber. E quando pensei que a noite havia acabado, Carol me chamou para conversar. Era tudo o que eu menos queria, porém, sabia que não dava para evitar.

— Eu queria saber se está tudo bem para você? — Ela perguntou me olhando.

— A-ham! — Respondi e ofereci um sorriso a ela.

— Eu conheço você... — Ela insistiu.

— Então por que pergunta, Carol? — Olhei em seus olhos e recuei ao perceber que eu havia sido grossa. — Se você quer que eu te diga que estou bem pelo seu relacionamento com o Dan, eu digo: estou muito feliz por vocês dois, espero realmente que dê certo, de coração!

— Tudo bem, então... Eu estava com medo da sua reação. Você tem andado meio estranha ultimamente.

— Talvez um pouco ocupada, mas você também não tem me procurado para poder dizer se estou estranha ou não.

— Não é por causa do Danilo. Eu juro!

— Se você diz... — Comentei ironicamente. — Mas eu nunca o colocaria entre nós duas. Então, se é a minha benção que você quer, abençoados estão! — Sorri.

— Credo, Melina. Como você é grossa!

— Não estou sendo, Carol. — Suspirei. — Desculpa...

— Tudo bem, você tem seus problemas...

— Que problemas? — Perguntei a encarando, realmente curiosa em saber.

— Você sabe... Com drogas. Está todo mundo preocupado com você. — Ela acrescentou meio receosa.

Franzi o cenho.

— Isso não tem nada a ver com drogas, tem a ver com o fato de que você tem me evitado porque está com o Danilo. Será que é difícil aceitar que você não é perfeita? Que você também erra e que as outras pessoas podem ficar chateadas com você? Você não é mais criança! — Tentei sair de perto dela e ir embora, mas ela me impediu.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Desculpa! Só achei...

— Pare de achar! — Pedi a olhando. — Quando você descobriu que era apaixonada pelo Danilo e correu me contar, eu acreditei em você. Mas depois do Nick, achei tudo muito estranho.

— É por isso que você está irritada comigo?

— Carol... Deixa essa conversa pra lá.

— Eu acho que ele ainda gosta de você. — Ela disse, e pareceu realmente triste por isso.

— Eu não acho! — Exclamei. — Eu realmente não acho! E você tem que acreditar no amor de quem está com você, senão não faz sentido algum. É só isso?

— Você acha que ele gosta de mim de verdade? — Carol me perguntou com o olhar cheio de expectativa.

— Acho! — Respondi. — Ele não tem motivos para não gostar de você, você é adorável.

— Tudo bem, então. Obrigada. — Ela sorriu, se despediu de mim com um beijo no rosto e foi ao encontro de Danilo.

Eu, como boa masoquista, fiquei observando os dois juntos. Vi quando ele deu um beijo doce nela e como ela se aninhou nele. Talvez, se eu gravasse aquela imagem na minha mente, as coisas ficassem mais fáceis.

“...Durou tão pouco a sensação de que não éramos o nada que nos tornamos. De repente, aquela sala parecia nos sufocar. Eu tomei a iniciativa de sair primeiro. Você sorriu condescendente. E me doeu saber que provavelmente você suspirava de alívio por eu ter dado as costas a você. Assim como eu estava aliviada por não ter que falar com você sobre qualquer assunto que nunca fez o nosso tipo. ‘Nossa, tá frio, né?’. Eu não queria conversar com você sobre o tempo, porque não faz sentido algum. Faz? Diga-me se faz...”

Ao chegar em casa, abri uma garrafa de um vinho barato e mal consegui me sentir feliz com a última gota. Talvez eu tenha até ficado ainda mais deprimida.

Encolhida no canto que parecia o mais acolhedor do meu apartamento, chorei como se meu mundo tivesse acabado. Por que aquilo estava acontecendo comigo? Por que tudo doía tanto e parecia não ter fim? Eu me sentia tão vazia que chegava a ser desesperador. Só precisava que aquela dor estancasse e parasse de jorrar sangue em tudo que eu tentasse fazer.

Peguei meu celular – péssima ideia quando se está bêbada e deprimida – e liguei para Eduardo.— Oláááá! — Cantei ao telefone. — O que você está fazendo?

— Melina... Você está bem?

— Eu perguntei primeiro, idiota!

— Estou deitado, por quê?

— É bom. Essa posição é ótima! — Ri.

— Não estou te entendendo.

— É bom você estar deitado para ouvir o que eu vou te dizer... — Gargalhei ainda mais alto.
— Você é um idiota!

Em vez de se sentir ofendido, Eduardo apenas riu.

— E por que será que eu sou o idiota pra quem você liga quando está bêbada?

— Porque eu quero!

— Decidiu falar comigo? Talvez você tenha cansado de ser ridícula.

— Eu nunca fui ridícula com você! Eu nunca te disse que você foi a pior coisa que aconteceu na minha vida. Que se eu pudesse voltar no tempo, eu apagaria você da minha cabeça.

— Não fala assim, não...

— Eu não quis falar mais com você quando pedi o divórcio, eu fui fria, porque você merecia. Você merecia muito mais, eu realmente odeio você! Eu queria que você soubesse disso.

— Eu sei que você realmente não me odeia, mas se dizer isso te faz desabafar, ok, eu aceito!

— Você não tem que aceitar nada! Aliás, essa é a última vez que eu vou falar com você. Espero que goste da minha versão sem fingir que está tudo bem. — Minha voz falhava em alguns momentos, mas não vacilava em nenhum, aquele discurso estava gravado em minha mente.

Desliguei o telefone. E ao contrário do que eu imaginava, dizer aquelas palavras não me fizeram nada bem. Eu estava tentando, finalmente, fazer a minha vida seguir em frente e colocar um ponto final em tudo o que fosse necessário. Eduardo era o principal. Por causa da falta de um ponto final, eu sabia que havia perdido minha chance com Danilo. A chance de ter um relacionamento normal, saudável e feliz. A chance de ter um parceiro de verdade, como ele tinha sido em todos os anos em que Eduardo colocou qualquer coisa à minha frente. Eu tinha lido na internet que no divórcio há o estágio da raiva, e que esse sentimento passa, mas eu não acreditava que minha mágoa de Eduardo passaria tão cedo, porque não tem nada pior do que uma pessoa te dar um mundo e depois arrancá-lo dos seus pés. Era assim que eu me sentia em relação a ele.

“...Nós nunca falamos sobre o tempo. Você me aquecia com seu abraço. E eu preferia estar morta ao ter que te olhar de braços cruzados, frio como o Alasca. ‘Eu vi no jornal que o tempo vai fechar no fim de semana’. Faz algum sentido? Eu não conversaria sobre o tempo nem no elevador, imagina com você. O que fechou foi o nosso tempo...”

Corria tudo maravilhosamente bem na revista. Eu era respeitada no que eu fazia e acreditava plenamente no meu trabalho. Escrevia meu livro em todos os momentos livres que eu tinha e minha vida social havia sido reduzida a nada durante esse processo, mas eu sentia que estava fazendo algo que valia a pena.

Me sentia estranha quando caras flertavam comigo e eu era livre para dizer sim. Mas incrivelmente (ou não), a resposta era sempre negativa. Era estranho pela primeira vez me sentir verdadeiramente livre, mas a liberdade também não modifica nada quando você não tem o que fazer com ela. Nenhum cara fazia meu tipo. Eu não gostava do tipo dos caras que faziam as mulheres enlouquecerem. Eu gostava do diferente. Gostava de caras com óculos grandes no rosto. Aqueles que ligavam o foda-se para academia. Que tinham um sorriso bonito. Que desviavam o olhar se ficasse os encarando muito, pois eles eram tímidos. Acho que eu não gostava de caras, e sim, de um cara: Eduardo. Ele não foi aquele cara que se encaixou em tudo o que eu considerava perfeito para alguém, ele simplesmente me fez criar novos conceitos do que era perfeito baseado nele. Era ele. Em todos os meus pensamentos e teorias sobre perfeição, match perfeito; era ele o protagonista. Impressionante em como eu ainda pensava nele mesmo depois de tudo.

Rezava todos os dias para que, aos poucos, ele fosse sumindo dos meus pensamentos, eu precisava seguir em frente. Eu queria seguir em frente.

Quando a noite caía, sempre me vinham os mesmos questionamentos. O que eu estava fazendo? O que eu estava fazendo da minha vida? Eu costumava ser aquela que ria de perder o fôlego. Aquela que incentivava todos a correrem atrás de seus amores. Eu costumava ser aquela que prezava as coisas reais. E agora, tudo o que eu sabia fazer era me afundar no trabalho, chapar e afastar tudo que fosse me dar vida. E aquela garota que eu já fui? Percebi que eu sentia a minha falta. E isso não era sobre alguém, era sobre mim. Era sobre me sentir perdida dentro de mim mesma. Eu não sabia quão longe eu estava de mim. E não sabia se alguém sacava isso, pois eu acreditava que estava disfarçando muito bem.

Depois da estreia de sucesso da peça da Rachel, o Bonde decidiu se reunir no apartamento dela para comemorar. Eu não queria ir, mas não queria que ninguém sentisse pena de mim, pois sempre achei esse o sentimento mais desprezível do mundo. Eu não estava prestando atenção em nada, estava apenas pensando no momento em que eu chegaria em casa e poderia escrever o meu livro.

— Estou chateada porque notei o clima ruim entre a Melina e o Danilo. E então, de uma hora para outra, ele ficou ainda mais carinhoso e... Sei lá. É como se eu tivesse no meio de vocês. Pode parecer bobeira, mas eu me sinto uma intrusa... — Carol comentou no meio da roda em que formávamos me encarando especificamente.

Eu juro, naquele momento eu quis ser invisível. Como assim alguém tinha coragem de levantar o assunto? O que eu tanto tentei evitar sendo jogado ao ar, bem ali, na minha cara. Como um tapa. E pior, pela minha cunhada. Ex- cunhada. Ah, que seja!

— Carol, não viaja. Você não é uma intrusa em nada. — Danilo se adiantou.

Fiquei com medo do que ele fosse dizer. Quase me engasguei com a vodca. Então,

finalmente, criei coragem para falar alguma coisa.

— Você não é uma intrusa. Porque eu e o Danilo nunca tivemos nada. — Declarei da maneira mais fria que consegui.

Era doloroso estar naquela situação, me machucava, pois eu gostava do Danilo. Era difícil fingir que não. O clima entre nós era muito chato. Insuportável. E minha maneira de lidar com a situação era fingindo que eu não ligava, embora falhasse miseravelmente às vezes.

— E se vocês querem, saber... Torço pelo casal! — Acrescentei e dei um sorriso falso.

— Sabe qual é o problema? É que todo mundo aqui fica guardando sentimento para não se machucar. Para não machucar o outro. E no final, todo mundo se fode. — Disse Rachel tentando solucionar o problema.

Quando você tem um grupo de amigos, você tem que se acostumar com um se metendo na vida do outro. O problema era que eu estava acostumada a me meter na vida de todos, mas não gostava que eles tentassem me ajudar. Eu sempre me achei muito autossuficiente, odiava parecer fraca para quem quer que fosse. Que bobagem! Todos sabiam quanto eu vinha sofrendo nos últimos anos, eles só tentavam melhorar as coisas para mim.

— O que acontece é o seguinte, já que é para colocar todas as cartas na mesa... — Começou Danilo. — Eu sei que você estava com medo de que eu estivesse te usando para “tentar” atingir a Melina, mas pelo amor de Deus... Eu seria incapaz de fazer isso. Primeiro, obviamente, por você. E segundo, que Deus do céu, onde eu iria querer atingir a Melina?

Revirei os olhos e respirei fundo enquanto ouvia pessoas dizendo para a Carol que o Danilo nunca a usaria. E continuei tentando me manter neutra naquela situação.

— A Melina está com ciúme do Danilo e está tentando disfarçar. — Ouvi minha cunhada dizer e me perguntei mentalmente quando ela havia ficado tão irritante.

— O Danilo é um trouxa, porque estava gamado em uma mina que é rápida demais para o raciocínio dele e está *magoadinho*. E Melina é mais trouxa ainda, porque gamou em um trouxa! — Óbvio que foi Rachel quem disse isso.

— Eu não estou com ciúme, eu estou com ódio! — Revelei. — Cara, sinceramente... Sei que eu errei, mas pensei que antes de tudo nós fôssemos amigos. — Encarei Danilo. — Você decidiu me dar um gelo, me excluir totalmente da sua vida. É grosso e fica mandando indiretas ou escrevendo coisas que me magoam... Isso dói! — Desabafei.

— Eu falo e escrevo, mas você *faz* coisas que me magoam. — Ele, finalmente, *finalmente*, me olhou nos olhos. Não era um olhar nada legal, já que nós estávamos nos estranhando fazia tempo, mas já era alguma coisa, depois de tanto tempo me desprezando.

— Eu *respirar* te magoa. — Eu o fuzilei com o olhar.

— Não, o fato de você respirar não me magoa tanto. — Destilou ironia. — O que me magoa

é o fato de você falar que me ama e depois trepar com o seu maridinho. — Bufou.

— Você não pode dizer que eu nunca fui sincera com você, Danilo! Eu sempre te falei tudo o que eu estava sentindo. Naquela época não foi fácil, e claro que estávamos tendo algo, mas ainda era muito recente. Uma coisa que você nunca vai poder dizer sobre mim é que eu te deixei no escuro, que você não sabia exatamente onde estava pisando. Eu não podia ser o melhor para você naquele momento, a situação era complicada. Mas o que eu fiz para merecer todo o seu desprezo depois, se antes de tudo nós éramos amigos?

— O que você fez? Cara... Eu te esperei por tanto tempo! E você nunca me perguntou o que eu achava que era melhor para mim. E eu achava que era você, Melina. Era você. Se você tivesse me perguntado, saberia!

— Eu nunca te pedi para esperar tempo algum... — Eu disse com raiva.

Nunca havia pedido nada para Danilo, ele não poderia me culpar por isso. Tudo o que ele “fez” por mim, fez porque ele sentia que deveria fazer.

— Mas eu quis esperar. Porque eu amava você. — Ele disse olhando nos meus olhos. — Eu só não queria te amar e sentir que seu amor era amor de gratidão de amigo, parceiro. Eu queria que você me amasse por inteiro, como eu amava você.

— Você tem mania de achar que sabe tudo o que eu penso. Se você achava que eu te amava como irmãozinho, beleza. Você se afastou tanto que isso não faz mais diferença. — Dei de ombros e caminhei em direção à porta antes que aquela situação ficasse ainda mais estranha e desconcertante.

— Ah... Melina... — Danilo explodiu dando um soco na mesa.

Ninguém tentava acalmar nossos ânimos, era como se todos ali fossem meros espectadores atrás de uma tela.

— Pelo amor de Deus, você é burra? — Ele perguntou alterado.

— Não grita comigo! — Gritei e bati na mesa de volta. Eu estava atordoada. Meu coração explodia dentro do peito, mas meu primeiro instinto era fugir.

— Desculpa! — Pediu. — Eu sou mesmo inseguro, idiota, babaca e lerdo. Mas é só com você. Cara, me desculpa! Eu não sei como agir com você, porque você não é como o resto.

Olhei para Danilo e o amei tanto naquele momento! Fechei os olhos e suspirei aliviada.

— Eu desculpo! — Murmurei emocionada. — Claro que eu desculpo! Eu senti tanto a sua falta... — Me declarei.

E então nos abraçamos e todo e qualquer clima ruim desapareceu. Foi quase como mágica.

— Acho que podemos ser amigos de novo. — Ele disse olhando para mim antes de dar um

beijo em minha testa.

— Também acho! — Sorri para ele.

Carol apenas nos observou com uma cara emburrada, mas ela não podia nos julgar por fazermos as pazes. Talvez as palavras tenham sido fortes, porém, Danilo e eu precisávamos daquilo.

Quando todos saíram da casa de Rachel, ela me pediu para ficar, pois queria conversar comigo.

— O que foi aquilo? — Perguntou boquiaberta.

— O quê?

— Aquilo foi praticamente uma declaração! Não falei nada porque a Carol estava ali, mas ficou muito nítido que vocês dois ainda sentem algo um pelo outro.

— Nós decidimos pela amizade. Ele está com a Carol, está feliz com ela.

— Eles não estão namorando, estão saindo, e até acho que ficam bem juntos, mas isso importa quando ele queria estar com outra pessoa?

— Rachel... Nós não vamos fazer isso!

“...Costumávamos ser tudo um para o outro. E para onde vai o nosso tudo quando se torna nada? Simplesmente morre? Não sei. Mas se eu tivesse que apostar, diria que o nosso tudo virou essa barreira que mora entre nós agora. Onde costumava ser caminho livre, agora é terra proibida. E não somos rebeldes a ponto de arriscar invadir ou pular o muro quando sabemos que a queda é feia. Ou melhor, já foi. Caímos faz tempo e não foi de nenhum muro. Caímos fora da vida um do outro. Mas eu preciso dizer que senti falta de um adeus...”

Tinha certeza da minha vontade de não me envolver naquele drama, mas as coisas acontecem sem que sejam planejadas. Depois daquela briga, Carol terminou com Danilo, e de repente não havia mais nenhum empecilho entre nós.

— Eu acho que não tive a oportunidade de dizer quanto você ficou linda com esse cabelo. Parece uma sereia. — Ele entrou em minha sala na redação da *TT*.

— Para de me encarar, seu olhar me dá medo! — Eu disse rindo ao notar o jeito com que ele me olhava fixamente.

— O seu não dá, não. É bonitinho até. — Ele se aproximou. E a cada passo que ele dava, eu sentia meu ar faltar. — Dizem que as sereias têm um canto meio hipnotizante, ou algo assim. Fazem os homens se apaixonar. É verdade?

— Não sei! Sou um unicórnio. — Ri tentando fazer piada para disfarçar que, dessa vez, era eu quem estava nervosa.

— Olhando assim mais de perto... — Ele pegou em meu rosto. — Você me parece bem mais uma sereia! E devo dizer que você pode me afogar agora que eu vou levar na boa, ou depois eu uso seu canto como desculpa. — Ele colou sua testa na minha. E ficou me olhando, de pertinho. Era estranho estar ali depois de tanto tempo sem poder estarmos juntos, mas era incrivelmente bom.

— Isso está ficando perigoso demais. — Murmurei fechando os olhos, aspirando aquele perfume enlouquecedor que ele exalava.

Eu me senti perdida ao notar que nem era seu perfume que me chamava atenção, era o cheiro de sua pele. A sensação que sua barba perfeita causava ao roçar em meu rosto. Seu hálito. Tudo nele me enlouquecia.

— Você deveria vir com uma placa de perigo constante. — Ele passou a mão pela minha cintura e ficou me observando por alguns segundos, como se para salvar o momento na memória. Nossos rostos estavam praticamente colados.

Perdi o fôlego quando olhei para os olhos de Danilo e vi um brilho diferente, um brilho de tesão. Nossos lábios roçaram de maneira provocativa.

— Eu estou apaixonado por você! — Ele murmurou antes de tomar meus lábios, fazendo todo o meu corpo incendiar.

Busquei a barra de sua camisa e a passei por cima de sua cabeça para poder deslizar as mãos por seu abdômen. Sua pele era macia e quente, e combinava perfeitamente com a minha, já que em poucos segundos estávamos tão colados que parecíamos um só em nosso beijo cheio de paixão, desejo e urgência.

— Aqui? — Ele perguntou arfando.

— Só tem nós dois aqui. — Mordi seu lábio inferior. — Sou eu quem fecha o escritório. — Avisei. — Você tem medo? — Perguntei o olhando com um brilho diabólico nos olhos.

Ele riu alto.

— Até parece — Ele me encarou tão profundamente que me senti a mulher mais desejada do mundo.

Danilo me pegou pela cintura e me puxou para perto dele novamente com certa brutalidade, me fazendo gemer.

— Faz de novo? — Pediu mordendo minha orelha enquanto tentava abrir meu vestido.

— O quê? — Murmurei meio inconsciente.

Eu não conseguia pensar direito com ele me pegando daquele jeito. Aliás, eu não conseguia pensar em nada além de quanto eu o queria.

— Geme — Pediu quando desistiu de abrir meu vestido e o subiu, tocando minha intimidade e fazendo minhas pernas quase perderem a força.

Nem se eu quisesse conseguiria recusar seu pedido, então gemi. Segurei forte em seu ombro enquanto ele me tocava sem deixar de me beijar.

Olhei em seus olhos e os mesmos queimavam de desejo. Pude ver o sorrisinho que ele deu por me deixar tão enlouquecida. Eu o empurrei e ele logo me agarrou de volta, exigindo ficar perto de mim. Segurei firme em seu ombro e o empurrei novamente, mas dessa vez fui junto, até a minha poltrona, o jogando sobre ela. Aproveitei que meu vestido já estava erguido e me sentei em seu colo, uma perna de cada lado de seu quadril. Suas mãos continuaram a me segurar firme pela cintura.

— Eu desejei tanto isso... — Danilo disse em meio a um gemido quando comecei a rebolar em seu colo.

— Eu sei! — Respondi convencida enquanto marcava seu pescoço com meus beijos. Continuei rebolando até ele não aguentar mais e rasgar meu vestido. Não pude deixar de rir com a nossa inconsequência, mas estávamos tão loucos um pelo outro que realmente não pensávamos no depois.

Danilo deslizou suas mãos pelo meu corpo e as descansou em meus seios.

— Como você é linda, Melina! — Sua respiração estava ofegante, mas ele conseguiu se controlar para levar meus seios à boca, me fazendo delirar com os movimentos de sua língua. A cada chupão que ele me dava, eu retribuía com um gemido de prazer, e ele não teve pressa em saborear cada *partezinha* dos meus seios.

Nós nos entregamos completamente à nossa paixão, e quando terminamos, não poderíamos nos sentir mais satisfeitos. Nossa química era perfeita. Danilo era espetacularmente bom de cama. Tudo bem que não tínhamos uma cama ali, mas eu testaria se ele era bom na cama também. E no chuveiro, na mesa, no chão... Ainda tínhamos muita energia e desejo para queimar.

— Como vou embora? Você estragou a porra do meu vestido! — Ri enquanto tentava arrumar uma solução.

Ele levou a mão à cabeça rindo.

— Desculpa. É que você me deixou maluco. — Ele me agarrou por trás e começou a incendiar meu pescoço com seus beijos.

— Vamos embora logo! — Ri me sentindo arrepiada.

— Não ri assim, não, é covardia! — Ele me virou para ele e nos beijamos novamente.

Gostava do jeito que ele sorria para mim, era em disparado o sorriso mais verdadeiro que alguém já havia me oferecido. E eu gostava de causar nele esse prazer de sorrir; gostava de amar e me sentir amada daquela maneira.

Danilo me entregou sua camisa e ficou me olhando vesti-la.

— Você é linda! — Elogiou ainda sorrindo.

— Você também! — Dei um selinho demorado nele e, em seguida, peguei uma jaqueta em minha bolsa para amenizar o visual. — Vamos?

— Não vou te deixar sair assim. — Ele riu ao me olhar.

— Você tem uma ideia melhor? — Sorri e apertei seu rosto. — É só até o seu carro. Depois eu vou para a sua casa. — Sugeriu e ele sorriu.

— Ok!

Depois daquele dia, não nos desgradamos mais. Era bom ter Danilo de volta, mas como consequência, perdi a amizade de Carol. Mesmo ela tendo terminado com ele, se sentia traída e enganada. Eu entendia o seu sentimento, mas estava completamente feliz com Danilo e sabia que eu tinha esse direito, já que ele também era feliz comigo.

Dei um tempo para que Carol aceitasse a nossa relação, e esperava que um dia ela pudesse entender. Não me importava se ela contaria para Eduardo naquele momento, ele tinha tanta certeza de que era insubstituível, que talvez achasse que eu nunca mais fosse gostar de outra pessoa, por isso não fez questão de cuidar do que ele tinha. Eu desejava que ele fosse feliz, que encontrasse alguém que ele gostasse tanto quanto eu gostava de Danilo.

Pude ver quanto Rachel era minha amiga de verdade quando, na guerra Melina versus Carol, ela ficou do meu lado, mesmo não achando que eu estava totalmente correta. Porém, Rachel sabia que eu não era “*vadia*”, “*escrota*” ou “*falsa*” como ficara sabendo que Carol havia me xingado. E ela nunca permitiria que alguém falasse assim de mim na sua frente.

— Vocês não têm culpa, só estão apaixonados. — Disse Jesse.

— Eu sei, mas eu sinto falta dela. — Confessei para Jesse sobre Carol.

— Eu não queria machucá-la! — Suspirou Danilo. — Aconteceu! — Ele olhou para mim e deu um sorriso. — Não me arrependo.

— Todo mundo sabe que você não se arrepende. — Klebber riu.

— Eu proponho que gitemos “*Glória a Deus e Aleluia*” em comemoração ao dia em que a Melina Joaquina parou de fazer doce para o nosso Cirilo. — Debochou Helena.

— Vocês não cansam de ser ridículos, não né? — Revirei os olhos e pedi mais uma rodada de cerveja para o garçom no bar do Klebber, que agora era oficialmente dele, já que havia

conseguido comprar.

— Como é a sensação de vencer essa grande luta, soldado? — Perguntou Jesse gargalhando de Danilo com sua namorada sentada em seu colo.

— Vai se foder! — Danilo mostrou o dedo para Jesse e eu dei um selinho nele.

— Não fala palavrão, bebê! — Pedi o ridicularizando de propósito.

— Fala comigo direito, mulher! — Ele riu e me deu outro selinho.

— Danilo, para de sorrir! Seu sorriso está tão largo que vai quebrar as paredes do bar. — Jesse continuou debochando.

— Eu fico feliz por vocês dois! — Disse Amanda. — Vocês são tão lindos juntos. — Ela sorriu.

— Obrigada, Mandy! — Agradei.

— E quando vem o casório? — Questionou Klebber.

— Quando você pedir a Rachel em casamento. — Danilo retrucou incomodado com a pressão em cima do nosso “relacionamento”.

— Nós não estamos rotulando o que temos. — Eu disse a todos. — Só estamos felizes por finalmente estarmos juntos! — Sorri para Danilo e ele sorriu de volta.

— Um brinde! — Pediu Rachel. — Danilo e Melina, vocês não ficam com câimbra de tanto sorrir, não? — Ela debochou em seguida.

— Olha quem fala... — Revirei os olhos e deitei no peito de Danilo.

Nós nos sentíamos tão felizes que nada poderia estragar nossa felicidade. Nem mesmo a ligação que recebi dias depois da minha irmã dizendo que tinha encontrado Eduardo e que ele estava arrasado.

— Ele está um caco. — Disse ela.

— Sinto muito! — Respondi sinceramente. — Espero que ele melhore, mas realmente não me interessa mais. Eu estou feliz, Robin! Como não tenho estado em muito tempo.

Robin havia voltado para Londres assim que seu relacionamento com Will acabara. Os dois se apaixonaram rápido um pelo outro, mas o relacionamento fora ainda mais rápido, já que eles brigavam muito por ciúmes e minha irmã não suportava homem machista. Desde o término com Amanda, Will ficara mais temperamental. Ele e Robin poderiam ter sido um grande casal, mas não deram certo devido aos fantasmas do passado de Will.

— Eu fico feliz por você, então! Não darei mais notícias de Eduardo.

— Obrigada! — Agradei. — Você sabe que ele sempre vai ser importante para mim, mas eu realmente preciso seguir em frente.

— Entendo. Espero que o Danilo valha a pena!

— Ele vale. — Sorri ao ver Danilo fazendo palhaçada para me ver rir enquanto tentava fazer uma omelete na cozinha. — Muito! — Acrescentei.

Minha alma parecia limpa de toda aquela bagunça que Eduardo causara, e me senti plenamente feliz pela primeira vez em anos. A sensação era tão boa!

“...Por tudo o que fomos, acho que não merecíamos essa coisa de covardes, de ir sem olhar para trás. E você foi. E eu? Também.”

- Publicado por Melina Matarazzo

Capítulo 10

“Eu tentei ser feliz longe de você. Tentei te deixar livre de mim e do mal que eu te causava toda vez que ficava longe. Eu tentei até me enganar fingindo que um dia eu conseguiria gostar de alguém como gostava de você. Quando não deu certo, tentei fingir que não me importava mais em gostar de alguém tanto assim. Tentei me convencer de que preferia um copo de whisky do que um beijo apaixonado, mas o gosto era tão amargo quanto o vazio que você deixou...”

Eu havia recebido uma proposta incrível da revista *Moderna* e tinha uma entrevista marcada em uma semana. Eu não podia estar mais animada, era a revista que eu simplesmente sonhava em trabalhar. Em meu quarto havia uma capa dessa revista pendurada no painel para que eu pudesse ver todos os dias aonde queria chegar. Nada cai em nossas mãos de bandeja, então comecei a espalhar para os sete ventos o meu desejo de trabalhar na *Moderna*, até que o vento soprou no ouvido da pessoa certa, Ana, a editora-chefe da revista. Ana pediu para que eu enviasse um e-mail detalhando o meu trabalho, mas eu não acreditava que a negociação pudesse ir tão longe, no entanto, após alguns dias trocando e-mails – e posteriormente, mensagens –, eu tinha uma entrevista marcada. Era incrível.

Depois da viagem maravilhosa que Danilo e eu fizemos, ele começou a ficar esquisito, e cada vez mais distante. Danilo me evitava, e quando eu mandava mensagem, ele simplesmente não respondia. Comecei a estranhar, então decidi ir até sua casa.

— Hey! — Abri a porta e vi que o lugar estava um lixo. Eu me perguntei como Jesse e Danilo conseguiam viver naquele chiqueiro. — O que está acontecendo? — Perguntei antes de caminhar até ele e iniciar uma massagem em suas costas.

— Acho que, se eu não respondi as suas mensagens, era porque eu não queria que você aparecesse! — Informou ele, tirando minhas mãos de suas costas e virando-se para mim.

— E eu posso saber por quê? — Eu o encarei curiosa para saber a razão daquela grosseria.

— Em todo momento eu soube que você ainda sentia algo por ele, mas enquanto isso era uma ideia, era suportável. Depois de ler, eu finalmente não posso achar que é só uma paranoia.

Fechei os olhos e imediatamente me lembrei do texto de aniversário estúpido que eu havia escrito e passado para o meu computador na redação da *TT*.

— Você mexeu nas minhas coisas? — Questionei o fitando.

— Não precisei. Mas isso importa agora? — Ele perguntou me encarando, ferido. Aquele olhar doeu mais do que um soco na boca do estômago doeria.

— Danilo... — Respirei fundo, tomando um tempo para pensar exatamente no que eu diria.

— Não precisa se explicar! Entre vocês vai ter sempre um “algo a mais”, não é? E eu não quero ser o que fica no meio.

— Você sabe que não é assim. Você não está no meio de nada. Você é o que está ao meu lado sempre. Eu não quero te perder!

— Eu também não queria te perder, Melina. — Ele olhou em meus olhos e segurou meu rosto. — Mas eu já comecei essa batalha em desvantagem.

Lágrimas pinicaram meus olhos e um nó se formou em minha garganta. Eu não queria machucá-lo, entretanto, tudo o que eu via em seu olhar era mágoa.

— Isso não é verdade... — Murmurei antes de um suspiro sôfrego escapar por meus lábios. — E eu queria que você acreditasse em mim. — Implorei antes de tentar tocar seu rosto e ser rejeitada, assim que ele deu um passo para trás.

— Eu acredito em você. Você é escritora, sabia muito bem o que estava escrevendo ali.

— Era só mais um texto! — Tentei justificar.

— Não, não era! Quando eu te conheci, eu realmente pensei: “*Uau! Ela é a mulher da minha vida!*”. E eu nunca desisti de nada, Melina. Mas você é a primeira coisa de que estou desistindo, pois nunca fui fã de batalhas perdidas.

Aquelas palavras me atingiram em cheio. O relógio pendurado na parede da sala ressoava um barulho irritante em meio ao silêncio estranho que ficara entre nós. Senti o chão faltar sob meus pés, e durante um segundo, que pareceu eterno, apenas o encarei.

“*Tique*”

— Você está sendo tão bobo, Danilo! — Declarei agarrando minha bolsa e seguindo em direção à porta, dando as costas para ele. — É uma pena que você não acredite em nada do que vivemos.

“*Taque*”

Fechei a porta e tudo o que eu conseguia sentir era tristeza. De um lado, eu tinha a notícia incrível da entrevista; do outro, um completo desastre com Danilo.

No momento em que cheguei em casa, meu estômago começou a revirar enquanto minha cabeça girava. Olhei para minhas mãos e elas estavam trêmulas, talvez tivesse andado muito tempo no sol, pensei. Deitei um pouco para ver se eu melhorava, mas não funcionou, em dois minutos eu estava vomitando tudo o que tinha dentro de mim no vaso.

Aquele enjoo que achei que seria único foi se repetindo ao longo da semana. Passei a ficar enjoada com qualquer coisa: algo que eu comia, o cheiro de alguma refeição ou até mesmo o

perfume de alguém. Então fiquei preocupada. Eu não queria pensar nisso antes da entrevista, só queria focar no único aspecto da minha vida que ainda ia muito bem, a minha carreira.

Quando finalmente o dia da entrevista chegou, durante todo o percurso até o prédio comercial onde ela aconteceria, eu era um poço de nervosismo – minhas unhas que o digam. Mas assim que vi Ana, me senti mais à vontade. Nós tínhamos trocado várias mensagens até aquele dia, e de certa forma eu sentia que éramos amigas. A conversa fluiu como se nos conhecêssemos há tempos, e ao final da entrevista, eu me senti completamente confiante, daquele jeito que eu só me sentia quando algo bom estava para acontecer. Ana conhecia meu trabalho e nós havíamos nos dado bem, se a vaga fosse para ser minha, seria, e eu não precisei mentir ou fingir ser o que não era em nenhum momento, apenas segui meu coração e isso pareceu bastar.

O nervosismo e a ansiedade pela entrevista finalmente haviam passado, de maneira que eu sabia que tinha que tomar coragem para fazer o que eu vinha adiando há dias: comprar o temido teste de gravidez. Eu não me sentia corajosa suficiente para passar por aquilo sozinha, então convidei Jesse para estar ao meu lado naquele momento. Ele não demorou mais do que dez minutos para chegar ao meu apartamento e me cobrir de apoio.

— Estou com tanto medo. — Eu disse respirando fundo, tomando coragem para entrar no banheiro.

— Calma, vai dar tudo certo! — Ele cruzou os dedos. — Mas acho que você não deveria ter me chamado.

— Por quê? — Perguntei o olhando.

— Porque eu sou a pessoa mais fértil que conheço, dou sorte para esse tipo de coisa. — Ele me fez rir, quebrando um pouco o nervosismo do momento.

— Você é um idiota! E se eu estiver mesmo grávida, o que vou fazer?

— Ter a criança já é um bom começo... — Ele me acalmou.

— Eu tenho tantos hábitos ruins, além do mais, Danilo terminou comigo.

— Eu sei. Você é foda, Melina! — Ele balançou a cabeça negativamente. — Faz logo essa porra desse teste! — Exigiu e me empurrou para o banheiro.

— Meu Deus, estou em um mundo onde você está me dando lição de moral! O que eu fiz com a minha vida? — Meu coração batia em minhas têmporas, ouvidos e peito, me deixando sem ar. Naquele momento, tudo o que eu queria fazer era chorar.

— Engole o choro e faz logo o teste. Estou te esperando lá fora. — Ele riu tentando aliviar a tensão da situação, mas eu podia ver em seus olhos que Jesse estava bastante preocupado.

Os dois minutos de espera para o resultado foram, sem dúvidas, os mais longos dois minutos de toda a minha existência. Eu não estava preparada para aquela resposta. Positiva ou negativa. Se positiva, eu sabia que teria problemas, mas se, negativa, eu perderia aquele pequeno

sentimento de maternidade que se instalara dentro de mim na última semana. Eu não havia fumado nada, não havia bebido e tinha tentado me alimentar melhor, só por precaução. Minha vida tinha mudado completamente e eu sequer tinha alguma certeza. Imagina se fosse verdade? Eu nunca mais seria a mesma. E, estranhamente, eu não queria mais ser a mesma.

Saí do banheiro em estado de choque.

— Eu não disse? Eu sou o rei da fertilidade! — Jesse riu e me abraçou. — Deu positivo, não é?

— Sim. — Respondi atônita. — Eu vou ser mãe. — Disse com a voz trêmula.

— Você vai! E meu parceiro vai ser pai! Ele vai ficar feliz pra caramba, vai até esquecer os seus poemas! — Debochou fazendo carinho em meus cabelos.

— Não! — Interrompi Jesse. — Não conta pra ele! Não estou preparada. Ele não acredita em mim.

— Ok! Mas uma hora você vai ter que falar... — Ele sorriu. — Parabéns, Mel! Tenho certeza que você será uma mãe maravilhosa.

Sorri para ele também, ainda meio incerta disso.



Faltando uma semana para o lançamento do meu livro, decidi escrever uma carta convidando Carol, da forma tradicional: feita a mão e enviada pelo correio, pois ela venerava este tipo de mensagem. Eu sentia a sua falta e queria tê-la de volta em minha vida. Acompanhando-a pela internet, eu soube que ela estava noiva de Nick, e fiquei tão feliz por minha amiga, que quis ligar imediatamente para ela, até perceber que eu não poderia fazer isso. Eu não queria mais aquela situação permanecendo entre nós; não queria não poder parabenizá-la, comemorar com ela e ligar para saber se tudo estava bem. Eu queria de volta a nossa amizade do jeitinho que era: verdadeira e sincera.

“Eu tenho sentido a sua falta. Já ensaiei essas palavras umas quinhentas vezes, mas minha mão insiste em pesar ao escrevê-las. Eu lutei contra esse peso assim como tenho lutado com o peso que a sua falta me faz.

Eu senti que tinha que fazer isso, não como uma obrigação, mas como um gesto de amizade, pois você foi, e eu também fui – e de certa forma sempre serei – sua amiga. Apesar das nossas mágoas. É de coração, então, se quiser, responda, se sentir também essa necessidade. Se não quiser responder, tudo bem. Também estou mandando um convite para o lançamento do meu livro, gostaria muito que você estivesse lá.

PS: Mentira, se você não responder, vai ser péssimo. Eu vou amarrar uma pedra no meu pé e me jogar em um poço.

PS2: É mentira, mas será péssimo.

PS3: Odeio você!

PS4: Odeio essa carta!

PS5: Odeio a minha existência!

PS6: Não tem, mas seis é meu número favorito e você sabe disso porque você me amou, e eu costumo dizer para as pessoas que amo qual é o meu número favorito.”

Esperei ansiosamente que Carol me respondesse, mas passado os dias, comecei a aceitar a ideia de que fui ignorada. É claro que aquilo doeu, mas pelo menos eu havia tentado. Eu havia mostrado para ela quanto eu ainda me importava com toda a nossa história.

O lançamento do meu livro estava lindo, acontecia em uma livraria grande e respeitada, pois imaginavam que muitas pessoas compareceriam por causa do blog. Claro que isso não me impediu de ficar nervosa e morrer de medo de ninguém aparecer, porém, assim que cheguei ao shopping e me deparei com uma fila quilométrica para pegar as senhas, chorei de emoção. Não pude evitar, era emocionante demais que meu trabalho alcançasse tantas pessoas, que todos os meus sentimentos expostos em diversos meios as tocassem de alguma maneira. Fiquei em silêncio por alguns minutos, apenas observando tudo aquilo de longe, para então tomar coragem de passar pela passarela que me levaria à mesa de autógrafos.

Assim que meus leitores me viram, começaram a gritar, e aquilo encheu ainda mais o meu peito de alegria e orgulho. Eu não imaginava a dimensão do meu trabalho até ver aquela cena. Com certeza um momento da minha vida que jamais quero esquecer. Um momento meu. Só meu.

Já havia assinado diversos livros e minhas mãos doíam, mas eu não cansava de sorrir para cada leitor que me dizia, emocionado, que eu havia mudado sua vida de alguma maneira. E eu não queria parecer cansada, pois para cada um deles era um momento especial, eu sabia quanto aqueles adolescentes depositavam sua fé em mim, o que eu achava incrivelmente lindo.

— Assina isso aí, sua vaca! — Olhei para Rachel e quase gritei de emoção.

— Você está atrasada! — Bronqueei.

— Só fui liberada agora, desculpa! — Ela me abraçou. — Estou tão orgulhosa de você! Olha só quem está aqui! — Ela puxou todos os membros do Bonde e todos eles gritaram parabéns ao mesmo tempo. Menos Danilo. Suspirei ao notar sua falta.

Desde que Danilo saíra da *TT* para trabalhar como roteirista de um importante programa de

comportamento em uma grande emissora, nós não nos falávamos. Eu já estava com três meses de gravidez e ainda não havia tido coragem de contar para ele.

— Parabéns, Mel! — Desejou Jesse. — Dá parabéns para a tia de vocês, cambada de sem educação! — Ele pediu aos filhos e então os três fizeram uma fila para dar um beijo em minha bochecha.

— O Bento já está quase do meu tamanho. — Brinquei exagerando ao perceber como o tempo tinha passado.

Amanda me parabenizou e reparei no carinho com que ela cuidava dos filhos de Jesse. Era tão bonita aquela entrega. Apesar de notavelmente não ter muita paciência, em cada gesto era possível ver o cuidado que ela tinha com os filhos do namorado.

O ponto alto da noite aconteceu quando Klebber ajoelhou-se no chão, se declarou para Rachel e a pediu em casamento. Aquilo estava combinado comigo e com todos da organização, mas não deixou de ser surpreendente e emocionante, já que ele parecia bem nervoso. Foi engraçado ver aquele homem bruto empenhando-se para surpreender minha melhor amiga, ao som da música *With You*, do Chris Brown.

— Eu andei pensando e não há muito que pensar. — Começou parecendo bastante envergonhado. — Acho que eu sempre tive certeza que você é a mulher da minha vida. Só demoramos um pouco para entender isso. — Ele riu extremamente nervoso. — Olha... Eu sei que deve ter milhares de confusões em sua cabeça, mas está mais do que claro que nós nos amamos. Está mais do que claro que você é perfeita para mim. E eu, do meu jeito todo errado, sou perfeito para você. Nós temos uma forma estranha de nos completar, e eu não quero mais viver sem você, quero que você seja a minha mulher. — E então, ajoelhado, ele pediu. — Rachel, quer se casar comigo?

Não pude evitar o choro, a gravidez me deixava sensível, mas pensei comigo mesma que eu choraria mesmo se não estivesse grávida. Eles eram lindos juntos. Um coro enorme começou a ecoar pedindo que ela aceitasse. Rachel ficou pálida e atônita. Ela nunca esperaria um ato daquele vindo de Klebber, já que ele era o Klebber, o cara mais estúpido que nós conhecíamos.

Ela olhou para mim e levou as mãos à boca. Acho que depois de alguns segundos percebeu que tinha que responder e disse “sim”, bem alto para quem quisesse ouvir. Eles se abraçaram, e ali havia tanto amor, todos ficaram encantados, até mesmo Jesse, que morria de ciúmes da irmã.

Meus amigos foram para um bar onde comemoraríamos mais tarde, então pude terminar de assinar os livros de quem não havia conseguido pegar senha.

Will e Clara foram uns dos últimos a chegar. Clara estava meio alterada e Will ria com a mão em volta de sua cintura.

— Achou que não apareceríamos para te dar parabéns, né? — Clara perguntou rindo. — Quem diria que aquela *vadiazinha* escreveria tanto sobre sentimentos. — Ela brincou e me deu um beijo.

— E vocês dois nunca saem de moda, não é? — Ri olhando para a cara de Will.

— O que eu posso fazer se a gente sempre se esbarra e eu não resisto a uma loira? — Will riu, dando um selinho demorado em Clara.

— Eca! Para de demonstrar afeto em público, cavalo! — Ela mordeu o lábio dele e eu assinei seus livros.

— Quero que vocês dois leiam, hein? — Debochei e eles riram.

Não ficaram muito tempo, eu tinha certeza que a noite só estava começando para eles.

— Eu odeio você também! — Carol sorriu de lado antes de colocar um exemplar do meu livro em cima da mesa.

Não pude deixar de sorrir pela sua presença ali, só deixava a minha noite ainda mais feliz. Fizemos as pazes e, de repente, o tempo que passamos longe uma da outra não fez a mínima diferença. Conversamos sem parar, e ela, apesar de surpresa, pareceu feliz quando contei sobre a gravidez. Toda vez que eu a olhava, eu tinha vontade de perguntar de Eduardo, mas não o fiz, e ela também não o mencionou em nenhum momento. Melhor assim, pensei comigo.

“...Eu queria ter sido feliz com minhas escolhas, queria não ter enlouquecido pensando nas hipóteses, me amaldiçoando toda vez por ter sido tão estúpido com a gente. Queria não sentir tanta dor ao te ver sorrindo ao lado de outro. Queria não ter vontade de morrer a cada notícia de vocês dois. Queria não ter um bar escuro como meu lugar favorito depois do trabalho...”

A despedida da *TotalTeen* não foi uma tarefa fácil, eu tinha tantas recordações boas daquele lugar... Ali foi o início de tudo, e alguns momentos passaram pela minha cabeça, como quando eu entrei como estagiária, a amizade com Danilo, quando ganhei minha primeira promoção, e até mesmo os sufocos que passávamos para fechar uma revista. Eu sentiria muita falta daquele lugar e de tudo o que acrescentara em minha vida. Enquanto empacotava minhas coisas, sentia meu peito ser esmagado pelas lembranças.

— Você já vai? — Perguntou Magali, quebrando meu transe emocional.

— Para a sua alegria, não é, Magali? — Revirei os olhos. — Dá um tempo!

— Só vim me despedir. E dizer que achei o texto de aniversário para o seu ex-marido muito comovente. — Ela sorriu de lado e lançou um olhar vencedor.

Juro que naquele momento tive vontade de pular em seu pescoço e matá-la ali mesmo. Havia sido ela que mostrara o texto para Danilo. Vaca! Respirei fundo e pensei em meu bebê antes de tomar qualquer atitude.

— Não importa quantas coisas ruins você faça para as pessoas que são bem melhores

sucedidas que você, você continuará sendo miserável! — Declarei e saí daquela sala – e do prédio – o mais rápido possível.

Eu precisava contar para Danilo sobre a gravidez, aquela situação já estava ficando ridícula. Em um momento de coragem depois de saber exatamente como ele descobrira o tal texto, decidi aparecer em seu apartamento sem avisar. Eu estava adiando a notícia, e toda vez que via uma garota comentar gracinhas em suas postagens no Facebook, ou descobria que ele saiu à noite, eu só ficava com mais vontade de nunca contar. Meus sentimentos estavam à flor da pele, qualquer coisa me fazia chorar copiosamente e me fechar dentro de mim mesma.

— Eu preciso falar com você. — Eu disse quando ele finalmente chegou em casa, ficando surpreso ao me ver ali.

— Eu acho que nós não temos nada para conversar. — Danilo respondeu me olhando. Mas dessa vez não foi grosseiro, apenas disse do modo mais natural – e quase que indiferente – possível.

Levantei minha blusa e levei a mão até minha barriga, que apesar de pequena, era suficiente para que ele notasse, pois conhecia cada detalhe do meu corpo. Ergui os olhos e o encarei, capturando toda sua atenção.

— Você só pode estar brincando! — Ele me olhou chocado.

— Não estou! — Declarei seriamente.

— Nossa, Melina! Meu Deus! — Ele mordeu o lábio inferior. Parecia extremamente confuso e perdido, mas agora sem a fantasia de indiferença o enfeitando. Andou para os lados decidindo o que faria em seguida, e não demorou muito até que optasse a andar até mim. Rindo de nervoso, me abraçou. — Caramba! Tem quanto tempo?

— Três meses. — Respondi.

— Por que você não me contou antes?

— Eu estava tomando coragem. Você está feliz?

— É claro que eu estou! Eu sempre quis ser pai!

— Você será! — Eu disse sem jeito e um silêncio ensurdecador tomou conta do ambiente. Abaixei a cabeça e me senti uma brasa em chamas, assim que Danilo me soltou como se eu realmente o queimasse.

Imaginei um milhão de vezes como seria o momento em que eu contaria para alguém que estava grávida, e em nenhum daqueles momentos de sonhos aquele clima esquisito estava presente.

— Não se preocupe, serei o melhor pai do mundo!

— Eu nunca tive dúvidas disso, Dan. Eu estou tão assustada! — Confessei.

— Vai dar tudo certo! — Danilo me abraçou mais uma vez e olhou em meus olhos. — Não fique assustada!

Deitei a cabeça em seu ombro e chorei enquanto ele acariciava minhas costas, me acalmando. Depois nos olhamos, era notável o desconforto dos dois. Antes que a situação ficasse ainda mais esquisita, me despedi e ele beijou minha testa, dizendo que eu poderia contar com ele em qualquer momento.

Voltar para casa aquele dia me deu um enorme sentimento de alívio, eu precisava ficar sozinha por um tempo para conseguir lidar com aquele sentimento estranho dentro do meu peito. Mas eu me sentia bem mais leve por ter contado para Danilo algo que ele tinha o direito de saber.

Assim que a noite caiu, Rachel me ligou perguntando se podia ir até a minha casa, o que veio bem a calhar, já que eu precisava saber com detalhes como se sentiu com o pedido de casamento – e eu também precisava dela para acalmar meu coração e me distrair daquela tristeza alojada em meu peito.

No momento em que Rachel entrou em meu apartamento, me senti bem melhor, seu abraço era a distração perfeita para qualquer tristeza que eu pudesse sentir. Mas ela também não estava muito bem, seus olhos eram uma confusão.

— Melina, eu estou ferrada! — Ela confessou me olhando.

— O que foi? Não me diga que está grávida também!

— Não. — Ela disse quase chorando. — Eu recebi um convite para trabalhar na *Broadway*. Você sabe o que é um sonho de anos?

— E por que você está assim?

— Porque o Klebber nunca iria aceitar. Você sabe, ele é careta, antigo... Não sei o que fazer!

— O que você quer fazer?

— Eu o amo, de verdade! Não me passa pela cabeça deixá-lo, mas a proposta é tentadora. Tão tentadora que eu preferia nem ter recebido, assim eu não ficaria tão triste.

— Eu te entendo. — Sentamos no sofá e a puxei para o meu colo. — Você tem meu colo para chorar, posso chorar em cima de você, já que estou passando por um momento difícil com Danilo também.

Passamos a noite inteira conversando sobre nossos dilemas e desejando ter quinze anos de novo, quando nossos únicos problemas eram coisas tão bobas que hoje em dia eram capazes de arrancar risadas.

— Você vai ser a melhor mãe do mundo, eu estou vendo como sua vida mudou desde que

essa pequeninha entrou na sua barriga. — Ela fez carinho em meu ventre.

Não tem nada mais gostoso no mundo do que receber carinho em seu filho vindo de alguém que você ama. Se ela agradava minha barriga, também me agradava, pois desde o instante que eu soube da gravidez, amei aquela criança incondicionalmente.

— Não sei o sexo ainda.

— Tenho certeza que será uma menina! — Ela disse convicta.

* * *

O parto aconteceu completamente fora de hora. Não consegui falar com Danilo, pois seu telefone só dava caixa postal, então liguei para Jesse, que foi correndo me socorrer. Minha irmã vinha cuidando de mim nos últimos meses da gravidez e também estava comigo. Nós duas fomos para o hospital no carro de Jesse, ela ia me acalmando e segurando minha mão enquanto ele tentava chegar rápido ao hospital.

— Alguém tem que avisar a Rachel! — Eu disse com suor e lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Eu vou ligar para ela depois. — Tentou me tranquilizar Jesse.

— Queria tanto que ela estivesse aqui. — Murmurei apertando forte a mão de minha irmã.

Rachel estava em Nova York realizando seu sonho. Eu sabia quanto fora difícil para ela deixar Klebber com uma promessa de casamento, mas ela tivera coragem de correr atrás de seus sonhos. Isso me deixava extremamente orgulhosa, mas também triste, pois Klebber havia ficado aqui, e eu sabia quão ruim era estar desse lado.

— Se acalma, mana! — Robin pediu meio sem jeito. Ela estava tão nervosa quanto eu, mas tentava me manter calma. — Respira... — Ela pediu e demonstrou como eu deveria fazer, inspirando e soltando o ar. — Não sei se funciona, mas sempre vejo isso em séries. — Ela riu e me fez rir também, mesmo em meio à dor.

Não me lembro de ter visto quase nada até chegar à sala de parto, só lembro quanto doía e quanto eu rezava para aquilo acabar logo. Eu me amaldiçoei diversas vezes por ter escolhido ter um parto normal, aquilo com certeza era em disparado a coisa mais dolorosa pela qual eu já havia passado. Em alguns momentos, a dor era tão alucinante que eu realmente pensei que morreria.

Durou horas até que a cabeça aparecesse, e então, depois de me sentir sendo rasgada ao meio, finalmente saiu de dentro de mim. No momento em que a peguei no colo e a aninhei em meu peito, toda a dor desapareceu. Meus olhos não conseguiam acreditar em quanto ela era linda. Meu coração sabia que pertencia a ela para sempre, e eu me senti completa. Era uma emoção

muito difícil de explicar, pensei que nunca conseguiria escrevê-la, pois nenhuma palavra que eu usasse se aproximaria de tamanho amor envolvido.

— Olha como ela é linda, mana! — Inclinei minha filha para que Robin pudesse vê-la.

— Ela é muito bonitinha mesmo!

Ri ao notar quanto minha irmã estava chocada, provavelmente eu tinha apertado sua mão tão forte que ela mal conseguia sentir seus ossos. Mas ela estava encantada com a sobrinha, dava para ver em seus olhos brilhantes.

— A sua mãe está aqui! — Ela informou meio sem graça.

— Sério? — Perguntei sem querer parecer desesperada, mas quase não acreditei na notícia.

— Sim!

— Você pode pedir para ela entrar, por favor?

Minha mãe entrou no quarto meio sem jeito, mas sentou-se ao meu lado.

— Sua filhinha é linda, Melina! — Elogiou.

— É, não é? — Sorri para ela.

— Sim! — Concordou. — Agora você vai sentir um pouco do que eu senti quando me tornei sua mãe. — Ela riu tentando brincar e eu ri também, para não deixá-la sem graça.

Minha mãe pode não ter sido a melhor mãe do mundo, mas como eu acabara de me tornar mãe também, não via sentido em guardar mágoa dela. Tudo fica tão diferente quando nos tornamos mães; eu sentia que tinha evoluído milhões de anos, e aquela visita teve um grande significado para mim. Eu realmente não queria ser uma mãe como fora a minha, mas ela era uma mulher doente, precisava de ajuda, e mesmo com essa depressão acabando com ela todos os dias, ela me demonstrou amor ao visitar minha filha.

Quando Danilo chegou, já tinham dado banho no bebê e a vestido com a roupinha que nós escolhemos semanas antes. É claro que ele chorou logo que colocou os olhos nela, assim como tinha chorado na primeira vez que escutou seu coraçãozinho. Fiquei comovida observando os dois da minha cama.

— Desculpa por não ter chego na hora... — Ele deu um sorriso triste com a filha no colo. — Meu celular estava descarregado.

— Não tem problema. A nossa filha está feliz em te ver agora. — Sorri para ele e ele colocou a bebê no bercinho para vir até mim.

— Você, mesmo depois de ter tido um bebê, ainda consegue ser linda! — Ele me olhou com um sorriso e ajeitou meu cabelo. — Isso é muita maldade com o meu coração! — Brincou.

— Deixa de ser idiota! — Retruquei revirando os olhos, eu sabia que estava um bagaço.

— Está vendo, Melina? Eu não estava errado quando te vi pela primeira vez, eu sabia que você seria importante na minha vida.

— Você também é importante na minha! — Sorri para ele e ele me deu um demorado selinho carinhoso.

O resto daquela noite Danilo dedicou a babar em nossa adorável filha. Ele estava tão apaixonado quanto eu, e apesar de não estarmos juntos, eu me sentia extremamente grata por tê-lo ali comigo.

— Antonela? — Ele a chamou a olhando, todo abobalhado. — Ela não respondeu, não! Podemos escolher outro nome.

— O nome dela será Antonela! — Afirmei rindo de sua implicância com o nome. — Você não desiste!

“...Tem tanta coisa idiota que eu tenho pensado longe de você. Tem tanta coisa que eu queria te dizer. Como quando eu lembro de você toda vez que olho para as estrelas e percebo que elas são tão intocáveis quanto você é para mim agora. Tem tanta coisa que eu gostaria de ter prestado mais atenção. Eu nunca quis te perder. Eu queria ter reparado nos teus sinais...”

* * *

— Seu pai te deu chocolate, Antonela? — Perguntei olhando para ela e Danilo a ofereceu um olhar. Eu tinha certeza que ele estava a induzindo a mentir.

— Não. — Ela balançou a cabeça rindo, do jeitinho que fazia quando estava mentindo.

— Você sabe que não consegue mentir para sua mãe! — Informei a ela.

— Não faz mal, mulher! — Danilo piscou para ela. — Não foi um barril de chocolate, foi só um pouquinho.

Peguei Antonela no colo, segurando a bolsa com suas coisas.

— Não adianta falar com você, não é? — Ri negando com a cabeça. — Você faz tudo o que ela quer.

— Ela é a minha princesa! — Ele justificou dando um beijo nas bochechas gordinhas da filha.

Antonela sempre fazia cara de choro quando ia embora da casa do pai, o que cortava meu coração, mas também me deixava feliz de certa forma. Eu gostava que os laços dos dois fossem fortes.

Danilo e eu até tentamos ficar juntos algumas vezes, pois nós nos amávamos e éramos ótimos pais. Mas a desconfiança sempre rondava nosso relacionamento, e isso o levava a se fechar em certos momentos e a mudar constantemente de humor. Eu tentei lidar com isso da melhor maneira possível, mas não consegui. Eu não conseguia lidar com aquela constante desconfiança e com o jeito que ele ficava toda vez que sentia ciúmes de alguma coisa. Então, na quinta tentativa fracassada, eu o chamei para conversar.



— Você me ama? — Perguntei olhando em seus olhos.

— Você sabe que te amo, demais. — Ele murmurou fazendo carinho em meu rosto.

— Eu também amo você! Mas estamos nos machucando! — Suspirei. — O meu amor nunca te parece suficiente, e ele é só o que eu tenho para te dar. — Fiz uma carícia em seu rosto e respirei fundo antes de contar a ele minha decisão. — Então estou te deixando livre.

— Não! — Ele pediu. — Não quero ficar livre de você!

— Eu também estou sofrendo, Danilo! — Confessei o encarando. — O amor deve ser fácil, e o nosso está doendo. Muito! — Acrescentei com lágrimas nos olhos.

— Eu nunca quis te machucar.

— Eu também nunca quis te machucar, mas nos machucamos. — Declarei. — Eu sinto muito, nós temos um laço eterno, mas para o bem da nossa relação com a nossa filha, eu acho melhor ficarmos separados.



Danilo pareceu meio contrariado no começo, mas com o passar do tempo entendeu que nos separar era o melhor para nós dois. Era difícil para ambos ter que nos ver todo final de semana por conta da Antonela, e eu percebia sempre em seu olhar que ele queria me dizer algo, mas nunca falava nada.

Era complicado também fazer passeios em família, passando a imagem para todos os que nos viam de que éramos um casal apaixonado com uma linda filha, quando, na verdade, não éramos. Podíamos ter sido, mas não éramos. Não mais.

Era triste ter que deixar minha filha com ele no final de semana e depois ter que ir buscá-la enquanto eu sabia que ela ficaria mais feliz se nós três ficassemos juntos. Mas nós já havíamos tentado, e sabíamos que a decisão que tomamos era o melhor caminho. Eu realmente ficava feliz em ter uma boa relação com o pai da minha filha, não queria que a desconfiança, o ciúme e a mágoa acabassem com a nossa relação. Eu faria qualquer coisa para que minha filha nunca

tivesse que sofrer por causa de brigas entre os pais.

* * *

Antonela ficava simplesmente fascinada em lojas de brinquedos e eu tinha decidido comprar um presente para ela naquele dia. Porém, chegando à loja, em vez do tecladinho que ela tanto queria antes, preferiu uma casa de bonecas que custava mais de mil reais.

— Eu não vou comprar essa, é muito cara. — Expliquei a ela com paciência. É claro que ela não entendeu e saiu da loja esperneando e chorando como se o mundo dela tivesse acabado.

— Que menina feia, quase cinco anos e fazendo esse escândalo! — Briguei com ela segurando em sua mão enquanto a obrigava a caminhar comigo.

— Quero a casinha! — Antonela insistiu entre soluços.

Respirei fundo e me ajoelhei, para ficar à sua altura.

— Razão da minha vida, a mamãe não pode te comprar a casinha hoje, ok? Mas prometo que te dou uma parecida no Natal.

Incrivelmente, conversar com ela e tentar acalmá-la fez efeito, e fiquei extremamente orgulhosa do meu desempenho como mãe. Eu sempre ficava, toda vez que sentia que fazia algo certo com a minha bonequinha.

Começamos a caminhar até nossa casa. Antonela ainda estava decepcionada por não ter conseguido a casinha, mas já não estava mais chorando. Eu estava indignada com o preço exorbitante daquela maldita casinha, aliás, todos os brinquedos estavam muito caros ultimamente. Isso era um absurdo, a indústria pensava que nós, pais, colhíamos dinheiro em uma árvore ou algo do tipo? Uma gota gelada interrompeu meus pensamentos, rezei baixinho para que fosse qualquer coisa, menos chuva. Ficaria mais feliz se fosse alguma pomba que decidira fazer suas necessidades em mim, pois eu não tinha nenhum guarda-chuva comigo para proteger minha filha. Revirei os olhos e, antes que eu pudesse pensar em alguma solução, um grande guarda-chuva amarelo cobriu Antonela.

Não precisei nem virar o rosto para saber de quem se tratava. O mesmo perfume de sempre. Era ele. Eduardo.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei o olhando, e antes de me responder, ele me deu uma capa de chuva, pegou minha filha no colo e a protegeu com seu guarda-chuva.

— Minha mãe está doente. — Ele explicou enquanto corríamos em direção à minha casa. A chuva caiu torrencialmente, e ver todo o seu empenho em proteger minha filha me deixou comovida. Eu não podia acreditar que era ele mesmo ali, por alguns instantes cocei meus olhos para ver se aquela cena se tornava mais crível.

Eduardo e eu nos encontramos algumas vezes depois de tudo. Mas nunca mais tínhamos trocado nenhuma palavra, apenas olhares, como no casamento de Carol, que ele compareceu com sua namorada Barbara. Ou no dia que nos encontramos no shopping por acaso, em uma de suas visitas à nossa cidade. Também nos encontramos quando os sobrinhos dele nasceram, mas nunca havíamos dito nada. Era sempre silêncio seguido de olhares que doíam mais que mil facadas. Nós viramos um eterno silêncio.

Antonela chegou em casa praticamente seca. A capa de chuva não me protegera tanto, mas fiquei feliz em ver minha filha livre de um resfriado.

— Obrigada! — Agradei a ele. — Entre! — Convidei e Eduardo sequer hesitou. Tirei meu casaco molhado e o pendurei no porta-casacos, tirando o dele em seguida. A casa estava quente, graças ao nosso aquecedor que sempre deixava a casa com sensação de lar.

— Muito bonita sua casa, Melina! — Ele sorriu ao ver as fotos da minha vida espalhadas por toda a casa.

— Obrigada. — Agradei. — Vou fazer um chá. — Eu precisava respirar, e fazer um chá era a desculpa perfeita. Vê-lo em minha casa era estranho, parecia o encontro de duas vidas. Ele era o lembrete de tudo o que eu fui, e minha filha e a casa eram os lembretes de tudo o que eu havia me tornado.

“*Quem diria?*”, meu eu adolescente questionou baixinho em minha cabeça. Concordei com ela, afinal, ela nunca tinha imaginado que a vida aconteceria sem Eduardo. Talvez se alguém dissesse isso a ela, ela riria e diria: “*Por Deus, isso é impossível!*”. Quase derrubei o chá olhando para Eduardo e somando tudo o que havia mudado nele. Penteado. Marcas de expressão. Algumas pintinhas novas surgiram. Mas me toquei a tempo e joguei o excesso do chá da xícara dentro da pia.

“*Os olhos ainda são os mesmos, ainda são aquela maldita explosão de castanho!*”. Pedi para a Melina adolescente calar a boca, respirei fundo e fui até Eduardo com o chá em mãos.

Antonela olhava Eduardo como se ele fosse um ET. Depois de cansar de examiná-lo, ela correu em direção ao meu quarto.

— Chá de camomila. — Servi a ele. — Seu favorito. — Sorri e ele sorriu de volta.

— Continua sendo!

— Eu sei, você *quase* não muda. — Ri encarando as novas pintinhas em seu rosto. — Então, o que sua mãe tem? — Perguntei preocupada.

Ele respirou fundo antes de responder.

— Ela está com câncer. Descobriu recentemente, então decidi dar apoio a ela. A vida passa tão rápido, às vezes percebemos que perdemos tanto tempo!

— É verdade. — Suspirei. — Eu sinto muito por ela. Eu gostava dela, mesmo ela não

gostando muito de mim.

— Ela gostava, só achava que éramos jovens demais. — Ele sorriu ao lembrar.

Pude ver as lembranças passando em seus olhos e a forma nostálgica como falou de nós dois no passado. Eu me sentia exatamente da mesma maneira naquele momento.

— E nós éramos! — Sorri soando nostálgica também. — Quanto tempo você vai ficar? — Desviei o assunto, não queria falar sobre nós dois, não com ele tão perto.

— Para sempre. — Ele respondeu simplesmente.

— Sério? — Indaguei surpresa.

— Sim. Já posso dar aulas em universidades aqui, quero ficar ao lado da minha mãe nesse momento.

— Mestre e doutor? Que incrível! Você sempre foi tão inteligente, vai se sair muito bem como professor.

— Eu corri atrás de tantas coisas lá, deixei para trás tudo o que verdadeiramente me importava. E quando cheguei onde tanto queria, percebi que eram conquistas de vento. Não serviam para nada!

Eu não sabia o que dizer a ele depois daquela confissão. Ensaiei algumas palavras em minha cabeça, mas nada parecia apropriado.

Antonela voltou correndo para a sala com uma fotografia na mão, interrompendo o momento. *Amém!*

— Você é o amigo da mamãe! — Ela disse mostrando uma foto minha e de Eduardo juntos.

— Sou! — Ele riu ao olhar para a fotografia e eu só pude revirar os olhos para a atitude da minha filha, apesar de ficar bastante satisfeita com sua esperteza em notar algo desse tipo.

— Antonela! — Eu a repreendi.

— Ela se parece muito com você. — Ele disse para mim e sorriu ao olhá-la.

— Sim. — Concordei e peguei a foto da mão dela.

— Essa foto é daquele fatídico dia em que você bebeu! — Ri ao lembrar.

Nós dois, mais jovens do que nunca, estampávamos aquela fotografia de uma época que parecia ter acontecido há tantas vidas. Eduardo me abraçava por trás e eu sorria parecendo mais feliz e radiante do que jamais estive, mesmo com aquele cabelo todo arrebitado de tanto tentar manter o loiro-platinado que eu insistia em ostentar na adolescência.

— Passam anos e você não esquece isso! — Ele riu também.

— Nunca vou esquecer. — Eu mencionei o dia, mas o que ficou no ar foi outra coisa.

Ele me encarou. Comprovei que estava emocionado, pois seus olhos ficaram marejados. Os meus também ficaram, e aquela sensação de que conhecíamos a alma um do outro nos tomou novamente. Uma lágrima silenciosa escorreu dos olhos de Eduardo e eu abaixei a cabeça para tentar esconder a minha. Tantos momentos passaram em minha mente. A saudade apertou como uma camisa de força. Estávamos conectados de uma maneira estranha, pois eu tinha certeza que ele sentia o mesmo.

— Por que vocês estão chorando? — Antonela perguntou nos fitando com seus enormes olhos curiosos.

— Não estamos, filha!

— Estão, sim! — Ela insistiu e Eduardo riu secando as lágrimas rapidamente.

— É que eu estava com muitas saudades da sua mãe, e quando adultos ficam com saudades, eles também choram. — Ele explicou pacientemente e fez um carinho no rosto de Antonela.

Ela olhou para ele desconfiada de que aquilo fosse possível.

— Qual é o seu nome? — Perguntou com sua vozinha doce.

— Eduardo. — Ele respondeu.

— Quer ser meu amigo? — Ela pediu e eu ri do seu pedido inocente.

— Seria um prazer! — Ele beijou sua mãozinha e eu só pude suspirar com a cena.

* * *

Eduardo e eu marcamos um café, apenas para conversarmos mais um pouco. Depois ele me convidou para jantar, e me levou no melhor restaurante da cidade. Reparei que ele havia se empenhado para ficar bonito, e eu poderia ter dito a ele que não precisava de tudo aquilo comigo, já que eu ainda o achava lindo de qualquer jeito, mas guardei para mim. Em outro dia, ele fora me buscar na redação para darmos uma volta juntos.

Ao longo dos nossos encontros, fiquei a par de sua vida em Londres. Ele tinha tido dois relacionamentos, um com Barbara (tive que me controlar para não revirar os olhos), e um com Cristina. O primeiro não deu certo por serem extremamente diferentes, segundo Eduardo. Já o sucessor, não deu certo porque, por mais que ele gostasse dela, do seu jeito doce e delicado, ele sentia que faltava alguma coisa.

Contei a ele sobre meu relacionamento com Danilo, sobre todas as idas e vindas, e pude perceber que em diversos momentos da conversa Eduardo fez uma careta. Mesmo que nós

tivéssemos decidido pela amizade, e amigos contam tudo um para o outro, sempre rolava um ciúme bobo de alguma parte.

Estava decidida a ajudá-lo com a fase difícil que era o tratamento de sua mãe, então Eduardo me levou ao hospital depois de eu insistir que ele não podia enfrentar tudo aquilo sozinho. Estávamos à beira da cama de Rebeca, ela havia me pedido para passar um hidratante em seus lábios e era o que eu estava fazendo quando pediu ao filho que buscasse um copo de suco para ela. Eduardo prontamente obedeceu, me deixando sozinha com minha ex-sogra.

— Faça o meu filho feliz! — Ela pediu.

— Nós não estamos juntos. Decidimos ser amigos. — Eu respondi meio sem jeito, pois ela estava muito fraca.

Rebeca apenas riu e fez um carinho em meu rosto.

— Vocês dois nunca conseguiriam ser só amigos, minha querida!

Sorri sem graça e não quis retrucar, ela precisava do conforto de saber que seu filho ficaria bem, e por algum motivo achava que ele ficaria bem comigo, se algo acontecesse com ela. O mundo dá voltas!

— O Eduardo nunca conseguiria amar alguém do jeito que ele te ama. Perdoem o tempo que maltratou o relacionamento de vocês e deem mais uma chance para esse amor, porque esse tipo de sentimento é único. — Ela segurava firme em minha mão e não deixou de olhar em meus olhos nem por um segundo enquanto me fazia esse pedido. Quando Eduardo voltou com seu copo de suco, ela fingiu que nada aconteceu. Sorri fraquinho para ela antes de sair, e ela sabia que no fundo, eu concordava com ela.

Tomamos um café antes de ele me levar até minha casa. Antonela estava na casa de Danilo, como sempre ficava nos finais de semana, a não ser que eu combinasse algo antes.

Não entendi o motivo de Eduardo descer do carro e entrar em minha casa, mas também não questionei. Ele sempre me deixava sem reação, já era comum para mim.

— Posso te perguntar uma coisa? — Questionou me olhando.

— Pode. — Assenti no meio da minha sala de estar.

— O que você sentiu em relação a mim lá no passado? Digo, depois que eu fui embora?

— Você quer a verdade? — Tentei falar calmamente, mas tenho certeza que meu tom saiu cheio de ressentimento. — Eu fiquei com muita raiva. Por tudo, Eduardo! Pela sua falta de consideração com a nossa história, por ter me deixado acreditar por um tempão que ficaríamos juntos, por não estar comigo quando eu mais precisava de você, por sempre achar que você era o mais importante e nunca ter se importado em como eu ia me sentir.

Ele escutou atentamente, e ao final do meu desabafo, eu estava chorando. Aquilo tudo estava

preso em minha garganta.

— Eu nunca me importei? Tudo o que eu mais fazia era me importar com você, Melina! Eu tinha que fazer aquela viagem, eu precisava trabalhar, estudar... Eu cresci muito como pessoa, e eu quis mais do que tudo te levar comigo, mas entendi quando você quis ficar. Eu não podia estar presente, mas eu estava cumprindo minha promessa. Eu não desisti, não importava o que me acontecia.

— Você está dizendo que eu desisti? É isso mesmo? Eu não desisti, Eduardo. Eu só cansei de te esperar. Cansei de esperar suas mensagens. Cansei de viver algo que para mim não era real.

— E eu te deixei desistir. Eu nem insisti. Sabe por quê? Porque sabia que era melhor para você. Mesmo morrendo por dentro, eu deixei você ir. Mas para mim sempre foi real, se para você não foi... — Ele ameaçou ir embora magoadado, mas eu não resisti e segurei em seu braço.

— Eduardo... — Eu o olhei. — Não é isso. Desculpa! Eu nunca havia parado para pensar no seu lado. E agora tudo isso não importa mais, nós somos amigos. Eu quero esquecer o passado e quero que você esqueça também. — Pedi notando quanto minha voz soava miserável.

— Bom, eu não quero aparecer na sua vida para te deixar triste. — Ele levantou meu rosto. — Eu só não queria que você tivesse raiva de mim, porque você foi a melhor coisa que me aconteceu.

Havia tanta verdade em sua voz. E havia tanta saudade em mim. O problema era que não pertencíamos mais um ao outro. Eu não poderia beijá-lo como beijaria antes; não poderia abraçá-lo e dizer que seu abraço era o melhor abraço do mundo; não poderia dizer que eu o amava. Tudo porque o destino afirmava que não pertencíamos mais um ao outro. E eu tinha que aceitar. Tinha?

— Você também foi a melhor coisa que me aconteceu. — Assumi também. — Eu não estou mais chateada. Nesse tempo separados aprendi alguma coisa. — Sorri fraquinho. — Me dá um abraço? Podemos terminar isso bem.

Ele atendeu meu pedido e me abraçou bem apertado. Parecia um sonho, um abraço que tinha tudo para ser fantasia, coisa da minha cabeça saudosa, mas não era, era real, e era incrivelmente bom.

— Que abraço bom! — Não pude conter o sorriso que me tomara depois daquele abraço. — Agora vai logo, meu amigo, antes que eu te sequestre. — Ri fraquinho, apoiando minha cabeça em seu ombro.

— Hm... — Ele disse beijando meus cabelos. — Ainda tem cheiro de pêssego. — Deu um beijo em minha bochecha parecendo receoso.

E pronto! Não resistimos. Nossos lábios não conseguiram ficar afastados do caminho que eles conheciam de cor: o do nosso beijo.

— Eduardo... — Disse com meu coração pulando alto no peito. — Por favor, vai embora! —

Pedi. — Nós não podemos fazer isso, a nossa vida está tão diferente...

Ele se afastou e abriu a porta. Senti um misto de alívio e tristeza, mas não por muito tempo. Pois ele voltou, enfiou a mão nos meus cabelos e me fez olhar em seus olhos. Era covardia. Era impossível para mim. Eu simplesmente não podia recuar. Então nos beijamos novamente. E pior, nos beijamos apaixonadamente.

— Eduar... — Murmurei entre o beijo tentando o repreender, mas segurando em seu quadril com uma mão e o puxando para mais perto, retribuindo o beijo com vontade.

O que adiantava falar uma coisa e fazer outra? Era exatamente o que eu estava fazendo quando o tentei afastar e continuava o agarrando como se minha sobrevivência dependesse daquilo.

Ele segurou em minha cintura e me encostou à parede, ainda com a mão em minha nuca.

— Desculpa por isso, amiga! — Pediu com a respiração ofegante, em seguida mordeu meu lábio inferior.

Fiquei olhando para ele por alguns segundos com a respiração acelerada.

— Ah, claro! Esse é um ótimo momento para pedir desculpas! — Ri e puxei seu lábio de volta.

Coloquei minha mão por baixo de sua camisa provocativamente e descí meus dedos devagar por suas costas sem deixar de olhar em seus olhos, do jeitinho que eu sabia que o fazia perder a cabeça. Minha boca seguiu até seu pescoço para deixar uma enorme marca roxa.

— Ops! — Sorri diabolicamente. — Desculpa por isso também. Sinto muito, amiguinho! — Eu o provoquei sorrindo.

— É um ótimo jeito de pedir desculpas! — Ele riu e beijou meu pescoço apertando uma de minhas pernas. Aproximou seus lábios quentes do meu ouvido e mordeu minha orelha enquanto agarrava minha cintura por dentro da blusa. — Sinto muito por isso também... — Disse quando ouviu meu gemido e deixou um sorriso vencedor escapar de seus lábios convencidos.

— Desculpo... — Pulei em seu colo e o abracei com minhas pernas. — Mas você vai ter que me desculpar por isso também. — Puxei sua camisa e a passei por cima de sua cabeça, jogando-a no chão. Segurei forte em seus cabelos, aproveitando cada momento do nosso beijo voraz. Nossas línguas brincavam uma com a outra de forma audaciosa, e eu colava nossos corpos tentando acalmar o calor do meu corpo por ele.

— Eu desculpo. — Ele riu apertando minha cintura com mais força e me empurrou contra a parede, beijando meu pescoço sem nenhum pudor. — Eu acho que vou precisar de muitos pedidos de desculpas por isso. — Então rasgou minha blusa fina com pressa para logo em seguida apertar meus seios por cima do sutiã, me fazendo ir à loucura.

Era arrebatador. Fizemos amor a noite toda. Matamos a saudade que estava querendo nos

matar e, de repente, estávamos de alma lavada.

Não consegui conter minha emoção e chorei em seus braços, me sentindo acolhida, protegida e amada.

— Não chora! — Ele pediu secando minhas lágrimas. — Desculpe-me por ter sido um idiota, pelo menos não demorei a vida toda para perceber isso...

— É — Concordei rindo entre as lágrimas.

— Você quer se casar comigo? De novo? — Acrescentou com um sorriso brincalhão no rosto, tentando tirar qualquer tristeza do momento.

— Já? — Ri de seu pedido precipitado.

— Já perdemos tempo demais! Eu não tenho dúvidas, eu nunca tive. — Dessa vez ele pareceu estar falando sério.

— Eu queria, mas...

— Shiu — Ele pediu colocando o indicador em meus lábios. — Sem “*mas*”. Não me importo com sua filha, nem com seu passado. Eu quero fazer parte do seu futuro, e dessa vez, para sempre. Quero cuidar de você, te ajudar com suas contas, que são uma bagunça... — Ele riu. — Te ajudar com a casa, com a sua vida. Quero ser seu porto seguro, como eu sempre fui antes de tudo isso. Eu queria que você soubesse que nada do que vivi se compara com o que eu sinto por você.

Eu o beijei em resposta e as borboletas invadiram meu estômago novamente, como se em um estalar de dedos eu voltasse a ter quinze anos.

— Podemos tentar! — Respondi. — Mas tudo com muito cuidado, porque o amor da minha vida é a minha filha, não posso magoá-la.

Ele assentiu e me aninhou em seu colo. Eu me senti em casa. Poderiam passar anos, mas estar nos braços de Eduardo ainda seria como andar entre as estrelas para mim.

— De qualquer forma, eu comprei aquela casinha que ela queria aquele dia. — Ele disse. — Claro que não quero convencê-la a gostar de mim com bens materiais, mas um presente já um começo.

— Você estava nos seguindo?

Ele riu.

— Não, mas assim que te vi, fiquei curioso para ver sua filha mais de perto. Eu queria ver se ela tinha os seus olhos. Então ouvi a conversa.

Eu o abracei encantada com seu gesto, fascinada por ele se importar com a minha filha. Isso significava o mundo para mim.

— Eu te amo! E ela já gosta de você!

— Eu também te amo, linda! Eu realmente te amo! E espero que ela goste cada vez mais, pois fiquei encantado com ela assim que a vi pela primeira vez.

— Não foi estranho? — Perguntei curiosa.

— Eu pensei que seria, afinal, era para eu ser o pai dos seus filhos, era para eu fazer parte daquilo. Mas não foi, sua filha é perfeita. Como você, meu amor! É claro que eu sinto muito por ter sido um bobo e quase ter te deixado escapar da minha vida. Eu poderia ter te perdido para sempre, mas fico feliz que consegui mais uma chance. Que o nosso amor conseguiu mais uma chance. — Ele olhou em meus olhos.

— Eu também fico, e muito! Você me faz tão bem e eu senti *tanto* a sua falta. — Suspirei.

— Nós vamos ter muito tempo para matar a saudade, construir novas histórias e, quem sabe, fazer um irmãozinho para a Antonela. Acho que ela ficaria feliz! — Ele sugeriu sorrindo.

Eduardo amar minha filha era a maior prova de amor que ele poderia me dar, pois ela era a dona dos meus sentimentos mais profundos.

Estendi a mão e alcancei um papel velho e amarelado que eu havia deixado em cima do criado mudo no dia anterior, enquanto revirava nossas lembranças.

— Eduardo Schneider, – iniciei a leitura – eu nunca havia entendido o porquê de as pessoas nascerem querendo ser de alguém. Insisti. Bati o pé. Eu queria ser minha. Pra sempre. E foi assim até te conhecer. Eu boto a culpa nos teus olhos castanhos. Quando os olhei pela primeira vez, eu já tinha perdido um pouquinho de mim para você. E eu perco mais um pouquinho a cada dia, mas eu não me importo, sabe? Porque eu ganho em troca um pouco de você. E hoje, no dia mais especial da nossa vida, posso dizer que entendo perfeitamente o porquê. Pois o que eu mais quero é ser sua mulher. Eu sempre opto pelo modo mais difícil de aprender as coisas. Veja, as pessoas já nascem sabendo que querem ser de alguém, eu precisei conhecer você. E eu sou grata por isso. Porque ninguém nunca me entendeu tão bem. Porque ninguém nunca me tratou como se eu fosse simples. E também, Eduardo, porque eu não tenho outra escolha. Meu coração escolheu ser seu. E eu prometo, que não importa o que aconteça, eu nunca me esquecerei dessa promessa. Eu te amo!

Li meus votos de casamento exatamente da mesma forma que eu os disse no nosso grande dia. Ao terminar, olhei para Eduardo e ele estava emocionado.

— Seus votos? — Perguntou sorrindo.

— Acho que eles cabem bem no momento. Sei que não é nosso casamento, mas nunca é tarde pra renovar promessas, né? – Disse emocionada também, e o abracei forte.

— Eu prometo nunca mais te abandonar! Nunca. – Enfatizou.

Estávamos no lugar certo, na hora certa e fazendo o que realmente sabíamos: amar-nos

verdadeiramente.

“...Você disse que nunca queria ter me conhecido, e eu entendo o motivo. Às vezes penso que seria melhor não ter amado tanto alguém, para que as outras pessoas não parecessem tão miseráveis perto do que já senti. Eu estou bêbado, você sabe que eu não gosto de ficar bêbado, mas estou, e estou um pouco mais corajoso do que o normal, então escrevo essa droga de carta idiota para te dizer que eu te quero de volta. Se você largar tudo para ficar comigo, eu prometo, vou para onde você quiser.”

- E-mail de Eduardo não enviado após descobrir sobre a gravidez.

Agradecimentos

Por mais clichê que seja, palavras são insuficientes para agradecer a cada pessoa que me ajudou a realizar este sonho e fizeram de alguma maneira com que este livro aconteça, mas tentei resumir um pouco da minha gratidão.

À minha família: minha mãe, que sempre me contou inúmeras histórias, meu pai que ajudou meu sonho a ser possível, meus irmãos, Gabriel e Débora, especialmente minha irmã, que foi a primeira leitora e incentivadora desta história. Obrigada, mana, por tudo e por ser tão companheira em minha vida. Por sempre ser meu ratinho de laboratório em todas as histórias.

À minha prima Bruna, que me ensinou a contar histórias, ainda quando crianças. Obrigada, você sempre fez meu mundo mais mágico.

À minha melhor amiga Luana, que participou de todas as etapas, acreditou no meu sonho e nunca me deixou desistir. Nunca terei como agradecer a tudo que você fez por mim, mas tentarei de todas as formas.

À minha amiga Beatriz, que fez comentários tão empolgantes sobre a história a cada capítulo que eu mandava, sem você eu não teria tido tanto animo para chegar até o fim. Você é incrível, obrigada por existir e ser uma incentivadora de sonhos.

À minha amiga e autora Ana Carolina Dias, que me fez escrever a história, me ajudou em cada detalhe e fez inúmeros comentários, os quais foram essenciais na história. Obrigada por fazer parte deste livro e da minha vida!

À minha amiga Karen, que amou tanto a história que já leu infinitas vezes, obrigada amiga por me fazer acreditar no meu potencial.

Para todos que me ajudaram de alguma forma nesta caminhada, sou muito grata.

E finalmente, a todos que leram esse livro e sentiram que ele os tocou de alguma forma.

E-mail para contato: mistandy@outlook.com